UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ISABELA OLIVEIRA PEREIRA DA SILVA

**DE CHICAGO A SÃO PAULO:
DONALD PIERSON NO MAPA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
(1930-1950)**

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**DE CHICAGO A SÃO PAULO:
DONALD PIERSON NO MAPA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
(1930-1950)**

Isabela Oliveira Pereira da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Arêas Peixoto

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**DE CHICAGO A SÃO PAULO:
DONALD PIERSON NO MAPA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
(1930-1950)**

Isabela Oliveira Pereira da Silva

São Paulo
2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabela Oliveira Pereira da Silva

De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das ciências sociais (1930-1950)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Data da aprovação __/__/__

Banca examinadora:

RESUMO

O tema da investigação trata da presença estrangeira no desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950 tendo como fio condutor a atuação profissional e intelectual de Donald Pierson nos Estados Unidos e em dois momentos no Brasil, durante o desenvolvimento de sua pesquisa sobre relações raciais na Bahia e o período de atuação como professor na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Esta pesquisa é desenvolvida no interior da área de história das ciências sociais com foco no momento de institucionalização das universidades brasileiras e projetos de instituições estrangeiras como a Fundação Rockefeller e a Smithsonian Institution.

Palavras-chave:

Donald Pierson, estrangeiro, história da antropologia, história da sociologia

ABSTRACT

The theme of this research is the foreign presence in the development of the Social Sciences in Brazil, between the decades of 1930 and 1950, having as guide line the professional performance and intellectual production of Donald Pierson in the United States and Brazil, between the development of his research on racial relation in Bahia and the period of his work as professor at the Free School of Sociology and Political Science of São Paulo. This research is developed within the area of Social Sciences History, and the focus is the moment of institutionalization of the Brazilian Universities and projects of foreign institutions such as Rockefeller Foundation and Smithsonian Institution.

Key Words

Donald Pierson, foreign, history of anthropology, history of sociology

Para Natalina, Luiz, Rafa, Gabi, Sofia e Dri

Agradecimentos

São várias as pessoas a quem devo meus agradecimentos. Fernanda Arêas Peixoto pela confiança, estímulo e pela orientação tão dedicada. Adriano Roperio pela parceria intelectual e afetiva, a tese teria sido outra sem o seu apoio. Aos professores do Departamento de Antropologia, especialmente, Lilia Schwarcz e Heitor Frúgoli que acompanharam o trabalho e Júlio Simões. A todos os funcionários do Departamento e pela paciência de Ivanete Ramos. Aos professores de outros departamentos, Maria Laura Cavalcanti, Mario Eufrásio e Luiz Jackson pelas valiosas sugestões na banca de qualificação.

A todos os integrantes do Projeto Temático da Fapesp *São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade* sediado na FAU/USP com quem trabalhei durante a elaboração da tese, principalmente Fernanda Peixoto, Ana Lanna, Pedro Lira, Luisa Valentini e Ana Castro. Igualmente importante foi a participação no Coletivo ASA, grupo de pesquisas em Artes, Saberes e Antropologia. Mais do que colegas de trabalhos, seus integrantes são amigos – Alexandre Araújo Bispo, Dalila Vasconcelos de Carvalho, Julia Ruiz di Giovanni, Julia Vilaça Goyotá, Lorena Avellar de Muniagurria, Luisa Valentini, Maria Victória Gaburro de Zorzi, Thais Chang Waldman, Thais Fernanda Salves de Brito, Vinicius de Brito e Gustavo Rossi (nosso “convidado” que juntamente com Ana Castro leu e discutiu a primeira versão de um dos capítulos). Aos colegas da revista *Cadernos de Campo* e a oportunidade de ter participado da comissão editorial no ano de 2009 e a Janaína Damasceno pela parceria no trabalho desenvolvido no dossiê especial *Estudos de Comunidades*. Ainda a Luciana Santos e Érica Peçanha, pela amizade e trabalho conjunto.

Da Fundação Escola de Sociologia e Política tenho que agradecer ao Professor Angelo Del Vecchio pelas discussões e seus valiosos conselhos. Na instituição integrei o Grupo de Pesquisa sobre os *Primeiros Anos da Escola de Sociologia e Política* e o projeto *A Ciência Social em revista: temas e debates na revista Sociologia*. Aos amigos, colegas e parceiros Rodrigo Estramanzo e Carla Dieguez e a todos os integrantes ligados ao Núcleo de Pesquisa. Ainda deste núcleo, agradeço aos alunos Victor Augusto Souza dos Santos, Dayse Serena Corrêa e

Alessandra Ortiz, esta última pela ajuda de sistematização das minhas fontes de pesquisa. E a todos os funcionários da biblioteca e do CEDOC.

No exterior, agradeço ao meu orientador na Universidade de Columbia, professor Claudio Lomnitz. Aos meus colegas e professores do Departamento de Antropologia de Columbia pela acolhida e pelo aprendizado. Foram valiosas as quartas-feiras do Seminário Franz Boas. Tenho que agradecer ainda ao professor Elijah Anderson do departamento de Sociologia de Yale pelo convite para participar dos seminários de Etnografia Urbana e pelo convite para apresentar minha pesquisa.

Em Nova Iorque aos queridos amigos brasileiros estudando em Columbia, The New School of Social for Social Research e outras instituições, Iracema Dulley, Ariel Rolim, Bruno Sotto Mayor, Sabrina Calliari, Marcio Macedo (que já há alguns anos lá cursando o doutorado me ofereceu uma calorosa acolhida), Luciana Varkulja, Marcela Anicezio. Aos amigos estrangeiros Hammad Sheik, Silvina Ribotta, Duke W. Austin, Rachel Ostrow, Dennis Duruiz, Julia Fierman, Kerstin Frank, Carda Burke, Katty Riquelme, Rossi Kirilova, Katerina Petrou, Annely Guethoff, Jeff Stonehill e Kim.

Além do aprendizado acadêmico, aprendi muito com a família que me recebeu durante a minha estada nos Estados Unidos, Diego, Ana, Crystal, Lindsey e a pequena Scarlett. Ana e Diego são queridos amigos que fazem muita falta e sou grata a eles pelo carinho e atenção. Também a minha família, não apenas a Adriano Roper, mas aos meus pais e minhas irmãs, Natalina, Luiz, Gabriela e Rafaela Oliveira Pereira da Silva e a recém-chegada Sofia.

Devo meus agradecimentos também a todos os funcionários de cada uma das instituições e arquivos em que realizei pesquisas. E aos órgãos de fomento que financiaram a pesquisa, Fapesp na condição de integrante do Projeto Temático, CNPq pela bolsa de doutorado e Capes pela bolsa de estágio no exterior.

Pelo menos no que concerne à antropologia, duas coisas são certas a longo prazo: uma delas é que estaremos todos mortos, mas a outra é que estaremos todos errados. Evidentemente uma carreira acadêmica feliz é aquela em que a primeira acontece antes da segunda.

Marshal Sahlins
Esperando Foucault, ainda.

Sumário

Introdução

A construção de uma cartografia: apresentação ao universo da pesquisa e desafios da investigação

Capítulo 1:

Robert Park e seus alunos:

Militância política, conhecimento científico e ativismo religioso

- 1.1. As cidades de Robert Park: O esboço de uma profissão de fé
- 1.2. Pierson na Escola de Chicago: A formação de uma sociologia *noir*
- 1.3. De Chicago para o mundo: Mapas de viagens, temas e parcerias

Capítulo 2:

Entre Salvador e Nashville:

Uma ponte entre dois mundos

- 2.1. Uma escola para negros: A formação de uma rede de pesquisadores-ativistas e o primeiro tempo de Donald Pierson em Fisk
- 2.2. “Por que eu vim para a Bahia?": Raça, religião e política em Salvador
- 2.3. O segundo tempo de Donald Pierson em Fisk: O Brasil no mapa das relações raciais

Capítulo 3

Donald Pierson e seus alunos na Escola Livre de Sociologia e Política

- 3.1. Entre o Departamento de Cultura e a Escola Livre de Sociologia e Política: Os projetos de cooperação com a Fundação Rockefeller
- 3.2. Ensino e pesquisa na ELSP: A criação da pós-graduação e a revista Sociologia
- 3.3. A Smithsonian no Brasil: A criação do Instituto de Antropologia Social e os “estudos de comunidades”

Considerações Finais

Referências

Produção bibliográfica de Donald Pierson

Introdução

A construção de uma cartografia: Apresentação ao universo da pesquisa e desafios da investigação

Cartografia

[substantivo feminino]:

1. conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas
2. descrição ou tratado sobre mapas

[etimologia]: carta + -o- + -grafia, prov. por infl. do fr. *cartographie* (1832 sob a f. *chartographie*) 'id.', (1838 sob a f. *cartographie*) 'id.', *decarte* (t. de geografia) + -graphie; ver *cart*-; f.hist. 1873 *cartographia*. [datação]: 1873 cf. Frei Domingos Vieira. *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. 5 vols (v. 1 - 1871; v. 2, 3, e 4 - 1873; v. 5 - 1874). Porto, 1871-1874.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

O objetivo deste trabalho é a construção de uma cartografia, mas não no sentido estrito que lhe é atribuído pela geografia ou ciências náuticas considerando basicamente as variáveis de longitudes e latitudes. Longitudes e latitudes são relevantes para esta tese que trata de um antropólogo/sociólogo nascido nos Estados Unidos da América em suas viagens de campo e estudos tendo o Brasil como um dos seus destinos privilegiados. Entretanto, minha preocupação está voltada para outros tipos de distâncias que se relacionam com o espaço social, sobretudo o espaço acadêmico, e que revelam aproximações e distanciamentos no plano simbólico, relações de poder e hierarquias sociais, posicionamentos políticos, percursos, viagens, encontros, trabalho de campo e a construção de etnografias.

Os “mapas” criados ao longo deste trabalho se apresentam na forma textual e representam os percursos acadêmicos de um ator específico, Donald Pierson (1900-1995). Mas, ao seguir as trilhas abertas por este intelectual estrangeiro em terras brasileiras e também os caminhos em seu próprio país, veremos que seus

deslocamentos não foram de nenhuma maneira solitária ou apenas errante. Ao contrário, ao acompanhar os passos de Donald Pierson entre as décadas de 1930 e 1940, nos deparamos com algumas sendas que foram traçadas como parte de projetos intelectuais coletivos mais amplos e de ambiciosas aspirações para a criação de modelos explicativos sobre o mundo social.

Os pontos mais importantes destes “mapas” desenharam os percursos de alguém cuja trajetória de vida atravessa o período de quase um século: Pierson nasceu em 08 de setembro de 1900, nos Estados Unidos, na cidade de Indianápolis, estado de Indiana, e faleceu em 12 de junho de 1995, na cidade de Leesburg, na Flórida. Neste tempo, atuou como professor e pesquisador em seu país e em outros, como Brasil, México, Portugal e Espanha.

Da perspectiva brasileira, não seria verdadeiro afirmar que Pierson, figura chave da institucionalização da sociologia e antropologia no Brasil, é pouco tratado pela bibliografia que analisa a história da disciplina e outros aspectos teóricos e metodológicos. Pierson é bem verdade uma figura recorrentemente citada quando se trata de reconstituir este período que envolve, sobretudo, a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL – hoje FFLCH, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas) da USP.

Temos também as análises que se voltam para os trabalhos de Pierson que ganharam maior destaque e visibilidade no Brasil. Nesta chave, Pierson é lido como o autor dos estudos de relações raciais a partir de sua pesquisa *Branços e pretos na Bahia* (1971[1945]). É este o caso de autores como Marcos Chor Maio (1997); Antônio Sérgio Guimarães (1996; 1999 e 2003); Jeferson Afonso Bacelar (1997 e 2001); Sérgio Costa, 2006.

Por outro lado, temos Pierson analisado como representante dos chamados “estudos de comunidades” com interpretações que se voltam para esta tradição de estudos. Entre os autores destacam-se Elizabeth de Melo Bomfim (2006); Maria Laís Mousinho Guidi (1962), Luiz Fernando Raposo Fontenelle (1971); Octávio Ianni (1961); Oracy Nogueira (1955), Charles Wagley (1954).

Há ainda outros trabalhos que destacam a atuação institucional de Pierson na ELSP. Em especial o volume organizado por Íris Kantor, Débora Maciel & Júlio

Simões (2001) com artigos e depoimentos sobre a ELSP, os dois volumes organizados por Sérgio Miceli sobre História das Ciências Sociais (1989 e 1995) e o trabalho de Fernando Limongi sobre a revista *Sociologia* e seu artigo sobre a ELSP (1987 e 1989). Algumas destas análises tomam o autor como figura mais institucional, por assim dizer. Neste sentido, Pierson é visto mais como um homem de gabinete, um *armchair* atuante na ELSP.

Todas estas diferentes linhas de investigação buscam analisar uma faceta específica da produção intelectual de Pierson ou de sua atuação institucional ou em campo. Há ainda outros esforços em considerar a trajetória de Pierson de modo mais amplo, estes são os casos de Lucia Lippi de Oliveira (1987), uma fonte valiosa, embora seja um artigo curto e de caráter introdutório sobre a atuação de Pierson no Brasil. Há ainda outra análise de cunho mais biográfico focada na trajetória de Pierson no Brasil com o trabalho de Sebastião Villa Nova (1998).

Além destas análises citadas, apenas mais recentemente alguns autores empreenderam análises voltadas para os estudos urbanos de Pierson, caso de Edgar Mendonza (2005). Há ainda as análises de Simone Cordeiro que tratam dos congressos de habitação em São Paulo na primeira metade do século XX e o artigo de José Tavares de Lira (1999) sobre urbanismo que trata das relações raciais, étnicas e culturais nas cidades brasileiras entre 1920 e 1945.

Diante deste quadro, qual a razão de se empreender mais uma pesquisa sobre Donald Pierson? Sem desconsiderar os trabalhos que já foram produzidos sobre este intelectual, meu intuito é olhar para alguns aspectos de sua trajetória a partir de um prisma diverso, de um ponto de vista específico, até então pouco explorado nos trabalhos sobre o autor. Este prisma se faz pela consideração da atuação de Donald Pierson a partir de uma perspectiva internacional buscando elementos para situar a sua atuação em relação a uma rede de países, instituições, pessoas, e produção intelectual construída, sobretudo, entre Brasil e Estados Unidos.

Ao seguir os deslocamentos geográficos de Donald Pierson entre os Estados Unidos e o Brasil considerando suas pautas de investigação, problemas, métodos, orientações teóricas e atuação institucional, temos como pano de fundo a própria

formação da antropologia e sociologia nestes dois países. Neste contexto, é possível observar como estão em disputa diferentes visões sobre o fazer científico e acadêmico, sobretudo no que diz respeito aos estudos das cidades e das relações raciais, dois dos temas mais relevantes do trabalho deste autor.

No entanto, menos do que tratar da institucionalização das disciplinas em cada um dos dois países ou da recuperação exaustiva da história dessas temáticas cá e lá, este trabalho toma Donald Pierson como fio condutor, buscando tratá-lo em perspectiva, pensando-o como “homem-ponte” entre dois mundos formados pelo ambiente intelectual no Brasil e nos Estados Unidos, e atuando em diferentes tempos e contextos.

A reflexão de George Simmel (1983[1908]) sobre o “estrangeiro”, considerado como uma forma específica de relação marcada pela proximidade e distância na interação com determinado grupo, parece interessante para entendermos a posição de Pierson e suas relações com o Brasil. Para Simmel, “ser estrangeiro” difere da condição do viajante; enquanto o “viajante” é aquele “que chega hoje e parte amanhã”, o estrangeiro é aquele se fixa. E Pierson aqui se fixou no país em dois períodos e contextos geográficos ao longo de duas décadas, até retornar ao seu país de origem na década de 1950.

Pensar o lugar de Pierson em relação às tensões e ambivalências da posição de estrangeiro significa considerar que o “aqui” e o “lá” vão muito além das distâncias geográficas. E, no caso de Pierson, estas tensões se dão em torno de perspectivas intelectuais, de projetos políticos e de orientações teóricas e metodológicas de se fazer pesquisa. Trata-se de pensar o Brasil, mas sem se limitar ao contexto geográfico de nossas fronteiras, pessoas, instituições ou fontes documentais.

A motivação é investigar a produção que nasce dos encontros de Pierson com o Brasil, contatos orientados academicamente, mas que também extrapolam os próprios círculos universitários – especialmente na medida em que os temas de investigação colocados em foco neste trabalho tratam diretamente de questões que envolvem diretrizes de reforma social, filantropia, formas de militância política, modelos pedagógicos, lutas por direitos civis, orientações religiosas, e acalorados

debates sobre diferenças raciais e culturais, sobretudo no contexto da Segunda Grande Guerra.

Defendo aqui que a consideração de tal perspectiva internacional nos permite qualificar melhor importantes aspectos sobre a construção de algumas tradições de estudos e pensamento que visavam dar conta da questão de nossa “identidade nacional”, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1940. Tendo Pierson como meu “informante” argumento que a história das ciências sociais no Brasil neste contexto específico aqui tratado é deve ser pensada no interior de algumas redes internacionais. Assim, neste trabalho, exploro novas fontes e perspectivas para qualificar redes até então não mapeadas.

No interior destas redes, Pierson foi aluno da Universidade de Chicago no momento áureo dos departamentos de sociologia e antropologia em que a instituição se destacava como um dos mais importantes centros das ciências sociais nos Estados Unidos, na década de 1920 e 1930. É neste contexto que surge a chamada “Escola Sociológica de Chicago”, marcada entre outras coisas, pela colaboração estreita entre antropologia e sociologia e pelo grande número de “pesquisas empíricas” que buscavam a relação entre a organização do espaço e o comportamento de seus moradores com temas como as relações raciais, criminalidade, delinquência juvenil, opinião pública e imigração (STOCKING JR, 2004).

Após o término de seu mestrado na Universidade de Chicago, Pierson lecionou em 1935 na Universidade de Fisk, uma instituição do estado do Tennessee, voltada exclusivamente para alunos negros. Esta sua primeira atividade de docência, que ocorreu por intermédio de seu orientador e uma das figuras mais importantes da Escola de Chicago, Robert Park (1864-1944), é considerada pelo próprio Pierson como uma preparação para a vinda ao Brasil. Neste momento, sua preparação se dá em meio a importantes intelectuais pesquisando o tema das relações raciais, entre eles, nomes mais conhecidos entre nós como Rüdiger Bilden (1893-1980), Franz Boas (1858-1942), W.E.B. DuBois (1868-1963), Franklin Frazier (1894-1962), Charles S. Johnson (1893-1956), Melville Herskovits (1895-1963).

Em seguida à sua passagem por Fisk, Pierson veio ao Brasil no ano de 1935 como parte de um esforço de pesquisa realizado sob a coordenação direta de três professores de Chicago: Louis Wirth (1897-1952), Robert Redfield (1897-1958) e Robert Park. No Brasil, permaneceu por dois anos realizando pesquisas na cidade de Salvador. Desta experiência resultou um de seus trabalhos mais conhecidos, no qual Pierson atesta a ausência de conflito racial na sociedade brasileira. Nesse primeiro tempo brasileiro, vivido no contexto da sociedade baiana, ele realiza pesquisas em terreiros de candomblé em Salvador em estreito contato com os intelectuais locais, entre eles, Gilberto Freyre (1900-1987) e Arthur Ramos (1903-1949).

Além dos deslocamentos geográficos e simbólicos que são parte da construção do “ser estrangeiro”, devido às suas escolhas profissionais, Pierson compartilharia ainda da experiência do “estar lá”, definição de Clifford Geertz (2002) para tratar da experiência vivenciada em campo com a pesquisa, em comparação com o “estar aqui” para tratar da experiência do antropólogo na academia durante o processo de escrita. Afinal, o que é o antropólogo senão uma espécie de estrangeiro profissional em terras distantes ou em sua própria cultura?

Após o “estar lá” de Pierson na Bahia, entre 1935 e 1937, segue-se um período de mais dois anos de elaboração e escrita de sua monografia sobre as relações entre brancos e negros no contexto brasileiro. De volta ao país de origem, e levando na bagagem o trunfo de ser um dos primeiros entre os sociólogos e antropólogos norte-americanos a desenvolver uma prolongada pesquisa de campo no Brasil, Pierson se torna uma das maiores autoridades em relações raciais após a publicação de sua tese de doutorado que deu origem ao livro *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia* ([1939]1942), em português editado como *Branços e Pretos na Bahia: estudo de contato racial* (1945).

A experiência transformadora do campo na qual em parte reside a autoridade de um pesquisador que, especialmente neste caso, escreve sobre um contexto que é pouco familiar para seus pares se soma à mudança de status de Pierson com o seu reconhecimento acadêmico após a titulação. Com o doutoramento, Pierson regressa ao Brasil não mais na condição de aluno e aprendiz, desembarcando em São Paulo, em 1939, para assumir as aulas no

primeiro curso de Ciências Sociais do país e formar as primeiras gerações de alunos brasileiros.

Ele não é mais o mesmo em sua segunda viagem ao Brasil, o Brasil tampouco é o mesmo. Na comparação com Salvador, o lugar e o tempo são outros e em São Paulo diversas são as demandas para um pesquisador estrangeiro. Não é demasiado lembrar que os quadros das faculdades e universidades que começam a lecionar Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) são preenchidos por professores estrangeiros, de diferentes nacionalidades. E, ao menos nestes anos enquanto formam-se as primeiras turmas de ensino superior, a produção de conhecimento em áreas, temas e problemas que hoje definimos como sendo das ciências sociais é realizada ora por professores estrangeiros, ora por intelectuais brasileiros de outras formações – advindos de outras áreas e disciplinas ou com formação específica, mas tendo realizado seus estudos fora do país.

No caso dos professores estrangeiros em São Paulo, as nacionalidades e áreas de atuação são diversas, mas é possível apontar em comum que muitos destes profissionais tomam a cidade como “campo” de estudos sob diferentes orientações. Ou seja, vários destes estrangeiros que chegam ao Brasil para trabalhar nas recém-criadas instituições paulistas não somente na área de ciências sociais, mas de ciências humanas em geral, contribuem cada um ao seu modo para a construção de modalidades específicas de conhecimento sobre a cidade. É este o caso de Donald Pierson, ao lado de outros, como Pierre Monbeig, Richard Morse, Samuel Lowrie, Horace Daves, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Pierre Deffontaine, Emilio Willems.

Quando Pierson chega à Escola Livre de Sociologia e Política, em 1939, para lecionar Antropologia e Sociologia, os cursos superiores de ciências sociais em São Paulo já formavam suas primeiras turmas. E logo ele passa a ter uma atuação acadêmica destacada que extrapola os limites da própria instituição. Como uma espécie de diretor acadêmico da ELSP, seus esforços resultam, em 1942, na criação do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais no país, chamado na época de *seção de pós-graduados*. Seção esta que atrai não somente os alunos da ELSP, mas também formados na USP e de outras regiões do país, casos como o de Oracy

Nogueira (1917-1996), Florestan Fernandes (1920-1995) e Darcy Ribeiro (1922-1997), para citar apenas alguns exemplos.

Ao construir essa cartografia sobre Donald Pierson, é possível acompanhar um processo em que a presença estrangeira é marcante, sendo que a década de 1930 pode ser apontada como o período de institucionalização das ciências sociais e áreas correlatas das ciências humanas, mas que rapidamente, as décadas de 1940 e, sobretudo, de 1950, se definem como o período em que começa a ganhar espaço no cenário intelectual brasileiro uma nova figura: a do cientista social profissional. Profissional que se define pela sua formação universitária específica na área de ciências sociais, recém-saído das novas escolas de ensino superior no país. Ao poucos estes novos profissionais nascidos no Brasil começam a realizar suas pesquisas, ocupar cargos públicos, publicar seus trabalhos em livros e periódicos da época e a se prepararem para lecionar as disciplinas antes ensinadas pelos professores estrangeiros. Mais do que um espectador desta cena, Pierson foi um dos protagonistas deste processo.

Os deslocamentos de Pierson entre nós permitem entender como os alunos brasileiros ganham destaque no cenário intelectual e acadêmico e como se formam os diferentes modelos e orientações do que deve ser este cientista social profissional. Desta perspectiva, analisar um momento específico da trajetória profissional de Pierson: suas pautas de investigação, problemas, métodos, orientações teóricas e sua atuação institucional é um acesso que nos possibilita refletir também sobre a própria formação da disciplina e sobre como estão em disputas neste momento diferentes visões sobre o fazer científico e acadêmico, sobretudo nas áreas de sociologia e antropologia.

Muitos adjetivos foram utilizados para descrever Donald Pierson, alguns por ele próprio: sociólogo, antropólogo, americano, protestante, branco, ogã nos terreiros baianos de candomblé, professor da Escola de Sociologia e Política, colega de Robert Redfield, pesquisador da Escola de Chicago, orientando de Robert Park, marido de Helen Batchelor (também sua assistente de pesquisa).

Aqui, enfatizo duas: a de aluno e a de professor; e a passagem de um status ao outro, de aluno de Chicago a professor em São Paulo. Para tanto, a pesquisa foi realizada em diferentes acervos e arquivos documentais que pudessem fornecer

elementos para a construção da figura de Pierson como aprendiz, o processo de transição que ocorre em Fisk e em Salvador, e depois sua atuação como professor.

Assim, o esforço de pesquisa foi o de acompanhar os caminhos de Pierson a partir de três eixos principais de análise, estruturados na tese em três capítulos:

O primeiro eixo de análise trata da formação de Pierson nos Estados Unidos e o modo como ele se insere no projeto que o aproximaria do Brasil. Para isso, discuto elementos da formação deste projeto ao trazer para a cena a figura do orientador de Pierson, Robert Park, do encontro entre ambos e a consolidação de uma pauta de pesquisas “internacionais” que se forma na Universidade de Chicago.

O eixo a seguir problematiza a realização da primeira e, talvez mais importante, pesquisa de Pierson sobre o Brasil, realizada na Bahia. O esforço de pesquisa foi investigar a formação de uma rede de pesquisadores que passam a desenvolver trabalho de campo no Brasil, sobretudo ligados ao ambiente intelectual da Universidade de Fisk e como alguns atores desta rede se conectam com intelectuais brasileiros.

Por fim, trato do segundo período de Pierson entre nós, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Aqui investigo as atividades de pesquisa e ensino do autor com foco nos seus cursos ministrados, artigos publicados e sua atuação como editor e tradutor considerando as suas conexões entre Brasil e Estados Unidos.

Para analisar o lugar de Pierson nestas redes de pessoas, instituições e produção intelectual que nasce do encontro de duas tradições nacionais, exploro uma série de fontes documentais que tratam e qualificam os diferentes atores destas redes. Ao fazer isso, o trabalho é orientado por uma “perspectiva etnográfica” tratando as fontes de pesquisa presentes nos acervos e arquivos não como objetos portadores de um estatuto de verdade, mas, sim como a fala “nativa”, como discursos sujeitos a validação por informarem diferentes histórias, versões e perspectivas.

A pesquisa dialoga de forma direta com áreas como a história intelectual tendo no horizonte as relações entre a produção intelectual e os processos sociais nos quais as ideias se formam e entram em circulação, já tantas vezes exploradas

por outros autores como Bourdieu (1983b e 2006), mas se insere no âmbito do que pode ser definido como uma *antropologia da antropologia*. Isto porque a investigação tem o intuito de tratar de questões específicas da constituição da disciplina como o próprio fazer etnográfico que envolve tanto a pesquisa de campo quanto a elaboração textual (Clifford, 1998). Além do advento de certas categorias de análise nas ciências sociais em formação no Brasil, como “cidade”, “campo”, “rural”, “comunidade”, “raça”, “classe” – conceitos centrais nas análises empreendidas por Pierson.

Dito em outras palavras, o que se pretende é analisar os domínios da produção intelectual, do campo das ideias produzidas no universo acadêmico, a partir de um enfoque antropológico, que pode ser definido como pautado em uma *perspectiva etnográfica*¹. E, uma vez que o objeto em questão são as pesquisas produzidas por Pierson, nossos esforços se concentram em refletir sobre o próprio fazer da antropologia e da sociologia enquanto disciplinas acadêmicas. Segundo esta orientação, o esforço aqui empregado é o de inserir as cenas aqui estudadas em uma rede que lhes dê significado visando apreender os diferentes pontos de vista (no plural) dos autores/atores dos processos intelectuais tomados como objeto de análise.

Mas, se o que se pretende aqui é realizar um trabalho orientado por uma *perspectiva etnográfica*, outra questão a ser enfrentada é a de como realizar tal empreita quando o “campo” é o arquivo². Um trabalho que fornece interessantes alternativas para esta questão é o de Olívia da Cunha (2004) que discute tanto as possibilidades de pesquisas em arquivos a serem concebidas como a construção de

¹ Serve de inspiração para o que estamos aqui definindo como uma *perspectiva etnográfica* a reflexão de Clifford Geertz (2000) que ao propor uma “etnografia do pensamento”, afirma que as próprias disciplinas acadêmicas são “modos de estar no mundo”, da mesma maneira que outros nativos igualmente organizam seus universos de significados. Se somos todos nativos, como afirma Geertz, o pensamento moderno (e, conseqüentemente, a produção acadêmica) pode ser compreendido *etnograficamente*, ou seja, através de uma descrição daquele mundo específico onde este pensamento faz sentido (p. 227).

² Em outras tradições nacionais, este debate se encontra mais consolidado. Em língua francesa é possível destacar a publicação do dossiê *Archives et Anthropologie*, publicado em 2002/2002 (v.31/31) na Revista *Gradhiva - Revue D'Histoire et D'Archives de L'Anthropologie*. Em língua inglesa, é possível apontar os trabalhos de Clifford (1990) e Stocking Jr. (1983).

etnografias quanto os desafios de se trabalhar com os chamados “arquivos etnográficos”, ou seja, arquivos concebidos por antropólogos sobre seu trabalho de campo.

Com base em sua pesquisa realizada no arquivo pessoal da antropóloga estadunidense Ruth Landes (1908-1991), Cunha chama atenção para o fato de que os documentos recolhidos ou produzidos pelos antropólogos (tanto os visuais, sonoros, escritos, ou iconográficos) revelam além das marcas biográficas, um processo de criação que envolve a autoridade intelectual, vínculos profissionais, e outras relações de poder de natureza diversa. Mas, os “arquivos etnográficos” são reveladores também da construção do universo empírico observado pelos antropólogos e deixam entrever o “desejo de subjetivação” tão caro a antropologia, de modo que revelam igualmente a presença “do outro”, ou seja, dos atores observados.

O que estou considerando como o “arquivo etnográfico” de Donald Pierson é a reunião e a seleção artificial de um conjunto de fontes documentais sob a guarda de diferentes instituições, organizados e reunidos em diferentes períodos, segundo critérios e propósitos diversos e, materialmente localizados em dois países distintos. Assim, o trabalho de pesquisa foi realizado em uma série de arquivos e acervos institucionalmente constituídos no Brasil e nos Estados Unidos. Alguns guardam documentos que tratam diretamente de Pierson, sua carreira, atuação como aluno, professor, pesquisador. Outros apenas guardam informações sobre suas atividades de pesquisa de modo secundário, caso dos acervos de Robert Park, Louis Wirth, Charles S. Johnson, Arthur Ramos, entre outros.

Não seria verdadeiro datar no percurso da investigação uma “fase” de pesquisa documental; entre 2008 e 2012 foram várias as idas e vindas dos acervos para a construção textual da pesquisa. Mas, basicamente as idas para os acervos brasileiros foram concentradas entre 2009 e 2010 e as pesquisas no exterior foram realizadas ao longo de todo o ano de 2011 e início de 2012, período do estágio no exterior realizado na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Ainda em 2012, voltei aos acervos brasileiros mais uma vez, depois de alterar o plano da tese devido à consulta aos acervos dos Estados Unidos.

As experiências de buscar pistas sobre os percursos de Pierson em seu país

de origem forneceram um significado mais amplo para a noção que eu tinha de “etnografia de arquivos”, inicialmente voltada para aquela situação que envolve o estar em um ambiente de baixa umidade, de temperatura controlada, onde o uso do flash é proibido e manuseamos documentos amarelados que se esfalelam em entre os dedos em contato com as luvas.

Em parte, seguir o “arquivo etnográfico” de Pierson no exterior me obrigou a visitar cidades e instituições em que ele atuou afetando a minha sensibilidade em relação à imagem que eu havia construído a respeito deste meu “informante”. E, neste sentido, poucas experiências foram tão marcantes quanto as minhas viagens pelo “*deep South*” e o período em que passei em Fisk. Ali, ouvi falar pela primeira vez em *white trash* e entendi que nascer e crescer no interior do Kansas não é apenas um dado biográfico de nota de rodapé.

Ao construir um trabalho antropológico com um nativo cuja vida já é parte de um obituário, muito da empatia e antipatia (para não falar em ódio ou desamor) que acompanha a relação entre vivos e mortos, antropólogo e pesquisados, também se faz presente, ainda que obviamente de maneira unilateral. Neste processo de empatia e antipatia, as viagens em busca de documentos e fontes históricas me ajudaram no processo de “estranhamento” da imagem que eu havia construído de Donald Pierson. E sua persona passou a ter novos contrastes para mim não apenas pelo que eu via nas salas de documentos, mas também pelo o que eu pesquisava fora delas; como no refeitório de Fisk quando os alunos inicialmente incomodados com a presença de uma desconhecida que eles consideravam branca gentilmente responderam as minhas perguntas sobre o significado de uma *black college*, especialmente depois que concluíram que eu não era nem negra nem branca nem latina, era brasileira.

Esta e outras experiências em “campo” foram relevantes para a consideração do lugar de Pierson entre duas tradições nacionais. Do mesmo modo, ser estrangeira nas terras do meu informante pesquisando fontes e documentos forneceu certa distância necessária para pensar a atuação de Pierson no Brasil em perspectiva, principalmente em relação aos Estados Unidos; e também em relação à sua época e aos seus contemporâneos. Sobre os acervos pesquisados, as fontes referem-se aos documentos dos seguintes acervos institucionais:

Fundo Donald Pierson / Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp – Campinas/SP

Este é o principal arquivo no Brasil sobre Donald Pierson. O acervo é composto por pastas com documentos, cartas e vídeos e faz parte de um trabalho empreendido pela professora Mariza Corrêa no interior do projeto *História da Antropologia no Brasil*. A pesquisadora ainda foi a responsável por intermediar o recebimento dos documentos de Pierson ligados à sua atuação na ELSP para compor o Fundo Donald Pierson, doado ainda em vida pelo autor à Unicamp. O material disponível em microfilme com a reprodução de todos os documentos em papel está organizado em 77 pastas que somam aproximadamente 13 mil slides. Os documentos presentes neste Fundo dão conta basicamente do período de Pierson em São Paulo, do final dos anos de 1930 até a década de 1950, e são escassas as anotações pessoais e não há diários de campo ou diários pessoais. Os documentos tratam da atuação de Pierson como pesquisador, professor e editor, além de correspondências com brasileiros e estrangeiros. Em quase 13 mil microfilmes do Fundo Donald Pierson, chama a atenção o fato de não haver memórias pessoais, reflexões não acabadas sobre o processo de campo ou ainda relatos mais íntimos. Esta classificação dos materiais do Fundo empreendida pelo próprio Donald Pierson apresenta apenas os documentos profissionais, por assim dizer, sem maiores pistas sobre sua vida pessoal e suas atividades exercidas fora da pesquisa.

- Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política – CEDOC / FESP – São Paulo/SP

A Fundação da Escola de Sociologia e Política é detentora do acervo da Escola Livre de Sociologia e Política, que foi incorporada à Fundação. O acervo está depositado no CEDOC (Centro de Documentação e Referência) da instituição, no bairro do Pacaembu. Os documentos sob a guarda da FESP tratam da história da Escola, entre eles, programas de disciplinas, currículos em geral, material institucional, provas e exames de alunos, etc. O acesso a este acervo é restrito, pois a documentação ainda está em processo de restauro e catalogação.

- Documentos da Escola de Sociologia e Política / FESP (São Paulo/SP)

Além dos documentos do CEDOC, foram consultados os materiais que estão na sede da Escola de Sociologia e Política, no centro de São Paulo. A estes materiais se somam os resultados do projeto de digitalização da revista *Sociologia* em projeto que atuei no Edital MEC/CAPES/CNPq – *A Sociologia em Revista*.

- Arquivo da Universidade da Flórida (Gainesville, Florida)

Ainda em vida, Pierson organizou e doou seu acervo de manuscritos e notas de pesquisa para a Universidade da Flórida. O material se encontra depositado no Fundo *Donald Pierson Papers* na biblioteca George A. Smathers, na cidade de Gainesville. O acervo totaliza dez caixas contendo manuscritos, imagens, entre outros documentos. Os materiais dão conta da trajetória profissional de Pierson realizada a partir de 1950, basicamente no México, Portugal, e Estados Unidos. São poucos os documentos sobre o período brasileiro ou anterior a isso.

- Arquivos da Smithsonian Institution (Washington D.C.)

Os materiais sobre o convênio do Instituto de Antropologia Social (IAS), ligado à Escola de Sociologia e Política, e o *Committee on Scientific and Cultural Cooperation* estão na Smithsonian Institution que mantém a guarda dos documentos sobre o IAS no *National Anthropological Archives and Human Studies Film Archives* do *National Museum of Natural History Smithsonian Institution*. Dentre os documentos se destaca a série *Records of the Institute of Social Anthropology Smithsonian Institution (1942-1952)*.

- Arquivos da Fundação Rockefeller (Nova Iorque, Nova Iorque)

Os arquivos da instituição (*Rockefeller Foundation Record Groups*) se encontram agrupados por países de atuação. No caso brasileiro, todos os documentos estão na série 305. Os materiais da época em que se firmaram os diferentes convênios entre a Escola de Sociologia e Política e a instituição americana, décadas de 1940 e 1950, estão reunidos nos grupos 1.1 (em especial Box 53 e Box 54) que abriga a documentação datada até o ano de 1954. De acordo com os anuários da instituição consultados na íntegra (1943, 1944, 1945) e diferentes documentos dos acervos brasileiros de quando a Fundação Rockefeller

foi responsável pela complementação de salários dos professores da Escola de Sociologia e Política, pela criação da biblioteca da instituição paulista e por conceder bolsas de estudo para os alunos da ELSP estudarem nos EUA, além de outros projetos.

- *National Archives (Washington D.C.)*

Dentre os arquivos do governo americano [*The U.S. National Archives and Records Administration*] destaca-se a seção *Guide to Federal Records* na qual é possível encontrar os documentos referentes às atividades do *State Department* entre os anos de 1917 e 1981. Foram consultados os documentos da subseção 353.5.7 *Records of economic committees and conferences*, referentes às atividades do *Committee on Scientific and Cultural Cooperation*, em que Pierson atuou em suas pesquisas realizadas no interior de São Paulo.

- *Arquivos da Universidade de FISK (Nashville, Tennessee)*

Os arquivos referentes à atuação de Donald Pierson em Fisk podem ser encontrados nas seguintes coleções e acervos:

Charles Spurgeon Johnson Collections

Duas coleções existentes sobre Charles Spurgeon Johnson (*Johnson, Charles Spurgeon Collections*), que na época era diretor do Departamento de Ciência Social. Charles Johnson foi também o responsável pela criação do *Race Relations Institute at Fisk*, no qual se vincularam diversos pesquisadores trabalhando com o tema de relações raciais, entre eles, Donald Pierson e Ruth Landes com suas pesquisas sobre o Brasil. As coleções trazem documentos sobre a atuação de Pierson no *Race Relations Institute*, de acordo com os catálogos do acervo.

Robert Park Collection

Composta de uma coleção de documentos de Park entre 1923 e 1942. A série é composta por correspondências, discursos, diários, cadernos de campo, algumas fotos de viagens, recortes de jornais, artigos, materiais utilizados em sala de aula, entrevistas, dados de pesquisas.

As coleções acima se encontram na seção *Special Archives and Collections* da

Biblioteca John Hope and Aurelia E. Franklin de Fisk. Na biblioteca estão outros documentos históricos da instituição como os anuários da faculdade.

- Arquivos da Universidade de Chicago (Nashville, Tennessee)

Robert Redfield Papers

O fundo Redfield trata dos anos em que o antropólogo estava ligado ao departamento de Antropologia da Universidade de Chicago, desde meados da década de 1920, quando ainda era um estudante de graduação, até 1958, fim de sua carreira profissional na instituição. O início da documentação se dá no ano de 1928, quando Redfield se torna professor da instituição.

A seção “Arquivos Gerais” representa a maior parte dessa documentação, e ainda é complementada com extenso material etnográfico coletado na América Central, seus manuscritos, publicações e seus materiais de aula.

Louis Wirth Papers

O arquivo é compost por materiais do período em que Wirth se desvinculou da Universidade de Tulane e retornou à Universidade de Chicago em 1931 até sua morte em 1952. A maior parte da coleção se ocupa de sua vida profissional, dentro e fora da universidade.

É organizado em seis séries e dois adendos. I Correspondência Geral; II Atividades Profissionais e Organizações; III Manuscritos e material de Pesquisa; IV Universidade de Chicago; V Artigos de Jornais; e VI Adendos.

Robert Park Papers

Essa coleção é composta por material coletado no período de 1882-1979. Inclui correspondência pessoal e profissional, manuscritos, notas, artigos, material de aula, palestras, entrevistas, histórias de vida, cadernos, diários, bibliografia, artigos de alunos, matérias de jornais, cartazes e manuscritos, e caderno de anotações. A coleção foi organizada em cinco séries: I Material de Pesquisa; II Correspondência; III Cadernos e Materiais variados; IV Histórias de Vida; V Adendos.

O material sobre Robert Park foi recebido em dezembro de 1969 através de doação feita por Winifred Raushenbush (Sra. James Rorty), que os havia recebido de Everett Hughes. Há inclusive muitas anotações de ambos nos papéis do fundo. As anotações de Hughes são feitas geralmente a lápis e de Rauschenbush a caneta azul.

A maioria dos papéis é da década de 1920, especialmente o período da Expedição na Costa do Pacífico. Há também material da época que Park trabalhou como secretário de Booker T. Washington no Tuskegee Institute, e considerável material dos cursos lecionados na Universidade de Chicago divulgados em jornais, materiais que são fontes de muitos livros e artigos que Park escreveu.

Quando as fontes de pesquisa citadas ao longo do texto forem materiais publicados em livro, periódicos, teses, dissertações, etc, as referências serão apresentadas de acordo com o sistema autor data ao final da tese. E quando houver a citação de materiais não publicados e/ou materiais de acervos e arquivos, as referências contendo a sua localização no acervo ou descrição serão apresentadas em nota de fim de página. Os arquivos são apresentados na forma de suas siglas e maiores detalhamentos como caixa, box, pasta, folder, número do documento, quando houver.

FDP (Fundo Donald Pierson) da Unicamp

CEDOC (Centro de Documentação e Referência) da FESP

FESP (Fundação Escola de Sociologia e Política)

DPP (Donald Pierson Papers) da Universidade da Flórida

ANMNH (Archives do National Museum of Natural History) da Smithsonian Institution

RFR (Rockefeller Foundation Records)

NA (National Archives)

CSJ Fisk (Charles Spurgeon Johnson Collection) da Universidade de Fisk

RP Fisk (Robert Park Collection) da Universidade de Fisk

Ainda sobre as citações de trechos de trabalhos, títulos em língua inglesa, ou

nomes de instituições ou projetos, a opção foi a de apresentar o texto original, seguido de sua tradução entre colchetes. No caso de textos maiores, apresento apenas a tradução. Todas as traduções, salvo quando indicado o contrário são minhas.

Capítulo 1:

Robert Park e seus alunos: Militância política, conhecimento científico e ativismo religioso

São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política, 1944. Donald Pierson (1900-1995) publicava na seção *Notas Sociológicas* da revista *Sociologia* o obituário de Robert Ezra Park (1864-1944). Sob o título de *Robert E. Park: Sociólogo Pesquisador*, o objetivo do texto de treze páginas era apresentar ao público brasileiro a trajetória de “um dos sociólogos mais influentes deste século”, falecido em 07 de fevereiro daquele mesmo ano. Escrito em língua portuguesa, o obituário apresentava os estudos de Park, que mais do que professor ou orientador de Pierson, havia sido seu mentor intelectual.

Ao tratar dos mortos, muitas vezes, os obituários falam mais sobre os vivos, ou ao menos, deixam entrever detalhes da relação entre os que aqui estão e os que já se foram. Se no mundo acadêmico as defesas de teses podem ser consideradas ritos de passagem que representam o reconhecimento dos intelectuais no interior de suas comunidades acadêmicas específicas, os obituários, ao indicarem o fim do ciclo da vida de um autor, não necessariamente representam a morte intelectual do ponto de vista do seu reconhecimento institucional.

Ao contrário, um dos objetivos desta modalidade de texto é justamente indicar a vitalidade do pensamento de um intelectual, a permanência e a continuidade de suas ideias, a despeito de sua morte física. Assim, um obituário revela em muito a medida do reconhecimento de certo personagem por seus pares³. O caso do obituário de Park não é diferente. Ao tratar da vida do professor norte-americano, o texto fala mais da vida de Pierson – ou ao menos da parceria entre ambos – do que exclusivamente do percurso intelectual do primeiro.

O obituário em questão foi publicado no volume 6, número 4, do ano de 1944⁴. Neste momento, a *Sociologia* era a revista “oficial” da Escola Livre de Sociologia e Política, o que coincide com um dos períodos de maior destaque de

³ Neste complexo jogo de reconhecimento público do qual faz parte a política acadêmica, a tarefa de escrever um obituário é, via de regra, desempenhada mais pelos admiradores do que pelos dissidentes em relação às ideias e teorias dos falecidos. Assim como os apêndices de livros (introduções, agradecimentos, prefácios e posfácios) que normalmente são textos portadores de certo grau de reverência e respeito para com os autores principais, não é comum um obituário apresentar severas críticas para com o autor morto. De maneira inversa, podemos ver como as dissidências, as críticas, os ataques e disputas intelectuais têm lugar reservado em outros espaços de divulgação científica como eventos, por vezes resenhas de livros, artigos em jornais e outros tipos de exposição pública.

⁴ As obras de autoria de Donald Pierson citadas ou não na tese são apresentadas como fontes de pesquisa em “Produção bibliográfica de Donald Pierson”, no final deste volume. Esta seção traz a listagem de todos os textos publicados pelo autor em livros, revistas científicas e periódicos em geral. Os demais trabalhos de outros autores citados ou consultados estão reunidos no item “Referências”.

Pierson na instituição. Ele havia criado três anos antes a seção de estudos Pós-Graduados⁵, dirigia a divisão de Ciências Sociais atuando como diretor acadêmico da Escola e ainda exercia a função de editor da revista *Sociologia* e nela mantinha a seção *Notas Sociológicas*.

Para falar de Park, Pierson traça o perfil de seu professor destacando qualidades e características que bem poderiam servir para definir também a si mesmo. Ou seja, Pierson descreve um projeto intelectual que não era exclusivo de Park, foi, na verdade, um projeto partilhado entre o professor de Chicago e vários dos seus alunos, inclusive o próprio Pierson. Ainda na abertura do obituário, ao justificar o lugar de Robert Park como um dos sociólogos mais importantes do século XX, Pierson enfatiza,

Digo *mais influentes* com palavras pensadas, considerando não somente seu magistério, durante três décadas, em alguns dos principais centros mundiais de ensino e pesquisa em nosso campo, nem somente o fato de ter sido ele um *scholar* de reputação internacional, nem apenas as obras de primeira ordem que deixou, mas também aquilo que é, ao meu parecer, ainda mais importante – o fato de ter ele procurado, estimulado, compreendido, e desenvolvido, através de contatos pessoais, íntimos e prolongados, uma plêiade de sociólogos embrionários que, atualmente, estão levando a efeito pesquisas e ensinando de maneira fundamental as ciências sociais em diferentes partes do mundo (Pierson, 1944, p. 282 [grifos do autor])

A atuação profissional de Robert Park merecia destaque por aquilo que, no parecer de Pierson, foi a tarefa de formar um conjunto de sociólogos “através de contatos pessoais, íntimos e prolongados” que posteriormente iriam lecionar e fazer pesquisas em diferentes países. E um dos maiores exemplos destes contatos de Park com seus alunos foi o próprio Donald Pierson que, como destacado no obituário, chegou a morar na companhia de sua esposa, Helen Batchelor (1906-1994), na casa do professor e de sua esposa, Clara Cahill Park (1868-1950), o que fala de convivência e da amizade íntima.

Um dos maiores objetivos de Park em relação aos seus alunos era, nas palavras de Pierson,

⁵ Não é possível apontar com precisão o mês da publicação dada à ausência de informações editoriais da revista. Sua publicação se deu com relativa dificuldade durante a Segunda Guerra, com atrasos ou suspensão de alguns números. É provável que o número que contém o obituário tenha sido lançado nos últimos meses de 1944.

conhecer de perto e profundamente suas habilidades, interesses e *backgrounds* e, através do planejamento pormenorizado de pesquisas relacionadas com essas habilidades, interesses e *backgrounds*, preparar, duma maneira básica e duradoura, *research men* sistemáticos e de “carreira”, “moldando”, por assim dizer este novo tipo de criatura de que existe ainda tão poucas no mundo inteiro, número na verdade bem insignificante, considerando-se a necessidade cada vez mais imperiosa, em nossos dias, de conhecimentos ainda mais fundamentais sobre a natureza humana e a atuação dos processos sociais (Pierson, 1944, p. 283)

O trecho revela, além da “influência” citada por Pierson, a reunião de esforços para a realização de um projeto com um objetivo comum: formar sociólogos para atuarem em diferentes partes do mundo, que incluíam Estados Unidos, Canadá, Havaí, Alemanha, Índia, China, África do Sul, Brasil, México, entre os principais destinos dos deslocamentos. Ao olharmos no detalhe para a formação deste projeto, veremos que este inclui muitas viagens, cenários de grandes cidades em transformação, e elementos que são uma mescla de militância política, conhecimento científico e ativismo religioso.

O que esse projeto evidencia são temas de pesquisas e viagens que se entrecruzam nas diferentes parcerias de Park e seus estudantes⁶. Os temas de pesquisas destacados por Pierson no mesmo obituário (*op. cit.*) fornecem uma competente síntese de tal projeto intelectual; são eles: “1) relações de raça, 2) comportamento coletivo, 3) Ecologia Humana, 4) comunidade e sociedades urbanas, 5) personalidade (e outros aspectos da Psicologia Social), 6) o jornal (como instituição)”.

O modo como o trabalho do professor e a convivência com ele contribuíram para “moldar” a carreira de alguns dos seus alunos revela a existência de laços profissionais e pessoais. Park representando uma espécie de figura paterna do que podemos chamar de um “clã” de antropólogos e sociólogos que se formaram sob sua orientação entre os anos de 1910 e 1940. Os herdeiros desta linhagem se espalhariam pelo mundo, atuando profissionalmente no Brasil, Havaí, México e no sul dos Estados Unidos, para citar apenas os destinos de alguns dos alunos mais próximos de Park como Donald Pierson, Brasil, Romanzo Adams (1868-1942),

⁶ No sentido aqui adotado, parceria diz respeito à reunião de esforços de alguns destes diferentes sociólogos/as e antropólogos/as para a construção de um projeto intelectual compartilhado.

Havaí, Andrew William Lind (1901-1988), Havaí, Robert Redfield (1897-1958), México e Charles Spurgeon Johnson (1893-1956), sul dos Estados Unidos⁷.

De maneira um pouco diversa da que estou tratando aqui, a noção de “clã” é enfatizada por Pierson no mesmo obituário ao relatar uma fala do antropólogo Robert Redfield para quem Park “foi, durante muitos anos, homem e pai dos melhores e mais estimulantes [...] ocupando a posição fora do comum em nosso clã” (idem, p. 287). Neste caso, a referência à existência de um “clã” para Redfield tem o sentido literal, já que ambos eram ligados por laços de parentesco depois de seu casamento com a filha de Park, a também antropóloga Margaret Lucy Park (1898-1977)⁸.

A existência deste parentesco literal de Park com um de seus alunos não representou exatamente uma exceção, um caso único. As relações familiares de Park com seus alunos foram além dos laços de consanguinidade e representaram o estabelecimento de relações de parentesco também no plano simbólico. O papel de Robert Park como líder de um “clã” descrito por seu genro, Robert Redfield, incluía ainda entre os seus parentes próximos outros jovens cientistas que passaram a fazer parte da família depois de cumpridas suas respectivas obrigações e tarefas acadêmicas.

Neste sentido, esta “família”, em relação a qual Pierson inclusive utilizava o termo “mãe” para se referir à Clara Park, nas cartas enviadas ao casal⁹, se

⁷ O mapeamento destes alunos que formavam um círculo mais próximo ligado a Robert Park foi realizado considerando uma série de dados, tais como as informações biográficas de Park e suas correspondências, especialmente aquelas depositadas no acervo da Universidade de Fisk e da Universidade de Chicago. Além destes documentos, adotei como critério para definir estas parcerias os textos escritos por Park sobre as pesquisas de seus alunos publicados em forma de prefácios. Outro elemento relevante foram as visitas de Park a seus alunos no exterior e nos Estados Unidos quando estes estavam realizando trabalho de campo ou lecionando em outras instituições. No caso de Romanzo Adams e Andrew W. Lind, Park chegou a lecionar na Universidade do Havaí junto com eles. O mesmo com Charles S. Johnson no período em que Park trabalhou na Universidade de Fisk. O professor trabalhou ainda com outros alunos na China durante o período em que lecionou naquele país, como é o caso de Fei Hsiao-Tung (1910-2005), que teve os trabalhos publicados nos Estados Unidos pela filha de Park, Margaret Park Redfield (1916-1975).

⁸ Conforme indica Wilcox (2004) na biografia sobre Redfield, Park assumiu o papel de uma figura paterna depois da morte do pai de Redfield e de seu casamento com Margaret.

⁹ Ver em especial a carta datada de novembro de 1939, em FDP, rolo 02, pasta 23, n. 1229 a 1233. Em sua segunda estada no Brasil, Pierson relatava a seu ex-orientador seus planos de trabalho e impressões sobre o país; sobre São Paulo; suas pesquisas e o andamento de suas funções na Escola de Sociologia e Política. Apesar do tom formal e respeitoso das cartas, em que Park é tratado como doutor, Pierson se refere à Clara como “mom”, maneira íntima e carinhosa em inglês para se referir à “mãe”.

assemelha ao próprio contexto da religião afro-brasileira estudada por ele na Bahia. De maneira análoga ao candomblé – em que as relações entre os adeptos da religião se estruturam a partir de uma complexa rede de hierarquia religiosa permeada por laços familiares, de amizade e de autoridade ¹⁰ –, este “clã” de intelectuais ligados por um parentesco simbólico, se constrói e se reforça por uma rede de laços e hierarquias acadêmicas, que incluem defesas de teses, iniciações no trabalho de campo, construção de perspectivas teóricas, escolhas metodológicas, defesas de certas convicções políticas, e em alguns momentos, até mesmo crenças religiosas.

No interior deste “clã”, as relações de trabalho e pessoais se entrecruzam, como dito. Dentre aqueles mais íntimos, que formaram um círculo familiar ou quase familiar estavam: Robert Redfield; a própria Margaret, filha de Park (atuando como assistente de pesquisa de Redfield); Donald Pierson; Helen Joy Batchelor Pierson (atuando como assistente de pesquisa de Pierson); Charles S. Johnson e sua esposa Marie Antoinette Burgette Johnson (1892-1965) ¹¹.

Com exceção de Margaret Park, que teve sua educação formal em antropologia na Universidade de Chicago¹², as outras mulheres deste grupo não eram sociólogas ou antropólogas com formação especializada, mas atuavam nas pesquisas de seus maridos. Não raro, temos neste momento exemplos de casais de

¹⁰ Ao se inserir nos terreiros de candomblé de Salvador como “ogã”, Pierson se deparou com um sofisticado sistema de hierarquias sociais que se estrutura a partir de uma complexa rede de relações sociais, tal qual descrito em seu livro *O candomblé da Baía* (1942). Neste sistema, mostra ele, os “iniciados” fazem parte de um sistema de parentesco organizado em famílias simbólicas em que os líderes religiosos de cada templo, a mãe simbólica, “mão de santo” ou o pai simbólico, “pai de santo” ocupam o topo da hierarquia de cada comunidade estruturada em torno das “casas” e “terreiros”.

¹¹ Principalmente as cartas pessoais de Robert Park, Clara Cahill, Donald Pierson, Helen Batchelor, Robert Redfield, Margaret Lucy Park, e mesmo de Charles S. Johnson e Marie Antoinette Burgette revelam a existência de laços pessoais nos quais Robert Park aparece como figura paterna para os pesquisadoras e pesquisadores ligados a ele. Pelos registros de memória disponíveis, é possível perceber a existência de estreitas relações pessoais perpassadas por relações de trabalho.

¹² Conforme constam nas informações biográficas do *Guide to the Margaret Park Redfield Papers 1916-1975* no *Special Collections Research Center* da Universidade de Chicago, os trabalhos de Margaret Park Redfield foram baseados no trabalho de campo realizado por ela e o marido nas localidades de Tepoztlan, Dzitas, and Chan Kom, no México. Seguindo os passos de Park, ela e Redfield viajaram à China entre 1948-1949 para trabalharem com Fei Hsiao-Tung, antropólogo chinês que havia estudado antes com Park e Malinowski. Depois da morte de Redfield, em 1958, ela reuniu os trabalhos dele em dois volumes *Human Nature and the Study of Society* (1962) e *The Social Uses of Social Science* (1963).

<http://www.lib.uchicago.edu/e/scrc/findingaids/view.php?eadid=ICU.SPCL.PARKRED>

pesquisadores, normalmente o marido atuando como pesquisador principal e a mulher como sua assistente de pesquisa ou oferecendo apoio para a realização do trabalho. Isto se torna mais comum ainda no caso de pesquisas que incluíam viagens com grandes deslocamentos geográficos e/ou longas estadas em campo. São estes os casos dos Redfield, dos Pierson, dos Park, a exemplo de outros casais realizando pesquisas em universidades americanas neste contexto¹³.

Neste projeto, o ideal de expansão da sociologia no mundo foi perseguido por Robert Park de acordo com parâmetros muito próximos de um tipo de atuação missionária cristã. Como discutirei ao longo do capítulo, Park fez da formação de novos profissionais para atuarem em diversas partes do mundo sua profissão de fé e, para isso, teve Donald Pierson como um de seus discípulos mais aplicados.

Para compreender este lugar de Park como o chefe de um clã em atividade missionária pela sociologia e antropologia no mundo, escolhi tratar no detalhe alguns aspectos da trajetória deste personagem, com foco no período anterior a sua transferência para a Universidade de Chicago e o processo de sua inserção naquela instituição. Assim, ainda que tenha Donald Pierson como protagonista e uma espécie de informante privilegiado para a compreensão das cenas aqui descritas, inicio o capítulo tratando de alguns elementos da formação da carreira de Park que, a meu ver, são fundamentais para a compreensão da montagem deste projeto coletivo.

Sobre Robert Park muito já foi escrito, no entanto, a maior parte de seus comentadores destaca a importância de sua atuação como jornalista (ênfatisando aí, principalmente, o papel desta experiência nas suas pesquisas sobre a cidade), entretanto, pouco sabemos sobre suas atividades missionárias no sentido estrito – que são chave para entender suas pesquisas no campo das relações raciais. Como veremos a seguir, religião e sociologia se tornam muito próximas em termos institucionais nos nascentes departamentos das universidades nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX. Ao sublinhar

¹³ É claro que este arranjo de trabalho não é uma exclusividade das universidades americanas como mostra o livro de Mariza Corrêa *Antropólogas & Antropologia* (2003). Mas, sobretudo no caso norte-americano, é emblemática a experiência dos Lynd ao desenvolver um dos trabalhos inaugurais dos chamados “estudos de comunidades”. Robert Staughton Lynd (1892-1970) and Helen Merrell Lynd (1896-1982) realizaram uma série de pesquisas na cidade americana de Muncie, no estado de Indiana. Os trabalhos foram publicados na forma de duas monografias: *Middletown: A Study in Modern American Culture*, publicada em 1929 e *Middletown in Transition: A Study in Cultural Conflicts*, publicada em 1937.

estes elementos na formação de Park procuro delinear alguns aspectos que falam da formação deste “clã” de alunos e colaboradores e, conseqüentemente, como as pesquisas de Pierson se inserem em uma rede política e religiosa.

Deste itinerário trilhado por Park, destaco a importância da tradição do pensamento alemão em sua formação; sua orientação religiosa; as bases para um modelo de pedagogia no interior do pragmatismo americano; os caminhos e descaminhos da construção de sua atuação política em torno das atividades missionárias na África e nos Estados Unidos; entre outros elementos.

De maneira similar, posteriormente trato de alguns aspectos do percurso de Donald Pierson até a Universidade de Chicago. No segundo item, exploro alguns elementos que são relevantes para o entendimento do lugar de Pierson enquanto estudante da Universidade de Chicago. Para tanto, seu perfil é posto ao lado de outros alunos da mesma instituição estudando com Park e Ernest Watson Burgess (1886-1966) e que são “treinados”¹⁴ para desenvolver as pesquisas que ficariam conhecidas por formar a Escola de Chicago de sociologia. Assim, destaco que a proximidade entre estes estudantes se dava não apenas em relação aos temas, orientações e objetos de pesquisa, mas também em relação à constituição de um perfil muito similar formado, em grande parte, por alunos do sexo masculino, negros, filhos de imigrantes, advindos de comunidades rurais ou de áreas pobres da cidade.

Após esta montagem de datas, acontecimentos, fatos, personagens e cenas, analiso como o Brasil começa a fazer parte deste projeto coletivo investigando as condições em que a parceria entre Park e Pierson começa a se delinear ainda na Universidade de Chicago. Neste momento, para Donald Pierson, os mapas eram apenas esboços e vagos os planos de viagens; os temas estavam em formação e as colaborações ainda em fase de construção.

Este projeto não é aqui abordado de maneira teleológica; ao traçar um caminho que tem como destino final a atuação de Donald Pierson no Brasil, especialmente em São Paulo, busco investigar as tensões, as aproximações, os afastamentos, as mudanças de rotas, as incongruências, as disputas, os limites e as

¹⁴ A ideia de “treino” será discutida no capítulo 2 ao tratar do primeiro período de Pierson na Universidade de Fisk.

expectativas deste projeto partilhado tratando-o também como espaço de pluralidade, divergências, impossibilidades e experimentações.

1.1. *As cidades de Robert Park: O esboço de uma profissão de fé*

No caso de Robert Park, a construção de um caminho que parece ter como destino final bem calculado o seu lugar como principal liderança no Departamento de Sociologia e Antropologia de Chicago se mostra mais próxima a uma sucessão de acontecimentos fortuitos do que orientada por qualquer lógica previamente conjecturada. A despeito de ter sido professor bem sucedido, a trajetória de Park apresenta uma série de acontecimentos-chave que representaram significativas mudanças no seu direcionamento; verdadeiros pontos de virada em uma aventura que inclui muitas viagens, cenários de grandes cidades em transformação, entre elas, Berlim, Nova Iorque, Chicago, Boston, Detroit.

Robert Ezra Park¹⁵, nascido em 14 de fevereiro de 1864 em Harveyville, no estado da Pensilvânia, se mudou ainda pequeno com a família para o estado de Minnissota. A série de viagens que seriam realizadas por Park ao longo da vida começou quando ele fugiu de casa aos 18 anos para trabalhar em um circo¹⁶. Tal predileção pelo mundo circense parece coerente quando Matthews (1977, p. 3) destaca o gosto de Park pelas *dime novels*¹⁷, livrinhos baratos de aventura, considerados de gosto duvidoso por seus professores da escola. De fato, este não era o tipo de literatura considerada adequada para um menino branco de classe média protestante de Red Wing, Minnissota, cidade às margens do Mississipi em uma região de maioria branca, com forte presença de imigrantes alemães, noruegueses e suecos. Ainda mais quando ele estava sendo educado para assumir os negócios da família no ramo alimentício dirigidos por seu pai (que havia sido soldado na Guerra Civil) e por sua mãe, professora em uma escola primária.

¹⁵ Sobre a sua trajetória e biografia há uma série de trabalhos mais extensos, a exemplo dos livros de Fred Matthews (1977), Winifred Raushenbush (1979), Barbara Ballis Lal (1990) e Rolf Lindner (1996). Mas, com exceção dos trabalhos de Matthews e Raushenbush que apresentam informações mais detalhadas sobre o período anterior a Chicago, a quase totalidade desta produção tem como foco a sua atuação na Universidade de Chicago. Isso explica a ênfase aqui presente nestes dois últimos autores para a construção da presente análise.

¹⁶ Os detalhes da fuga para o circo são relatados por Raushenbush (1979, p. 9).

¹⁷ Os chamados *dime novels* são um tipo de livro de ficção barato de aventura. São assim chamados por custar neste período dez centavos de dólar, ou *dime*, como é chamada a moeda deste valor.

Diante das notas ruins de Park e do fato dele ter se graduado na *high school* entre os últimos lugares de sua turma, em 1882, seu pai decidiu que ele não ingressaria no ensino superior. Sem o apoio da família e sem dinheiro, Park saiu de casa, passando a integrar um grupo de trabalhadores de estradas de ferro durante os meses das férias escolares. Com o salário começou a cursar a Universidade de Minnesota por conta própria. Segundo Raushenbush (1979), apesar das economias obtidas de cinquenta dólares com o trabalho na ferrovia (uma quantia considerada alta para a época) e seu novo trabalho como cuidador do cavalo do presidente da Universidade, Park passou fome por vários meses.

Park permaneceu na Universidade de Minnesota por um ano e, como pretendia ser engenheiro, estudou basicamente ciências, botânica, química e física. Ao término do primeiro ano, após reatar as relações com seu pai, ele não apenas abandonou a carreira de engenharia e a formação obrigatória em ciências, mas também se mudou para outra Universidade e cidade. Com o apoio do pai¹⁸, incluindo recursos financeiros, iniciou seus estudos em filosofia na Universidade de Michigan (idem, p. 11).

Matthews (idem, p. 4-5) descreve a Universidade de Michigan neste momento (1883), como uma das escolas de maior prestígio nos Estados Unidos, atrás apenas da Universidade de Harvard. No departamento de Filosofia, a maioria dos professores havia estudado na Alemanha – o que tornava a escolha de Park pelos cursos de Alemão e Filosofia coerente com o ambiente intelectual daquela instituição. Foi em Michigan que ele começou a estudar com o filósofo e pedagogo americano, John Dewey (1859-1952), que marcou seu primeiro contato com os temas da nascente sociologia europeia da época.

Quando Park e Dewey se conheceram, em 1884, o aluno estava com 20 anos e o professor com 25. Os cursos na Universidade de Michigan foram a primeira experiência de Dewey como professor universitário, logo após o doutorado recém-finalizado na Universidade John Hopkins. Neste tempo, Dewey também estava em processo de construção da carreira e ainda não havia publicado nenhum dos seus

¹⁸ Apesar deste primeiro rompimento com os pais, Park depois receberia grande apoio financeiro da família para prosseguir sua carreira acadêmica, como tratarei adiante. Mas é importante notar que a decisão do pai em custear a graduação de Park só se concretizou após ele ter mudado tanto de curso quanto de universidade ao se transferir para uma instituição que seu pai julgava mais promissora.

trabalhos que mais tarde o tornariam um dos mais importantes nomes do pragmatismo norte-americano.

É exatamente no período de Park em Michigan (1883-1886/87) que Dewey escreve seus primeiros textos; lembremos que o trabalho inaugural de Dewey, *Psicologia* seria publicado, em 1887, sendo o primeiro de uma lista de mais de trinta livros. Com base nas formulações de Charles Sanders Pierce (1839-1914) e William James (1842-1910) desenvolvidas a partir de 1878, Dewey defende a perspectiva de que a filosofia deveria ser um instrumento prático para a resolução dos problemas da vida cotidiana. Com foco na reforma da educação, adotaria uma perspectiva de que problemas filosóficos não deveriam tratar de questões abstratas e sim de aspirações humanas comuns ao nosso dia-a-dia¹⁹.

No processo de construção desta perspectiva, assumidamente influenciada por William James, os dois primeiros cursos oferecidos por Dewey em Michigan se concentram sobre o pensador positivista Herbert Spencer (1820-1903) e sobre temas da psicologia experimental, uma novidade para época²⁰. A julgar pela temática das disciplinas, Dewey não era apenas um professor jovem (pertencendo à mesma geração de seus alunos), mas também tratava de tópicos e questões atuais para a época, ao invés de se dedicar a temas mais clássicos da Filosofia, como a maioria de seus colegas.

Spencer, por exemplo, era um autor contemporâneo, ainda vivo quando dos cursos de Dewey. Tão vivo que acabara de publicar naquele mesmo ano um de seus principais livros *O Homem contra o Estado* (1884), obra que se tornaria o grande marco do chamado darwinismo social, ao aplicar a teoria evolucionista de Darwin ao estudo das sociedades humanas. Ainda que as bases deste pensamento possam ser atribuídas ao próprio Darwin, é com Spencer que a ideia de que grupos humanos e sociedades evoluíam através de processos de “competição” e “conflito” se tornaria difundida nos meios intelectuais da época²¹.

¹⁹ É de autoria do próprio Dewey um balanço crítico sobre o pragmatismo norte-americano com referências aos trabalhos de Pierce e James. O artigo *O desenvolvimento do pragmatismo americano* foi publicado originalmente em 1922 em francês e depois passou a fazer parte do *Filosofia e civilização* (*Philosophy and civilization*), publicado em 1931. A tradução deste artigo está disponível em língua portuguesa em <http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n2/a05v5n2.pdf>

²⁰ A indicação das disciplinas de Dewey cursadas por Park é apresentada por Matthews (1977).

²¹ Para uma análise das ideias e teorias de Charles Spencer em seu contexto, ver o trabalho *Equal Freedom and Utility: Herbert Spencer's Liberal Utilitarianism* (Weinstein, 2006).

Aliás, são exatamente os conceitos de “competição” e “conflito” – acrescidos de “assimilação” e “acomodação” – que anos mais tarde forneceria as bases para a construção da teoria da Ecologia Humana desenvolvida por Park. De acordo com essa teoria – fortemente presente nos estudos da Escola de Chicago, entre as décadas de 1910 e 1930 – os indivíduos se organizam no espaço de modo espontâneo e inconsciente, por meio de “processos de competição”. Desta organização primeira surgiriam “comunidades”, grupos que habitam um dado espaço. E das relações no interior destes grupos, por sua vez, os indivíduos se organizariam por partilhar experiências, atitudes e pontos de vista relativamente comuns que os manteriam próximos em termos espaciais e os diferenciariam de outros grupos mais distantes distribuídos no espaço²².

Mas na relação entre Dewey e Park na Universidade de Michigan, professor e aluno dividiram não apenas a predileção pelo positivismo e o entusiasmo pelo evolucionismo; Dewey ofereceu também a Park a possibilidade de conciliar religião e conhecimento científico de maneira harmoniosa. Assim como Park, Dewey era um homem religioso para quem “a crença não é um privilégio, mas um dever – de modo que tudo o que não é de fé é pecado”²³. Apesar disso, a perspectiva de que a explicação científica dos fenômenos sociais deveria se afastar da teologia e da metafísica não se apresentava de modo conflitante com suas crenças pessoais na existência de Deus²⁴.

Para termos uma noção do entusiasmo de Park com as ideias de Dewey, Matthews (op. cit, p. 7), indica que dos dez cursos selecionados por Park para

²² A Ecologia Humana seria ainda a base da sociologia praticada por Pierson tanto em seus primeiros trabalhos sobre o Brasil como o estudo de relações raciais na Bahia, quanto em seus trabalhos mais tardios, a exemplo de seus estudos urbanos em São Paulo, os estudos rurais em Araçariguama e o conjunto de pesquisas do projeto do Vale São Francisco. Um dos trabalhos mais importantes sobre a Ecologia Humana em língua portuguesa é o livro organizado por Pierson, *Estudos de Ecologia Humana* ([1948] 1970). O volume é dividido em quatro partes. Nas três primeiras, Pierson reúne uma série de trabalhos teóricos que definem a Ecologia Humana e seu campo de estudos (com textos de Park, McKenzie, Wirth, e outros) e ainda textos relacionados aos principais conceitos relacionados à Ecologia Humana. Na quarta parte são apresentadas pesquisas, em sua maioria, realizadas nos Estados Unidos, definidas como estudos ecológicos.

²³ Este é o trecho do primeiro discurso de Dewey intitulado “A obrigação de Conhecimento de Deus” como membro da *Student Christian Association* (SCA) da Universidade de Michigan quando do início de suas atividades na Universidade (apud Walker, 1997)
<http://michigantoday.umich.edu/97/Sum97/mta1j97.html>.
<http://michigantoday.umich.edu/97/Fal97/mt13f97.html>

²⁴ O artigo *Auguste Comte and the American Reformed Theologians* (Cashdollar, 1978) discute a maneira paradoxal pela qual as teorias do autor francês foram assimiladas pelos pensadores e reformadores sociais religiosos nos Estados Unidos.

compor seu currículo de graduação no Departamento de Filosofia da Universidade de Michigan, seis foram ministrados por Dewey. Os tópicos das aulas: lógica formal, psicologia empírica, psicologia especulativa; Kant, Platão e Spencer. Nas aulas, Dewey foi ainda responsável por apresentar a Park novos temas de pesquisa. Com Dewey, Park começou a investigar assuntos relacionados à mídia, comunicação e opinião pública – questões que estariam entre os seus principais temas, a exemplo dos trabalhos *The Natural History of the Newspaper* [A História Natural do jornal] (1923); *The Immigrant Community and Immigrant Press* [A comunidade imigrante e a imprensa imigrante] (1925); *Urbanization as Measured by Newspaper Circulation* [Urbanização como medida pela circulação do jornal] (1929); *Newspaper Circulation and Metropolitan Regions* [Circulação de jornais e regiões metropolitanas] (1933); *News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge* [Notícias como uma forma de conhecimento: um capítulo da Sociologia do Conhecimento] (1940); *News and the Power of the Press* [Mídia e o poder da imprensa] (1941); *Morale and the News* [Moral e Mídia] (1941)²⁵.

Além de tema de pesquisa, o interesse cada vez maior pelo papel da imprensa nos Estados Unidos levou Park às suas primeiras experiências como jornalista com incentivo de Dewey, ainda no período de Michigan²⁶. Estas experiências foram fundamentais para a escolha da carreira de repórter. Foi o próprio Dewey que apresentou Park ao jornalista Franklin Ford, auxiliar na nova carreira de jornalista, iniciada por Park em 1887 e exercida por mais onze anos, até 1898²⁷. Assim, após ter estudado filosofia em uma das instituições mais prestigiadas do país, Park, então com 23 anos, começou a trabalhar como repórter.

De acordo com Matthews (1977, p. 18), logo após concluir a faculdade, ele teria recusado uma oferta de emprego como professor na cidade em que cresceu, Red Wing, a mesma em que sua mãe era conhecida como professora. A recusa do magistério nestas condições representa não apenas um novo conflito com os

²⁵ Ver o anexo com as obras de Robert Park.

²⁶ Ver em Matthews (p. 6) as primeiras experiências de Park como editor do jornal universitário *Argonaut* criado e editado por Park na Universidade de Michigan.

²⁷ Ainda que esteja tratando aqui do período de formação de Robert Park, a sua relação com Dewey foi muito além do período aqui em foco na Universidade de Michigan, na década de 1880. Os caminhos destes dois homens se cruzariam ainda mais algumas vezes e, de certo modo, é possível encontrar vários paralelos entre a carreira de Park e a de Dewey, ambos mais tarde ligados à Universidade de Chicago, como tratarei no próximo item.

planos traçados pelos pais, mas significa a escolha de uma ocupação de pouco prestígio social, como a de repórter, em detrimento de outra com relativo *status* social, a de professor. Como enfatiza outro biógrafo de Park, Rolf Lindner (1996, p. 33-34), a carreira de jornalista neste momento não gozava de grande reconhecimento social, além de oferecer pouquíssimo retorno financeiro.

Lindner (*idem*) trata de maneira minuciosa as experiências de Park como repórter nos onze anos em que ele escreveu sobre os acontecimentos da vida urbana de Chicago, Mineapólis, Denver, Detroit e Nova Iorque. É neste momento de trabalho como jornalista que ele se liga novamente a um circo, viajando e atuando na área de divulgação e publicidade dos espetáculos, como afirma Matthews (1977).

Lindner (*op. cit.*, p) toma a atuação como jornalista para cunhar a designação “sociólogo como editor da cidade”, de modo a se referir ao desenvolvimento da sociologia urbana praticada por Park em Chicago. Segundo o autor, foi o convívio com os tipos exóticos circenses, a experiência da cobertura jornalística dos crimes ocorridos nas grandes cidades, as notícias dos acontecimentos ocorridos nos pontos ilegais de apostas, nas casas de ópio, nos bordéis e outros locais de prostituição, crime e delinquência, sobretudo de Nova Iorque, que teria orientado a construção dos temas das pesquisas sociológicas de Park.

Mas nesta época, início de 1890, Park ainda estava longe da Universidade de Chicago e acontecimentos de sua vida revelariam outra série de desvios de rota. De acordo com Matthews (*op. cit.*), o relacionamento com a artista Clara Cahill (1868-1950), que ele conheceu em 1892, teria sido um fator decisivo na escolha de uma carreira de maior prestígio social e de maior retorno financeiro. Afinal, Clara era filha mais velha de uma família influente politicamente no meio norte americano; seu pai, Edward Cahill, era juiz da Suprema Corte de Michigan. As memórias de Park retratam Clara como uma mulher extremamente culta e aristocrata, mais culta que ele próprio (Matthews, p. 12-13). O casamento aconteceu em 1894, e nos primeiros cinco anos de vida em comum, o casal teve três de seus quatro filhos. Depois do casamento, Clara construiu uma respeitável carreira como artista e se

tornou uma conhecida ativista pelos direitos das mulheres com vários artigos publicados sobre política (Traverso, 2003)²⁸.

Mesmo passados alguns anos da união, o casal continuava a depender financeiramente das famílias, já que Park trabalhava como repórter em uma condição instável e pouco rentável. Esta situação fez com que ele abandonasse a carreira de jornalista para tentar retomar a carreira de filósofo, para a qual se formara. Mais uma vez, a proposta de custear os estudos de Park partiu de seu pai que financiou os dois anos de seus estudos em Harvard, entre 1898 e 1899. Nesta instituição, considerada o centro mais importante da área nos Estados Unidos da época, Park começa a cursar o mestrado em Filosofia com o intuito de estudar mídia e opinião pública. É com a ajuda financeira de seu pai, Hiram Asa Park, que Robert e sua família se mudam para Boston.

De acordo com Matthews (*op. cit.*, p. 32-33), dentre os debates intelectuais travados em Harvard, o que mais teve impacto na formação de Park foi o com o filósofo americano William James. Não por acaso, as perspectivas intelectuais de James e Dewey estavam próximas. James havia sido professor de Dewey, e Dewey, mais do que aluno, era uma espécie de discípulo de James. Com formação em medicina, James começou a lecionar Psicologia Experimental em Harvard na década de 1870. E algumas décadas depois era considerado um dos nomes importantes da Psicologia moderna nos Estados Unidos e um dos mais importantes expoentes do pragmatismo.

Para Matthews (*op. cit.*), o impacto das aulas e das trocas intelectuais com James resultou em um novo direcionamento na trajetória de Park; o contato com as ideias de James foi responsável pelo afastamento de Park da área da Filosofia e pela maior aproximação das Ciências Sociais, processo de algum modo já delineado com os cursos de Dewey. James, que havia estudado medicina em Berlim na década de 1860, depois de ter cursado teologia em Harvard, foi ainda o responsável por despertar em Park o interesse em continuar os estudos na Alemanha.

Há ainda outro elemento não destacado pelos comentadores ou biógrafos de Park sobre as relações com William James, mas que fornece pistas para

²⁸ Sobre os trabalhos publicados por Clara, ver o capítulo de Susan Traverso sobre as políticas de bem-estar voltadas para mulheres em Boston na década de 1910. Sobre o casamento de Clara e Park com foco nas diferenças políticas e ideológicas entre ambos, ver o artigo de Mary Jo Deegan (2006).

refletirmos sobre o papel das viagens no trabalho e trajetória de Park, especificamente sobre sua aproximação com o Brasil. No momento em que lecionava em Harvard, William James já havia trabalhado no Brasil quando, aos 23 anos, integrou a Expedição Thayer, comandada pelo naturalista suíço radicado nos Estados Unidos, Louis Agassiz (1807-1873), entre os anos de 1865 e 1866. Nesse sentido, não deixa de ser interessante notar que justamente o tema de pesquisa desenvolvido por Pierson no Brasil (por sugestão de Park), exatos setenta anos depois da viagem de William James ao Brasil, esteja intimamente relacionado ao tema de pesquisa da Expedição Thayer ²⁹.

Ainda que não seja possível aprofundar as ligações de William James e Robert Park envolvendo o Brasil como destino de viagens de campo, é importante mencionar a importância desempenhada por James na definição dos destinos das viagens de estudos de Park. Após terminar seu mestrado em 1899, experiência da qual muito pouco se sabe a respeito, Park decidiu seguir a mesma trilha que seu professor (James) em direção à Europa para continuar ali sua formação. Se Harvard neste tempo era o centro mais importante da Filosofia na América, a viagem para a Europa representava a aproximação com o centro mais importante da filosofia ocidental de todo o globo: a Alemanha.

Mais uma vez com o respaldo financeiro de seu pai, Park na companhia de Clara e os três filhos, Edward Cahill Park (1895-1967), Theodosia Warner Park (1896-1985) e Margaret Lucy Park (1898-1977)³⁰ se mudaram para a Alemanha, em 1899. O primeiro destino institucional de Park foi a Universidade de Berlim, onde permaneceu por apenas um semestre. Neste tempo, entre seus professores estavam o filósofo e educador alemão Friedrich Paulsen (1846-1908), o filósofo e sociólogo alemão George Simmel (1858-1918).

Da mesma forma que Park e Dewey, Park e Simmel pertenciam à mesma geração (em 1899, Simmel estava com 41 anos e Park com 35 anos). Assim como Dewey quando professor de Park em Michigan, Simmel ainda não era um intelectual conhecido; em 1899, não havia ainda publicado nenhum dos seus

²⁹ A expedição, cujos destinos eram as cidades do Rio de Janeiro, Belém, e Manaus, tinha como objetivo registrar fotograficamente os diferentes tipos raciais brasileiros, a saber, os “tipos raciais puros” e “mistos e híbridos amazônicos”. Sobre ela cf. *Travels and Science in Brazil: Charles Darwin, Louis Agassiz, and William James*. ReVista (Cambridge, Mass.), v. VIII, p. 34-37, 2009.

³⁰ O quarto filho do casal, Robert Hiram Park, ainda não era nascido nessa época.

principais trabalhos em livros e ensaios, como por exemplo, *Über soziale Differenzierung* [Da diferenciação social], 1890; *Philosophie des Geldes*, [A Filosofia do Dinheiro], 1900; a *Die Großstädte und das Geistesleben* [A metrópole e a vida mental], de 1903; *Soziologie* [Sociologia], 1908.

No que diz respeito ao contato de Park com Dewey e depois com Simmel, em momento de construção das carreiras para todos eles, trata-se de experiências em que se observam proximidade, convivência e amizade. Park não se tornaria exatamente um discípulo desses mestres, mas ele seria marcado pelas orientações de todos eles em função das suas indagações, perspectivas de mundo, direcionamentos de carreira, temas de pesquisas, predileções teóricas e escolhas metodológicas. Cabe destacar que o encontro com Simmel representa para Park o único contato com a sociologia no ensino formal. Até então seus interesses pela disciplina eram mais tangenciais e a partir de cursos e leituras vindas da psicologia ou da filosofia. É neste semestre com Simmel na Universidade de Berlim que Park estuda teoria sociológica, e o faz com um sociólogo-filósofo³¹. Somado ao contato com Simmel, o período de Park na Alemanha foi marcado por outras trocas intelectuais igualmente importantes para a guinada na sua carreira em direção à sociologia. Além de Simmel, é preciso destacar também o filósofo Wilhelm Windelband (1848-1915), célebre professor de Max Weber (1864-1920). Foi seguindo as pistas deste professor que Park se transferiu para a Universidade de Strasbourg, em 1900, lá permanecendo por um semestre. E naquele mesmo ano, quando Windelband passou a lecionar na Universidade de Heidelberg, Park o acompanhou até esta instituição como seu orientando de doutorado.

O resultado dos quatro anos de estudos de Park na Alemanha se materializou na tese de doutorado *Masse und Publikum: Eine methodologische und soziologische Untersuchung* [Massa e Público um estudo metodológico e sociológico] defendida sob a orientação de Wilhelm Windelband na Universidade de Heidelberg, no Departamento de Filosofia, no ano de 1903. Com isso, Park obteve o título de doutor aos 40 anos, idade considerada avançada para esta etapa da carreira acadêmica. Basta lembrar que, além do fato de que a média de

³¹ Curiosamente, o caminho trilhado por Park era muito parecido com o de Simmel, que também havia abandonado a carreira de jornalista para se especializar em Filosofia. Outro acaso fortuito é que o ano de 1899 corresponde exatamente ao período em que o alemão passa a se dedicar ao desenvolvimento do que viria a se constituir mais tarde como a sua própria teoria sociológica.

expectativa de vida da população na Europa no início do século XX era em torno de 40 anos, seus professores já eram considerados como intelectuais de relativa maturidade nesta mesma faixa etária.

Se o destino à primeira vista mais lógico para um perfil como o de Park seria ocupar um cargo acadêmico, dado o lugar social ocupado por ele neste contexto – de homem branco, com altíssimo nível educacional incluindo doutorado em filosofia na Alemanha, de classe média alta, com 40 anos, inserido em um universo simbólico marcado por obrigações de prover o sustento de sua esposa e filhos e parte de uma rede de pessoas influentes politicamente – este não é o caminho profissional trilhado por ele após seu regresso aos Estados Unidos no ano de 1900. Na verdade, Park empreendeu sem sucesso uma tentativa de atuar como professor universitário como aponta Matthews (*op. cit.* p. 57). Entre 1903 e 1904, ele e a família regressaram para as proximidades da cidade de Boston, e ele começou a lecionar filosofia em Harvard. Entretanto, sua inserção na universidade americana se dá como assistente sem vínculos (*assistant lecturer*). De acordo com Lyman (1992, p. xvi), Park teria trabalhado um ano como assistente de William James. Já outro biógrafo, Rolf Lindner (*op. cit.*), defende que Park nem chegou a lecionar em Harvard, e que sua função era a de uma espécie de tutor auxiliando os estudantes fora da sala de aula sem nenhum vínculo formal com a instituição.

Isso explicaria o fato de que sua atuação em Harvard não era remunerada, o que resultou em uma intervenção mais direta do sogro de Park em sua vida profissional quando este o apresentou a Albion Small (1854-1926), chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago. De acordo com Matthews (p. 57), o encontro ocorreu na casa de verão do pai de Clara, em Michigan no ano de 1904. Por intermédio do pai de Clara, o Sr. Cahill, que como já mencionado era um influente juiz da Suprema Corte de Michigan, Small convidou Park para lecionar na Universidade de Chicago no período de férias de verão como um período de experiência. Park recusou o convite e ainda não seria desta vez que ele se aproximaria da Universidade de Chicago.

Para tentar situar o contexto desta recusa, é preciso lembrar que como doutor em filosofia é provável que Park tenha sido convidado para lecionar cursos nesta área e é exatamente neste ano que seu amigo e ex-professor, John Dewey estava deixando o Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago, criado

em 1894, em razão de sérias disputas institucionais envolvendo a administração da instituição³².

Além dos problemas políticos do departamento de filosofia de Chicago, Park ao considerar o convite de Albion Small recusa uma oportunidade que não era exatamente de cargo de professor e sim, uma contratação por um período curto e determinado de tempo em caráter de experiência. Além disso, no ano de 1904, Park já estava comprometido com outro projeto para atuar na área de jornalismo como relações públicas de uma associação missionária na África, que tratarei aqui na sequência. Mas quaisquer que tenham sido as razões para declinar a proposta de Small, o fato é que Park aos 40 anos era um recém-doutor, sem experiência acadêmica e dependente do dinheiro e da influência de seu pai, Hiram, e seu sogro, o juiz Cahill.

Em 1903, Park iniciou suas atividades como agente de imprensa e relações públicas da *Congo Reform Association*, associação que estava sendo criada com a finalidade de combater os abusos do governo de Leopoldo II. De acordo com M'Bokolo (*In*: Ferro, 2004) que trata do período que antecede a independência do país africano em 1960, Leopoldo II, rei da Bélgica entre 1865 e 1909, mantinha o país africano como sua propriedade pessoal caracterizando um dos regimes mais brutais na colonização da África Central. Oficialmente, o Estado Independente do Congo havia sido reconhecido em 1885 na Conferência de Berlim e alguns meses depois Leopoldo II foi proclamado soberano “a título pessoal” graças a um arranjo político e jurídico realizado com o aval dos países europeus e dos Estados Unidos³³.

³² Ao se demitir da Universidade de Chicago Dewey começou a lecionar na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde permaneceu trabalhando até o ano de 1930, momento de sua aposentadoria.

³³ Ainda de acordo com M'Bokolo, o regime de dominação do Congo ajudou a moldar o colonialismo adotado na África Central. De caráter antiescravista, este modelo se baseava na eliminação das empresas privadas em detrimento do controle estatal, o monopólio de terras e o confisco da produção local por parte do Estado que controlava a exploração de marfim, o cultivo de especiarias e a fabricação da borracha. Este modelo seria adotado por outras nações europeias na região – França no Congo francês; Portugal em Angola; Alemanha em Camarões – por ser considerado um dos mais rentáveis. A ata geral da Conferência de Berlim assinada, em 1885, por Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Itália, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Rússia, Suécia, Império Otomano e Estados Unidos da América fornecia os parâmetros de dominação da África Central segundo diretrizes humanitárias e civilizadoras com base em um discurso religioso missionário antiescravista.

Esta nova guinada de Park para o trabalho como jornalista e relações públicas se deu por suas conexões com missionários religiosos. O encontro com o Thomas S. Barbour (1853-1915), secretário da *American Baptist Missionary Society* [Sociedade Americana Batista Missionária] sediada em Boston, logo o teria aproximado dos círculos de convivência de representantes de outras instituições missionárias protestantes, especialmente batistas e presbiterianas, atuando na África³⁴. São estas mesmas instituições que estavam formando a *Congo Reform Association* enquanto Park era o responsável por manter a questão do Congo na ordem do dia escrevendo artigos em jornais nos Estados Unidos, redigindo petições para congressistas, criando estratégias para conseguir o suporte da opinião pública de seu país para uma série de severas violações humanitárias que vinham ocorrendo no Congo belga como o extermínio em massa da população local³⁵.

Mas qual seria exatamente o interesse destas instituições? Para além das questões humanitárias e do altruísmo religioso, é possível compreender a atuação destes atores a partir de uma situação de disputas de missionários cristãos na África. Com o governo de Leopoldo II, da Bélgica, os missionários católicos começaram a ser privilegiados no Congo enquanto os missionários protestantes perdiam espaço e privilégios nos rumos da política daquele país³⁶.

Não deixa de ser interessante destacar que o movimento de protestos internacionais a que Park aderiu pregava a reforma do Congo³⁷ e não um processo

³⁴ Lyman (1992) chega a afirmar que Park teria co-fundado com Thomas Barbour a filial americana do grupo internacional de protesto pela reforma no Congo.

³⁵ No capítulo “Raça e Burocracia”, Hannah Arendt (2007[1949]) em seu livro *As origens do totalitarismo* ao defender que o imperialismo desenvolveu dois mecanismos de domínio dos povos estrangeiros: “a raça como princípio da estrutura política” e “a burocracia como princípio do domínio no exterior”, caracteriza a situação do Congo como um dos mais terríveis massacres da história que reduziu a população de 20 para 8 milhões de pessoas no espaço de duas décadas. Ainda de acordo com outras fontes citadas por Arendt, este extermínio pode ter atingido proporções ainda maiores com a diminuição da população de 40 para 8 milhões entre 1890 e 1911 (p. 215, 216).

³⁶ Sobre as relações de Leopoldo II com os missionários católicos ver o volume III – *A Era do Liberalismo* da coleção *História da Igreja de Lutero aos nossos dias* (Martina, 1996), especialmente o capítulo “A Igreja e o Regime Liberal”.

³⁷ Em suas notas autobiográficas, Park (1950, p. vii) reavalia esta experiência comentando que “enquanto eu estava fora de Boston [Harvard], tinha acabado de terminar minha tese de doutorado e tendo perdido a ambição de lecionar [...] eu fui convidado a me tornar secretário da Associação de Reforma do Congo. Naquele tempo havia relatos de grandes escândalos no Congo, e o secretário das missões estrangeiras batistas, Dr. Barbour, queria alguém para ajudá-lo a divulgar as atrocidades

mais amplo de mudança social com a descolonização daquele país como parte de uma crítica ao imperialismo das nações europeias com o apoio dos Estados Unidos. E esta vertente de ativismo político por reformas sociais de modelo capitalista liberal se fazia presente também nos meios acadêmicos e políticos formais, além dos religiosos.

Como veremos adiante, nos Estados Unidos, religião e sociologia se tornam muito próximas em termos institucionais nos nascentes departamentos das universidades americanas na virada do século XIX para o XX. Tal aproximação resulta nesta mesma vertente de pensamento sociológico e religioso chamado de “reforma social” que tem suas bases na mudança e melhoria da sociedade pela reforma do liberalismo e do próprio sistema em vigor, sem buscar a transformação radical da sociedade pela superação do modo de produção capitalista, como na perspectiva de “revolução” proposta por autores como Karl Marx³⁸.

Durante os dois anos em que Park trabalhou para a reforma do Congo, entre 1903 e 1905, ele nunca viajou ao continente africano e realizou a maior parte de suas atividades no escritório sediado em Boston. Mas é com seu trabalho nesta associação missionária na África que Park descobre o seu grande tema de pesquisa: as relações raciais e os contatos culturais, um dos grandes temas em voga neste período. É a partir daí que Park começou a construir também sua perspectiva para analisar estas questões baseada na compreensão da questão do negro na América como parte de um problema na África advindo da escravidão como processo histórico e da expansão colonialista empreendida pelas nações europeias.

Este seria um dos temas privilegiados de Park na sociologia que praticaria em Chicago anos mais tarde e também para seu projeto de estudos do qual Donald Pierson faria parte em suas pesquisas sobre o Brasil. A esta orientação histórica e

para que fosse preparado algum tipo de ação política que poderia assegurar a reforma. Eu não era, na época, muito favorável à ideia de missões, mas eu aceitei o emprego. Eventualmente, entretanto, eu me tornei genuinamente interessado. Eu descobri o que eu poderia ter aprendido antes – que as condições no Congo estavam mais ou menos da maneira que poderia se esperar [...] sempre que um povo sofisticado invade o território de um povo mais primitivo para explorar suas terras e, incidentalmente, para elevá-los e civilizá-los. Eu sabia o suficiente sobre civilização àquela época para saber que progresso, como mencionou James uma vez, é uma coisa terrível. É tão destrutivo e dispendioso.

³⁸ Para uma perspectiva histórica sobre o tema da reforma social nos Estados Unidos, cf. Axinn (1975).

comparativa a respeito das relações raciais soma-se a centralidade do processo educacional advindo da sua experiência em uma associação missionária. A relevância da questão da educação – herdada em parte do modelo missionário cristão protestante no qual Park chegou a atuar politicamente na reforma do Congo (e que em parte já estava presente no seu ambiente familiar no interior da igreja protestante) –, ia de encontro também às perspectivas intelectuais dos mentores de Park, tais como John Dewey, William James e George Simmel.

Ainda sobre a questão da educação, este seria também o ponto crucial da atuação política do ativista negro Booker T. Washington (1856-1915) que Park conheceu quando estava buscando apoio para a causa no Congo junto ao Congresso americano, em 1905. Booker Washington era protestante batista, filho de mãe escrava e pai branco, e trabalhava como educador e conselheiro político de importantes líderes na Casa Branca. A esta altura, em 1905, Booker Washington já era um dos líderes mais respeitados da comunidade afro-americana em seu país e atuava como conselheiro do Presidente Theodore Roosevelt (que ocupou o cargo entre 1901-1909), e mais tarde, do Presidente William Howard Taft (entre 1909-1913).

Washington havia criado o Tuskegee Institute, no estado de Alabama, em 1881³⁹, uma instituição com a finalidade de oferecer educação para o trabalho para os negros americanos contando com suporte de líderes políticos nacionais e com recursos advindos da filantropia, especialmente de associações religiosas batistas.

Em 1905, Washington estava empenhado em convencer o presidente Roosevelt a intervir na questão do Congo através de pressão política junto ao governo da Bélgica. E o interesse de Park, além do apoio político de Washington, era criar no Congo uma instituição educacional inspirada na iniciativa do Tuskegee. Cada vez mais próximo de Washington, Park se desligou de suas funções na associação para a reforma no Congo e começou a trabalhar diretamente para Booker Washington.

Até então, Park nunca tinha pisado no continente africano, feito que só realizaria na década de 1930, após sua aposentadoria na Universidade de Chicago, na sua viagem que inclui também o Brasil como destino. Mas seu contato com o

³⁹ Para a história da instituição, ver http://www.tuskegee.edu/about_us/history_and_mission.aspx

tema das relações raciais se deu neste momento com a realização de uma série de pesquisas sobre os negros no sul dos Estados Unidos em suas atividades no Instituto Tuskegee. Por sete anos Park trabalhou com Washington ocupando diferentes posições no Instituto. Primeiro como assistente direto de Washington, depois como relações públicas, pesquisador e escritor.

Entre as suas incursões de pesquisa, além daquelas realizadas no sul dos EUA, está a viagem que Park e Washington empreenderam juntos pela Europa – Inglaterra, Escócia, Alemanha, Áustria, Hungria, Itália, Polônia e Dinamarca. Os resultados desta investigação que trata da comparação entre os trabalhadores das cidades europeias e os negros no meio urbano nos Estados Unidos seriam mais tarde sistematizados no livro *The man farthest down: A Record of Observation and Study in Europe*, publicado em 1912. Embora o livro tenha a autoria indicada de ambos, é redigido em primeira pessoa na forma de uma autobiografia de Booker T. Washington.

Aliás, a questão da autoria não foi um tema de menor importância para Park na sua relação com Booker Washington. De acordo com as próprias cartas de Park apresentadas por Lindner (data, p. 45), este foi um dos elementos que culminaram no seu afastamento do Instituto Tuskegee e no rompimento das relações de trabalho com Booker Washington, exatamente em 1912, ano de publicação de *The man farthest down*, obra em que Park teria sido o principal escritor embora tenha aparecido como uma figura secundária ofuscada por Washington. Estas mesmas cartas revelam que este não teria sido um caso isolado, já que Park era o *ghost writer* de Washington, ou seja, muitos dos trabalhos de autoria indicada de Booker Washington foram escritos na verdade por Robert Park⁴⁰.

Do ponto de vista da trajetória de Park isso representa o afastamento de sua militância com Booker Washington e a sua aproximação da Universidade de Chicago. O segundo convite para lecionar na instituição ocorreu exatamente em 1912, e desta vez contando com o aceite de Park. Entretanto, é difícil compreender o contexto desta segunda oferta de trabalho de maneira desconectada da atuação política de Park com Washington.

⁴⁰ Para mais detalhes a respeito do rompimento de Park e Washington, ver Lindner (*op. cit.*, p. 45).

Este momento é marcado pelo acirramento das disputas políticas entre dois militantes negros, Booker T. Washington e William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963). De acordo com Gibson (2005) ⁴¹, estes personagens representam as duas vertentes principais que tratavam do problema do negro nos Estados Unidos, durante 1895 e 1915. Em termos históricos, Booker T. Washington antecede W. E. B. Du Bois como militante, e a postura política do primeiro estava alicerçada na ideia de que a melhoria das condições de vida dos negros na sociedade americana se daria através da educação com a finalidade de inserção no mundo do trabalho. Já a postura de Du Bois rivaliza com Washington no sentido de defender que os negros não poderiam conquistar equidade em relação aos brancos somente pelo trabalho, e, defendia a educação acadêmica (incluindo artes e ciências) como mais importante do que a educação estrita para preparar o trabalhador para as atividades do comércio ou da indústria.

No interior destas disputas, a iniciativa de Washington na organização da Conferência Internacional do Negro em Tuskegee de 1912 teria sido uma resposta ao Congresso Internacional de Raças de Londres, organizado por Du Bois no ano anterior⁴². Inicialmente, Park estava à frente da organização da Conferência em Tuskegee que, de acordo com os documentos da época e relatos do próprio Park⁴³, teve como principal questão a educação para os negros na América e na África. Entre os participantes da Conferência estavam membros de dezoito países e vinte e cinco associações missionárias representando doze diferentes religiões. A própria divisão das sessões de trabalhos nos três dias do evento nos fornece um indicativo do teor das discussões: “Condições”, “Missões” e “Métodos”.

⁴¹ Gibson, Robert A. “Booker T. Washington and W.E.B. DuBois: The Problem of Negro Leadership.” Yale New Haven Teachers Institute. 28 Oct 2005. Disponível em <http://www.yale.edu/ynhti/curriculum/units/1978/2/78.02.02.x.html>

⁴² Para a informação a respeito da realização dos dois eventos, e para um contraste das perspectivas teóricas de Park em relação a Washington e Du Bois, ver Matthews (*op. cit.*, p. 77).

⁴³ A transcrição do discurso de abertura da Conferência proferido por Washington pode ser encontrada em <http://btwsociety.org/library/speeches/07.php> como parte dos documentos da BTW Society. É importante notar que Park escreveu um relato detalhado sobre a Conferência que foi publicado no periódico *The Journal of Race Development* no ano de 1912, mas seu nome indica apenas sua filiação institucional como ex-secretário da Associação pela Reforma do Congo sem mencionar suas ligações com o Tukesgee. O referido artigo pode ser consultado em <http://www.jstor.org/stable/29737946?seq=1>

Park foi um dos organizadores do evento, embora seu nome não apareça nos documentos sobre a Conferência provavelmente por divergências com Booker Washington.

Na lista de palestrantes do meio acadêmico estava o professor de sociologia da Universidade de Chicago, William I. Thomas (1863-1947). Thomas havia integrado o Departamento de Sociologia e Antropologia de Chicago logo em seus primeiros anos de atividades, em 1894, lecionando as duas disciplinas. A esta altura ele ainda estava preparando o seu *The Polish Peasant in Europe and America* [O Camponês Polonês na Europa e na América] em co-autoria com Florian Znaniecki (1882-1958)– trabalho sobre imigrantes que se tornaria um marco da sociologia americana.

O contato entre Robert Park e William I. Thomas durante a Conferência Internacional do Negro em Tuskegee, em 1912, apesar de curto revelou uma grande proximidade entre ambos os pesquisadores. Thomas também tinha formação religiosa e ligações com instituições protestantes. Filho de ministro metodista, ele foi criado no estado do Tennessee e, assim como Park, havia estudado em universidades alemãs entre 1888 e 1889. Na Alemanha, Thomas estudou com o filósofo Wilhelm Wundt (1832-1920)⁴⁴, considerado um dos fundadores da psicologia moderna ao lado de William James, e também se especializou em etnologia e ciências sociais.

Vale lembrar que a questão comparativa do camponês na Europa e América, o tema central de Thomas neste momento, também era uma das preocupações de Park na recém-realizada viagem com Booker T. Washington. Além disso, esta aproximação com Thomas renderia para Park nos seus anos seguintes em Chicago novas perspectivas metodológicas de aproximação com a antropologia, de primazia ao tratamento de dados empíricos, e a construção de pesquisa com base em relatos de história de vida e outras perspectivas desenvolvidas na Psicologia.

Para Park, o principal resultado político da Conferência Internacional do Negro em Tuskegee foi a sua aproximação com William I. Thomas e o decorrente convite para proferir uma série de palestras sobre o negro na América na Universidade de Chicago, em 1913. A partir deste convite, Park iniciou suas atividades como docente e pesquisador na mesma instituição, no ano seguinte, em

⁴⁴ Saulo de Freitas Araújo (2009) ao comentar a escassez de trabalhos sobre a obra de Wundt, que se caracteriza como “psicologia científica” e fundamenta no estudo da “experiência”, defende a inseparável relação entre a filosofia e a psicologia no pensamento deste autor.

1914. Primeiro, ele atuou como professor assistente sem relações de trabalho mais estáveis e, a partir de 1923, assumiu o status de *full professor* com plenas responsabilidades de pesquisa e vínculos duradouros com a universidade.

Isso significa que Park estabeleceu ligações com a Universidade de Chicago quando ele já estava com 50 anos de idade e já havia construído uma carreira como jornalista, relações públicas, escritor e pesquisador. Mas o fato de ter começado a lecionar tardiamente não impediu que ele desenvolvesse uma carreira acadêmica relativamente longa por vinte anos, até o momento de sua aposentadoria formal da daquela universidade, em 1934. Ainda que o nome de Park seja recorrentemente ligado à criação das bases teóricas, conceituais e metodológicas de uma sociologia urbana, seus primeiros cursos na Universidade de Chicago tratavam de “questões raciais” (*lecturer in racial affairs*).

Estas informações sobre a atuação de Park no início de suas atividades em Chicago revelam muito a respeito do seu lugar na instituição. A transição do cargo de relações públicas de Booker Washington em Tuskegee para o cargo de professor na Universidade de Chicago não ocorreu exatamente por sua experiência como docente ou pesquisador. Muito embora já fosse um intelectual maduro, e com uma formação exemplar em excelentes universidades americanas e europeias, Park tinha em seu currículo apenas a experiência de Harvard, sendo que, como aponta Rolf Lindner (1996), ele não havia lecionado de fato naquela instituição, tendo apenas atuado como assistente de William James.

O convite de William Thomas para a inserção de Park em Chicago contou com o apoio de Albion Small (o mesmo que havia feito o primeiro convite a Park por intermédio de seu sogro alguns anos antes). No início, Park começou a lecionar por seis meses na instituição, com metade das atividades concentradas na docência e a outra metade concentrada na realização de “pesquisas empíricas”. Já em seu primeiro curso “O negro na América” o tema das relações raciais e dos conflitos raciais se mostraram presentes de modo que o interesse da instituição no perfil profissional de Park se justificava por sua atuação anterior como escritor e ativista na área de relações raciais.

O fato de Park assumir sua posição em Chicago ainda o aproximava de seu antigo professor, Dewey. Em 1894, Dewey havia começado a lecionar na

Universidade de Chicago onde aceitou o convite para chefiar o Departamento de Filosofia, após ter conhecido o sociólogo George Herbert Mead (1863–1931) quando ambos eram professores do Departamento de Filosofia na Universidade de Michigan⁴⁵. Em Chicago, Dewey havia criado o Departamento de Pedagogia, antes de se transferir para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque no ano de 1905⁴⁶.

Do mesmo modo, estas convergências indicam a proximidade dos trabalhos em desenvolvimento em diferentes departamentos da Universidade de Chicago, em especial, o de Filosofia, Psicologia e Sociologia – sendo que quando Park começou a lecionar na instituição, as áreas de sociologia e antropologia faziam parte de um único departamento. Nesta época, o Departamento de Sociologia e Antropologia tinha nomes como os de William Thomas, George Albion Small, o próprio Herbert Mead e Florian Znaniecki atuando no estudo das interações sociais com forte ênfase nas discussões com base na psicologia.

Tais convergências não dizem respeito somente à atuação institucional desses autores. Vale lembrar que entre os trabalhos mais importantes de Dewey estão aqueles com ênfase na filosofia da educação que expressam seu posicionamento político em prol da chamada educação progressista. As bases desta atuação em defesa da importância do papel da educação como processo social seriam visíveis em uma série de projetos no qual Park se envolveria em sua carreira, como o ativismo em defesa do ensino para os negros nos Estados Unidos ainda em seu período em Chicago e, posteriormente, na Universidade de Fisk.

Esta mesma linha mais tarde serviria de orientação para o projeto pedagógico de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Como tratarei bem mais adiante, da perspectiva brasileira, Dewey foi a grande

⁴⁵ Sobre o encontro de Mead e Dewey, ver Cornelis Waal (2007).

⁴⁶ Apesar de Dewey já estar em Columbia quando Park começou a lecionar em Chicago, o caminho de Park se tornava cada vez mais próximo dos passos de seu professor. Estes caminhos cruzados revelam a partilha e a construção de um universo intelectual relativamente comum que tem Michigan como um primeiro momento e depois Chicago como ponto de convergência. O mesmo Mead que havia anteriormente convidado Dewey para lecionar em Chicago estava se transferindo para o Departamento de Sociologia da mesma instituição. Mead, assim como Park e Dewey, também fora estudante do filósofo William James. E na Alemanha, Mead havia estudado com o psicólogo Wilhelm Wundt, assim como Park. Informações biográficas de Dewey podem ser consultadas na Universidade de Columbia nos documentos em homenagem ao professor daquela instituição http://c250.columbia.edu/c250_celebrates/remarkable_c Columbians/john_dewey.html

inspiração para o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira (1900 – 1971) , na década de 1930, uma das bases para a criação da ELSP. Mas antes de abordar os desdobramentos das teorias de Dewey no período em que Pierson estava no Brasil, tratarei a seguir do encontro entre Park e Pierson e a formação do projeto intelectual do professor na Universidade, cujas bases foram apresentadas até aqui.

1.2. Pierson na Escola de Chicago: *A formação de uma sociologia noir*

De todos os contextos estudados por Donald Pierson no Brasil – os terreiros de candomblé em Salvador, as ruas da cidade do centro de São Paulo, os bairros de imigrantes italianos do Brás e da Mooca na capital paulista, os vilarejos caipiras nos arredores de São Paulo e os povoados às margens do rio São Francisco – os contextos rurais parecem os mais aproximados de seu universo cultural. Ou, ao menos, eles eram os equivalentes mais próximos no Brasil do mundo no qual Pierson fora educado nos Estados Unidos.

De acordo com Vila Nova (1998), antes de ingressar na Universidade de Chicago em junho de 1927, aos 27 anos, Donald Pierson havia passado praticamente toda a sua vida na zona rural do estado do Kansas, onde seu pai trabalhava como empregado em uma fazenda. Pierson era o filho mais velho de uma família formada pela mãe, Ada May (Brown) Pierson, o pai, William Gilbert Pierson, e o casal de irmãos mais jovens, Gladys Ethel (1907-?) e Paul Keith (1913-?).

Com relação à educação formal, ele só completou seus estudos tardiamente devido a um período longo em que ele deixou de frequentar a escola na adolescência para trabalhar e contribuir financeiramente para o sustento de sua família. Apenas em 1922, às vésperas de completar 22 anos, é que Pierson se mudou do campo para a cidade de Emporia, no Kansas, vizinha à sua cidade natal, para cursar os dois últimos anos da *high school*, o equivalente ao ensino médio, que em geral é iniciado nos Estados Unidos por volta dos 14 anos. Até então, sua educação havia se dado por intermédio de sua mãe e da igreja (idem, p. 31).

As escolhas religiosas da família de Pierson explicam em parte o seu perfil. De acordo com os próprios depoimentos de Pierson cedidos à Vila Nova, seus pais eram filhos de imigrantes católicos ingleses conhecidos como Quaker, grupos religiosos cristãos que se formaram na Inglaterra no século XVII em resposta à igreja anglicana. Em conflito com outros grupos protestantes, os Quaker defendiam uma rígida disciplina individual baseada em preceitos de castidade e pureza,

reclusão, recusa de acumulação de riquezas, filantropia, caridade e um tipo de vida muito austera. Muitos dos Quaker foram perseguidos e expulsos da Europa migrando para os Estados Unidos, especialmente para a região da Pensilvânia (ABBOTT, 2011)⁴⁷.

Nos Estados Unidos, os Quaker se organizaram em comunidades rurais mantendo seu modo de vida de reclusão. Na América, muitos dos seus líderes, incluindo o avô materno de Pierson⁴⁸, mantiveram um tipo de postura ligada à filantropia e à reforma social, opondo-se à escravidão. Após a Guerra Civil (1861–1865), os Quaker se destacaram na luta dos direitos das mulheres e na participação de movimentos para prover educação e trabalho para ex-escravos recém libertos. Seguidores de uma perspectiva pacifista e que pregava a tolerância, os Quaker historicamente também se engajaram em ações de suporte e defesa dos índios americanos (Abbott, 2011).

Ainda que Pierson tenha sido criado em uma família considerada branca em termos étnico-raciais, alguns elementos (como a localização geográfica no meio-oeste americano, a infância na zona rural, a família vivendo em situação de pobreza, a interrupção de seus estudos no nível fundamental para ter que trabalhar e ajudar no sustento da casa) aproximam o universo social no qual ele cresceu de uma categoria chamada pejorativamente nos Estados Unidos de “white trash”, termo que literalmente significa “lixo branco”, historicamente usado para se referir de maneira ofensiva aos “brancos” de classe social mais baixa, especialmente, vivendo nas primeiras décadas do século XX no sul e meio-oeste dos EUA, regiões com as mais elevadas taxas de pobreza do país⁴⁹.

Se procuramos situar Pierson em relação às classificações sociais de seu

⁴⁷ Em reação à perseguição exercida pelo Rei Carlos II na Inglaterra, os Quakers emigraram em massa para os Estados Unidos em 1681 onde criaram, sob a liderança de William Penn, a colônia da Pensilvânia que leva este nome em sua homenagem. Sobre a história dos Quakers nos Estados Unidos, também chamados de *Friends*, ver Abbott (2011).

⁴⁸ Na série de depoimentos concedidos à Vila Nova, Pierson apenas cita o passado de seu avô afirmando que na época os mais jovens não sabiam exatamente o que isso significava.

⁴⁹ O termo “white trash” é ainda hoje conhecido nos EUA. Sua origem remonta os tempos da escravidão em que a designação era utilizada para diferenciar os brancos ricos do sul, senhores de escravos, e os brancos empregados mais pobres que trabalhavam no campo. A antropóloga de Columbia, Zora Neale Hurston, contemporânea de Pierson estava fazendo pesquisas sobre este tema neste momento. Sobre esta categoria há uma extensa quantidade de trabalhos com trabalhos desenvolvidos na Sociologia que tratam de mobilidade social, casamento entre brancos e negros, etc. Para conceituar o período em questão no contexto de comunidades rurais, ver o recente trabalho *Not Quite White: White Trash and the Boundaries of Whiteness* (Wray, 2006).

tempo e lugar, o meio-oeste americano dos anos de 1920 e 1930, veremos que mesmo a sua definição como branco comporta complexas nuances em que elementos de classificações raciais, geográficos, culturais e econômicos fazem parte de um sistema em que alguns brancos estão mais próximos, em termos de hierarquia social, de grupos como os imigrantes, ou ainda dos negros americanos descendentes de escravos africanos.

Se a sociedade americana neste momento, sobretudo em algumas regiões, é marcada por uma forte divisão social entre brancos e negros apoiada por um aparato legal de segregação racial, este sistema também comporta elementos de diferenciação entre os próprios brancos. Nesta hierarquia, brancos e negros são vistos como diferentes inclusive em termos legais, mas, do mesmo modo, nem todos os brancos são iguais. Alguns, devido a uma série de características que designam condições econômicas mais precárias para a época, são identificados socialmente como uma espécie de brancos de segunda classe, ou até mesmo de escória, lixo entre os brancos.

Mas, a despeito do lugar social de Pierson – que expressa inclusive dificuldades de acesso ao sistema educacional formal –, ele ingressou no ensino superior graças a uma bolsa de estudos. Como relata em seu depoimento à Vila Nova (idem), recebeu uma bolsa de estudos do *College of Emporia*, na cidade do Kansas, por ter alcançado as notas mais altas em sua turma enquanto cursava a *high school* na forma de “colégio normal”, ou seja, o ensino médio profissionalizante para formar professores em nível de alfabetização.

Mais detalhes sobre este período podem ser encontrados na súmula curricular de Pierson enviada anos mais tarde à Escola de Sociologia e Política⁵⁰, em São Paulo. Consta neste documento que Pierson conclui o curso de graduação no Kansas no ano de 1927, então com 27 anos. Em quatro anos como bolsista naquela faculdade, concluiu o bacharelado (*Bachelor of Arts*) com *major* em Psicologia e Literatura Inglesa e *minor* em História no College of Emporia, no

⁵⁰ A súmula curricular se encontra nos arquivos da Fundação Escola de Sociologia e Política, CEDOC, Pasta Donald Pierson.

Kansas. O que equivale à graduação majoritariamente em Literatura Inglesa e Psicologia, com formação secundária em História⁵¹.

⁵¹ No sistema americano de ensino o *Bachelor of Arts* equivale aos cursos na área de humanidades. O que no Brasil equivale ao curso de graduação é chamado nos EUA de *undergraduate* e *graduate* equivale a nossa pós-graduação. A *undergraduate school* é geralmente cursada em quatro anos divididos em dois períodos, no primeiro, de dois anos, cursa-se um número mínimo de matérias de um currículo relativamente comum chamado de *minor*, depois, no segundo período, o aluno opta pela ênfase em determinadas áreas, o que lhe confere seu título de bacharelado, também chamado de *major*. Em geral se opta por cursar apenas um *major*.

CURRICULUM VITAE

DONALD PIERSON

Sociólogo-pesquisador, antropólogo social. Nasceu em Indianapolis, Indiana, 8 de setembro de 1900. Casou-se com Helen Joy Hatchelor, 12 de junho de 1929.

Educação:

A.B. ("Bachelor of Arts"), College of Emporia, 1927, com especialização em Psicologia, História e Literatura
M.A. ("Master of Arts"), Universidade de Chicago, 1933
"Fellow" Charles Richmond Henderson, Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, 1934-35
Ph.D. ("Doctor of Philosophy"), Universidade de Chicago, 1939, com especialização em Sociologia e Antropologia Social

Carreira profissional:

"Research Assistant", da Comissão de Pesquisas de Ciência Social, da Universidade de Chicago, 1935-37, encarregado com uma pesquisa na Bahia, Brasil

"Research Associate", da Universidade de Fisk, 1937-39, como associado do Prof. Robert E. Park quanto a um seminário sobre "Raça e Cultura" e o preparo de teses de Mestrado

Professor de Sociologia e de Antropologia Social, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, Brasil, 1939-59

Antropólogo, e Diretor do programa (no Brasil) de pesquisas e de preparo de pesquisadores, do Instituto de Antropologia Social, da "Smithsonian Institution" (em colaboração com a E. de S. e P.), 1945-52

Diretor do Departamento de Sociologia e Antropologia Social (E. de S. e P.), 1940-41

Organizador, e primeiro "Decano", da Divisão de Estudos Pós-graduados, E. de S. e P., 1941-57

Diretor (com Prof. Ozaey Nogueira), da revista, Sociologia (São Paulo), 1950-57

Diretor, da "Biblioteca de Ciências Sociais" (série de livros), São Paulo, 1945-55

Professor Visitante, do Programa Inter-americano de Preparo Pós-graduado nas Ciências Sociais, da OEA (Organização dos Estados Americanos), 1960, 1961

"Guggenheim Fellow", encarregado com pesquisas em Portugal e Espanha, 1963-64

"Fulbright Lecturer to Portugal", Lisboa, 1966

"Fellow"

"Fellow" da Associação Norte-americana de Antropologia

"Fellow" da Associação Norte-americana de Sociologia (1959-)

Figura 1
Súmula curricular de Donald Pierson
CEDOC/FESPSP/Pasta Donald Pierson

Ainda que não disponha de maiores informações sobre as motivações e as condições que levaram Pierson a cursar a pós-graduação na Universidade de Chicago, é possível especular que o casamento com Helen Batchelor muito contribuiu para tal escolha. Helen, como indicam as suas cartas e depoimentos a Vila Nova (1998, p. 32), fazia parte de uma família com mais recursos financeiros, e quando seus pais se mudaram para outra cidade para que seu irmão estudasse engenharia, Pierson passou a visitá-la regularmente forçando-se a se deslocar do local em que viviam para a cidade de Manhattan, também no estado do Kansas.

Pierson conheceu Helen em uma reunião da igreja presbiteriana em Emporia enquanto cursavam juntos a *high school* no ano de 1922; ele estava então com 22 anos e ela com 16. Ainda em carta à Vila Nova (idem, p. 32) Pierson faz referência ao trabalho da esposa como professora de colégio trabalhando na *High School* da cidade de Lebanon, mas não cita sua formação específica. O que sabemos é que ela concluiu a graduação, em 1927, no *Kansas State Agricultural College*, que mais tarde se tornaria *Kansas State University*.

Sobre Helen Batchelor Pierson há pouquíssimas informações disponíveis. Mesmo as informações sobre as datas de seu nascimento e morte aqui apresentadas foram extraídas de uma curta nota de falecimento publicada em um jornal local da Florida com notícias sobre Leesburg, pequena cidade da região metropolitana de Orlando, última residência dos Pierson⁵². De acordo com a nota,⁵³ Helen faleceu em 1994, um ano antes que Pierson.

⁵² Na busca de dados sobre os últimos anos da vida de Pierson e Helen, contei com a gentil ajuda do professor Esdras Borges, aluno brasileiro de Pierson e integrante do projeto do Vale do São Francisco. Esdras forneceu informações sobre o período dos Pierson na Flórida quando visitou o casal nos Estados Unidos que foram fontes valiosas para a busca pelos obituários do casal. O fato dos Pierson terem se mudado para esta região no final da vida explica em parte a razão pela qual os seus documentos de pesquisa terem sido doados para a Universidade da Flórida. Em minha visita ao acervo da Flórida os responsáveis pelo recebimento dos materiais e a catalogação (que foi feita sob a supervisão de Pierson) não souberam informar como ocorreu a negociação para a transferência dos documentos à instituição. De qualquer modo, o antropólogo americano Charles Wagley (1937-1965), amigo de Pierson que também trabalhou no Brasil desenvolvendo estudos em comunidades amazônicas lecionava na Universidade da Flórida na década de 1980. É possível que Wagley tenha intermediado a transferência dos documentos de Pierson para a Universidade da Flórida, que também mantém a guarda dos documentos de Wagley incluindo cartas, fotografias e cadernos de campo como parte da coleção sobre América Latina.

⁵³ Nota publicada em 7 de março de 1994 no jornal *Orlando Sentinel*, Caderno Local. A versão consultada online do banco de dados do jornal não indica o número da página do jornal impresso em que o texto foi veiculado. Para a versão online contendo o resultado da busca, consultar:

<http://articles.orlandosentinel.com/keyword/batchelor>
http://articles.orlandosentinel.com/1994-03-07/news/9403070104_1_dean-batchelor-leesburg-harold-r

Helen Joy Batchelor Pierson, 88, [residente à] 460 Newell Hill Road, Leesburg, morreu no sábado, 5 de março. Sra. Pierson, aposentada, era assistente de pesquisa social e secretária. Nascida em Lindsborg, Kansas, ela se mudou para a Flórida Central, em 1978. Ela era membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Leesburg. Deixa: marido, Donald; irmãos, Dean Batchelor, [residente em] Woodland Hills, Califórnia; Harold R. Batchelor, [residente em] Mount Baldy, Califórnia. Casa Funerária Beyers, Leesburg.

Sua função de “assistente de pesquisa social e secretária” do marido é indicada em trabalhos posteriores publicados por Pierson como a pesquisa sobre Cruz das Almas, realizada em seu período em São Paulo na década de 1940 ⁵⁴. Nesta publicação e em outras cartas, Pierson ao se referir a Helen utiliza o último nome de solteira, Batchelor, excluindo o último nome do casal. Mariza Corrêa ao comentar a relevância do trabalho de Helen como assistente de Pierson lista entre suas atividades: datilografar documentos, ministrar aulas de inglês na ELSP, selecionar material de leitura para os alunos, realizar levantamentos para as pesquisas de campo, preparar questionários juntamente com os alunos de Pierson (Corrêa, 2003, p. 23).

Durante o período universitário, o convívio do casal esteve marcado pelas atividades promovidas pelas associações YMCA (Young Men’s Christian Association) e a YWCA (Young Women’s Christian Association), às quais as duas instituições de ensino no Kansas, onde estudavam, eram ligadas. Pierson e Helen concluíram a faculdade juntos, em 1927, e se casaram em 1929.

A atuação religiosa de Pierson é um elemento que não pode ser menosprezado também para explicar sua inserção na vida acadêmica. A convivência nos círculos religiosos também explica como Pierson vindo de um meio familiar de limitados recursos financeiros conseguiu dar continuidade à sua formação universitária, ocorrida em um dos períodos de maior crise econômica nos Estados Unidos, a Grande Depressão, após a crise de 1929. Assim como outros alunos de Chicago, Pierson conseguiu ingressar no meio universitário graças a uma rede de contatos propiciada pela vida religiosa. Neste sentido, o perfil de Pierson estava em consonância com uma série de outros alunos pobres, negros, brancos e

⁵⁴ No Brasil, Helen Batchelor seria assistente de pesquisa de Pierson, sendo inclusive apontada como autora secundária na pesquisa de Cruz das Almas, juntamente com Lévi-Cruz, Mirtes Brandão Lopes e Carlos Borges Teixeira.

descendentes de imigrantes saídos de áreas não urbanas que ingressaram em Chicago nesta mesma época⁵⁵.

Fundada em 1890, a Universidade de Chicago⁵⁶ começou a funcionar no ano de 1892 e, sob a direção do ex-ministro batista, teólogo e sociólogo Albion W. Small (1854–1926), o departamento de sociologia inaugurou suas atividades ainda em 1892. Criada como uma escola privada de ensino e pesquisa pela Sociedade de Educação Batista Americana [*American Baptist Education Society*], a universidade contou desde sua criação com substanciais recursos financeiros da família Rockefeller – graças à filantropia do empresário do petróleo e fundador da *Standard Oil Company*, John Davison Rockefeller (1839–1937).

Tanto o papel da filantropia, com os recursos da instituição Rockefeller, quanto os vínculos com a igreja batista, somados ao próprio contexto da cidade de Chicago – que neste momento se tornava uma das maiores metrópoles dos EUA – contribuem para conformar o perfil da instituição. Deste perfil, destaca-se a colaboração estreita entre antropologia e sociologia, que apenas se constituiriam como departamentos autônomos no ano de 1929. E também o nascimento de um tipo de sociologia muito ligada à intervenção na vida social com orientação de fundo religioso, definida por alguns analistas como um tipo de sociologia voltada para a “reforma social”, ou seja, uma sociologia com propósitos de caráter empírico que procurava intervir diretamente nos problemas sociais em busca de melhorias.

Mas Pierson não teve como primeiro destino o Departamento de

⁵⁵⁵⁵ Helen Batchelor parece ter contribuído para o sustento do marido no período do casal em Chicago, quando trabalhava como professora. Convém lembrar que a Universidade de Chicago é uma instituição privada, isto significa dizer que ele precisava pagar pelo curso de mestrado uma taxa anual chamada de *tuition* e receber uma bolsa significa que ele não precisaria pagar essa taxa, mas não significa dizer que essa quantia de dinheiro ajudava no sustento da casa. Sabemos também que no período no mestrado, ele trabalha na cantina da Universidade para complementar o orçamento doméstico.

⁵⁶ A Universidade de Chicago desempenha um proeminente papel no interior das ciências sociais em um momento em que a disciplina era uma novidade entre as áreas do conhecimento acadêmico. No final do século XIX, apenas alguns centros nos EUA se dedicavam ao ensino da matéria. Mesmo na Europa, Durkheim funda na Universidade de Bordeaux a primeira cadeira de sociologia no ensino superior francês em 1895, três anos depois de Chicago. Em termos históricos, nos EUA, apenas a Yale e a Universidade do Kansas precedem à Universidade de Chicago no ensino de sociologia. Em Yale, William Graham Summer começa a ministrar sociologia independentemente de um departamento organizado na área, no ano de 1875. E a Universidade do Kansas cria um departamento misto de história e sociologia, um ano antes de Chicago. Para este período de formação, cf. Hinkle (1994). Neste contexto, na passagem do século XIX para o XX, a Universidade de Chicago já se configurava como um dos principais (entre os poucos) centros da sociologia norte-americana.

Antropologia ou Sociologia da Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago. De acordo com o currículo apresentado à ELSP alguns anos mais tarde, após completar a titulação do bacharelado em 1927, ele ingressou como aluno de pós-graduação no Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago no mesmo ano, onde permaneceu até 1931. É somente neste ano em que ele transferiu sua pesquisa para o Departamento de Sociologia da mesma universidade obtendo a titulação de mestre em 1933. A explicação por parte do próprio Pierson é a de que a mudança de curso teria se dado devido a problemas internos na Filosofia que quase levaram a dissolução do departamento, em 1931.

O fato de ter se graduado em Psicologia, com formação em História, e de ter ingressado inicialmente no mestrado em Filosofia, explica em parte a escolha do tema de seu mestrado sobre moda, especificamente sobre o hábito masculino de usar barba, bigode, cavanhaque na história americana. Trata-se do trabalho *A study of fashion movement as reflected in beard patterns* [Um estudo das mudanças da moda refletidas nos padrões de barba].

1024093

Chapter	Page
I. THE PROJECT	1
II. THE PROCEDURE	6
III. FINDINGS	12
IV. CONCLUSIONS STATED AS HYPOTHESES	47
Supplements	
I. CURRENT COUNTS IN CHICAGO, CINCINNATI, AND LOS ANGELES	53
II. EARLIER PATTERNS IN GERMANY, FRANCE, ITALY AND ENGLAND	59
BIBLIOGRAPHY	64

111

Figura 2
Capa e Sumário da Dissertação de Donald Pierson
Biblioteca da Universidade de Chicago

Dividida em quatro capítulos, a dissertação apresenta uma breve introdução, descrita como “o projeto”; um curto capítulo teórico chamado de “procedimentos”; a parte principal do trabalho, “resultados” e, por fim, as “conclusões delineadas como hipóteses”⁵⁷. Neste trabalho as referências bibliográficas se apresentam de modo econômico, entre os poucos autores citados ao longo do texto estão, A. L. Kroeber, Stuart Chapin, Gabriel Tarde, Charles Cooley, Robert Park e Ernest Burgess, com ênfase em uma série de trabalhos de Kroeber não publicados sobre o tema *The study of cultural phenomena*. Se um traço definidor das pesquisas de Chicago neste momento era a realização de “pesquisas empíricas”, este trabalho de Pierson não segue o modelo de temas consagrados no interior do que, posteriormente, ficou conhecida como a Escola de Chicago, embora não se afaste completamente da pauta da Escola: trata-se de pensar comportamentos nas ruas, com o auxílio de pesquisa histórica.

O trabalho se aproxima mais das reflexões de Georg Simmel, ex-professor de Park, mas que, em nenhum momento é indicado como uma referência explícita. Ao tratar das relações entre moda e Psicologia nos Estados Unidos, Pierson tece observações comparando levantamentos realizados em Chicago, Los Angeles e Cincinnati sobre os costumes masculinos nas ruas dessas cidades. Observações realizadas por ele nos bairros das três cidades citadas são comparadas através de revistas de época com os hábitos e padrões de moda europeus mais antigos, especialmente Alemanha, França, Itália e Inglaterra.

O tema da moda, e dos hábitos masculinos de ornamentos faciais, não seria mais retomado como objeto das investigações de Pierson após a defesa de seu mestrado, 1933, momento em que ele se aproximou de Robert Park. Este encontro marca um importante momento na carreira de ambos, professor e aluno. Para Pierson, representou o início da busca por novas frentes de pesquisa e importantes viagens. Para Park, significou o princípio de uma parceria intelectual valiosa para seu projeto comparado sobre as relações raciais.

No momento em que se aproximam, Pierson estava com 33 anos e Park com 69 anos. É difícil afirmar se eles haviam se conhecido antes, mas o fato é que nesse

⁵⁷ Chama atenção o fato de que a versão consultada na biblioteca da Universidade de Chicago não apresenta nenhuma indicação sobre o orientador deste primeiro trabalho de Pierson. Tampouco os documentos consultados sobre os mestrados lá defendidos nesta época fornecem qualquer pista a este respeito.

período começaram a trabalhar juntos. Enquanto Pierson estava à procura de um tema de pesquisa para seu doutorado, Park estava no auge de sua carreira. Em 1925, ele havia sido presidente da ASA (*American Sociological Association*), a mais importante das associações de área naquele momento, o que indicava seu reconhecimento em termos institucionais na sociologia norte-americana⁵⁸.

Este encontro aconteceu em um ambiente intelectual no qual Park já figurava como uma importante liderança acadêmica a frente da “Escola de Chicago” – que, como mencionado anteriormente, teve seu auge entre as décadas de 1910 e 1940. A formulação de uma perspectiva comparada para os estudos de relações raciais constitui a tônica das preocupações de Park nesse momento, embora o plano se insinue antes, nos primeiros trabalhos de investigação iniciados ainda em seu período de formação na Europa.

Já nos primeiros anos de Park em Chicago, ele deu continuidade aos seus trabalhos sobre relações raciais ampliando esta questão para os estudos urbanos. Foi exatamente na segunda metade dos anos de 1910 e a década de 1920 que o Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago atingiu seu período áureo com a coordenação de Robert Park e Ernest Burgess (1886-1966) trabalhando conjuntamente depois que estes este último se integrou ao departamento em 1916.

Ainda que o processo de nomeação do que ficou conhecido como a “Escola de Chicago” tenha se dado de maneira muito recente na história da disciplina, esta passou a se definir por seus trabalhos na área de estudos urbanos, sobretudo na própria cidade de Chicago, de forma que estes traços se tornaram quase que definidores desta tradição intelectual. De acordo com esta perspectiva, estariam entre as produções mais importantes desta tradição o trabalho inaugural de Park, já citado *The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment* [A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano], publicado no *American Journal of Sociology*, em 1916⁵⁹.

⁵⁸ Fundada em 1905, a ASA é responsável pela edição de diversos periódicos, entre eles, o próprio *American Sociological Review*. Da lista de ex-presidentes da ASA figuram os nomes dos sociólogos de prestígio nos EUA, a exemplo de William G. Sumner (1908-09), W. I. Thomas (1927), Ernest W. Burgess (1934), Louis Wirth (1947), Talcott Parsons (1949), Herbert Blumer (1956), Robert K. Merton (1957), Howard P. Becker (1960), Erving Goffman (1982), apenas para citar alguns.

⁵⁹ As “sugestões de investigação” presentes neste artigo, publicado logo após a sua chegada à Universidade de Chicago e considerado o seu trabalho inaugural no estudo da cidade, seriam ainda exploradas em trabalhos posteriores dele próprio, de seus colegas e alunos lançando os

Este artigo depois foi republicado no livro *The city*, editado em 1925 por Park e Burgess com textos destes autores acrescidos de alguns trabalhos de R. D. McKenzie e Louis Wirth (1897-1952). Nesta coletânea organizada por Park e Burgess, os autores apresentam uma série de artigos, a maioria de suas próprias autorias, defendendo que a cidade incorporava a natureza humana, ou seja, a cidade seria uma expressão do humano em geral e, especificamente, das relações sociais geradas no território⁶⁰. Neste sentido, a vida social seria produto do meio urbano ao mesmo tempo em que o altera de modo que as relações humanas produziram e reproduziriam o espaço concreto.

A despeito da dificuldade em definir de forma sintética as “inovações” dos trabalhos de Park e Burgess produzidos entre os anos de 1910 e 1920, uma das principais contribuições para as ciências sociais é o que pode ser chamado de *espacialização do social*⁶¹. Mas o fato é que as bases lançadas com estes trabalhos fundamentariam um projeto de pesquisa que teve Park e Burgess como professores orientando uma série de monografias, trabalhos de alunos de mestrado e doutorado que buscavam a relação entre a organização do espaço e o comportamento de seus moradores.

Barbara Lal (1990), por sua vez, destaca o fato de que figuras de liderança em Chicago como Robert Park e William Thomas defendiam a perspectiva de tomar como inspiração o trabalho do antropólogo Franz Boas (1858-1942) de estudo das chamadas sociedades primitivas para o estudo dos habitantes das grandes cidades modernas. Assim, não apenas as questões ligadas à metodologia de pesquisa com a etnografia urbana se tornaram um traço distintivo da sociologia de Chicago, mas também outros elementos da obra de Boas seriam destacados como a ligação entre raça e cultura como elementos indissociáveis entre si na explicação da vida social.

Diante destes elementos de investigação das interações humanas,

fundamentos do que se convencionou chamar de Escola de Chicago de Sociologia. Entre os trabalhos, estão os artigos *Community Organization and Juvenile Delinquency*; *The Mind of the Hobo: Reflections Upon the Relation Between Mentality and Locomotion*; *Human Migration and the Marginal Man* (1928); *The City as a Social Laboratory* (1929).

⁶⁰ Morris Janowitz na introdução à edição de 1967 de *The City: suggestions for investigation of human behavior in the urban environment* apresenta uma síntese ao pensamento dos autores: “The city is not an artifact or a residual arrangement. On the contrary, the city embodies the real nature of human nature. It is an expression of mankind in general and specifically of the social relations generated by territoriality”.

⁶¹ Heitor Frúgoli (2007) explora a ideia de espacialização do social recuperando diferentes perspectivas analíticas sobre esta tradição de estudos.

especialmente aqueles envolvendo diferenças raciais e culturais no meio urbano, este projeto de pesquisa de Park e Burgess se deu em múltiplas frentes. Estas frentes abrigavam tanto os trabalhos dos alunos que tinham a cidade de Chicago como campo quanto os de autores como Donald Pierson que tinham outras cidades estrangeiras como “laboratório” com foco nas relações raciais e nas tensões entre tradição e modernidade.

Para compreender estas diferentes frentes de pesquisa a análise de Mary Jo Deegan (2001) fornece interessantes pistas sobre o lugar dos alunos de Park (entre eles Donald Pierson) no interior desta tradição intelectual específica⁶². De acordo com a autora, as atividades do que pode ser considerada como a “primeira geração”⁶³ da Escola de Chicago – especificamente o que ela nomeia como a “Escola de Chicago de Etnografia” – podem ser datadas entre 1917 e 1942, que corresponde ao período em que Robert Park e Ernest Burgess orientam uma série de trabalhos de alunos de doutorado que formam um conjunto de pesquisas individuais responsáveis pela criação de um modelo particular de se produzir etnografia com base na Ecologia Humana⁶⁴.

Além deste lastro conceitual, o que Deegan compreende como “objeto” para definir os trabalhos da Escola de Chicago é a possibilidade de falar na existência de um núcleo mínimo, que forma um conjunto de pesquisas em torno das mesmas questões. Este núcleo seria composto basicamente por seis etnografias orientadas por Ernest Burgess e dezessete etnografias orientadas por Robert Park na Universidade de Chicago, no período em questão, comentadas a seguir. A seleção deste núcleo é feita pela autora considerando os trabalhos que foram publicados em livro e prefaciados por Burgess e Park de modo que a escrita destes prefácios indica o modo como os professores estabelecem ligações entre estes diversos trabalhos.

⁶² Privilegiar os pontos de vista e argumentos destes autores não significa que busco assumir uma perspectiva mais “acertada” em relação à definição e recuperação da experiência da Escola de Chicago. Pelo contrário, o que procuramos enfatizar até aqui é a própria dificuldade de descrever este objeto no qual as interpretações a respeito permanecem em aberto, em definições ainda por fazer e, portanto, parciais.

⁶³ Sobre a discussão quanto a existência de uma “segunda geração” da Escola de Chicago após a Segunda Guerra, entre 1945 e meados de 1960, ver o trabalho de Gary Alan Fine (1995).

⁶⁴ Sobre a divisão de datas e uma análise sobre o *core* [núcleo] dos trabalhos dos professores ligados direta ou indiretamente à Escola de Chicago, ver Plumer (1997). É interessante notar que as datas que Deegan utiliza para demarcar a esta experiência diferem da maioria dos trabalhos que apontam o “fim” da Escola de Chicago com a saída de Robert Park da instituição, em 1933.

Dentre os trabalhos orientados por Park que compõem este conjunto, de acordo com a suas datas de publicações em livros, estão⁶⁵:

- 1917 *The Japanese Invasion*, de Jessie F. Steiner (Chicago: McClurg)
- 1923 *The Hobo*, de Nels Anderson
- 1927 *The Gang*, de Frederick M. Thrasher
- 1927 *The Natural History of Revolution*, de Lyford P. Edwards
- 1928 *The Ghetto*, de Louis Wirth
- 1928 *The Strike*, de Ernest T. Hiller
- 1929 *The Gold Coast and the Slum*, de Harvey Warren Zorbaugh
- 1929 *The Saleslady*, de Frances R. Donovan
- 1932 *The Pilgrims of Russian Town*, de Pauline V. Young
- 1934 *The Shadow of the Plantation*, de Charles S. Johnson
- 1935 *Negro Politicians*, de Harold F. Gosnell
- 1937 *The Marginal Man*, de Everett V. Stonequist
- 1937 *The Etiquette of Race Relations in the South*, de Bertram W. Doyle
- 1937 *Interracial Marriage in Hawaii*, de Romanzo Adams
- 1938 *An Island Community*, de Andrew W. Lind
- 1940 *News and the Human Interest Story*, de Helen MacGill Hughes
- 1942 *Negroes in Brazil*, de Donald Pierson

Complementam-se a esta lista as etnografias compostas pelo conjunto de trabalhos realizados sob a supervisão de Burgess:

- 1930 *The Jack Roller*, de Clifford R. Shaw
- 1931 *The Natural History of a Delinquent*, de Careerde Clifford R. Shaw em colaboração com Maurice E. Moore
- 1932 *Small-Town Stuff*, de Albert Blumenthal
- 1932 *The Taxi-Dance Hall*, de Paul Goalde Cressey
- 1932 *The Negro Family in Chicago*, de Edward Franklin Frazier
- 1939/1951 *The Negro Family in the United States*, de Edward Franklin Frazier

Para Deegan (*op. cit.*), estes trabalhos são simultaneamente devedores de

⁶⁵ A relação completa de todos os alunos de Chicago é apresentada por Faris <http://tigger.uic.edu/depts/hist/hull-maxwell/vicinity/news1/documents/faris.PDF>

uma matriz de estudos que tem início na década de 1910 e também peças importantes para a própria formação desta matriz de estudos e pesquisas⁶⁶. Chama atenção a diversidade de temas e locais de investigação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, ainda que seja possível falar em uma base conceitual comum. Desta base comum, a autora destaca a ênfase na descrição de situações concretas em detrimento da apresentação de modelos mais abstratos de pensamento. Outro elemento seria a presença de um modelo conceitual herdado da psicologia social que daria origem ao interacionismo simbólico com ênfase na importância da gênese do *self*, a descrição das situações dos sujeitos e o papel da comunidade no processo social. Na análise da autora, é possível dividir as etnografias em duas tendências básicas: 1) o urbano como lócus de mudança social; 2) raça e Estado-Nação.

Deste ponto de vista, dentre os trabalhos orientados por Burgess, tratam especificamente da cidade de Chicago os títulos já citados como *The Jack Roller* e *The Natural History of a Delinquent Career* – ambos tratando de histórias de vida de meninos delinquentes em Chicago; ou ainda *The Negro Family in Chicago*. Do mesmo modo, entre os trabalhos sobre Chicago orientados por Park estão: *The Hobo*, *The Gang*, *The Ghetto*, *The Gold Coast and the Slum*, todos publicados na década de 1920. Em comum a estes trabalhos, está a descrição das cidades em “áreas naturais”, ou seja, em vizinhanças, unidades de espaço que assim se caracterizam por compartilhar características comuns diferenciando-se assim de outras áreas do entorno. Estes estudos, embora tratem da cidade, o fazem a partir de estudos locais, recortes espaciais bem delimitados documentando vizinhanças específicas de Chicago.

Para compreender o que Deegan chama deste conjunto de etnografias que tem o urbano como lócus de mudança social, o trabalho de outro autor, Roger Salerno (2007) – de quem tomei de empréstimo o termo “sociologia *noir*” – se

⁶⁶ Diante destes vinte e três trabalhos que colaboram para formar o que Deegan chama de o conjunto principal de pesquisas da “Escola de Chicago de Etnografia” é preciso dizer que esta lista não se caracteriza necessariamente como os trabalhos de maior destaque ou de maior relevância produzidos pelos pesquisadores de Chicago, mas sim como os trabalhos que ajudaram a compor a criação de um modelo teórico e metodológico de se realizar pesquisa sociológica em torno de uma pauta comum de investigação na qual colaboram alunos e professores, ainda que alguns deles tenham se tornado referências. Sendo que as preocupações de Deegan são em relação à maneira de se construir e reproduzir certo modelo de pesquisa que dá liga e sustentação à chamada Escola de Chicago.

mostra uma fonte valiosa. A definição “sociologia *noir*” é utilizada pelo autor para se referir a corrente de estudos da Universidade de Chicago que investigavam o que ele define como “the dark side of urban life”[o lado obscuro da vida na cidade].

A tese de Salerno é a de que, ao tratar de temas como delinquência, solidão, prostituição e crime, e tematizar personagens tais como gangsteres, moradores de rua, prostitutas e imigrantes, os alunos de Chicago, sobretudo os de Robert Park, empregam elementos característicos da ficção, especialmente da literatura (com os livros conhecidos nos EUA como “pulp fiction” e “romance noir”) e do cinema (da estética conhecida como cinema *noir*).

Salerno chama atenção ainda para o fato de que o perfil de parte dos alunos de Chicago nos cursos de ciências sociais neste momento contrasta com o perfil das universidades brancas americanas do mesmo período. As universidades norte-americanas, especialmente no norte do país, como instituições privadas de ensino atendiam apenas a uma parcela de elite da sociedade no início do século XX. Com a Universidade de Chicago parece não ser diferente; entretanto, a divisão de ciências sociais da instituição representa um caso à parte por abrigar em seu corpo discente alunos pobres, ex- moradores de rua, negros, imigrantes, ex-delinquentes juvenis.

Como mostra ainda Salerno, alguns destes alunos estudavam na Universidade de Chicago exatamente por conta de suas ligações com instituições religiosas. Ao atrair alunos com este tipo de *background*, a divisão de ciências sociais passa a formar como pesquisadores alunos que não estão exatamente bem enquadrados na sociedade da época em termos de suas posições sociais. O resultado deste arranjo de Chicago é a elaboração de trabalhos acadêmicos em que há uma profunda identificação entre sujeitos e objetos das etnografias ali produzidas.

Neste contexto, inclusive alguns trabalhos sobre delinquência, crimes, moradores de rua, solidão e prostituição resultaram em trabalhos autobiográficos de modo que os sujeitos/pesquisadores, ora se confundiam com o perfil dos seus objetos/pesquisados, ora compartilhavam universos simbólicos e culturais muito próximos, casos dos trabalhos de Clifford R. Shaw *The Jack Roller* e *The Natural History of a Delinquent Career* e de outros alunos de Park e Burgess⁶⁷.

⁶⁷ O caso de Nels Anderson, o segundo aluno orientado por Park dos anteriormente citados, é emblemático: Anderson, que nasceu em Chicago, sem ter local para morar, dormia nas

Mas, deste núcleo, é preciso salientar que nem todos os trabalhos são etnografias de Chicago e suas áreas naturais. São estes os casos, sobretudo, dos trabalhos orientados por Park que foram publicados na década de 1930 e 1940, entre eles, *The Shadow of the Plantation*, *Negro Politicians*, *The Etiquette of Race Relations in the South*, *Interracial Marriage in Hawaii*, *An Island Community*, *News and the Human Interest Story*, , *The Saleslady*, *The Japanese Invasion*. E temos ainda o trabalho sobre uma pequena vila orientado por Burgess, *Small-Town Stuff* e *The Negro Family in the United States*, ambos tratando de processos de mudanças considerando como locais de observação contextos de áreas rurais, e, claro, *Negroes in Brazil: a study of race at Bahia*, de Donald Pierson.

1.3. De Chicago para o mundo: Mapas de viagens, temas e parcerias

A inserção do Brasil no mapa dos campos de investigação de Robert Park teve um papel relevante no direcionamento de sua carreira no início da década de 1930, indica novo obituário, desta vez, escrito por Faris Ellsworth (1944), outro ex-aluno seu. Ao sublinhar a importância das atividades de Park fora dos Estados Unidos, Ellsworth menciona que,

As atividades de ensino e pesquisa de Park foram, literalmente, realizadas no mundo todo. Ele visitou a Alemanha do pós-guerra e teve contato com proeminentes sociólogos da Europa. Um ano letivo inteiro foi passado na Universidade do Havaí, onde ele deixou para trás não apenas uma tradição de investigação diligente, mas um grupo que aprendeu a conduzir pesquisas. Lecionou em Peiping, onde ensinou estudantes chineses a descobrir o que eles não sabiam como encontrar. Na Índia, conheceu muitas pessoas com quem teve afinidades, na América do Sul vislumbrou a mais difícil de todas as situações raciais. **No Brasil, ficou tão impressionado com as condições quase únicas do país que não descansou até encontrar um talentoso estudante americano a quem convenceu a aprender a língua portuguesa e para quem assegurou os fundos que garantiriam uma residência de dois anos e meio na Bahia.** Park o visitou durante esse período para orientação e conselhos e, finalmente, atendendo a um pedido, recomendou-o para uma cátedra na Universidade de São Paulo que é agora um centro promissor de estudo sociológico e de pesquisa [tradução minha, grifo meu].

Sabemos que o talentoso estudante mencionado neste obituário é Donald Pierson e a citada recomendação de Park para que ele ocupasse uma cátedra na Universidade de São Paulo se refere, na verdade, à Escola Livre de Sociologia e Política, que nesse momento está ligada a USP como uma “instituição complementar”⁶⁸.

Independente dos detalhes em relação à vinculação institucional deste “talentoso” aluno de Park em São Paulo, o fato é que as possibilidades de desenvolver uma frente de pesquisas no Brasil contribuíram em muito para

⁶⁸ As condições da contratação de Pierson e o ambiente acadêmico da ELSP serão tratados no capítulo 3.

consolidar a agenda de pesquisa de Park no momento em que ele estava se desligando formalmente do Departamento de Sociologia de Chicago para começar a lecionar na Universidade de Fisk.

A dificuldade em tratar deste período (e, conseqüentemente, das relações de Park com o Brasil) reside no fato de que este momento de sua carreira é alvo de poucas análises e comentários, já que a maioria dos autores se detém sobre o período de maior destaque de sua trajetória, momento em que ele estava vinculado à Universidade de Chicago. Mas não se pode esquecer que, pouco antes de sua aposentaria formal, Park se dedicou a alguns projetos fora dos Estados Unidos. É possível encontrar algumas fontes documentais e biográficas⁶⁹ que indicam, por exemplo, a realização de uma longa viagem feita por ele à África do Sul, à Índia e ao Brasil. De acordo com as notas autobiográficas de Park publicadas postumamente⁷⁰, esta viagem aconteceu entre 1931 e 1932. Desta forma, o primeiro contato de Park com o Brasil ocorreu antes mesmo de ele conhecer Pierson⁷¹.

Em seu artigo, *A visita de Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório*, Lícia Valladares (2010) analisa a relação de Robert Park

⁶⁹ Dentre estas fontes, podemos citar especialmente os diários pessoais de Park depositados no arquivo da Universidade de Fisk que contém anotações sobre o Brasil, as suas notas autobiográficas acima citadas publicadas postumamente por seus alunos na década de 1950 em forma de três volumes na série *Robert Ezra 1864-1944 Collected papers*. As trocas de correspondências entre Park e Pierson também foi consultada no arquivo de Fisk (ver especialmente Box 1, 2 e 5, *Robert Park Collection*). No acervo de Park em Fisk (*Robert Park Collection*, Box 15) encontram-se alguns cadernos e diários de campo. Estes materiais estão sem identificação, mas trazem informações de nomes de pessoas, lugares e algumas fotos. Uma das cadernetas foi adquirida no Brasil, pois traz o carimbo de uma papelaria na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Há ainda fotos e anotações sobre outros destinos na mesma viagem que inclui a Índia. É possível que os diários e cadernos de Pierson estejam misturados aos de Park e identificados na coleção como sendo deste último. Especialmente Box 1, 2 e 5, Robert Park Collection.

⁷⁰ As notas autobiográficas, juntamente com outros textos acadêmicos de Park, foram organizadas por seus alunos de Park após sua morte. *The collected papers of Robert Ezra Park* foi editada por Everett Hughes, Charles S. Johnson, Jitsuiichi Masuoka, Robert Redfield, Louis Wirth. Cada um dos volumes traz uma seleção de textos de Park a partir de temas específicos. O primeiro volume, publicado originalmente em 1950, é *Race and Culture*. O segundo, *Human communities*, é de 1952. E o último, *Society*, é publicado pela primeira vez em 1955. As primeiras edições de 1950 parecem ter tido uma circulação muito restrita, pela dificuldade de se ter acesso a estes textos. A coleção foi reimpressa em 1974 pela Universidade Estadual da Pensilvânia e Universidade de Columbia em forma de um único volume.

⁷¹ As notas autobiográficas de Park indicam o início da viagem em 1931, mas não são claras quanto ao seu fim. Por se tratar de uma espécie de volta ao mundo, é provável que tenha consumido muitos meses de deslocamento, mas que não ultrapassaram um ano e meio. Vale mencionar que na esteira deste projeto comparativo, Park passa a lecionar na Universidade do Havaí como professor convidado, entre 1932 e 1933.

com o Brasil tratando daquela que considera ser a primeira viagem do sociólogo ao país, em 1937. Mas, como vimos, Park veio ao Brasil antes disso, entre 1931 e 1932. A importância de delimitar essas datas não se justifica com base em nenhum preciosismo cronológico, mas pelo fato de ser esse dado fundamental para a compreensão da nova agenda de trabalho que Park formulava nesse momento. Assim que a realização de uma pesquisa sobre as relações entre negros e brancos no contexto brasileiro se deve primeiramente a Park e não a Pierson.

Da primeira viagem de Park ao Brasil, em 1931/1932, até o encontro com este “talentoso estudante americano” – que ele não descansou até encontrar – se passaria ainda mais dois anos e, ao que relembra Ellsworth no obituário acima citado, desenvolver uma pesquisa sobre o Brasil se tornou parte importante da agenda de professor de Chicago. Embora Park não tenha produzido uma monografia especificamente sobre o Brasil, ele começou a utilizar o caso brasileiro como centro de sua reflexão sobre relações raciais, tão logo Donald Pierson sistematizou os primeiros resultados de sua investigação.

No artigo *The nature of race relations*⁷², publicado em 1939, a pesquisa de Pierson na Bahia serve de base para a defesa de Park de que o Brasil seria um exemplo da ausência de “consciência de raça” e, conseqüentemente, da ausência de problemas raciais. Nesta época, o trabalho de Pierson ainda não havia sido publicado e é referido como o título provisório do doutorado, *The black man in Brazil*, então em fase final de elaboração. Qual a importância do exemplo brasileiro tido como único no mundo pela existência nula (ou quase nula) de conflito racial para a teoria de Park?

A resposta é que o Brasil passou a representar um novo elemento empírico que oferecia a base de sustentação para a teoria defendida por Park na construção de seu modelo de *cycle of race relations* [ciclo de relações raciais], iniciado na segunda metade da década de 1920. Este modelo tinha como principal diretriz investigar o conceito de raça a partir da “consciência” das pessoas em termos de pertencimento a determinados grupos raciais. Na definição de Park, relações raciais seriam as relações existentes entre pessoas que se diferenciam em termos

⁷² O artigo foi publicado no livro *Race relations and the Race Problem; a Definition and an Analysis* editado por Park e Edgar Tristram Thompson, em 1939.

de marcas de descendência racial, particularmente quando estas diferenças raciais passam a fazer parte da consciência dos indivíduos e dos grupos que se distinguem uns dos outros.

Com o conceito de “ciclo de relações raciais”⁷³, Park formula um esquema conceitual de pretensa validade universal ao defender que as relações raciais passam por quatro diferentes estágios: *competição*, *conflito*, *acomodação* e *assimilação*. Desta perspectiva, os indivíduos formariam grupos que se distinguiriam baseados em normas morais comuns. O preconceito racial seria assim um produto da distância social entre os grupos nos quais os indivíduos seriam socializados em suas comunidades e aprenderiam a hostilizar membros de outros grupos.

É importante notar que, embora Park faça o deslocamento da noção de raça da biologia para elementos ligados à psicologia social como o entendimento dos grupos e dos indivíduos, em seu pensamento as explicações advindas das ciências naturais da época não são totalmente descartadas. Na teoria de Park permanece a ideia da existência de diferentes raças em termos biológicos, mas esta diferenciação se tornaria nesse esquema conceitual o ponto de partida de diferenciação dos grupos e indivíduos que formariam a consciência de si mesmos a partir do cruzamento de outros elementos de diferenciação social como classe, casta e nação.

Park começou a formular seu modelo do “ciclo de relações raciais” em 1926, com a publicação de *Our Racial Frontier on the Pacific*. Este artigo é parte do resultado de uma pesquisa na qual Park fora encarregado de liderar uma equipe de pesquisadores e realizar um levantamento de grande porte na costa do Pacífico para estudar os chineses e japoneses nos Estados Unidos. Os resultados da pesquisa (incluindo o citado artigo de Park) foram publicados na revista *The survey* no dossiê especial *East by West: our windows on the Pacific* [Oriente pelo Ocidente: nossas janelas para o pacífico].

Dividido em três seções, o dossiê traz uma apresentação escrita por Park detalhando o propósito da investigação *Race Relations Survey on the Pacific Coast* [Pesquisa sobre relações raciais na costa do Pacífico] como uma busca por opiniões

⁷³ Ver os artigos que compõem o livro *Race and Culture* (PARK, 1950) da já citada coleção *The collected papers of Robert Ezra Park*.

e atitudes ao tratar de relações raciais como um problema de comportamento coletivo. O volume contém as contribuições em forma de textos e desenhos dos pesquisadores sob a supervisão de Park e outros colaboradores convidados, entre eles, Jonh Dewey, o professor de Chicago, R. D. McKenzie, a assistente de Park, Winifred Raushenbush, e Clara Cahil Park⁷⁴.

⁷⁴ Sobre estas duas últimas, Winifred Raushenbush era uma das poucas mulheres colaboradoras de Park. Ela era filha de Walter Rauschenbusch, ministro batista e um dos fundadores do movimento *social gospel* na virada do século XIX para o XX. Ela também é mãe do filósofo Richard Rorty (1931-2007), que mais tarde se tornaria um dos nomes mais importantes do pragmatismo americano seguindo as trilhas de Dewey e James. Já Clara Cahil Park contribuiu com desenhos que documentavam os traços físicos, as vestimentas e os costumes das comunidades asiáticas nos Estados Unidos, a exemplo da ilustração da capa do volume de autoria de outro artista.

THE SURVEY

GRAPHIC NUMBER

EAST BY WEST

OUR WINDOWS
ON THE PACIFIC

ROBERT E. PARK -- JOHN DEWEY -- WILLIAM ALLEN WHITE -- CHESTER ROWELL -- EMORY S. BOGARDUS
CHARLES A. BEARD -- JOHN STEWART BURGESS -- LEWIS S. GANNETT -- ELIOT G. MEARS -- J. MERLE DAVIS
WINIFRED RAUSHENBUSH -- R. D. MCKENZIE -- FLORA BELLE JAN -- KAZUO KAWAI -- WILLIAM C. SMITH
RAYMOND T. RICH -- WINOLD REISS -- CLARA CAHILL PARK -- C. LEROY BALDRIDGE

50 cents a copy

MAY 1, 1926

\$5.00 a year

De acordo com Lyman (1968), esta primeira tentativa de Park de colocar à prova sua teoria sobre o “ciclo de relações raciais” não foi exatamente bem sucedida para tornar esta teoria um modelo que pudesse ser aplicado a qualquer contexto de “contato racial e cultural”. Esta tarefa seria, mais tarde, de incumbência dos alunos de Park⁷⁵. Assim como Lyman, alguns analistas produzindo em língua inglesa creditam a continuidade do projeto de Park a dois dos alunos de Chicago – Andrew Lind (1901-1988)⁷⁶ e Franklin Frazier (1894-1962)⁷⁷, respectivamente Lind produzindo pesquisas sobre o Havaí, na década de 1930 e 1940; e Frazier investigando o Brasil nos anos de 1940 (LIEBERSON, 1961) e (HIRSCHMAN, 1980).

É fato que o Brasil tem um importante papel para a formulação do modelo de Park, mas é o trabalho de Pierson na Bahia que primeiro oferece as bases para isso⁷⁸. Se a base da teoria de Park em construção nos anos de 1920 e 1930 é a noção de “consciência” racial, apenas a perspectiva comparada de relações raciais que contrastasse diferentes formas desta autoconsciência poderia fundamentar uma base sólida para todo o seu projeto de investigação e esta seria a tarefa de Pierson e todo o seu processo de preparação que antecede a realização de sua pesquisa em Salvador.

⁷⁵ O que é importante destacar com relação a modelo é que, de acordo com Lyman (*op. cit.*) Park elaborou uma base teórica, mas foram os seus alunos os responsáveis por colocá-la à prova de modo que ele irá orientar uma série de trabalhos na década de 1930 na tentativa de criar este projeto comparativo de relações raciais.

⁷⁶ Lind começou a estudar em Chicago em 1925 e em 1927 passou a desenvolver pesquisas no Havaí com uma bolsa da Fundação Rockefeller para estudos de relações raciais. Como já mencionado, outro aluno de Park, Romanzo Adams, já estava trabalhando no mesmo local desde 1920 e Lind o substituiu como chefe do Departamento de Sociologia da Universidade do Havaí – mesma instituição em que Park havia lecionado entre 1920 e 1921. Durante a segunda guerra, as pesquisas de Lind se focam na situação racial dos japoneses no Havaí e ele é responsável pelo intercâmbio de vários alunos e professores entre o Havaí e Chicago. Sobre este período de estudos no Havaí, conferir Tamura (2000).

⁷⁷ Assim como Lind, as pesquisas de Frazier já foram citadas na apresentação dos alunos de Park tratada no item anterior. Seu doutorado foi defendido em 1932 e Frazier vem ao Brasil pela primeira vez, entre 1941 e 1942, com uma bolsa da Fundação Guggenheim para estudar a família negra no Brasil por um ano. Este estudo daria origem ao *The Negro Family in Bahia, Brazil*, publicado em 1942. Como tratarei adiante, é importante notar que se Frazier vem ao Brasil apenas seis anos depois de Pierson, os resultados de pesquisas de ambos são publicados quase que simultaneamente, já que Pierson publica seu trabalho em livro em 1941.

⁷⁸ É possível que uma das razões para o fato de Pierson não ser citado nos trabalhos produzidos nos Estados Unidos que tratam dos alunos de Park é que, quando ele publicou a primeira edição de sua tese, ele já estava afastado do ambiente intelectual de seu país e Pierson, basicamente, constrói sua carreira profissional no Brasil deixando de publicar nos Estados Unidos.

Entretanto, é preciso considerar que a escolha destes dois locais, Brasil e Havaí como campos privilegiados não é aleatória. Assim as atividades missionárias no continente africano não podem ser desconectadas do processo de colonização daqueles países, as pesquisas coordenadas por Park não podem ser dissociadas da corrente de “reformismo gospel”, chamada nos Estados Unidos de *social gospel*, a qual ele está ligado, ou seja, o entrecruzamento da perspectiva liberal de melhoria da sociedade marcada por uma ideologia religiosa cristã protestante presente na Universidade de Chicago em uma mescla de filantropia, religião e uma sociologia/antropologia de intervenção social⁷⁹.

Seguindo o exemplo das intervenções reformistas na própria cidade de Chicago, as pesquisas realizadas fora dos Estados Unidos pelos pesquisadores daquela universidade, tendo Park como uma das principais lideranças, buscava responder as demandas advindas das profundas mudanças sociais, demográficas, geográficas e culturais em curso desde o final do século XIX. Após a conquista do oeste, os Estados Unidos havia iniciado a expansão de seus territórios para além de suas fronteiras nacionais. Convém lembrar que depois de ter incorporado aproximadamente metade do território do México e comprado o Alasca da Rússia na segunda metade do século XIX, o Havaí foi anexado aos Estados Unidos em 1898, mesmo período do início da intervenção militar em Cuba e da incorporação dos territórios de Porto Rico, Filipinas e Guam.

Neste sentido, o interesse de Park estava conectado com questões geopolíticas mais amplas. No final do século XIX, o processo de anexação do Havaí havia gerado um intenso debate no Congresso dos Estados Unidos, quando alguns políticos se opunham à medida temendo os riscos que a intensa mistura racial presente no arquipélago poderia causar no continente americano. Neste momento, quase metade da população do Havaí era composta por japoneses que haviam ali se instalado para trabalharem na produção de açúcar⁸⁰. Nas primeiras décadas do

⁷⁹ Um dos trabalhos fundamentais sobre o tema do *social gospel* é o livro *The Rise of the Social Gospel in American Protestantism, 1865-1915* (HOPKINS, 1940). Outro importante trabalho para se compreender o papel do chamado “reformismo gospel” nos Estados Unidos em suas conexões com a religião protestante é *The Social Gospel: Religion and Reform in Changing America* (White; Hopkins, 1975). Os autores analisam como esta corrente de pensamento nascida no interior das igrejas protestantes após a Guerra Civil Americana passou a ser incorporada no pensamento político, social e econômico do país até o período após a II Grande Guerra.

⁸⁰ Okihiro (1992) analisa a presença japonesa no Havaí entre 1865 e 1945 e comenta o papel dos

século XX, a presença asiática nos territórios estadunidenses era motivo de atenção tanto na costa oeste, a costa do Pacífico em que Park havia desenvolvido seu projeto de pesquisa, quanto no Havaí.

Outra mudança importante no cenário geopolítico acontece durante o governo do Presidente Franklin Delano Roosevelt, entre 1933 e 1945 com a “política de boa vizinhança”. A doutrina colocava a América Latina como estratégica para a política externa dos Estados Unidos a fim de impedir a influência europeia na região. Já no plano econômico, a política de boa vizinhança convinha aos esforços dos Estados Unidos para se recuperar dos efeitos da crise de 1929 sobre sua economia, iniciados com a doutrina Monroe⁸¹.

Neste sentido, as pesquisas de Park e Pierson devem ser entendidas como parte de uma pauta de pesquisa mais ampla. Não por coincidência, a investigação de Pierson também era parte de outra iniciativa importante: o *Seminar on Race and Cultural Contacts* [Seminário sobre Contato Racial e Cultural], um programa de pesquisas da Divisão de Ciências Sociais desenvolvido, nos anos de 1930, por outros alunos e professores da Universidade de Chicago. Uma descrição deste esforço de pesquisa no qual Pierson se insere pode ser conferida em uma das entrevistas dele concedidas em língua portuguesa quando já estava realizando seu trabalho de campo no Bahia:

É nosso primeiro objetivo, reunir todas as informações existentes neste campo [o contato da cultura com a cultura e da raça com a raça] e, em seguida desenvolver estudos intensos em certos centros mais importantes do mundo. Presentemente, investigações estão sendo levadas a efeito no Hawai e Yucatan. Vim ao Brasil para iniciar também estudos, cuja finalidade pode envolver, provavelmente, os esforços cooperativos de vários especialistas, durante um considerável período de tempo. Minha presente missão é delinear as possibilidades destes estudos no Brasil e depois desenvolver uma primeira investigação intensa num determinado centro (Pierson, 1936, p. 92).

alunos na construção da imagem do arquipélago como um “paraíso racial”. Okihiro argumenta que a ênfase da produção destes autores, em especial Lind e Adams se altera após a entrada dos Estados Unidos na segunda guerra tendo como marco justamente o ataque a Pearl Harbor. Durante a guerra, os Estados Unidos mantiveram campos de concentração (oficialmente chamados de campos de contenção) para impedir a adesão da população local ao governo do Japão.

⁸¹ Como discute Prado (In: MOTA, 2000) ao tratar das relações entre Brasil e Estados Unidos, é na década de 1910 que se inicia o interesse “científico” pelo Brasil e a América Latina, mas são nos anos de 1930 e 1940 durante o período Vargas e a Segunda Guerra que esta política atinge seu ápice.

Esta agenda de trabalho deixa clara a existência de um projeto que incluía um esforço coletivo, no qual diferentes pesquisadores recebiam a incumbência de atuar em um problema de pesquisa específico, sendo assim designados para diversas partes do mundo de modo a desenvolverem estudos pormenorizados em diferentes localidades fora dos Estados Unidos, a exemplo do México, Havaí e Brasil – três importantes áreas de influência geopolítica dos Estados Unidos.

Mais informações a esse respeito podem ser encontradas em outra entrevista de Pierson concedida ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de São Paulo intitulada “Um mestre da Ciência Social”, publicada na *Revista do Arquivo Municipal* em 1941. De acordo com esta entrevista, o Seminário sobre Contato Racial e Cultural era dirigido pelos professores mais experientes Robert Park e Louis Wirth (1897-1952) e pelos professores mais jovens Robert Redfield e Herbert Blumer (1900-1987) – todos da Universidade de Chicago.

Apesar de não ter sido orientado por Park, Herbert Blumer tinha George Mead (1863-1931), William Thomas, Dewey e Park como seus mentores. Blumer, que atuava como professor de psicologia, neste momento estava desenvolvendo suas pesquisas sobre cinema e comportamento de jovens e crianças. Já o germano-americano Louis Wirth havia sido orientado diretamente por Park e passaria a trabalhar juntamente com ele e Burgess formando a tríade dos professores mais influentes da chamada Escola de Chicago. Seu trabalho *The Ghetto*, de 1928, a esta altura já havia se tornado um exemplo a ser seguido pelos alunos de Chicago.

Outro professor responsável pelo programa de pesquisas foi o próprio Robert Redfield, antropólogo que apesar de não ter sido orientado formalmente por Park havia sido “adotado” por ele. Na década de 1930, Robert Redfield e Margaret Park Redfield já haviam retornado do trabalho de campo no México. E Redfield já havia publicado sua tese de doutorado *Tepoztlan: A Mexican Village* (1930), que marcaria uma série de estudos comparativos sobre quatro comunidades que estariam em diferentes estágios de proximidade de distância em relação ao modo de vida moderno.

Entre os alunos, Pierson ocupou uma posição destacada, atuando como secretário-geral do Seminário. Faziam parte do seminário ainda: John Embree (estudando o Japão), Horace Miner (Canadá), Andrew Lind e Clarence Glick

(Havaí), Forrest La Violette (imigrantes japoneses nos Estados Unidos), Horace Cayton (negro norte-americano em Chicago) ⁸².

Segundo Wilcox (2004), as atividades do Seminário sobre Contato Racial e Cultural se concentraram entre os anos de 1934 e 1937, mas continuam ainda em funcionamento até 1949. Ainda de acordo com este autor (idem, p. 74), no inverno de 1935, participaram do Seminário nomes de peso da sociologia e antropologia da época como Herbert Blumer, Robert Park, Radcliffe-Brown (1881-1955), Robert Redfield, Louis Wirth e Bronislaw Malinowski (1884-1942), que a esta altura já havia lecionado em Cornell como professor visitante e, mais tarde, passaria a lecionar em Yale e desenvolver pesquisas sobre camponeses no México. Entre os outros participantes entre 1934 e 1937 estão: Ernest Manheim [antropólogo que na época era professor assistente de Chicago, de origem húngara teve sua formação na Alemanha], Horace Cayton [jornalista e político americano], Fred Eggan [antropólogo conhecido por seus trabalhos de campo entre os Pueblo na América do Norte] Herbert Goldhamer, Edward Spicer [antropólogo norte-americano especialista em populações indígenas do sudoeste norte-americano], Leo Srole [sociólogo formado em Chicago] e Sol Tax [que havia defendido seu doutorado em Chicago na área de antropologia]⁸³.

Como parte deste projeto e programas no interior da chamada Escola de Chicago, o trabalho de Pierson (a exemplo daquele realizado por Redfield e Margareth no México) iria se inserir em uma espécie de esforço em mapear diversas regiões do mundo antes que a “modernidade” devorasse os modos de vida tradicional dos contextos estudados. Como tratarei a seguir, os resultados deste mapeamento do tradicional e do moderno, no caso do primeiro trabalho de Pierson no Brasil, são devedores de intercâmbios que extrapolam a atividade institucional do autor na Universidade de Chicago.

No caso específico de Pierson, a definição de sua “missão” no Brasil como a identificação de localidades para a futura investigação evidencia uma pauta de

⁸² Para mais detalhes sobre os integrantes do seminário e a participação do Pierson, cf. Pierson (1941).

⁸³ Sobre o seminário ver Wilcox (2004, p. 55) ao comentar sobre as divergências entre Robert Redfield e Sol Tax com relação à pesquisa de ambos na Guatemala, em 1947. A partir das divergências entre Redfield e Sol Tax seria possível questionar a ideia de “unidade” da chamada Escola de Chicago e os diferentes pontos de vista e disputas teóricas que emergem deste seminário. No entanto, é importante lembrar que isto ocorre após a morte de Robert Park, que falece em 1944.

estudos em desenvolvimento nos EUA como parte de sua política externa na qual se dá a construção de um saber científico sobre o Brasil e a América Latina. Tendo por base um conjunto de questões em torno da integração entre o mundo tradicional e o moderno, e questões relacionadas ao conflito racial, a sociologia e a antropologia praticadas pelos pesquisadores da Universidade de Chicago no período entre guerras têm entre suas marcas mais destacadas a realização de pesquisas de campo visando um esforço comparativo futuro.

Embora Park tenha se dedicado à elaboração de teorias e esquemas conceituais para explicar os processos de competição e assimilação entre indivíduos e grupos ao que ele entendia como pertencentes a diferentes raças, como dito anteriormente, são os seus alunos que darão corpo às suas formulações teóricas, a exemplo de Donald Pierson, Robert Redfield, Franklin Frazier, Charles S. Johnson, Everett V. Stonequist, Bertram W. Doyle, Andrew W. Lind.

O que se segue ao término deste período de Pierson no Seminário sobre Contato Racial e Cultural na Universidade de Chicago é a materialização deste projeto compartilhado entre Park e seus alunos. A partir de então, Donald Pierson seria o responsável por realizar parte deste amplo projeto comparado conduzindo pesquisas específicas no Brasil e também nos Estados Unidos. Os desdobramentos deste projeto seriam postos em prática em dois momentos alvo das análises presentes no capítulo 2 e 3.

A definição da pesquisa realizada na Bahia dependerá de sua experiência na Universidade de Fisk, dos trabalhos de campo realizados, das leituras sobre o Brasil e das relações com os intelectuais brasileiros, que tratarei no próximo capítulo.

Capítulo 2:
Entre Salvador e Nashville:
Uma ponte entre dois mundos

Donald Pierson ingressou no curso de doutorado no mesmo ano em que seu orientador estava se aposentando da Universidade de Chicago, em 1934. Apesar deste aparente desencontro, a transferência de Park para outra instituição os aproximou ainda mais no momento em que Pierson começou a trabalhar como assistente de seu professor em um processo de preparação para sua viagem ao Brasil. É neste tempo que ambos começaram a trabalhar na Universidade de Fisk, na cidade de Nashville, no estado do Tennessee.

Apesar de poucos trabalhos tratarem da última década da atuação acadêmica de Park e deste período de Pierson em Fisk – com exceção de curtas referências, menções em algumas das biografias de Park e um artigo⁸⁴ –, a maioria das informações sobre a atuação destes autores neste momento é encontrada apenas em fontes primárias, basicamente, nos documentos sob a guarda de Fisk⁸⁵.

O que os documentos desta instituição norte-americana revelam ao serem confrontados com dados de uma série de outros documentos de instituições brasileiras e trabalhos bibliográficos produzidos em língua portuguesa é que, na Universidade de Fisk, sob a liderança de Robert Park, se forma um dos mais importantes centros de estudos nos Estados Unidos especializado em relações raciais no Brasil durante a década de 1930 e início de 1940.

A parceria de Robert Park e Donald Pierson se mostrou decisiva para a formação deste centro em Nashville que abrigou um extenso núcleo de pesquisadores e professores desenvolvendo pesquisas sobre o tema das relações raciais no Brasil. Fizeram parte deste núcleo, mais diretamente, Rüdiger Bilden (1893-1980), Robert Park; Donald Pierson; Ruth Landes (1908-1991), Franklin Frazier (1894-1962), Lorenzo Dow Turner (1890-1972) e Horace Mann Bond (1830-1979).

⁸⁴ Dentre os trabalhos biográficos, Bárbara Lal (1990) trata da transferência para Fisk apenas em duas curtas passagens. Matthews (1977) chega a dedicar um capítulo de nove páginas sobre o período, mas detalha mais as conexões políticas de Park do que sua atividade acadêmica propriamente dita. Já o artigo em questão é *Robert E. Park at Fisk* [Robert E. Park em Fisk], mas trata apenas dos dois últimos anos de Park na instituição, entre 1942 e 1944, a partir de um relato de memória de um de seus alunos Cahnman (1978).

⁸⁵ Estes documentos contêm cartas pessoais e oficiais, planos de aula, cadernos de campo, fotos, anuários, listas de docentes, documentos oficiais, memorandos, projetos para governos e outras instituições, informações sobre financiamentos de pesquisas, etc.

Para tratar dessa cena específica, analisarei dois momentos distintos do ambiente intelectual de Fisk com foco neste grupo de pesquisadores sobre o Brasil, tomando como fio condutor a estada de Donald Pierson na instituição. Pierson foi o primeiro de uma série de pesquisadores a desenvolver trabalho de campo no Brasil e a produzir resultados de pesquisa de maior fôlego que se materializariam no que hoje podemos definir como uma etnografia sobre o tema das relações raciais no Brasil.

Seguindo a trilha aberta por Donald Pierson sob a orientação direta e constante de Robert Park, vieram ao Brasil posteriormente nomes conhecidos entre nós; como Ruth Landes (que veio ao Brasil em 1938), Franklin Frazier e Melville Herskovits (que aqui aportaram entre 1941 e 1942). Estes estrangeiros, incluindo o próprio Pierson, contribuíram para que o Brasil viesse a ocupar um lugar de grande destaque no mapa dos estudos de relações raciais durante e depois da Segunda Guerra, no final da década de 1930 e início da década de 1940.

Em termos históricos, o Brasil já vinha fornecendo diferentes modelos para a discussão racial por parte de autores estrangeiros há muito tempo. Entretanto, o que há de singular nos estudos em tela são as perspectivas adotadas a partir da sociologia e da antropologia cultural tendo como expoentes Robert Park e Franz Boas, em uma tradição de estudos que se distanciava das explicações raciais baseadas em outras áreas do conhecimento como a antropologia física, a medicina, o direito, a biologia.

Para investigar como se deu esta nova fase dos estudos de relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos tendo a experiência de Pierson como um percurso privilegiado, retomarei, em primeiro lugar, a formação de uma rede de pesquisadores em Fisk, que inclui nomes como o dos ativistas negros DuBois, Franklin Frazier e Charles S. Johnson e suas relações com Robert Park. Em seguida, coloco o foco da atenção sobre o primeiro tempo de Pierson em Fisk, em 1935 e suas atividades no interior do Instituto de Relações Raciais de Fisk, do qual participaram Franz Boas e uma série de outros intelectuais estudando o tema, sobretudo na Antropologia e Sociologia.

Trato ainda da pesquisa de campo de Pierson no Brasil, realizada entre 1935 e 1937 na cidade de Salvador e, finalmente, do segundo tempo de Pierson em

Fisk com seu retorno à cidade de Nashville em 1937, quando (por indicação também de Park) ele assumiria o cargo de professor na Escola de Livre de Sociologia e Política.

2.1. Uma escola para negros: *A formação de uma rede de pesquisadores-ativistas e o primeiro tempo de Donald Pierson em Fisk*

Em 1935, Park assumiu em Fisk a função equivalente a de um professor emérito convidado, mas estabeleceu um vínculo com a instituição muito mais intenso do que seria de se esperar de um professor colaborador aposentado no final de sua carreira. Ao desempenhar suas atividades em um regime de dedicação exclusiva, Park e sua esposa se mudaram para o sul dos Estados Unidos. Park permaneceu em Fisk até sua morte, em 1944, vindo a falecer na cidade de Nashville.

Foi a convite de seu professor que Pierson seguiu para Nashville para trabalhar como assistente de Park. Considerando as suas perspectivas de trabalho na época, não é difícil avaliar as motivações que o levaram a aceitar tal proposta. Diferentemente de outros orientandos de Park e Burgess – a exemplo de Clifford R. Shaw, Paul Goalde Cressey, Franklin Frazier e Louis Wirth -, a cidade de Chicago não era exatamente o campo de pesquisas de Pierson. Tampouco seu mestrado sobre os usos de barba, bigode e cavanhaque tratava de modo evidente de temas ligados a grandes cidades.

Isso é importante se considerarmos que trabalhar e morar em Nashville representava a ida para uma cidade vinte vezes menor que Chicago em termos populacionais⁸⁶. Mas a oportunidade significou para Pierson uma melhora nas suas condições materiais de vida. Como já mencionado, os seus rendimentos eram baixos e resultavam de seu trabalho na cantina da Universidade de Chicago. Com a mudança para Fisk, pela primeira vez Pierson receberia salários provenientes do desempenho de suas atividades estritamente acadêmicas.

Já as motivações de Park para lecionar em Fisk requerem um pouco mais de esforço para serem compreendidas. Para tanto, se faz necessário considerar o contexto de ensino e o significado histórico das chamadas *black colleges* nos

⁸⁶ De acordo com Paul Cressey, em uma das famosas etnografias sobre a cidade de Chicago *The Taxi-Dance Hall* orientadas por Park e Burgess, a capital de Illinois tinha 3 milhões de habitantes nesta época. Já Nashville tinha pouco mais de 150 mil habitantes no mesmo período.

Estados Unidos nos anos de 1920 e 1930, especialmente no chamado “deep south” norte-americano⁸⁷.

Vários termos são utilizados para se referir às instituições de ensino superior criadas com a finalidade de atender aos alunos negros nos Estados Unidos após o fim da escravidão, entre eles, os termos em inglês e suas possíveis traduções são: *black colleges* [faculdades para negros], *black universities* [universidades para negros], *predominately black institutions* [instituições predominantemente para negros] e, mais recentemente, *historically black colleges and universities*⁸⁸ [faculdades e universidades historicamente para negros] – termo que expressa um reconhecimento distinto destas escolas por parte dos setores educacionais do governo estadunidense.

Estas faculdades e universidades começaram a ser criadas logo após a Guerra Civil (1861–1865), que teve como seu estopim, entre outros fatores, a disputa entre o norte e o sul do país envolvendo medidas pela emancipação e fim da escravidão nos Estados Unidos. Mesmo após a proibição oficial da importação de escravos (1865) e a criação de leis que passaram a assegurar a igualdade entre brancos e negros (1869), os estados sulistas criaram uma série de medidas legais com o objetivo de impedir o exercício da igualdade de direitos entre os negros ex-escravos e os brancos. Entre as medidas adotadas nos estados sulistas, os chamados “black codes” [códigos negros] limitavam os direitos humanos e liberdades civis dos negros a partir de um conjunto de leis relacionadas ao trabalho, educação, imigração, entre outros temas, com a finalidade de manter o

⁸⁷ O *deep south* (extremo sul ou sul profundo) se refere a uma região geográfica não oficial que compreende estados vizinhos no sul dos Estados Unidos conhecidos por, historicamente, compartilhar traços culturais comuns quando estes formavam os Estados Confederados da América. Com algumas variações, o *deep south* comumente se refere aos estados da Carolina do Sul, Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia e Luisiana. Estes estados se diferenciariam do *old south* (velho sul) com os estados de Carolina do Sul, a Carolina do Norte, a Virgínia e a Geórgia. Em termos de divisão oficial, as regiões dos Estados Unidos são: Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Oeste, excluindo-se Alasca, Havaí e áreas insulares. A região do sul dos Estados Unidos comporta ainda outras divisões não oficiais, mas, de acordo o Censo do país, 16 estados fazem parte do sul: Florida, Georgia, Maryland, North Carolina, South Carolina, Virginia, West Virginia, Delaware, Alabama, Kentucky, Mississippi, Tennessee, Arkansas, Louisiana, Oklahoma e Texas. Ver <http://www.census.gov/> e <http://www.census.gov/geo/www/us/regdiv.pdf>

⁸⁸ O uso corrente da palavra *college*, que se refere ao termo “faculdade” em inglês, nos textos em língua portuguesa trata o termo no masculino, “o *college*”. Uma vez que não há uma regra clara para o uso de palavras de gênero indefinido em inglês com os pronomes em português, optei por tratar *college* como sinônimo de universidade/faculdade mantendo o gênero feminino destas palavras tal como se apresentam em língua portuguesa.

tratamento de inferioridade reservado aos negros⁸⁹.

As leis criadas na década de 1860 – as denominadas “Jim Crow laws” instituídas em alguns estados entre 1876 e 1965 – tornavam oficial a discriminação racial resultando na segregação dos negros em locais públicos e privados, tais como escolas, meios de transporte, restaurantes, banheiros e bebedouros de água. Estas medidas legais de discriminação e segregação racial, entre outras leis como a criminalização de casamentos “inter-raciais” cessaram apenas um século depois no período marcado pelo movimento pelos direitos civis, na década de 1960 (FREMON, 2000)⁹⁰.

Não por acaso, quase a totalidade das *black colleges* foram criadas nos estados do Sul logo após o fim da guerra civil. De acordo com o livro *Between two worlds* (BOWLES, 1971), que traça um histórico destas instituições, por conta das condições relativas à escravidão, 92% dos negros americanos viviam no sul no período do fim da guerra civil. Este trabalho revela ainda que, entre 1865 e a década de 1960, os Estados Unidos contabilizam a criação de pouco mais de 100 escolas de nível superior para atender aos alunos negros, em muitos locais, impedidos por lei de frequentarem as mesmas escolas que os brancos. A maioria destas escolas foi criada pela iniciativa de associações religiosas missionárias cristãs, líderes religiosos e ex-combatentes da guerra civil ligados a organizações abolicionistas, instituições e órgãos governamentais de suporte a ex-escravos e a chamada reconstrução no sul dos Estados Unidos, após a guerra civil⁹¹.

Neste contexto, a Universidade de Fisk, criada em 1867, é uma das *black colleges* mais antigas dos Estados Unidos e, até os dias de hoje, se define como uma instituição voltada predominantemente para negros. Historicamente, o perfil institucional de Fisk está em consonância com o de outras faculdades deste tipo. De acordo com *A history of Fisk University 1865–1946* (RICHARDSON, 1980), a

⁸⁹ Para uma visão geral acerca da história do ensino superior nos Estados Unidos com ênfase na questão do acesso dos negros na educação, ver Thelin (2004) e Lucas (1996).

⁹⁰ Um dos elementos de distinção entre o sul e o norte dos Estados Unidos em relação à segregação racial neste período é que no norte a discriminação racial foi “de fato” e não “de júri” como nos estados sulistas, ou seja, um tipo de discriminação de base legal. Além das medidas com amparo legal do Estado, foi no sul que se deu a atuação de grupos racistas extremistas como o Ku Klux Klan e a prática dos linchamentos por meio da violência privada sem o amparo do Estado.

⁹¹ Para uma perspectiva histórica das *black colleges*, consultar Bowles (1971); Boyd (2007); Harper [S.d.]; Solovitch (1987); Bernard (1948).

universidade foi criada pela iniciativa da associação missionária *American Missionary Association*⁹². Em termos acadêmicos, na época da transferência de Park, em 1935, Fisk havia recebido a nota máxima da *Association of American Universities* ao ser reconhecida como a *black college* que apresentava a maior qualidade de ensino no país (Raushenbush, 1979, p. 149).

Com base em alguns *rankings* educacionais específicos para estas instituições, são consideradas algumas das faculdades de maior prestígio, ao lado da própria Universidade de Fisk, aquelas localizadas na capital da Geórgia, na cidade de Atlanta, como o *Atlanta University Center*⁹³ [Centro de Universidades de Atlanta], que agrega, entre outras, a *Atlanta University* (fundada em 1865 pela *American Missionary Association*), *Clark College* (fundada em 1869 pela *United Methodist Church*), *Spelman College*, (uma *black college* para mulheres fundada em 1881), *Morehouse College* (uma faculdade exclusiva para homens criada em 1867 com o apoio da *American Baptist Home Mission Society*); e em Washington, D.C., a *Howard University*, fundada em 1867, por um ex-combatente da guerra civil, Oliver Otis Howard. Já a cidade de Hampton, na Virgínia, foi o local escolhido pelos membros da *American Missionary Association* [Sociedade Missionária Americana] para a criação da *Hampton University*, em 1868. E *Dillard University* tem como sucessoras escolas em Nova Orleans afiliadas a *United Church of Christ* e *United Methodist Church*, fundadas na década de 1860.

Em termos históricos, estas faculdades representaram um importante avanço na luta de direitos civis nos Estados Unidos, sobretudo na primeira metade do século XX, ao oferecer formação para estudantes negros em diversas áreas, de medicina a engenharias, passando pelas humanidades em nível de graduação e de pós-graduação. Algumas destas escolas acabam se tornando importantes centros de produção de conhecimento, pesquisa e debates a respeito do tema das relações raciais nos Estados Unidos (PLUMMER, 1996).

⁹² Sobre Fisk, ver Richardson (1980); Wright (2009) e Sanders-Cassell (2006).

⁹³ O Atlanta University Center é um consórcio que reúne diversas *historically black colleges and universities* da capital da Geórgia. Já fizeram parte deste consórcio: Clark Atlanta University (depois da junção da Atlanta University com a Clark College), Spelman College, Morehouse College, Morehouse School of Medicine, Morris Brown College, Interdenominational Theological Center. Para mais informações a respeito da história deste centro, ver sua página institucional no endereço eletrônico <<http://www.aucenter.edu/history.php>>. As informações sobre as demais escolas apresentadas neste parágrafo têm como fonte as páginas de internet de cada instituição.

É este o caso da Universidade de Fisk que, pelas atividades ali desenvolvidas na década de 1930, se configurava como uma interessante escolha acadêmica e, também, política para Park. Em Chicago, é verdade que ele contava com mais recursos financeiros e maior reconhecimento intelectual em um ambiente de ampla cooperação entre alunos e professores, com a formação de “discípulos” em torno de sua influente figura. Mas, em Fisk, apesar de ter encontrado uma escola com menos status acadêmico, ele começou a fazer parte de um importante centro de formação em torno do tema das relações raciais nos Estados Unidos, em 1935.

Também se olharmos para a trajetória de Park no período anterior à Chicago, suas atividades incluíam a atuação em dois importantes projetos já muito próximos aos das *black colleges*: a Reforma do Congo e o *Tuskegee Institute*. Como destaquei anteriormente, do ponto de vista pessoal e de expectativas de intervenção na vida social, a participação nestes projetos se mostrou pouco satisfatória para Park. Entretanto, apesar de frustrantes, estas experiências são a base do tipo de ativismo político perseguido por ele. Em certo sentido, as atividades missionárias na África, a militância de Booker Washington pela educação e o ensino e pesquisa em Fisk pertenciam à mesma chave de realização de ações visando à melhoria das condições de vida dos negros.

Aliás, entre as *black colleges*, é importante lembrar que o próprio *Tuskegee Institute* se transformou mais tarde em *Tuskegee University*. Após a morte de Washington, em 1915, Robert R. Moton foi presidente da instituição entre 1915 e 1935; e Frederick D. Patterson entre 1935 e 1953. Estas mudanças representaram um importante direcionamento nas atividades de Tuskegee que inicialmente era uma instituição voltada para a educação industrial e depois passa a oferecer cursos da chamada Escola Normal para a formação de professores, e mais tarde outros cursos superiores⁹⁴. Com estas mudanças, Tuskegee se tornou também uma *black college*.

Deste modo, se considerarmos o período que antecede à ida de Park para a Universidade de Chicago, a sua transferência para Fisk não representou algo de excepcional em sua carreira, já marcada pela combinação de atuação acadêmico-científica e militância política em torno da busca por equidade, direitos civis e

⁹⁴ Como já mencionado no capítulo anterior, o Instituto foi fundado em 1881 no estado do Alabama, na cidade de *Tuskegee*. http://www.tuskegee.edu/about_us/history_and_mission.aspx

acesso à educação para os negros. Para compreender o significado político e acadêmico de lecionar em uma *black college* neste período, basta lembrar que os principais intelectuais negros do começo do século XX foram formados ou lecionaram nestas universidades.

Para citar apenas alguns nomes mais conhecidos dos ativistas do século XIX e primeira metade do século XX, Booker Washington, antes de assumir o comando do *Tuskegee Institute*, havia se graduado em Hampton na década de 1870; W. E. B. Dubois havia cursado sua graduação na Universidade de Fisk nos anos de 1880; e o pastor protestante e ativista político, Martin Luther King (1929-1968), um dos principais líderes do movimento de direitos civis, fora estudante da Morehouse na década de 1940.

Neste contexto, as ligações entre os ativistas negros e as *black colleges* se convertem no ponto principal das disputas entre os principais líderes da época, especialmente nas emblemáticas desavenças entre Du Bois e Booker Washington. Como mencionado anteriormente, Du Bois e Booker Washington foram os dois principais nomes da militância negra nos Estados Unidos, entre 1895 e 1915 e as divergências entre ambos se deram basicamente por suas diferentes visões a respeito das diretrizes de educação para os negros.

O ano de 1915 (data da morte de Booker Washington) representou o início de uma fase em que outros três sociólogos negros começaram a se destacar no cenário político que antecede o movimento pelos direitos civis nos anos de 1950 e 1960. Já na década de 1920, os militantes negros de maior destaque na cena americana eram Du Bois, Edward Franklin Frazier e Charles Spurgeon Johnson – sendo que os dois últimos não apenas eram alunos de Robert Park, mas eram também muito próximos a ele. E as ligações entre estes intelectuais e ativistas não se esgotam aí. Como comentarei a seguir, o convite para que Park lecionasse em Fisk partiu do próprio Charles S. Johnson⁹⁵.

Desta tríade, além de Du Bois que havia estudado em Fisk em 1880, Frazier e Johnson haviam se tornado professores nesta mesma instituição, no final da década de 1920. Para Park, lecionar em Fisk na década de 1930 significava não apenas estar ligado à mesma matriz institucional dos principais militantes negros

⁹⁵ Nos acervos de Fisk há uma longa correspondência entre Park e Johnson que data das décadas de 1930 e 1940.

atuantes nos Estados Unidos naquele momento, mas também representava uma maior proximidade acadêmica e política com esses militantes.

Como tratei no primeiro capítulo, Franklin Frazier, que esteve no Brasil entre 1941 e 1942, fazia parte do grupo de estudantes orientados por Park e Burgess que desenvolviam pesquisas em Chicago. Frazier havia se tornado pesquisador e professor de sociologia em Fisk no ano de 1927, antes mesmo de defender seu mestrado orientado por Burgess, *The Negro Family in Chicago*, em 1932. A atuação de Frazier em Fisk continuou até o ano de 1934, de modo que ele se desligou da instituição no momento em que Park estava em processo de mudança para Nashville. Este é também o momento em que Frazier, que fizera críticas a Du Bois, passa a reconhecê-lo como seu mentor, chegando a ser identificado mais tarde como seu discípulo⁹⁶.

Johnson, por sua vez, em 1934 estava finalizando seu doutorado *The Shadow of the Plantation* com o trabalho sobre as *plantations* no sul dos Estados Unidos, sob a orientação de Park. Johnson havia começado a lecionar em Fisk em 1928, portanto, um ano depois de Frazier. No caso de Johnson, as relações de trabalho e amizade com Park são ainda mais próximas (similares de algum modo à relação estabelecida entre Park e Pierson)⁹⁷. Park como professor e Johnson como aluno se conheceram no ano de 1917, quando o primeiro estava começando a orientar alunos de mestrado e doutorado, após ter iniciado suas atividades em Chicago, em 1914.

Park logo assumiu a posição de uma espécie de mentor intelectual de Johnson⁹⁸, desempenhando importante papel na formação da carreira deste aluno durante o período de seus estudos em Chicago. Foi graças à recomendação de Park que ele se tornou secretário da *Chicago Urban League* [Liga Urbana de Chicago] e depois um dos dois diretores da *Illinois Commission on Race Relations* [Comissão de

⁹⁶ Sobre a trajetória de Franklin Frazier, cf. *E. Franklin Frazier and Black Bourgeoisie*, organizado por Teele (2002).

⁹⁷ Sobre Charles S. Johnson, ver *Charles S. Johnson: leadership beyond the veil in the age of Jim Crow* (GILPIN & GASMAN, 2003) e as notas biográficas organizadas para seu acervo em Fisk.

⁹⁸ Antes disso, Johnson havia estudado na Virginia Union University, uma universidade exclusiva para negros criada em 1899 e mantida por associações missionárias religiosas de predominância Batista.

Relações Raciais do estado de Illinois], no início da década de 1920⁹⁹. Sobre a *Chicago Urban League*, especialmente, Park havia participado de sua criação em 1916, tornando-se o primeiro presidente desta associação de suporte aos negros, sobretudo aos ex-escravos e descendentes de ex-escravos vindos do sul rural dos Estados Unidos em direção à cidade de Chicago. Já a *Illinois Commission on Race Relations*¹⁰⁰ foi uma comissão temporária de investigação, criada em 1919, por solicitação direta do então governador do estado de Illinois, Frank Lowden. A função da comissão (financiada com fundos privados) era a de investigar a série de motins ocorridos entre julho e agosto de 1919, em Chicago¹⁰¹. E o papel de pesquisadores como Johnson era fornecer explicações em termos sociológicos para estes fenômenos envolvendo conflitos raciais que estavam ocorrendo na capital de *Illinois*

A essas experiências, soma-se a atuação de Johnson no movimento da *Harlem Renaissance* [Renascença do Harlem] (também conhecido como *The Negro Renaissance* [O Renascença do Negro])¹⁰² que representou o florescimento da arte e política negra nos Estados Unidos, nos anos de 1920 e 1930. Na década de 1930, Johnson, além de professor em Fisk e diretor da *National Urban League*, atuava ao lado de Du Bois, como uma das principais lideranças do movimento cultural conhecido como *Harlem Renaissance*, na cidade de Nova Iorque em estreitas ligações com o conjunto de ideias que ficaram conhecidas como o “pan-africanismo”.

De acordo com Geiss (1979), o pan-africanismo representou uma reação ao colonialismo na África resultando em um movimento político e cultural de busca

⁹⁹ Sobre este episódio, ver RAUSHENBUSH (1979, p. 156).

¹⁰⁰ Sobre a história da instituição, ver <http://www.thechicagourbanleague.org/>

¹⁰¹ Os resultados das pesquisas desta comissão foram reunidos no livro *The Negro in Chicago: a study of race relations and a race riot*. Chicago, lançado pela The University of Chicago Press, em 1922. O livro já em domínio público pode ser consultado na íntegra em <http://archive.org/stream/negroinchicago00relagoog#page/n30/mode/2up>
Os documentos da Comissão podem ser encontrados nos documentos dos arquivos do estado de Illinois, ver o *Descriptive Inventory of the Archives of the State of Illinois* no endereço <http://www.cyberdriveillinois.com/departments/archives/illstate.pdf>

¹⁰² A lista de intelectuais e artistas que fizeram parte deste que é considerado um dos principais episódios da cultura americana é longa e não poderia ser esgotada aqui. Entre os intelectuais ligados ao universo acadêmico das áreas da Antropologia e Sociologia estavam a antropóloga, aluna de Franz Boas em Columbia e escritora Zora Neale Hurston, e os sociólogos Du Bois e Charles S. Johnson. Os nomes mais conhecidos deste movimento são os dos músicos, entre eles, Louis Armstrong, Josephine Baker, Count Basie, Duke Ellington, Ella Fitzgerald, Dizzy Gillespie, Billie Holiday, Thelonious Monk. Cf. Baker (1987) e Lewis (1981) e Wintz (1988).

pela valorização da herança de povos africanos na Europa e nos Estados Unidos. A denominação de pan-africanismo teria surgido em 1900 durante a I Conferência Pan-Africana em Londres com a realização de manifestações contra a escravidão no continente africano. Mas é somente em 1919 com o I Congresso Pan-Africano organizado por DuBois, em Paris, que as ideias deste movimento ganharam mais força nos Estados Unidos e Europa com a atuação de Du Bois e o líder político negro nascido na Jamaica, Marcus Garvey (1887-1940) ¹⁰³.

Diante deste quadro, a parceria entre Park e Johnson se mostrou valiosa para ambos. Não apenas o papel de orientador desempenhado por Park foi importante na construção da carreira de Johnson, mas foi também por intermédio deste último que Park se inseriu em uma rede mais ampla de pesquisadores e ativistas negros e brancos que faziam parte do convívio de Johnson. Esta rede incluía seus contatos nos dois mais importantes centros acadêmicos e culturais dos Estados Unidos, Chicago e Nova Iorque, além das diversas regiões do sul dos Estados Unidos, local das pesquisas de Johnson.

Logo que passou a lecionar em Nashville, em 1928, e criou o Departamento de Ciência Social, Johnson reuniu esforços para que Fisk se tornasse um importante ponto de encontro desta rede de pesquisadores, atraindo para lá intelectuais como DuBois, Franz Boas e Robert Park – esses dois últimos representando os nomes mais importantes da antropologia e sociologia norte-americana à época, e figuras que exerciam uma importante participação política nos Estados Unidos na discussão das relações raciais e direitos dos negros. Boas na antropologia e Park na sociologia ocupavam posições análogas em um campo em que cada vez mais ganhava espaço a perspectiva do pan-africanismo de DuBois.

É possível afirmar ainda que Park tenha se aproximado de Du Bois também por intermédio de Johnson. De acordo Rausenbush (1979, p. 152), Park e Du Bois se conheceram em Nashville em 1935, na casa de Johnson. A partir daí, a colaboração entre estes três intelectuais – Johnson, Park e DuBois – se fez presente em projetos comuns realizados em Fisk. Com isso, em seu período no sul dos EUA, Park se aproximaria definitivamente de um tipo de militância em favor dos direitos dos negros no acesso ao ensino superior, de certa forma, distanciando-se cada vez

¹⁰³ No Brasil, o pan-africanismo terá mais tarde Abdias do Nascimento (1914-2011) como seu representante. Ver o livro de sua autoria "O Brasil na mira do pan-africanismo" (2002).

das ideias defendidas por Booker T. Washington. Do mesmo modo, a busca pela unidade cultural africana em povos levados para a América no processo de escravidão (cara ao pan-africanismo) se tornava uma das mais relevantes pautas de pesquisa de Park¹⁰⁴.

Foi o conjunto das experiências de uma série de intelectuais, incluindo os nomes dos ativistas negros Du Bois e Franklin Frazier, que forneceu as bases para a constituição da liderança formal de Charles S. Johnson na direção da Divisão de Ciência Social¹⁰⁵ em parceria com a liderança informal de Robert Park. Juntos, eles foram responsáveis pelas diretrizes da atuação do grupo de pesquisadores que ali se formaram – Donald Pierson incluído – no projeto de construção do chamado Instituto de Relações Raciais (IRR) da Universidade de Fisk que expandiria ainda mais a rede de pesquisadores ligados à instituição em Nashville¹⁰⁶.

Como parte do Instituto de Relações Raciais da Universidade de Fisk, Pierson participou no ano de 1935 de uma pesquisa supervisionada por Johnson sobre os trabalhadores negros nas fábricas do sul dos EUA, Virginia, Carolina do Norte e Kentucky. Este levantamento foi realizado para a NRA (*National Recovery Act*), órgão do governo federal dos Estados Unidos. As atividades, realizadas sob a supervisão direta de Park e Johnson, se tornariam um “treino”, nas palavras de Pierson (1987), para a pesquisa que seria realizada a seguir na Bahia.

A ideia de “treino” merece ser mais bem detalhada. De um lado, é preciso considerar que o “treino” era considerado como parte da formação em uma tradição de estudos na qual a realização de pesquisas, hoje chamadas etnográficas (e na época, empíricas), era um dos principais traços distintivos. Neste sentido, a própria noção de “treino” utilizada por Pierson e por seus professores de Chicago, é reveladora da maneira de empreender as pesquisas neste contexto destacando tanto seu caráter empírico (muitas vezes chamado por eles de “hands on” – que pode ser traduzido como “mãos à obra”) quanto à existência de um modelo a ser

¹⁰⁴ De acordo com Banton (1974), o trabalho de Park representa uma nova fase nos estudos sobre o tema ao apresentar as relações raciais como produto da expansão europeia.

¹⁰⁵ Ver especialmente o acervo de Fisk *C.S. Johnson Collection* box 14 sobre os documentos da Divisão de Ciências Sociais.

¹⁰⁶ Embora meu foco aqui seja a atuação de Pierson em Fisk na década de 1930 e o lugar do Brasil neste processo, é importante mencionar que parte dos que formaram a rede de pesquisadores e ativistas em Fisk se mantiveram atuantes até a década de 1940. Como figura chave em Fisk, C. S. Johnson ocupou a função de professor e pesquisador entre 1928 e 1947, quando se tornou presidente da universidade, em 1947. Park permaneceu trabalhando na instituição até sua morte, em 1944.

seguido para a realização da investigação. Trata-se de “treinar” uma maneira específica de se fazer pesquisa empírica, na definição destes autores.

Neste sentido, as atividades de Pierson em Nashville formam parte de seu período de “treinamento” basicamente por três razões, a saber: 1) o contato com o universo conceitual, analítico e teórico sobre as relações raciais presente em Fisk (considerado por Park propício para o desenvolvimento da pesquisa de Pierson no Brasil) 2) sua adaptação em um ambiente predominantemente formado por negros naquela que seria uma “situação racial” próxima a que ele encontraria na Bahia em seu trabalho de campo 3) a possibilidade de realização das primeiras pesquisas de campo em projetos coordenados por C. S. Johnson no sul dos EUA.

Por outro lado, é preciso considerar também que parte deste modelo de colocar à prova um pesquisador mais jovem expondo-o a um contexto de diversidade cultural para que ele se adapte e se prepare para uma viagem distante é bem próxima das atividades missionárias cristãs. De maneira análoga a de jovens missionários que se dedicam a aprender a língua nativa, Pierson em Fisk intensificou os seus estudos em língua portuguesa iniciados ainda em Chicago, se dedicou a ler sobre o Brasil e compreender o que para a época significava um considerável encontro com a alteridade – a convivência com os negros do Brasil¹⁰⁷.

Todas estas atividades de treino de Pierson se inseriam na agenda do IRR (Instituto de Relações Raciais) que contava com a participação de diversos pesquisadores e professores em torno da produção de conhecimento na área de relações raciais. Seus integrantes, em sua maioria homens, eram das mais diversas áreas de atuação, ainda que seja visível a ênfase em Sociologia e Antropologia. A filiação institucional dos integrantes do IRR compreendia universidades como a de Columbia, Fisk, Chicago, Atlanta, a Universidade da Pensilvânia, e outras instituições dos Estados Unidos e do exterior, principalmente da Europa.

Além de contar com renomados acadêmicos norte-americanos e estrangeiros, sobretudo alemães, o quadro docente do IRR em Fisk era composto

¹⁰⁷ Ruth Landes, que veio ao Brasil em 1938 depois de ter lecionado em Fisk, define sua experiência de viagem ressaltando o quão distante isto parecia neste momento: “Sabíamos muito pouco acerca do Brasil por essa época; entre os meus colegas havia o sentimento que eu estava sendo mandada ao extremo do tabuleiro do mundo, de onde somente a sorte me pouparia de cair. Tensamente, eu considerava as preocupações recomendadas [...] Fui instruída na conduta apropriada a jovens senhoras em país latino” (2002, p. 35).

por professores de perfil não acadêmico como intelectuais ligados à militância dos direitos dos negros nos Estados Unidos vinculados à já citada *National Urban League*, instituições de lutas por direitos civis de entidades religiosas, editores de meios de comunicação e instituições ligadas ao Estado.

Os documentos depositados em Fisk indicam que as atividades do Instituto tiveram início em 1933 ainda de forma experimental com uma série de cursos e palestras realizados em Swarthmore College, na Pensilvânia há poucos quilômetros da Filadélfia¹⁰⁸. Apesar de sediado em Fisk, as aulas do IRR se concentravam em um encontro anual realizado durante o mês de julho, em Swarthmore – faculdade criada por um grupo de Quakers (assim exemplo do avô de Pierson) que mantinha convênio com a Universidade da Pensilvânia¹⁰⁹.

Em seu primeiro ano, o IRR foi dirigido por Charles S. Johnson e Clarence E. Pickett e reuniu vários professores convidados lecionando cursos sobre seis eixos temáticos: I. Raça e Cultura; II. Fatores Históricos e Culturais do problema racial branco-negro americano; III. Fatores Biológicos do problema racial americano; IV. O negro nos Estados Unidos; V. Relações Raciais: situações e problemas; VI. Relações Raciais: técnicas [de pesquisa]. Dos seis eixos temáticos, os que mais se aproximavam da temática que seria desenvolvida por Pierson em sua pesquisa no Brasil eram os dois primeiros.

Entre os professores responsáveis por “Raça e Cultura” e “Fatores Históricos e Culturais do problema racial branco-negro americano” estavam Melville Herskovits (que na época aparece como vinculado ao Departamento de Antropologia de Northwestern), Franz Boas (Departamento de Antropologia de Columbia), Herbert Miller (Universidade do estado de Ohio), Donald Young (Universidade da Pensilvânia), Charles S. Johnson, W.E.B. DuBois (professor de História e Economia em Atlanta), Ulrich Philips (Departamento de História de Yale), George Fort Milton (sem filiação institucional) e Broadus Mitchell (Departamento de Economia de Johns Hopkins).

¹⁰⁸ Ver, sobretudo, CSJ boxes 14, 29, 117, 136, 137. Sobre o primeiro ano do Instituto de Relações Raciais ver box 136, folder 9, 3384.

¹⁰⁹ Apesar de ser uma faculdade pequena, Swarthmore - criada por Quakers abolicionistas e defensores dos direitos das mulheres - mantém um convênio com a Universidade da Pensilvânia (onde havia lecionado DuBois) e outras faculdades locais de modo que os alunos podem cursar disciplinas nos diferentes campi.

February 26, 1934

Dr. Franz Boas,
Columbia University,
New York, N. Y.

April 23, 1934

My dear Dr. Boas:

The plans for the 1934 Institute of Race Relations at Swarthmore, during the month of July, are getting under way. Our estimate of the importance and interest of your contribution to last year's Institute can best be indicated in the attempt to get you committed to participate again this year.

The schedule is not yet made up, and it is not possible at the moment to indicate the particular period during the month when your lectures would come, but the Committee on Studies has agreed upon a number of last year's lecturers whom they particularly wish to have return, if possible.

This letter hopes to get an indication of your availability, possibly during the early part of the month. The same broad outline of last year's course will be followed, but with certain topical changes. I am wondering if you would like to make any suggestions of changes in the subjects which you presented last year.

With best wishes,

Sincerely yours,

Charles S. Johnson
Fisk University

csj-p

Carta de C.S. Johnson a Franz Boas

Fisk University CSJ Box 136

No interior do plano de trabalho do IRR no ano de 1933 (portanto, anterior à chegada de Park e Pierson a Fisk) se destacava a ênfase em tratar da questão de raça em diferentes contextos nacionais, presente nos cursos ministrados por Melville Herskovits (sobre o negro no Novo Mundo, herança africana, cultura Iorubá, e comparações entre o Brasil, Guiana, Jamaica e Haiti) e os de Herbert Miller (sobre a emergência de consciência racial na Ásia e o intercruzamento entre raça e religião tendo como exemplos principais Índia, China, Japão). Franklin Frazier, neste momento lecionava cursos sobre o negro nos Estados Unidos com foco nos temas da urbanização e da família. Com relação aos contextos estudados, destacavam-se trabalhos sobre o continente africano e o continente asiático (assim apontados em termos gerais sem maiores especificações sobre quais países seriam estudados); Estados Unidos – sobretudo o Sul; o legado colonial e a herança africana no Novo Mundo – América do Sul e Central¹¹⁰.

As atividades do IRR em seu segundo ano (1934), seguiram a mesma estrutura de funcionamento: um núcleo mínimo de aulas e professores fixos, além dos colaboradores que lecionaram no encontro anual em Swarthmore College. No primeiro ano de Park no Instituto, a série de aulas passou a incluir tópicos inéditos com a participação de dois novos membros fixos no IRR, o próprio Park e Otto Klineberg, da Universidade de Columbia. Com a mudança, a série de aulas passou a ter dois temas gerais: história natural do preconceito racial e imperialismo e nacionalismo¹¹¹. Esta tendência de considerar os problemas raciais em função dos problemas do Estado Nação e do colonialismo, já presente no ano anterior, passou a ser ressaltada no segundo ano como pode ser constatado pela relação completa dos temas de aulas dos professores do IRR, de acordo com a documentação guardada em Fisk¹¹².

¹¹⁰ Ver CSJ box 136.

¹¹¹ CSJ Box 137, folder 5, 3528.

¹¹² Ver CSJ Box 137, folder 2, 3474 a 3479. Para a filiação institucional de cada um dos professores, ver na mesma pasta os documentos 3481. Para lista *Institute Faculty*, ver 3483. Os professores podem ser divididos pelo período de sua participação mais longa ou mais curta (3484). Ver até 3407. A listagem dos alunos do IRR encontra-se no box 137. Nos anos de 1933 e 1934, entre os professores integrantes do IRR e suas respectivas disciplinas encontram-se (em ordem alfabética do sobrenome): W. W. Alexander (brancos no Sul dos EUA), Franz Boas (o significado de raça), Ralph Bunche (colônias britânicas e francesas no norte da África), Henry Cadbury (experiência dos grupos religiosos Quaker e questão de raça), Ambrose Caliver (problemas na educação para negros), Mabel Carney (negros nas escolas públicas), Horace Cayton (surveys em indústrias), Ewan Clague (*The*

Dentre os professores ligados à Fisk ou atuando no IRR, os casos de Rudiger Bilden, Melville Herskovits e Ruth Landes merecem atenção. Antes da primeira viagem de Pierson ao Brasil, em 1935, Rüdiger Bilden já havia visitado o país em 1925¹¹³. No entanto, os resultados da viagem de Bilden se materializaram apenas em um artigo curto intitulado *Brazil: a laboratory of civilization*, publicado na revista semanal de notícias *The Nation*, em 1929. No momento em que Pierson chega à Fisk, Bilden já está lecionando na mesma instituição e ele é o primeiro da série de professores de Fisk a visitar o Brasil.

National Recovery Act), Marian Cuthbert (técnicas e métodos de pesquisa em relações raciais), Rachel DuBois (atitudes raciais e técnicas sociais em relações raciais aplicadas às escolas públicas), W. E. B. DuBois (cultura africana, aspectos econômicos da escravidão, democracia e condições do presente para os negros americanos), Edwin Embree (civilização e progresso), Franklin Frazier (aspectos ligados à organização e desorganização da família dos negros, urbanização da população negra, conflitos raciais e culturais na América), Alfons Goldschmidt (questão racial no México e União Soviética, questão racial na Alemanha do passado e contemporânea), Melville Herskovits (africanismo no Novo Mundo, o problema científico do negro, aculturação e herança africana), George Herzog (herança africana do negro americano, cultura africana contemporânea, Arnold Hill (relações industriais), Charles Houston (abordagem legal sobre o problema de assimilação racial e estratégia dos movimentos de relações raciais), Edward Bernard (Israel e o antisemitismo nos Estados Unidos, fascismo e relações raciais), Charles S. Johnson (aspectos políticos e econômicos da escravidão, a evolução da escravidão do negro, desenvolvimento cultural do negro, origem das teorias raciais, aspectos políticos e econômicos da escravidão), Guy Johnson (imprensa do negro, segregação e relações raciais, o indivíduo e as relações raciais, James Weldon Johnson (o negro na literatura americana), Eugene Jones (técnicas e métodos em relações raciais). Entre os professores do IRR de 1933 e 1934, estavam ainda Otto Klineberg (cultura e personalidade, raça e crise, aspectos biológicos e psicológicos da mistura racial, testes psicológicos, aspectos bioquímicos e diferenças funcionais relacionadas à raça, conceito de raça: definição, classificação, relação com língua e nação), Ullin Leavell (o sistema dual de educação no Sul), Edouard Lindeman (conflitos sociais na vida americana), Charles Lorum (educação nativa na África e educação do negro nos Estados Unidos), Haridas Mazumbar (o problema de raça para além dos brancos e negros), Fred McCuistion (educação superior dos negros), Adolphus Herbert Miller (raça e religião no mundo, China, Japão, Índia, América do Sul), George Fort Milton (a abordagem histórica da escravidão), Broadus Mitchell (desenvolvimento do pós-guerra no Sul), Robert Park (distância social e ordem social, métodos de investigação em processos de aculturação, raça e preconceito, natureza humana e ordem social, miscigenação e problema racial), Ulrich Phillips (assimilação do negro na escravidão), Ira Reid (movimento de relações raciais nos Estados Unidos, trabalhos nas indústrias), E. B. Reuter (status marginal e a personalidade dos mestiços, casamentos inter-raciais, mistura inter-racial nos Estados Unidos), Guy Sarvis (missões, modificação da cultura), Harold Speight (personalidade, raça e preconceito), Charles Thompson (educação do negro), Channing Tobias (técnicas e métodos em relações raciais da Y.M.C.A), Forrester Washington (o negro e o *New Deal*), Walter White (técnicas em relações raciais), Donald Young (minorias americanas, imigração europeia nos Estados Unidos, distribuição racial nos Estados Unidos), Max Yergan e George Haynes (sem indicação do tema das aulas).

¹¹³ A historiadora Maria Pallares-Burke examina a relação de amizade entre Rüdiger Bilden e Gilberto Freyre em dois trabalhos um sobre o brasileiro *Gilberto Freyre: Um vitoriano nos trópicos* (2005) e sobre o americano em *O triunfo do fracasso: Rudiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre* (2005). A autora mostra através destes trabalhos como muitas das ideias Bilden foram apropriadas por Freyre na construção de *Casa Grande & Senzala* e como as referências ao americano foram sendo minimizadas pelo brasileiro.

Outro professor do IRR é Herskovits, normalmente lembrado entre nós como um aluno da Universidade de Columbia e orientando de Franz Boas. No entanto, antes de ir para Columbia para cursar seu mestrado e doutorado, ele estudou na Universidade de Chicago, onde conclui seu bacharelado em 1923. Assim, as relações entre Pierson e Herskovits datam de um período anterior à atuação do primeiro em Fisk. De acordo com o artigo publicado em inglês por Kevin Yelvington (2004), Herskovits foi apresentado à antropologia brasileira através de Rüdiger Bilden, também aluno de Franz Boas¹¹⁴.

Quando Donald Pierson (1900-1995) era um estudante de pós-graduação na Universidade de Chicago, ele era o presidente do clube de sociologia e, em 1933, pediu a Herskovits para proferir uma palestra na universidade. Pierson então pediu conselhos a Herskovits sobre o estudo *Negro in Brazil*, dizendo que ele “tinha se interessado pela aparente ausência de preconceito nas relações Portugueses-Negros no Brasil e, mais tarde, Pierson fez várias traduções para Herskovits dos resumos dos capítulos de *Os Africanos no Brasil* (1932) de Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906). Freyre convidou Herskovits a contribuir no I Congresso Afro-brasileiro em 1934; ele enviou duas contribuições de material já publicado, mas não compareceu fisicamente. Foi Freyre que sugeriu a Ramos para entrar em contato com Herskovits. Eles trocaram cartas e publicações, e havia uma influência mútua nos trabalhos de ambos, especialmente no que diz respeito ao conceito de “aculturação”. Em 1937, Herskovits enviou uma contribuição já publicada ao II Congresso Afro-Brasileiro onde ele utilizou alguns trabalhos de Ramos. Herskovits ajudou Ramos a obter uma garantia de viajar aos Estados Unidos e lecionar na Universidade Estadual da Pensilvânia, e eles finalmente se encontraram pessoalmente quando Ramos veio à Northwestern University para proferir uma palestra juntamente com Herskovits sobre “O Problema de Raça no Brasil e nos Estados Unidos”. Herskovits fez trabalho de campo na Bahia entre os anos de 1941 e 1942, tendo a ajuda de Pierson e Charles Wagley (1913-1991) antes de sua viagem. Seu trabalho na Bahia foi central em seu debate com Frazier a respeito do papel dos “Africanismos” na família afro-americana. Ele estabeleceu um número de conexões antropológicas em várias conferências e orientou três antropólogos brasileiros na Northwestern: Octavio da Costa Eduardo, que fez seu mestrado em 1943 e doutorado em 1945, René Ribeiro (1914-1990), que defendeu seu mestrado em 1949, e Ruy Galvão de Andrade Coelho, que finalizou seu doutorado em 1955 (tradução minha)¹¹⁵.

¹¹⁴ Este artigo foi apresentado por Kevin Yelvington com o título de *Melville J. Herskovits and the Institutionalization of Afro-American Studies* no Colóquio Internacional “O Projeto UNESCO no Brasil: Uma volta crítica ao campo 50 anos depois”, realizado em 2004, em Salvador. O pesquisador brasileiro Antônio Sérgio Guimarães (2004) também explora as relações de Herskovits com o Brasil em “Comentários à correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos (1935-1941)”.

¹¹⁵ Octávio da Costa Eduardo, um dos citados alunos orientados por Herskovits nos EUA foi orientando de Pierson no Brasil, trabalhando como assistente de pesquisa na ELSP.

É claro que, ao tratar destas relações entre 1925 e 1935, estamos nos referindo a um ambiente intelectual pequeno e restrito em que os poucos pesquisadores fazem parte de uma mesma rede profissional que, neste caso, conecta intelectuais brasileiros e americanos, como Arthur Ramos, Pierson, Park, Bilden, Herskovits, Freyre, Boas, entre outros. Mas como parte desta rede, Pierson ocupa um lugar de destaque. Ao atuar como assistente de Park, Pierson o auxiliou a ministrar um curso sobre a questão do negro e o contato racial no Brasil. O curso foi baseado nas leituras da obra de Nina Rodrigues *Os africanos no Brasil*, um presente que teria sido oferecido a Park em sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro, em 1931/1932 (Pierson, 1987). Não parece difícil supor que o livro tenha sido presente de Arthur Ramos que neste momento organizava a coletânea¹¹⁶.

Esta atuação de Pierson extrapola mesmo os limites institucionais da universidade localizada em Nashville, como indica o exemplo de Herskovits. Ao confrontarmos os nomes dos pesquisadores ligados à Fisk que realizaram trabalho de campo no Brasil com a lista de pesquisadores americanos de diferentes instituições tratando do mesmo tema, chama atenção o fato de quase todos eles terem alguma ligação com a instituição no Tennessee, e consequentemente, com Pierson. Este é o caso de Herskovits, que não lecionava na Universidade de Fisk, mas era parte do IRR.

Este é o caso também de Ruth Landes, outra aluna de Columbia e, assim como Herskovits, também de origem judia. Ruth Landes tinha como orientadores Franz Boas e Ruth Benedict quando de sua ida para Fisk, em 1937, para lá atuar como professora. Como nos informa Cunha (2004), o convite teria partido de Robert Park contando com o apoio dos orientadores de Landes. Ambos os casos (Landes e Herskovits) são paradigmáticos para ilustrar que as fronteiras disciplinares e departamentais entre os sociólogos de Fisk/Chicago e os antropólogos de Columbia não eram muito rígidas em se tratando do Brasil como tema de pesquisa.

¹¹⁶ O livro *Os africanos no Brasil* foi publicado por Ramos em 1932, contendo ensaios escritos por Nina Rodrigues entre 1890 e 1905. Inicialmente organizado como *O problema da raça negra na América portuguesa*, em 1905, por Homero Pires, o livro então ganhou outra versão com a inclusão de novos textos como parte da Coleção Brasileira. Arthur Ramos também organizou outras publicações póstumas de Nina Rodrigues. Em 1935, reuniu os artigos que compõem *O animismo fetichista dos negros baianos*, publicados na *Revista Brasileira*, entre 1896 e 1897 SCHWARCZ (2007).

De acordo com a própria Landes, o período de aproximadamente sete meses em Nashville é encarado como um período de treino, de preparação para o trabalho de campo no Brasil, a exemplo da experiência de Pierson com sua primeira estada em Fisk em 1935. Esta “preparação”, ainda de acordo com Cunha, teria sido crucial para Landes o contato inicial com a literatura sobre o Brasil e com outros estudiosos do mesmo tema, como Robert Park, Donald Pierson e Rüdiger Bilden.

A relação de Pierson com Landes descrita por ela nos fornece importantes pistas para compreender esta rede de pesquisadores em Fisk. Pierson (a exemplo de Bilden) passa a atuar como uma espécie de embaixador auxiliando outros pesquisadores americanos tanto na inserção em campo mais diretamente, quanto na mediação com o governo brasileiro e com os intelectuais locais. Já neste período em Fisk, Pierson se torna uma referência para pesquisadores nos Estados Unidos que quisessem ter acesso às referências e a consulta aos materiais documentais e bibliográficos sobre relações raciais no Brasil.

Sobre este primeiro curso ministrado por Pierson e Park em Fisk é importante ressaltar que o Brasil a que se referiam é parte de um contexto que podemos definir como “pré” *Casa Grande & Senzala*, admitindo o livro de Gilberto Freyre como um divisor de águas nas discussões e reflexões sobre as relações raciais no Brasil. É importante ressaltar que o livro *Casa Grande & Senzala* (1933) só seria incorporado como parte das leituras de Pierson sobre o Brasil quando este passa a frequentar um curso de Gilberto Freyre, no Rio de Janeiro, em 1935, conforme relembra o próprio Pierson¹¹⁷.

É preciso considerar que, da perspectiva dos Estados Unidos, o Brasil era visto como um modelo de “democracia racial” ainda no período anterior à publicação dos estudos do sociólogo pernambucano. Neste sentido, embora seja inegável o impacto da obra de Freyre no contexto brasileiro e fora do país – através do contato com estrangeiros e com a tradução de seus trabalhos no exterior, - vale destacar que, antes de 1933, alguns intelectuais americanos defendiam a perspectiva de que o Brasil seria um “modelo” positivo de relações raciais com a

¹¹⁷ Em inglês o trabalho de Gilberto Freyre seria publicado apenas em 1946 com o título de *The Masters and the Slaves*. Na época de sua publicação, Pierson escreve uma resenha sobre o livro, publicada na *American Sociological Review*. Sobre o curso de Freyre que Pierson frequentou, tratarei adiante.

ausência de conflitos, preconceito e discriminação¹¹⁸.

Entre aqueles que endossavam tal posição estava o ex-presidente Theodore Roosevelt, que, após visitar o Brasil entre 1913 e 1914, passou a se posicionar publicamente defendendo a existência de uma diferença completa em relação ao lugar social dos negros nos dois países, Brasil e Estados Unidos¹¹⁹. Autores como Andrews (1997) e Costa (2006), por sua vez, comentam o otimismo em relação ao Brasil na imprensa norte-americana nos anos de 1910. Ainda no contexto da I Guerra, foram publicados artigos que não apenas elogiavam o Brasil a partir desse prisma, mas encorajavam a imigração dos negros americanos. Entre os jornais, estavam *The Crisis*, dirigido por W.E.B. DuBois, *Baltimore Afro-American*, *Atlanta Independent*, *Negro World* e *Chicago Defender* (Costa, 2006).

Ao lado dos textos mais curtos de cunho não acadêmico publicados nos jornais acima na década de 1910, começaram a surgir pesquisas de maior fôlego em termos analíticos sobre o país, na década seguinte. Dentre eles se destacam trabalhos que se tornariam referências para Pierson no primeiro momento em Fisk, segundo ele afirma em *Branços e Pretos na Bahia* (1971) Entre os principais estão o do jurista e historiador irlandês James Bryce (1838-1922)¹²⁰ e o já mais de uma vez mencionado Rudiger Bilden.

A despeito desses trabalhos, o doutorado de Pierson representa o primeiro esforço de análise sobre o país na área das ciências sociais nos Estados Unidos, realizada a partir de extensiva e intensiva pesquisa de campo. E a investigação por ele empreendida na Bahia daria início a uma série de viagens de pesquisadores ligados à Universidade de Fisk e a Robert Park, que aqui aportam. Em outras palavras, seguindo os passos de Bilden e Park, Pierson seria o responsável pela abertura de uma ponte entre os Estados Unidos e o Brasil com relação ao tema das

¹¹⁸ Sobre a recepção de Casa Grande & Senzala, ver o artigo *A construção sociológica de uma posição regionalista: reflexões sobre a edição e recepção de 'Casa Grande e Senzala' de Gilberto Freyre* (Sorá, 1998).

¹¹⁹ Theodore Roosevelt, presidente os Estados Unidos entre 1901 e 1909, tinha Booker T. Washington como conselheiro e veio ao Brasil em uma expedição no ano de 1913 com o apoio do governo brasileiro. Tal empreitada ficou conhecida como *Expedição Científica Roosevelt-Rondon* e foi documentada nos relatos do próprio Roosevelt publicados como *Nas selvas do Brasil* (ROOSEVELT, 1976).

¹²⁰ *South America: Observations and Impressions*, de 1912. Disponível em <http://archive.org/stream/southamericaobs01brycgoog#page/n18/mode/2up>

relações raciais. A partir daí, ele iria se inserir em uma rede de pesquisadores brasileiros, aperfeiçoar seu conhecimento da língua portuguesa¹²¹ e começaria a vivenciar uma “situação racial” muito específica, desenvolvendo pesquisas nas ruas da cidade de Salvador e nos terreiros de candomblé da Bahia. Após sua “missão” de dois anos (1935 e 1937) no Brasil, ele voltaria à Fisk como um dos maiores especialistas dos Estados Unidos no campo dos estudos raciais brasileiros.

¹²¹ De acordo com Wirth (em carta que será tratada no capítulo 3), em seu tempo de preparação em Chicago, Pierson morou com uma família portuguesa para aprender a língua.

2.2.

“Por que eu vim para a Bahia?”: raça, religião e política em Salvador

“Por que eu vim para a Bahia?” A pergunta fornece o título do primeiro artigo publicado por Donald Pierson no Brasil. Trata-se de um texto de cinco páginas escrito em língua portuguesa, especialmente elaborado para a *Revista de Direito da Bahia*¹²². Redigido e publicado em 1936, o artigo tem como objetivo apresentar as motivações de sua pesquisa a um público mais geral, não especializado. Ao contrário do que se poderia esperar do título, a experiência específica de pesquisa de Pierson, ou mesmo a motivação de sua vinda ao Brasil ocupam pouco espaço no texto, aparecendo mais exatamente, nos três parágrafos finais.

O principal tema tratado é, nos termos do autor, a defesa do caráter científico da “ciência social” e a necessidade do tratamento objetivo dos fatos que incluem o limite restrito do campo a ser estudado como condições básicas para o desenvolvimento do estudo. O termo “ciência social” é utilizado no singular, figurando quase como sinônimo de sociologia (quando há referência às “ciências sociais” a designação aparece como o equivalente ao que poderíamos chamar de ciências humanas¹²³).

O fato do texto ter sido publicado em uma revista jurídica merece nota, já que uma das características da cena intelectual brasileira no período é a transição das discussões sobre raça que se deslocavam do discurso da medicina e do direito para os campos da sociologia e da antropologia. Mais do que um espectador deste processo, Pierson foi um de seus protagonistas; e parte de sua audiência, em um momento ainda incipiente da institucionalização das ciências sociais, era não por

¹²² Adotamos o nome tal qual é apresentado no periódico no volume citado (vol. X, 1936). Editada desde 1892, a revista também é normalmente citada nas bases de dados acadêmicas como *Revista de Direito da Faculdade da Bahia*, nome da instituição que viria a se tornar a Universidade Federal da Bahia.

¹²³ Conferir especialmente o segundo parágrafo que apresenta uma síntese do argumento: “Ahi está o segredo da esterelidade das ciencias sociais. Estes homens, intitulado-se cientistas sociais, muitas vezes, demasiadamente, exorbitam de sua alçada, para a dos filósofos sociais, procurando enfeixar em suas mãos todos os departamentos da realidade social. Isto é uma empresa legitima e valiosa. Mas não é o caminho da ciência” (p. 91).

acaso formada por juristas e médicos.

Afora a defesa da ciência social não apenas como método, mas como perspectiva disciplinar em relação às outras áreas do saber, é possível dizer que Pierson naquele momento ainda não havia estabelecido com clareza seu projeto de pesquisa. A Bahia aparece no texto como um local de observação, mas as hipóteses e problemas de pesquisa ainda não estão nitidamente formulados.

Mas relembra Pierson (1987), que sua viagem ao Brasil não tinha como objetivo inicial a realização de uma pesquisa de doutorado, fato que só realizaria em um momento posterior da estada brasileira quando o trabalho de campo se materializaria. Tratava-se de estudar o Brasil, é verdade, mas sem a definição exata de que contexto ou região geográfica, embora o tema de pesquisa já estivesse delineado.

Na verdade, nem ele nem a documentação disponível trazem detalhes sobre essa primeira viagem ao Brasil, já que os arquivos institucionais disponíveis guardam basicamente documentos de suas atividades profissionais *stricto sensu*. Mas com base no depoimento de Pierson (*op. cit.*) é possível afirmar que o roteiro primeiro pelo sudeste representou uma etapa fundamental de contato com o país e com os estudos que aqui estavam sendo realizados. Esta etapa é por ele definida como um “preparo adicional para a primeira pesquisa no país” (*idem*, p. 34), ainda que não dê maiores detalhes de como este preparo teria se dado.

Quando Pierson desembarcou no Brasil, em julho de 1935, seu primeiro destino foi o Rio de Janeiro. Acompanhado de Helen Batchelor, ele visitou também São Paulo e Belo Horizonte, antes de seguir para seu destino final, Salvador, na Bahia. Neste primeiro momento, além de se dedicar ao aprendizado do português, estabeleceu interlocução com diferentes pesquisadores brasileiros. Com base nos documentos de Pierson, sobretudo as suas correspondências pessoais no Brasil, é possível localizar os primeiros contatos e a formação inicial de uma rede, da qual faziam parte pesquisadores brasileiros e estrangeiros que estavam no Brasil neste momento, e até mesmo com seus pares norte-americanos.

No texto ele conta que em São Paulo, teve encontros com o poeta Jorge de Lima (1893-1953), com o sociólogo americano Samuel Lowrie, que na época lecionava na Escola de Sociologia e Política, e com o historiador brasileiro Affonso

Taunay, que na época estava ligado a uma série de importantes instituições no cenário nacional e na capital paulista, como a Universidade de São Paulo, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, além de dirigir o Museu Paulista e ser membro da Academia Brasileira de Letras. Na capital carioca, por sua vez, foram vários seus contatos profissionais e pessoais, entre eles, com Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Arthur Ramos; com José Lins do Rego e com os educadores Anísio Teixeira (1900-1971), Antônio Carneiro Leão, Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) (que mais tarde também seria o editor dos livros de Pierson na Editora Melhoramentos); com o diplomata Hélio Lobo (então ministro das Relações Exteriores); e com o geógrafo Delgado de Carvalho (1884-1980), também ligado ao Instituto Histórico e Geográfico (*idem*, p. 37 e 38).

Destes primeiros contatos brasileiros, alguns ajudariam Pierson a compor uma rede de apoio profissional que seria crucial quando da segunda viagem ao Brasil e do seu estabelecimento no país por mais quase 20 anos, como é o caso de Samuel Lowrie, que o convidaria para lecionar na Escola de Sociologia e Política. Ou mesmo Anísio Teixeira que, mais tarde, desempenharia um papel fundamental para a realização da pesquisa de Pierson no Vale do São Francisco. Será por intermédio de Anísio Teixeira que a pesquisa passaria, na década de 1950, a ser financiada pela Comissão do Vale do São Francisco, órgão do governo federal brasileiro.

Para além da construção de uma rede mais ampla no país, alguns destes contatos se tornariam importantes referências para o trabalho iniciado na Bahia em 1935. E, é importante observar, Pierson conseguiu, diplomaticamente, estabelecer relações de trabalho e pessoais com pesquisadores e intelectuais brasileiros que tomam posições diferentes em um terreno marcado por disputas teóricas, metodológicas e políticas no que tange o tema das relações raciais, cujas referências mais importantes, para Pierson, eram: Arthur Ramos, Gilberto Freyre e Oliveira Vianna.

Por referências, me refiro ao modo como estes autores, especialmente Gilberto Freyre e Arthur Ramos, se tornaram importantes interlocutores ao fornecerem uma espécie de *frame* de leituras sobre o Brasil e sobre o tema de pesquisa do investigador recém-chegado. Pierson passará a dialogar com estes

autores, não como informantes privilegiados, mas como pares na construção do problema de pesquisa. A relação de proximidade que estabelece com esses autores é visível nas cartas enviadas por Pierson a Robert Park nos Estados Unidos. Em uma delas, datada de abril de 1936, por exemplo, ele chega a sugerir que seu orientador incluía Oliveira Vianna, Arthur Ramos e Gilberto Freyre como colaboradores regulares do periódico comandado pela Universidade de Chicago, o *American Journal of Sociology*¹²⁴.

No caso de Gilberto Freyre, além dos encontros no Rio de Janeiro, Pierson frequentou um de seus cursos na mesma cidade, indica a nota de abertura de *Um “sistema de referência” para o estudo dos contatos raciais e culturais* (1941), um dos artigos que ele publica na revista *Sociologia*. A nota indica que Pierson frequentou um curso de Antropologia ministrado por Freyre, na então Universidade do Rio de Janeiro, no ano de 1935¹²⁵. Sem mencionar maiores detalhes sobre esta situação, Pierson afirma que o referido artigo teria sido apresentado e debatido no neste curso¹²⁶.

Quando Pierson e Freyre se encontram em 1935, o brasileiro havia acabado de publicar seu primeiro livro “Casa-Grande & Senzala” (1933) com uma inspiração declarada no trabalho de Franz Boas para construir uma argumentação destacando os resultados sociológicos e culturais da mistura de raças. Freyre, que havia estudado na Universidade de Columbia, em 1922, compartilhava de certa forma um referencial comum a Pierson e aos demais pesquisadores de Fisk – a ênfase em aspectos culturais no estudo das diferenças raciais em detrimento das explicações biológicas ainda vigentes na época.

¹²⁴ Coleção Robert Park em Fisk, box 5, pasta 6 (reprodução final 3639 e 3640) .

¹²⁵ Sobre os cursos de Gilberto Freyre no Rio de Janeiro, ver a tese de Simone Meucci (2006).

¹²⁶ Além desta nota, não encontrei nenhuma outra informação sobre a participação de Pierson no curso de Freyre, mas Freyre será uma referência conceitual relevante, como pode ser percebido na leitura da tese de Pierson, que inclusive apresenta um de seus capítulos, “Casa Grande e Senzala”, claramente uma referência ao trabalho de Freyre. A proximidade das ideias de Freyre e Pierson não é uma novidade e ambos são apontados como responsáveis pela construção da ideia de democracia racial brasileira, a exemplo do que diz Romo (2010). Aliás, como atestam os documentos das pesquisas desenvolvidas por Pierson depois da década de 1960 sob a guarda da Universidade da Flórida, o percurso de Freyre para Portugal, seria seguido anos mais tarde por Pierson que desenvolveu uma série de pesquisas sobre relações raciais naquele país.

As relações entre Freyre e Pierson podem ser também mapeadas pelas resenhas que fizeram um sobre o trabalho do outro. No ano de 1942, após a publicação da tese de Pierson, Gilberto Freyre escreveu uma resenha sobre o livro no jornal *Diários Associados*¹²⁷. Em 1947 é a vez de Pierson escrever uma resenha sobre a edição norte-americana de *Casa Grande & Senzala*, publicado no ano anterior como *The Masters and the Slaves*. Em ambos os casos, trata-se de um tratamento elogioso que os autores dispensam um ao outro. Ao apresentar o trabalho de Pierson, Freyre ressalta tanto a importância do tema de pesquisa quanto o rigor metodológico de Pierson. Mas, o que parece relevante para Freyre é que “os resultados do seu estudo [de Pierson] coincidem com os de observadores e pesquisadores brasileiros do assunto”, ou seja, os seus próprios.

De fato, os resultados de Pierson e Freyre coincidem fortemente, já que Pierson em alguns aspectos toma as teses do escritor pernambucano como base para a construção de seu argumento. Na resenha para *The Masters and the Slaves*, publicada na *American Sociological Review*¹²⁸, por exemplo, chega a afirmar que para aqueles que puderem ler apenas um livro sobre o Brasil, a melhor indicação seria o mencionado livro de Freyre. Na resenha, Pierson ainda destaca a importância do livro de modo que seria possível dividir a história intelectual brasileira em antes e depois de *Casa Grande & Senzala*. E, do mesmo modo, o livro forneceria elementos para o estudo do desenvolvimento da ‘*racially democratic*’ *civilization*, ou seja, da civilização “racialmente democrática”, assim indicado por Pierson, entre aspas.

Ao analisarmos as condições de realização de sua pesquisa de campo, e a rede de relações estabelecidas por ele no Brasil nessa sua primeira viagem, é possível afirmar que, se no plano conceitual, Pierson estava bem afinado com Freyre, no plano político, sua maior referência foi Arthur Ramos – que como já mencionei, provavelmente foi uma figura chave para a primeira vinda de Pierson ao Brasil. Entender a relação estabelecida entre Ramos e Pierson é fundamental para o entendimento da definição do “campo” de investigação de Pierson no Brasil.

¹²⁷ Trechos desta resenha foram reproduzidos na introdução à edição brasileira do livro (PIERSON, 1971).

¹²⁸ A resenha foi publicada no periódico *American Sociological Review* Vol. 12, No. 5 (Oct., 1947), pp. 607-609. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2086740>

As relações de Arthur Ramos com intelectuais estrangeiros não era exatamente uma novidade e sua relação com Pierson não foi um caso isolado. Arthur Ramos era natural de Alagoas e quando ele se mudou para Salvador, em 1921, para cursar medicina, Nina Rodrigues já era falecido há mais de 10 anos, mas ainda assim Ramos se filia à tradição intelectual deste autor ao se especializar em psiquiatria clínica e medicina forense¹²⁹. Mesmo no período de sua tese de doutorado, *Primitivo e Loucura*, defendida em 1926, ele manteve correspondências com grandes nomes da psiquiatria e psicologia como Freud e Lévi-Bruhl (Barros, 2005).

Durante a permanência de Pierson no Brasil, Ramos era uma figura política importante no cenário local nos domínios da medicina, da psicologia e da antropologia em processo de institucionalização. No cenário baiano, Ramos havia construído uma carreira de prestígio depois de atuar como docente da Faculdade de Medicina da Bahia e médico forense no Instituto Nina Rodrigues. No Rio de Janeiro havia ocupado um importante cargo público como supervisor da área de "higiene mental" nas escolas públicas do estado. E, a partir de 1934, foi o responsável pela cátedra de Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal e, ao final da permanência de Pierson no Brasil, ele se tornou o primeiro catedrático de Antropologia e Etnologia na Universidade do Brasil (que mais tarde se tornaria a Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Em suas conexões com a intelectualidade local, Ramos teve um importante papel para a inserção de Pierson nos terreiros de candomblé e junto à elite baiana. Em uma das cartas de apresentação de Pierson a um de seus colegas em Salvador, Ramos pede que

o oriente aí da melhor maneira possível, indicando-lhe ponto saudável de moradia, apresentando-o às instituições que o possam interessar Instituto Histórico, Arquivo do Estado, Gabinete de Identificação, Faculdade de Direito e Medicina, [Instituto] Nina Rodrigues, etc). Se possível, leve-o a um candomblé, a que ele está muito interessado em assistir (In: Barros, 2005, p. 82).

¹²⁹ Sobre Arthur Ramos e a Escola Nina Rodrigues, ver o texto fundamental de Mariza Corrêa (1998), *As ilusões da liberdade*.

Mas Ramos não foi o responsável apenas pela articulação política de Pierson na Bahia ao inserí-lo no mesmo campo de atuação que o seu próprio investigando as religiões afro-brasileiras. Enquanto Pierson desenvolvia sua pesquisa em Salvador, Ramos manteve correspondências com outros estrangeiros e dentre os americanos que fizeram campo na Bahia e contaram com a “instrução” de Arthur Ramos, estariam também Ruth Landes, Franklin Frazier e Melville Herskovits¹³⁰, todos eles gravitando em torno da figura de Robert Park nos Estados Unidos e, posteriormente, de Arthur Ramos no Brasil. Menos do que ter a permissão de Arthur Ramos para trabalhar na capital baiana, estes norte-americanos iam buscar ajuda para a definição do local para a realização do trabalho de campo. Este processo de definição do campo é notável especialmente no caso de Donald Pierson e Ruth Landes, os primeiros desta série de pesquisadores norte-americanos.

Como indica Ruth Landes na introdução de seu trabalho *A cidade das mulheres*, que passou três meses no Rio de Janeiro antes de ir a Salvador (2002 [1967], p. 41), este papel no processo de definição do que deveria ser o local estudado não é pequeno. A própria Landes revela (*apud* Romo, 2010) que embora pretendesse estudar o entorno da cidade de Salvador, sofreu ingerências por parte de Ramos para concentrar seu trabalho de campo na capital baiana. Entre outros fatores, as discordâncias com relação ao local de pesquisa, ao menos para Landes, representou o início de uma série de divergências e confrontos com Ramos. Ela relembra ainda que teria sofrido retaliações pelo fato de não ter usado as cartas de recomendação do médico e antropólogo brasileiro em sua inserção em campo (Landes, 1986).

No que se refere às questões de gênero, divergências teóricas, a origem judaica da autora, e mesmo as escolhas sexuais e afetivas de Landes em meio às calúnias e difamações que colocavam o trabalho da americana em suspeita, parece ter pesado muito o fato de que ela apresentava resistências para seguir as orientações elaboradas por Arthur Ramos para a realização das pesquisas dos

¹³⁰ Sobre a correspondência de Arthur Ramos com Melville Herskovits, ver Guimarães (2004). Já as correspondências de Arthur Ramos com estes e outros intelectuais se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional.

americanos na Bahia. Este não seria o problema de Pierson, que de acordo com Landes, também foi o responsável por colocar o seu trabalho acadêmico em suspeita perante a comunidade baiana.

É bem conhecido nas ciências sociais o episódio em que, por responsabilidade de Arthur Ramos, Landes ficou conhecida por pagar seus informantes e colaboradores em campo com favores sexuais. De acordo com as próprias memórias de Landes (1986, p. 128-129), a calúnia correu o mundo e mesmo pesquisadores de fora do Brasil teriam ouvido a história de que ela, ao invés de realizar sua pesquisa de campo, dirigia um bordel em Salvador¹³¹.

Mas não se pode perder de vista que as cartas destes personagens que falam de troca de experiências, resultados de pesquisas, apresentações a terceiros, fofocas, maledicências sobre o trabalho alheio, elogios e palavras de estima e admiração fazem parte de uma rede transnacional de posições bem marcadas em termos políticos. O tratamento dedicado a Landes por Arthur Ramos estava em consonância com seus colegas de Fisk, como indica carta de Bilden a Ramos datada de 10 de março de 1938¹³².

Algum tempo atrás eu escrevi para você sobre a próxima visita da Dra. Ruth Landes ao Brasil para a propósito de fazer estudos sobre o Negro na Bahia. Eu acredito que ela irá partir logo. No entanto, eu sou forçado a recolher minha recomendação dela para você, já que não estou impressionado com a sua personalidade, sem seriedade de propósito, e preparação para a tarefa, naquela época que te escrevi, ela foi referida a mim pelos meus amigos do Departamento de Antropologia da Universidade Columbia com o pedido que eu dirigisse sua preparação, já que ela era completamente ignorante em qualquer assunto pertinente ao Brasil. No ano que passou ela não se preparou adequadamente e, em minha opinião, [é] incapaz para um estudo de sondagem do Negro da Bahia [...]. Eu escrevi pra você como eu fiz naquele tempo, seus avisos e do meu amigo Melville Herskovits, que, assim como os outros antropologistas [sic], expressou uma opinião desfavorável dela. Eu entendo agora que Herskovits estava certo. Você está, claro, livre para tratá-la como achar melhor. E eu não quero colocar obstáculos no caminho dela. Mas eu não posso apoiá-la ou recomendá-la (tradução de Glauca P. Gonzales do Acervo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional).

Esta “liberdade” de Ramos oferecida por Bilden para tratar Landes não foi

¹³¹ Sobre Ruth Landes ver sua biografia escrita por Sally Cole (2003) e também os trabalhos de Cunha (2004); Romo (2010) e Silva (2000).

¹³² Disponível no Acervo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional (identificador mss1299462) http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1299462.pdf

ofertada no caso de Pierson que havia seguido para o Brasil com a recomendação que fosse aqui bem tratado. Mas, de qualquer forma, o caso de Ruth Landes auxilia a entendermos melhor a importância do papel de Arthur Ramos na definição do campo de pesquisa dos estrangeiros nos anos. Ruth Landes vem ao Brasil como parte do convênio entre o Museu Nacional e a Universidade de Columbia firmado em 1938, depois que Heloisa Alberto Torres escreve para Franz Boas “sugerindo a vinda de jovens antropólogos” ao Brasil.¹³³

O contraste dos percursos de Landes e Pierson revela itinerários comuns: uma temporada no Rio de Janeiro, o contato com os intelectuais locais na então capital do país, uma primeira sondagem de um local para estudo e, após alguns meses, a definição do lugar da pesquisa. Neste processo, o papel de Arthur Ramos foi o de indicar ou reforçar a cidade de Salvador como o melhor local de observação da presença da tradição africana no Brasil.

No interior destas perspectivas sobre o estudo de relações raciais há uma indissociabilidade entre teoria e militância e atuação política. Ao contrastar a perspectiva de Pierson com a de Landes, esta última teria se recusado a investigar a cidade de Salvador como um “museu a céu aberto” (Romo, *op. cit.*) buscando a permanência de formas culturais arcaicas no candomblé. Como tratarei adiante, esta perspectiva difere da de Pierson, que mais alinhada com a de Arthur Ramos, encontrou no Brasil uma cidade congelada no tempo mantendo intactas as tradições africanas no continente americano.

Landes pagou muito caro por contrariar a perspectiva de Arthur Ramos e a tendência de identificar a pureza da África intocada na Bahia. É claro que as consequências desta “rebeldia” se misturam a questões de gênero e etnicidade (já que ela era uma mulher branca judia em meio a uma sociedade conservadora), mas parte da crítica de Ramos representava a defesa um modelo de se investigar relações raciais que deveria ser seguido por intelectuais brasileiros e estrangeiros.

No caso de Pierson, ao seguir de perto as orientações de Arthur Ramos no que diz respeito à escolha de seu local de investigação com os terreiros de

¹³³ O primeiro aluno de Columbia, Jules Henry, teria vindo antes do convênio para estudar os kaingang. Fazem parte deste convênio William Lipkind, Buell Quain, Charles Wagley, Ruth Landes, James e Virginia Watson, Robert e Yolanda Murphy. Todos eram etnólogos, exceto Landes (CORRÊA, 2002, p. 9-10)

candomblé na cidade de Salvador, ele de certo modo foi “apadrinhado” pelo brasileiro e com o apoio intelectual de Ramos se envolveu nos debates locais em torno de raça que se formava em Salvador naquele período – o que pode ser conferido por sua participação no II Congresso Afro-Brasileiro.

Como argumenta Corrêa ao tratar da Escola Nina Rodrigues (*op. cit*), neste contexto estava presente uma disputa de “linhagens” em torno da tradição dos estudos afro-brasileiros polarizada entre os estados da Bahia e de Pernambuco. Convém lembrar que Pierson chegou ao Brasil exatamente no período entre o I e o II Congresso Afro-Brasileiro em meio a uma contenda entre Gilberto Freyre (organizador do I, em 1934, em Recife) e Arthur Ramos (organizador do II, em 1937, em Salvador). O II Congresso Afro-Brasileiro representou o início de uma disputa em torno de qual cidade teria mais reputação em se tornar o centro de maior prestígio de estudos sobre raça no país: Recife de Gilberto Freyre ou Salvador de Arthur Ramos.

Neste sentido, o que estava em jogo era qual seria o local privilegiado de pesquisa por parte de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Não se tratava de definir o tema de pesquisa (relações raciais no Brasil), mas através do que (candomblé) e onde (Salvador). E é justamente aí que entra em cena outro ator importante deste processo: o pesquisador baiano Édison Carneiro (1912-1972) ¹³⁴. Atuando na organização do segundo evento, Carneiro desempenhou um papel importante na intermediação destes diferentes grupos no II Congresso ao trazer para o debate, além de acadêmicos, pessoas ligadas ao candomblé, intelectuais baianos e os próprios pesquisadores estrangeiros que estudavam candomblé que ajudaram a definir um novo papel para a Bahia, o de mais importante centro da cultura afro-brasileira.

Uma indicação da participação de Pierson na cena local dos estudos relacionados aos negros no Brasil pode ser aferida pela relação dos trabalhos apresentados no II Congresso Afro-Brasileiro realizado entre 11 a 20 de janeiro de 1937 em Salvador. Dentre os trabalhos – alguns apenas enviados ao evento sem a participação dos autores – estavam, entre outros, o de Melville Herskovits *Deuses*

¹³⁴ Sobre Édson Carneiro, ver Rossi (2011).

Africanos e Santos Catholicos nas crenças do negro do Novo Mundo trazendo as correspondências entre os santos e entidades cultuados no Brasil, Cuba e Haiti; *Uma revisão na ethnographia religiosa afro-brasileira*, de Édison Carneiro; *Culturas Negras: problemas de aculturação no Brasil*, de Arthur Ramos; *A liberdade religiosa no Brasil: A macumba e o Batuque em face da lei*, de Dario de Bittencourt. E alguns textos em homenagem a Nina Rodrigues escritos por Jorge Amado, Arthur Ramos e Édson Carneiro. Em meio aos nomes mais importantes deste campo de estudo, Pierson apresentou dois trabalhos: *Um sistema de referência para o estudo dos contatos raciais e culturais* e *A raça e a classe na Bahia*.

Ainda sobre o envolvimento de Pierson com o candomblé, ele publicou em 1942 *O Candomblé na Bahia*, pela Editora Guaíra. Esta publicação é uma prévia do capítulo X que mais tarde faria parte de *Branços e Pretos na Bahia*. Com uma forte formação religiosa cristã, frequentador assíduo da igreja presbiteriana, Pierson se tornaria ogã nos terreiros em que realizou sua pesquisa de campo em Salvador, conforme é comentado no livro em sua versão para o português. O candomblé passaria a desempenhar um lugar de destaque tanto na pesquisa de campo de campo quanto nas análises de Pierson. E a Bahia, especificamente a cidade de Salvador, se consolidava como o lugar privilegiado de observação.

Mas se as interlocuções estabelecidas por Donald Pierson com a intelectualidade brasileira foram importantes para as definições do campo e do objeto de sua pesquisa – com ênfase no candomblé como parte da formulação do problema de pesquisa, as interlocuções de Pierson com seus pares norte-americanos também não deve ser menosprezada. Neste sentido, ao recuperar as ligações deste autor com o ambiente intelectual de Chicago e de Fisk, é possível compreender o lugar de Pierson como responsável por construir uma espécie de ponte entre dois mundos ligados pelo mesmo tema de pesquisa. De um lado, a academia americana, e de outro, a intelectualidade brasileira – sendo que deste encontro de diferentes visões de mundo, ideias, teorias científicas e militância política, o Brasil, especificamente a Bahia, está neste momento se destacando como um modelo para o estudo das diferenças entre as raças.

Como já mencionado, a pesquisa de Pierson na Bahia era parte do Seminário sobre Contato Racial e Cultural da Universidade de Chicago, sob a orientação de Robert Park, Robert Redfield e Louis Wirth. Apenas quando Pierson está em

processo adiantando de seu trabalho de campo é que os resultados da pesquisa passam a ser incorporados ao seu doutorado, sob a supervisão de Robert Park. Esta mudança formal de orientação acontece após uma série de negociações e troca de correspondências entre os três professores¹³⁵ e, a partir de 1936, o trabalho de Pierson passaria a ser orientado apenas por Robert Park¹³⁶.

As desavenças entre os orientadores do trabalho de Pierson – Park, Redfield e Wirth – revelam importantes divergências em termos conceituais e metodológicos. Conforme documentado nas cartas trocadas entre eles, o processo de construção da pesquisa de campo na Bahia se dá sobre a égide da de uma tensão em torno de uma perspectiva mais histórica ou mais centrada no trabalho de campo propriamente dito. A carta de Park enviada a Redfield em 22 de janeiro de 1936 é exemplar desta cisão¹³⁷; Park apresenta seu diagnóstico: Pierson estaria recebendo diretrizes fundamentalmente diversas entre os orientadores de Chicago (Wirth e Redfield) e ele mesmo (que estava em Fisk).

Esta divergência revela as disputas entre Redfield e Park pela orientação da pesquisa de Pierson. O cerne da discussão entre os dois professores é a medida do tratamento histórico e do tratamento etnográfico no trabalho de Pierson, ou seja, a tensão entre a observação de Pierson estritamente voltada para os acontecimentos do presente *versus* o tratamento das fontes históricas.

Ao acompanhar a troca de correspondências entre Park e Redfield fica claro que a partir desta carta, a diretriz de Park será adotada no processo de orientação do trabalho de Pierson. O resultado da negociação é que Wirth e Redfield se afastariam do projeto de Pierson, que passa a contar como orientador apenas Robert Park. Segundo este, apenas a consideração histórica de longa duração e a consequente incorporação “de toda a literatura em língua portuguesa” sobre

¹³⁵ Cartas consultadas nos acervos da Universidade de Fisk e de Chicago nas coleções de documentos de Park, Redfield e Wirth, respectivamente.

¹³⁶ Assim, seu livro no Brasil *Branços e Pretos na Bahia* publicado em 1945 é um longo trajeto de pesquisa e trabalho a partir dos dados coletados dez anos antes. Trabalho esse que tem início ainda na Universidade de Fisk e que, após ter recebido a co-orientação dos três *scholars* mais renomados de Chicago (Park, Redfield e Wirth) naquele momento, se torna o doutoramento de Pierson sob orientação de Robert Park.

¹³⁷ Fisk University, Robert Park Collection, box 5 folder 9 (3610 e 3611).

aspectos históricos da vida familiar, religiosa e sexual no Brasil colônia poderiam fornecer os elementos imprescindíveis para que Pierson pudesse de fato compreender o papel do negro na sociedade baiana. Neste sentido, este papel é visto como parte de um processo histórico mais amplo que só se explicaria a partir da compreensão da tradição africana no continente americano.

Esta é exatamente a perspectiva contrária àquela defendida por Redfield. Em seu trabalho sobre Yucatan, publicado originalmente em 1941, *The folk culture of Yucatán*¹³⁸, Redfield apresenta um estudo integrado de quatro localidades no México. Como o próprio autor enfatiza, apesar de reunir relatos de campo realizados em diferentes pesquisas, estes não formam estudos separados e sim o relato de uma única sociedade. A pesquisa é centrada na observação de quatro localidades: uma aldeia (Tusik), uma povoação camponesa (Chankom), uma vila (Dzitas) e uma cidade (Merida). O ponto principal da investigação é análise de como se dá a passagem do rural para o urbano através de um “gradiente” em que seria possível observar como a sociedade gradativamente se torna menos isolada, mais heterogênea e mais individualista, na medida em que se afasta do meio rural e se avança para o meio urbano.

Ao longo do trabalho, Redfield se utiliza de uma série de formulações de Durkheim – sobre o “sagrado” e a “anomia” – para tratar da organização e desorganização da cultura e religião tradicionais na passagem do *folk* para o urbano. Do prisma oposto, é interessante observar como Redfield trata a ideia de “herança” [cultural]: esta herança deve ser observada como “fato social” (novamente uma referência a Durkheim). Para tanto, há uma recusa a qualquer perspectiva histórica. Nas palavras do autor “não se tentou neste livro analisar a cultura de nenhuma das quatro comunidades nas minúcias de seus componentes históricos” (p. 97). Isso não significa de modo algum que Redfield desconsidere a herança espanhola ou indígena na sociedade estudada, mas de acordo com ele, tal herança só pode ser analisada se puder ser observada pelo pesquisador como

¹³⁸ No Brasil ganhou o título de *Civilização e cultura de folk: estudos de variações culturais em Yucatan*.

“coisa”, “fato social”, excluindo assim a possibilidade de recorrer a fontes e dados históricos.

De maneira esquemática, é possível afirmar que tanto Park quanto Redfield trabalham com a ideia de herança cultural. Em ambos, esta herança em termos abstratos pode ser delineada a partir de uma linha reta, de um espectro que liga dois principais pontos extremos com alguns pontos intermediários. A diferença entre as perspectivas defendidas por Park e Redfield não é apenas uma questão de método, mas também de base conceitual; podemos afirmar que, para Redfield, esta linha se desenha no espaço e, para Park, no tempo.

Apesar desta diferença de base conceitual, tal diferença reflete uma especialização de trabalho nas ciências sociais em si mesmas e com relação às demais disciplinas acadêmicas. É bem conhecido o debate na antropologia que envolve as noções de sincronia e diacronia, etnografia e história, processo e estrutura. Se este debate é bem conhecido entre nós para tratar da antropologia britânica do início do século XX, vale lembrar que exatamente dois dos mais importantes autores da chamada Escola estrutural-funcionalista britânica estão ligados à Universidade de Chicago neste período – Radcliffe-Brown como professor no departamento de Antropologia e Malinowski que está lecionando em Yale, e que faz parte do Seminário de Columbia sobre Contato Cultural, como dito. Não deixa de ser sintomático que a esta altura Park e Redfield estejam atuando na mesma universidade, mas em departamentos diferentes, sociologia e antropologia, respectivamente.

Mas estas questões de separação de saberes e especificidades de método e orientação conceitual não estão circunscritas ao universo acadêmico. A consideração, ou não, dos elementos históricos na construção das pesquisas também é parte importante da orientação dos militantes negros americanos com a busca pela recuperação do passado africano e a valorização da tradição herdada deste continente – caso dos militantes ligados à DuBois e a teoria do pan-africanismo.

Park, que dividia a orientação de Pierson durante o período na Bahia com os

dois outros colegas, como dito, não hesita em se valer de sua autoridade para a resolução de certas divergências com Redfield a respeito dos rumos da pesquisa em andamento no Brasil. Aliás, Park assume a orientação de Pierson de maneira tão contumaz que chega a viajar para Salvador em 1937 para visitar seu aluno. E é justamente esta segunda viagem de Park ao Brasil que marca o fim do trabalho de campo de Pierson nos terreiros de candomblé em Salvador. Depois disso, Pierson e Helen regressariam para Nashville residindo na casa de Park. Tal convite, como veremos, teria como motivação básica a situação financeira de Pierson, que se tornava delicada com o fim do financiamento de pesquisa advindo de Chicago e a necessidade de dedicação ao processo de escrita da tese realizado por dois anos sob a supervisão atenta no mesmo espaço doméstico e institucional de Park.

Mas ainda que a orientação de Park tenha prevalecido, na versão final da tese é possível perceber alguns elementos de como Pierson analisa a cidade de Salvador e suas transformações no tempo e no espaço. Ainda que não tão presente neste trabalho, Robert Redfield se tornaria ainda uma das referências teóricas mais importantes para o desenvolvimento dos trabalhos posteriores de Pierson, momento que coincide com o período posterior ao falecimento de Robert Park e as atividades desenvolvidas em São Paulo com os chamados estudos de comunidade. Conforme será discutido no capítulo 3, o esquema conceitual do “contínuo folk-urbano” de Redfield foi adotado como base de todas as investigações de Pierson realizadas no período em que retorna ao Brasil pela segunda vez para lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política.

A atuação de Pierson nesta ponte entre Brasil e Estados Unidos contribui para um processo no qual não apenas o contexto específico da sociedade baiana se apresenta como “campo”, local de observação, mas também o Brasil se torna o local de troca, aprendizado, intercâmbios. Ao analisarmos o resultado do conjunto de seus trabalhos sobre a cidade de Salvador, melhor do que falar no Brasil que Pierson encontrou ao desembarcar dos Estados Unidos, é se referir ao Brasil que Pierson construiu em colaboração com seus nativos e os intelectuais locais.

O aprendizado brasileiro de Pierson é duplo: ao observar a vida das pessoas comuns em Salvador, ele aprende sobre uma determinada “situação racial” – que se refletirá em sua tese de doutorado e em sua pesquisa sobre o candomblé. A partir dos contatos com os intelectuais brasileiros e também estrangeiros, ele

mergulha em um universo conceitual de diferentes teorias raciais produzidas no Brasil na virada do século XIX e início do XX. É por esta mesma ponte que passariam mais tarde os autores norte-americanos que ajudariam a definir o tema das relações raciais no Brasil nas décadas de 1930 e 1940.

2.3. Tempo e espaço na cidade de Salvador: O Brasil no mapa das relações raciais.

Após a segunda visita de Clara e Robert Park ao Brasil, em 1937, Donald Pierson encerrou suas atividades de pesquisa na Bahia e regressou aos Estados Unidos na companhia de sua esposa, Helen. O destino do casal foi novamente a cidade de Nashville, no Tennessee. Pierson começa a lecionar formalmente em Fisk com a mudança de seu status na instituição de assistente informal de Park para professor de Sociologia.

As anotações pessoais de Helen¹³⁹ a respeito deste período relatam o episódio em que ela e Pierson foram convidados por Clara e Park para morar na residência do casal em Nashville. Esse convite aconteceu durante a visita dos Park ao Brasil, quando os quatro estavam em Salvador¹⁴⁰. A convivência doméstica entre Clara, Helen, Park e Pierson durou todo o período em que este último permaneceu trabalhando em Fisk, entre 1937 e 1939, até ele regressar ao Brasil, novamente por intermédio e recomendação de Park. Além da orientação intelectual, os Pierson recebiam o apoio financeiro do casal Clara e Robert¹⁴¹. Neste tempo então, os dois casais estabeleceram uma convivência de trabalho e amizade, enquanto Park orientava Pierson no preparo de sua tese de doutorado.

Juntos, Pierson e Park lecionaram cursos sobre o Brasil. Dos cursos pouco se sabe, mas, de acordo com Pierson, entre suas atividades estavam a de orientar trabalhos dos alunos de mestrado e ministrar aulas sobre o Brasil no seminário (disciplina) chamado de *Raça e Cultura* (PIERSON, 1985)¹⁴². Os anuários de Fisk indicam que Park ocupava no ano de 1938 a posição de *Lecturer in Sociology*, enquanto Pierson (pela primeira vez indicado no anuário) desempenhava a função de *Assistant Professor of Sociology*.

¹³⁹ Ver o depoimento já citado de Helen Batchelor na coleção de Robert Redfield.

¹⁴⁰ A cidade de Nashville era a residência fixa e principal do casal Park, que também mantinha em Roaring Brook, em Michigan, uma casa para o período de férias de verão.

¹⁴¹ Este fato é comentado na biografia de Park escrita por Winifred Raushenbush (1979).

¹⁴² O que Pierson chama de “seminário” era na verdade uma disciplina regular. De acordo com os anuários consultados em Fisk, o curso *Raça e Cultura* era ministrado, em 1938, como uma das matérias básicas do curso de Ciências Sociais, juntamente com outras como *The city; The Family; Race Differences; Social Attitudes; Negro in America; Immigration; Field Course in Negro Rural Communities; Cultural Conflict*.

Enquanto já finalizava sua tese de doutorado, Pierson publicou nos Estados Unidos parte dos resultados de sua pesquisa no artigo *The Negro in Bahia, Brazil* no *American Sociological Review*, em agosto de 1939. Com base em autores de Chicago como Park e McKenzie, e outros, como Karl Mannheim, Pierson apresentava neste artigo o tema de sua pesquisa como a investigação da situação racial no Brasil vista como resultado direto da expansão europeia. Seu objetivo neste trabalho era apresentar de forma “exploratória” as condições em que teria se dado o processo da vinda dos negros da África para o Brasil trazidos pelos europeus e, em especial, as “consequências culturais” que daí decorre. Como base na pesquisa realizada em Salvador, o argumento central de Pierson é o de que o Brasil teria preservado praticamente intactas as formas culturais africanas.

Este é de fato o artigo acadêmico de estreia de Pierson como pesquisador e o único a ser publicado antes da conclusão de seu doutorado. Antes disso, ele havia assinado apenas algumas resenhas em periódicos especializados dos EUA¹⁴³ e o já referido texto *Por que vim para a Bahia*. É neste intervalo que Pierson defende, em agosto de 1939, a tese com o título de *A study of racial and cultural adjustment in Bahia, Brazil* no Departamento de Sociologia da Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago. O trabalho foi publicado em livro pela University of Chicago Press com o título de *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*, em 1942.

A versão publicada em livro é praticamente idêntica à tese. Na tese, Pierson apresenta uma estrutura dividida em 12 capítulos:

1. The old sea porto of Bahia [O antigo porto do mar da Bahia]
2. The ricos of the ridges and the pobres of the valleys [Os pobres dos vales e os ricos do alto]
3. The coming of the Africans [A vinda dos africanos]
4. Casa Grande e Senzala
5. Racial Intermixture and the crumbling of the color line [Mistura inter-racial e desintegração da linha de cor]
6. Inter-marriage [Casamentos inter-raciais]
7. The rise of the mixed blood [A ascensão do mestiço]
8. The present ethnic composition of the classes in Bahia society [A presente composição étnica das classes na sociedade baiana]
9. Racial attitudes [Atitudes raciais]

¹⁴³ Entre as resenhas estão três títulos, Pierson escreveu sobre *The South American Handbook (12th Annual Edition)* de Howell Davies; *Engaos y Errores del Comunismo* de J. Conangla Y. Fontanilles; e *Brazil: A Study of Economic Types* de J. F. Normano – publicadas entre 1936 e 1937.

10. Os africanos and their contribution to Bahian folk culture [Os Africanos e sua contribuição para a cultura popular baiana]
11. The candomblé [O candomblé]
12. The Bahian racial situation today [A situação baiana racial hoje]

A publicação deste trabalho em livro teve uma repercussão positiva nos Estados Unidos. *Negroes in Brazil* foi alvo de várias resenhas publicadas em prestigiados periódicos científicos do país, entre eles, o *American Journal of Sociology* e *American Sociological Review*. A partir do ambiente de circulação e da publicação da tese em livro é possível se ter uma boa medida da relevância deste trabalho na década de 1940. Entre 1942 e 1944, o trabalho de Pierson foi resenhado por Carter G. Woodson, Everett V. Stonequist, Arthur Brown, E. Franklin Frazier (sendo que este publicou mais de uma resenha), Richard Pattee, I. De A. R., Fletcher McCord e Joseph Bram.

Outro elemento que fornece uma boa perspectiva da recepção do trabalho de Pierson nos Estados Unidos é a premiação de seu livro como uma das obras de maior importância para o estudo de relações raciais no período de sua publicação. Mas a história deste reconhecimento público merece um parêntese.

O livro foi premiado nos Estados Unidos com o *Anisfield Award*, no ano de 1942, como “o melhor livro científico e erudito publicado neste ano no campo das relações raciais”, conforme indica a edição brasileira de 1971. O prêmio, desde sua primeira edição no ano de 1935 até os dias de hoje, indica anualmente o melhor livro publicado nos Estados Unidos na área de relações raciais¹⁴⁴. A premiação é um dos maiores e mais respeitados reconhecimentos nos Estados Unidos de trabalhos sobre o tema. Na época de Pierson, além da indicação, cada autor selecionado recebia uma quantia em dinheiro, naquele tempo, a generosa soma de mil dólares.

Após suas primeiras edições apenas algumas mudanças ocorreram na estrutura do prêmio. Nos anos de 1938 e 1939 o prêmio foi interrompido, e, no ano de 1942, dois livros passaram a ser escolhidos todo ano em duas categorias

¹⁴⁴ Este prêmio, que na época recebia o nome de *John Anisfield*, hoje é o *Anisfield-Wolf Book Awards*, criado em 1934 pela escritora e filantropista judia americana Edith Anisfield Wolf (1889-1963) em homenagem ao seu pai. O texto é atribuído a Henry Pratt Fairchild (Universidade de Nova Iorque), Donald Young (Social Science Research Council da Universidade de Chicago), Henry Seidel Canby (editor do *Saturday Review of Literature*), que se apresentam como a comissão julgadora do prêmio.

diferentes: uma categoria para trabalhos científicos e outra para trabalhos de ficção e não ficção, independentemente de ser ou não um trabalho acadêmico. Deste modo, no ano da premiação de Pierson, pela primeira vez dois trabalhos foram indicados ao prêmio. Os livros indicados em 1943 como as melhores obras científicas na área de relações raciais publicados no ano anterior foram *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*, de Donald Pierson e *Dust Tracks on a Road*, da antropóloga e aluna de Franz Boas em Columbia, Zora Neale Hurston¹⁴⁵.

Este prêmio também revela a medida do prestígio dos orientandos de Park neste assunto. O primeiro livro premiado na história do *Anisfield Award*, em 1936, foi *Negro Politicians: The Rise of Negro Politics in Chicago*, trabalho de Harold Gosnell orientado por Robert Park na Universidade de Chicago. Ainda daquele mesmo grupo ligado a Park em Chicago já mencionado no primeiro capítulo, *The Negro Family in the United States* de E. Franklin Frazier recebeu o prêmio em 1940.

Ser premiado pelo *Anisfield-Wolf* implicava ter um reconhecimento internacional e se tornar uma referência importante entre os trabalhos da área. No entanto, quaisquer que sejam as razões, o nome de Pierson foi omitido posteriormente da lista dos premiados. De fato, o nome de Pierson ou de seu livro atualmente não aparecem em nenhuma das edições do prêmio, de acordo com as informações da organização do *Anisfield-Wolf Book Awards*, a Fundação Cleveland.

É difícil supor que Pierson tenha se equivocado atribuindo para si um prêmio que não lhe fora devido. E de fato, encontrei outras fontes da época como uma resenha de época sobre o livro de Neale Hurston indicando a premiação conjunta com Pierson. De qualquer modo, a omissão não deixa de chamar a atenção, mas também que aparentemente ninguém até hoje tenha se dado conta de tal ausência. Para todos os efeitos, da perspectiva brasileira, é amplamente aceito que Pierson foi um dos premiados. Devido à ausência de maiores informações sobre a suposta premiação de Pierson, qualquer tentativa de explicar o ocorrido se baseia em mera especulação.

¹⁴⁵ Zora Neale Hurston (1891-1960) era negra e, além de antropóloga, foi também escritora com uma vasta obra de ficção ligada ao *Harlem Renaissance*, o mesmo movimento do qual fazia parte Charles S. Johnson. Sua formação acadêmica se deu primeiramente na Morgan College e depois na Howard University duas das já citadas *black colleges*. Após receber uma bolsa de estudos, ela se transfere para Barnard College, uma das escolas para mulheres afiliadas à Universidade de Columbia. Depois continua seus estudos em Columbia onde trabalha sob a supervisão de Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict.

Independentemente das razões para o ocorrido, o importante é que o trabalho de Pierson – ao menos na época – recebeu importante destaque no meio acadêmico. Mais do que apenas reconhecer os trabalhos mais relevantes, este prêmio fornece parâmetros para compreendermos a produção relacionada ao tema das relações raciais nos EUA. Fazer parte da listagem dos ganhadores significa estar em uma espécie de calçada da fama do ativismo político e intelectual com relação ao tema. Algumas livrarias especializadas nos Estados Unidos chegam a ter uma seção específica para a venda dos livros premiados. A organização dos títulos fornece uma espécie de bibliografia fundamental dos trabalhos mais importantes publicados ao longo dos anos. Basta ver que outros autores agraciados com a indicação (em diferentes períodos até hoje) foram Martin Luther King Jr, Langston Hughes, Malcolm X, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Edward W. Said, Oscar Lewis, entre outros nomes bem conhecidos.

Da perspectiva brasileira, o trabalho de Pierson demorou um pouco mais a entrar em circulação de fato em nossos meios acadêmicos. Em 1942 Pierson publicou no Brasil *O Candomblé na Bahia*, uma prévia de seu trabalho em língua portuguesa com a edição em livro do capítulo XI da tese, *The candomblé*. A primeira edição de *Branços e Pretos na Bahia* é publicada no Brasil apenas no fim da II Guerra, em 1945, como no volume 241 da Coleção Brasileira¹⁴⁶ - na época uma das coleções mais importantes do Brasil, o que fornece uma perspectiva do destaque do trabalho de Pierson no Brasil.

Esta estrutura da versão em língua portuguesa do livro também não sofre grandes alterações na primeira edição brasileira, de 1945, que mantém o mesmo ordenamento de apresentação dos 12 capítulos que passam a ser estruturados em 6 diferentes partes. Na comparação entre a edição americana e a brasileira, a versão do inglês para o português é bem literal. Com exceção deste ordenamento em 6 partes, o cotejamento das primeiras edições do trabalho em inglês e português indica que os textos são muito próximos em seu conteúdo de modo que na tradução para o português não são omitidos ou acrescentados trechos, notas ou informações. A primeira edição brasileira é assim estruturada:

¹⁴⁶ Sobre a coleção Brasileira, ver o trabalho de Heloisa Pontes “Retratos do Brasil: editores, editoras e Coleção Brasileira nas décadas de 30, 40 e 50” In: Miceli (2001). Os números da coleção podem ser acessados em <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/lista-completa>

- I. *O cenário*
 - 1. O porto da Bahia
 - 2. Distribuição espacial das classes e cores
- II. *A escravidão*
 - 3. A escravidão
 - 4. Casa Grande e Senzala
- III. *Miscigenação*
 - 5. A miscigenação e a diluição da linha de cor
 - 6. Casamento inter-racial
- IV. *Raça e status social*
 - 7. Ascensão social dos mestiços
 - 8. Composição racial das classes na sociedade baiana
 - 9. Ideologia racial e atitudes raciais
- V. *Herança africana*
 - 10. Os africanos
 - 11. O candomblé
- VI. *A “situação racial” baiana*
 - 12. Brancos e pretos na Bahia

As primeiras edições (a versão norte-americana de 1942 e a versão brasileira de 1945) indicam que a perspectiva comparada de relações raciais era o objetivo do trabalho de Pierson. Logo no texto de abertura é apresentada uma citação do jurista britânico James Bryce e seu argumento de que no Brasil as relações raciais se dariam de modo diferente de países como a Índia e os Estados Unidos¹⁴⁷. Com base nesta ideia, Pierson defende que, uma vez que tais diferenças (entre países como Estados Unidos, Brasil, Índia e África do Sul) constituem um dos mais significativos objetos de estudo no campo de relações de raça, “é investigando em seus pormenores as diferentes ‘situações raciais’ em vários pontos do mundo e, posteriormente, comparando e contrastando cada conjunto de condições e circunstâncias, que se pode obter, caso por caso, conhecimentos mais certos sobre o ‘problema racial’, suas fontes e sua natureza” (1971, p. 93).

De acordo com esta apresentação, o trabalho estaria inserido em um processo de realização de um estudo pormenorizado de uma determinada localidade tendo como objetivo final a comparação entre diferentes estudos. Neste

¹⁴⁷ O jurista e historiador irlandês James Bryce (1838-1922) ficou conhecido por suas críticas à intervenção do Reino Unido na África do Sul. Ele atuou como embaixador britânico nos Estados Unidos e participou do processo de criação da Liga das Nações, organização internacional criada em 1919 na tentativa de assegurar a paz entre as nações europeias depois da II Grande Guerra. O trabalho citado por Pierson é *South America: Observations and Impressions*, publicado em 1912.

sentido, é importante ressaltar que o escopo de observação e análise de Pierson é bem delimitado em termos espaciais. O título em português *Branços e Pretos na Bahia* pode dar margem a uma falsa interpretação, pois, quando Pierson se refere à Bahia, está na verdade tratando da cidade de Salvador. A leitura atenta às primeiras versões do trabalho de Pierson indica que não se trata exatamente de uma monografia sobre a Bahia ou sobre o Brasil, mas sobre um determinado contexto urbano bem localizado. Pierson utiliza “Bahia” ou ainda “Baia” para se referir não ao estado, mas à capital baiana. Em nota, o autor menciona que preferiu empregar o nome da cidade mais “antigo e mais usado na época da pesquisa”, do que a denominação “Salvador”¹⁴⁸. Assim, a pesquisa trata da formação da cidade, como sua população se constituiu historicamente em termos de distribuição racial e espacial.

Este dado é importante para entendermos que *Branços e Pretos na Bahia*, leia-se brancos e pretos na cidade de Salvador, é um estudo realizado nos moldes dos trabalhos sobre a cidade de Chicago tendo como parâmetros de análise o conceito de ecologia humana para o qual a noção de diferenciação social do espaço e da vizinhança no contexto urbano é fundamental. Podemos dizer que, diferentemente dos estudos de Chicago empreendidos pelos alunos de Park e Burgess que muitas vezes analisam uma rua, uma esquina, ou uma vizinhança bem delimitada, o trabalho de Pierson apresenta um escopo geográfico mais alargado e toma como referência a cidade de Salvador de modo mais abrangente. Pierson apresenta a descrição do entorno da cidade e algumas referências sobre o Brasil de forma geral, mas a construção de sua análise se dá com base nas diferenças em Salvador daquela que seria uma “barreira natural” (p. 95) entre a “cidade baixa”, local onde viveriam os mais pobres da cidade, e a “cidade alta”, onde residiria a população mais rica¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Em termos analíticos é sintomático que ele use a suposta denominação mais antiga da cidade e não a contemporânea, já que, como tratarei a seguir, Pierson defende constrói o retrato de uma cidade congelada no tempo.

¹⁴⁹ Não podemos esquecer que a ideia de “barreira natural” claramente se conecta com os trabalhos desenvolvidos em Chicago. Neste sentido, Park é co-responsável por criar uma teoria em que a cidade passa a ser analisada como dotada de uma lógica própria ao invés de um amontoado caótico sendo possível visualizar como as relações raciais estão intimamente ligadas à determinada organização social do espaço. Esta discussão está presente no conjunto de etnografias orientadas por Park, especialmente nos de Pierson, Hillers, e Cressey.

Apesar de ver uma cidade cindida na paisagem social com uma divisão expressa em sua topografia, Pierson não interpreta esta divisão social como resultado de qualquer conflito racial, mas sim de uma divisão de classes. Na visão de Pierson, a cidade de Salvador permanecia estática no tempo assemelhando-se a uma “cidade medieval europeia”. Defende o autor que, “mudança tem havido, mas relativamente pouca” (p. 97) a ponto de comparar o cenário de sua pesquisa como sendo idêntico quando à paisagem com qual Charles Darwin se deparou ao visitar à Bahia, no ano de 1832. Avesa a mudanças, a cidade – que em sua porção mais rica contabilizava “apenas” 1.028 automóveis na contagem do autor –, se caracterizaria como um local de ausência de conflito. Em seu capítulo introdutório, a cidade é assim definida como “estável e relativamente isenta das diversas formas de conflito” apenas com “um mínimo de conflito racial”. Nas palavras de Pierson,

Esta sociedade estável era relativamente isenta das diversas formas de conflito. A competição comercial e financeira era relativamente leve e em grande parte se limitava aos estrangeiros. A economia era simples, a indústria mínima. As raras divergências que surgiam entre o ‘trabalho’ e o ‘capital’ tomavam frequentemente a forma de luta entre o trabalho nacional e o capital estrangeiro, tendendo, assim, mais a unir que a dividir o grupo local. A competição religiosa não se tinha tornado suficientemente rigorosa para intensificar nos adeptos das crenças a autoconsciência, não provocando, portanto, certas animosidades. No que diz respeito a questões políticas, o intenso apego às coisas locais não tinha sido, pelo menos ao tempo em que este estudo foi feito, seriamente contrariado por um controle vindo de fora. **Em toda a exposição, aparecerá um mínimo de conflito racial**”. [Grifos meus, (p. 98)].

O que é de se estranhar na tese de Pierson é o fato dele não ver conflito racial na sociedade soteropolitana, isso não significa que ele não tenha atentado para as diferenças entre brancos e negros. Ainda ao apresentar o “cenário” da capital baiana no segundo capítulo, com a distribuição espacial das classes e cores na cidade, a conclusão de Pierson é aguçada: na parte alta da cidade viviam os brancos descendentes da aristocracia, intelectuais, médicos, engenheiros, políticos, os professores universitários. Esta elite, em sua maioria, branca e católica pouco apegada ao candomblé, se diferenciava dos moradores da baixa da cidade. Na parte baixa, os pobres, quase todos analfabetos, trabalhadores e operários e negros (p. 105). Pierson ao olhar a paisagem de Salvador descreve duas cidades, uma mais clara e rica morando na parte alta e outra mais escura e pobre morando na parte

baixa. A descrição da topografia social é aguçada e original para época, mas é na explicação para o fenômeno que está o calcanhar de Aquiles da tese: as diferenças de cor (e neste momento da explicação, o conceito de “raça” parece se deslocar para o conceito de “cor”) não se justificariam por segregação de raça, mas por divisão de classes (p. 109).

Os capítulos seguintes, três e quatro do item *Escravidão*, procuram dar suporte a esta ideia de que o preconceito na cidade seria antes de classe¹⁵⁰ do que de raça. O que é interessante notar é que o que supostamente dá sustentação a este argumento não são os resultados da pesquisa de campo, mas sim os resultados da pesquisa histórica. Ao acompanharmos os capítulos vimos que, sem maiores comentários ou justificativa, em determinado momento quase que magicamente o termo “raça” passa a ser substituído por “classe” em termos explicativos. Para conseguir realizar esta mudança retórica, Pierson muda o registro das fontes e materiais e vai buscar no passado (ou melhor, em uma vasta literatura de autores brasileiros e estrangeiros que apresentam a excepcionalidade do caso brasileiro) a base para tal operação de substituição conceitual. Em termos de estratégia retórica, ao usar como fonte suas anotações de campo com os resultados de sua etnografia Pierson se refere à “raça” e para se referir à “classe” utiliza como fonte uma seleção específica de dados históricos.

No conjunto da seleção destes dados históricos, Pierson busca fundamentação para a interpretação de como se deu o processo de escravidão no Brasil e como isso teria favorecido a conservação das formas culturais africanas. Os próprios títulos dos capítulos, *A vinda dos africanos* e *Casa grande e senzala*, são construídos tendo como apoio as obras dos autores brasileiros Nina Rodrigues (*Os Africanos no Brasil*, 1932) e Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*, 1933). Ao comparar o contexto americano com o contexto brasileiro, Pierson procura ressaltar como a escravidão brasileira teria se suavizado ao passar de “instituição econômica e impessoal” para uma “instituição pessoal, íntima, patriarcal e familiar” (p. 151).

¹⁵⁰ *Classe* não faz referência, neste contexto, ao conceito marxista de classe. Da maneira como é empregado, o conceito serve para definir status e diferenciação social e cultural, como acesso ao estudo e padrão de vida. Como tratarei no capítulo 3, em torno da noção de classe se dará um importante debate entre Florestan Fernandes e Pierson.

Mas se as primeiras versões em livro (de 1942 e 1945) se mantêm fiel à tese publicada em 1939, o mesmo não pode ser dito em relação às reedições que acontecem na segunda metade do século. Em inglês, o livro é reeditado em 1967 pela Southern Illinois University Press. E em português, uma nova edição revista e ampliada é publicada em 1971, pela Companhia Editora Nacional.

Na edição brasileira de 1971, o texto é modificado e acrescido de novos trechos. Entre estas alterações estão a inclusão de um novo prefácio e introdução, mantendo os dois prefácios originais e as duas introduções escritas por Robert Park e Arthur Ramos, respectivamente. Uma longa lista de apêndices inclui notas autobiográficas de um dos informantes de Pierson, uma listagem de ditados populares com maledicências para com o negro, a apresentação dos procedimentos de pesquisa, e um extenso levantamento bibliográfico atualizado sobre o tema. E o mais importante, o trabalho ganha uma nova conclusão.

A nova conclusão é apresentada não como parte dos apêndices, mas juntamente com texto original passados mais de 30 anos da realização do trabalho de campo. As novas conclusões só são visíveis na comparação com as versões anteriores do livro, de modo que, sem a comparação, as 10 páginas “extras” colocadas logo na sequência da conclusão original podem passar despercebidas como parte do texto escrito para as edições anteriores. Ainda que a nova conclusão seja curta, representa uma alteração significativa ao apresentar 26 questões formuladas na época do desenvolvimento da pesquisa e mais 10 questões originais.

Seria exaustivo tentar reproduzir todas as 36 “teses”, apresentadas no livro como “hipóteses”, mas estas basicamente podem ser resumidas da seguinte maneira: com base na “situação racial” da Bahia, leia-se cidade de Salvador, Pierson elabora um conjunto de hipóteses que procuram explicar não apenas o contexto observado na capital baiana (tal como nas edições do trabalho na década de 1940), mas sim o Brasil de maneira mais abrangente.

Ainda que o Pierson explicita a necessidade de validação das hipóteses, em um processo metonímico, a cidade de Salvador se transforma no Brasil. Ou seja, em sua reanálise e reescrita da pesquisa da década de 1930, as conclusões antes restritas para a “parte” (a cidade) passam a explicar o “todo” (o país). Com base nas

mudanças da edição do livro e os artigos publicados ao longo dos anos de 1940, flagra-se que o que inicialmente consistia na diferenciação espacial entre a cidade alta e a cidade baixa em Salvador, mais tarde servem para explicar o estado da Bahia e, finalmente, as mesmas conclusões servem para desvendar a situação racial no Brasil¹⁵¹.

Mas, a despeito destes resultados de pesquisa sobre a cidade de Salvador e o Brasil, não se pode perder de vista que a pesquisa de Pierson era parte do *Seminário sobre Contato Racial e Cultural*. Neste sentido, a investigação de Pierson é a construção de uma observação “*site specific*”, ou seja, amparada em um contexto geográfico muito determinado, mas o processo de pesquisa e produção do conhecimento é “*multi sited*”. Ou seja, Pierson observa Salvador, mas o tempo todo compara a Bahia com os Estados Unidos. Ele observa uma localidade, mas constrói a análise na comparação entre dois contextos que são geograficamente e etnograficamente imprecisos – o Brasil e os Estados Unidos – desconsiderando as diferenças internas entre dos dois países.

A análise não apenas da publicação isolada de cada um dos trabalhos, mas do processo de pesquisa de Pierson entre 1935 e 1970 (considerando o início da pesquisa de campo e a segunda edição do trabalho no Brasil) revela que as alterações realizadas pelo próprio Pierson nas edições posteriores, além de modificarem as conclusões da pesquisa operam de modo que há uma inversão entre causalidade e efeito da explicação – de modo que o efeito (a suposta ausência de preconceito racial) passa a ser tomado como a causa (a de que a cidade de Salvador permaneceria congelada no tempo).

A constatação da ausência de conflito na sociedade baiana tende a obscurecer a principal tese do trabalho de Pierson que é a de que esta seria na verdade uma sociedade estagnada no tempo, mantendo a paisagem urbana de uma cidade quase medieval. Partindo deste pressuposto, a principal implicação é que ao se manter como uma cápsula do tempo imune à passagem dos anos, a cidade de Salvador seria o local mais adequado para se observar a herança e tradição

¹⁵¹ Este processo é visível no livro a partir da comparação das edições originais e sua nova edição da década de 1970, mas também pode ser percebido na publicação dos artigos de Pierson na revista *Sociologia*, da Escola Livre de Sociologia e Política e na *Revista do Arquivo Municipal*, editada pelo Departamento de Cultura.

africana quase de maneira inalterada no Novo Mundo. Desta perspectiva, ao realizar sua monografia sobre a capital baiana, o que Pierson tem como foco não é o Brasil, pensando em sua configuração como Estado-nação, mas sim a permanência e a presença dos traços culturais africanos em uma “comunidade” bem específica. O Brasil aparece como cenário, mas o que Pierson investiga é a existência de uma matriz africana na cidade de Salvador. Em outras palavras, trata-se de um estudo da África no Brasil.

Um dos efeitos deste fenômeno – a de que a matriz africana teria se preservado íntegra sendo mantida em uma espécie de estado de pureza – seria o de que esta sociedade apresentaria o mínimo ou nenhum conflito entre brancos e pretos. Partindo do esquema conceitual utilizado por Pierson, apenas uma sociedade em que o grau de conflito é quase nulo poderia manter vivas os traços culturais dos negros em uma sociedade branca escravocrata. Diante deste quadro é possível reconhecer no trabalho de Pierson traços desta linhagem intelectual que se remete aos modelos conceituais defendidos por Park e DuBois. Mas chama atenção o fato de que este modelo conceitual só é verificável em termos históricos. Ao se conectar com um projeto acadêmico mais amplo, Pierson produziu um trabalho com o objetivo de analisar as bases históricas da escravidão e a permanência da herança africana.

Este projeto acadêmico está intimamente ligado a um projeto político para se pensar a África do qual fazem parte alguns dos mais importantes intelectuais negros deste período nos EUA. Como já mencionado, quem colocaria o modelo de Park à prova de verificação seriam seus alunos; Pierson é um dos primeiros a tratar do contexto fora dos Estados Unidos tentando seguir a busca pelos estágios evolutivos de competição, conflito, acomodação e assimilação proposto por seu professor¹⁵².

Ao compararmos esses dois momentos do sociólogo em Nashville, 1935 e 1937, em um espaço de tempo relativamente curto, o papel de Pierson na cena acadêmica e

¹⁵² Os demais alunos que utilizaram esse modelo fora dos Estados Unidos – como Franklin Frazier, por exemplo, farão adaptações ao modelo de Park. De maneira próxima, este também será o caminho de Herskovits ao investigar a diáspora Africana no novo mundo.

intelectual americana se alterou de modo significativo passando de um estudante recém-egresso no doutorado para um dos maiores especialistas em relações raciais brasileiras. No espaço de dois anos, Pierson sai da posição de total desconhecimento do Brasil (a não ser pelas informações de seu orientador e algumas leituras de Nina Rodrigues) para se tornar a referência máxima entre os norte-americanos que depois vêm para estudar o Brasil.

Mas Pierson não estava sozinho e fazia parte de um grupo mais amplo de professores e pesquisadores em Fisk que colaboraram para construir um mapa desta rede transnacional de pesquisas sobre o Brasil, entre eles, Rudiger, Landes, Frazier, Turner, Herskovits, - homens e mulheres, sociólogo(a)s e antropólogo(a)s atuando na mesma instituição de Park e Pierson ou ligados com o Instituto de Relações Raciais de Fisk.

Estes pesquisadores têm em comum, além da partilha de “objetos” de investigação, o fato de pertencerem a mesma rede profissional tendo em comum o fato de terem sido professores da Universidade de Fisk. Com isso, esta universidade para negros do Tennessee passa a ser um pólo atrativo não apenas para os próprios alunos de Fisk ou alunos da Universidade de Chicago, mas também de outras instituições no norte dos EUA, como é o caso de Landes e Herskovits, alunos de Franz Boas em Columbia.

Ao mapearmos esta rede de americanos –, que inclui também os alemães atuando profissionalmente nos EUA (como o caso de Bilden), a parceria intelectual de Pierson e Park é decisiva no processo de construção da etnografia sobre a Bahia. Neste sentido, o que observamos no intervalo entre as duas visitas de Robert Park ao Brasil, a primeira em 1931 e a segunda em 1937 é um processo de rápida alteração no ambiente intelectual brasileiro no que diz respeito à reflexão sobre raça no país. Ao contrastar estes dois períodos é possível analisar o modo como há por parte de Park e Pierson a construção do que podemos chamar de dois “Brasis” no que diz respeito ao tema das relações raciais no país. Ou seja, a dupla de sociólogos americanos tende a considerar e interpretar a realidade brasileira a partir de duas perspectivas diferentes tendo como marco a obra de Freyre.

O esforço em compreender esta rede e esses processos contribui para o melhor entendimento da formação de uma tradição de estudos sociológicos realizados por pesquisadores norte-americanos iniciados na década de 1920 e

1930 que passariam a ter como local de investigação, o estado da Bahia e, como tema, as relações entre brancos e negros. Mais do que falar destes estrangeiros, esta rede nos permite refletir sobre o lugar do Brasil nesse mapa com a construção de modos de se fazer pesquisa que ecoariam nas perspectivas para se estudar o Brasil como um modelo de relações raciais no pós-guerra.

A pesquisa de campo de Pierson realizada entre 1935 e 1937 se torna estratégica para que Fisk se firme como uma espécie de centro especializado no tema das relações raciais no sul dos Estados Unidos e no Brasil. Neste sentido, sua experiência na cidade de Salvador serviria como uma espécie de estudo de caso para os estudantes negros de Fisk interessados no tema. Com isso, o Brasil ganha destaque nesta cena intelectual e as viagens de Park e Pierson representam um importante ponto de inflexão.

Mas é importante notar que a perspectiva de Pierson não é informada apenas pelos autores americanos, mas também pelos brasileiros e o ambiente intelectual que ele aqui encontrou. A maneira como Pierson foi afetado pelo Brasil é visível em um de seus textos de cunho mais pessoal publicado na seção *Cartas ao editor* do periódico *American Journal of Sociology* (Vol. 55, No. 1, Jul., 1949, p. 59) com o sugestivo título de *A percepção de raça*. Ao se posicionar em um debate intelectual entre Gustav Ichheiser e Louis Wirth publicado no número anterior da revista, Pierson afirma:

Outro dia estava por acaso conversando com nossa empregada, um garota brasileira branca, algo sobre as habilidades e conquistas dos negros nos EUA. Entre outras pessoas, eu mencionei Marian Anderson, e, lembrando que alguns meses atrás a capa da revista *Time* trouxera uma foto dessa cantora famosa, eu peguei o exemplar e mostrei à garota. Ela deu uma olhada e exclamou: “Mas ela não é preta, é branca!” Esta experiência, na qual a percepção era marcadamente alterada por definições depositadas na cultura, poderia ser repetida em todo o Brasil. Literalmente milhares de pessoas, que para os nascidos nos EUA (incluindo os negros) seriam indubitavelmente percebidos como completamente diferente fisicamente, no Brasil escapam à categoria que nos EUA seria automaticamente percebido à primeira vista. Incidentalmente, como eu continuo a participar da disposição cultural local, ocasionalmente eu percebo que a minha própria percepção de cor está se tornando mais branda de alguma maneira (PIERSON, 1949).

No momento em que Pierson se vê como tendo a sua percepção de cor (e ao

menos neste texto a noção de cor é enfatizada em detrimento da de raça), ele está em São Paulo já quase no período de seu regresso aos Estados Unidos.

Capítulo 3:

Donald Pierson e seus alunos na Escola Livre de Sociologia e Política

A transferência de Donald Pierson para a Escola Livre de Sociologia e Política, em 1939, está intimamente conectada com a sua primeira incursão ao Brasil, em 1935. Para compreender o lugar de Pierson entre os intelectuais norte-americanos neste contexto, as correspondências entre dois de seus orientadores de Chicago, Wirth e Redfield, nos ajudam a reconstruir a atuação de Pierson em São Paulo da perspectiva dos Estados Unidos.

Em 10 de outubro de 1941, Louis Wirth envia uma carta para Redfield com a finalidade de fazer um balanço para o “desenvolvimento mais efetivo da cooperação intelectual entre Estados Unidos e os países da América Latina” a partir da experiência de Donald Pierson no Brasil. Na época, Pierson estava com 41 anos e Wirth traça um minucioso perfil a seu respeito relatando as suas atividades desde a chegada à Universidade de Chicago, em 1927. As impressões de Wirth a respeito de Pierson são de “um estudante sério, modesto, quase recluso, paciente e diligente, sem sinais de ser brilhante”.

Para Wirth, as qualidades de Pierson se revelavam em sua disciplina e perseverança, fruto de muito esforço e trabalho, o que compensava a falta de qualquer traço de talento. De maneira dura, Wirth descreve como Pierson, em seu período em Chicago, não desenvolveu o interesse em qualquer dos temas de pesquisa da instituição descrevendo seu trabalho de mestrado sobre o uso de barba, bigode e cavanhaque como um “curioso tópico”. Wirth repete a história que já sabemos:

[No início de seu doutorado, Pierson] não tinha nenhum comprometimento em especial com qualquer assunto para uma tese de doutorado e enquanto buscava um tema [de pesquisa] que pudesse interessá-lo ele sofreu a influência do Dr. Robert E. Park, que naquela época, em colaboração com alguns outros membros da divisão de sociologia e antropologia da faculdade, estava organizando um seminário sobre raças e contatos culturais. [...] Dr. Park sugeriu que um dos campos mais férteis para investigação desse tema se encontrava na América do Sul, particularmente no Brasil, onde as relações de raça tinham tomado uma forma histórica bem diferente do que acontece nos Estados Unidos. Foi sugerido por Dr. Park e outros membros da faculdade que o Sr. Pierson estudasse a bibliografia relacionada a esse tema. Assim ele o fez e sistematicamente tomou providências para desenvolver seus conhecimentos em espanhol e português. Ele até mesmo viveu com uma família portuguesa em Chicago para atingir esse propósito.

O perfil de Pierson traçado por Wirth apresenta suas atividades em Salvador e em São Paulo enfatizando a boa impressão que Pierson havia causado no Brasil e o prestígio que ele vinha conseguindo até então, a despeito de sua falta de brilhantismo enfatizada mais de uma vez na carta. Mas, o mais importante deste perfil se encontra na conclusão na carta enviada a Redfield

A lição a ser aprendida do caso de Pierson da cooperação intelectual interamericana é, me parece, que muito mais pode ser conquistado ao enviar homens como Pierson para lá por um longo período do que enviar grandes nomes em viagens de boa-vontade. Não é tão importante que a pessoa seja a maior entidade na sua área, mas que ele tenha uma devoção genuína à pesquisa e ao trabalho acadêmico, [a pessoa] deveria ser treinada minuciosamente em sua área, deveria ser um bom observador, uma pessoa que aprecie os pontos sensíveis da cultura que será seu novo meio, e ele deve ter a habilidade de conquistar a confiança das pessoas e ter um algo de **zelo missionário** que dê a ele a paciência e persistência para perseverar. Nós nos sentimos muito gratificados pelo experimento que realizamos. Sentimos que o dinheiro que gastamos foi bem investido. Além do estudo *O Homem Negro no Brasil*, que a University Press [editora da Universidade de Chicago] vai publicar em breve, (que se trata da tese de doutorado de Pierson) **nós acreditamos que obtivemos da experiência com Pierson alguns princípios guias básicos para programas de cooperação intelectual mais efetivos e mais duradouros.** Incidentalmente, como resultado de sua estada, estamos começando a receber alguns estudantes do Brasil que parecem promissores. (grifos meus).

A descrição de Pierson feita por Wirth fala de um pesquisador tido como dotado mais de disciplina do que de inteligência ou talento. Desta perspectiva, Pierson não era considerado “um grande nome”, ou seja, perante seus colegas de Chicago, ele estava longe de ser considerado brilhante, ao contrário dos próprios Wirth e Redfield – que também haviam sido alunos de Park, mas que rapidamente se tornaram professores em Chicago e, depois orientadores de Pierson.

O que se pode apreender da carta não é apenas a impressão de Wirth a respeito de Pierson, mas também a criação de uma estratégia de cooperação intelectual entre os Estados Unidos e o restante do continente americano. A proposta de Wirth é a de tratar a experiência de Pierson como um modelo a ser seguido: o recrutamento não de pesquisadores brilhantes, mas de disciplinados

intelectuais com “zelo missionário”. A comparação do perfil deste intelectual com um missionário não é gratuita, já que Wirth descreve exatamente os elementos que seriam comuns a estas duas figuras: a capacidade de seguir ordens a despeito da distância geográfica; a existência de uma devoção genuína; o treinamento meticuloso em sua área; a capacidade de observação; a sensibilidade para se adaptar a um contexto cultural diverso; a habilidade de conquistar a confiança da população local; e, por último, mas não menos importante: paciência e perseverança.

Neste sentido, as duas viagens de Pierson ao Brasil, em Salvador e depois São Paulo teriam sido um “experimento” muito bem sucedido por parte dos professores de Chicago – Wirth, Redfield e Park. Não apenas os resultados diretos da atuação de Pierson se mostravam compensatórias para Wirth, mas a partir desta experiência alguns dos nomes mais importantes da sociologia e da antropologia dos Estados Unidos tinham encontrado os “princípios guias básicos para programas de cooperação intelectual mais efetivos e mais duradouros”.

Desta perspectiva, a experiência de Pierson em seu segundo momento no Brasil pode ser vista como o ápice, a realização plena do projeto intelectual arquitetado por Park que tem suas bases na sua experiência pessoal antes mesmo de seu período em Chicago e que é colocado em prática em Chicago, em Nashville e em Salvador com a atuação direta de Pierson. Entretanto, assim como o que ocorre em Fisk e em Salvador, o contato de Pierson com os intelectuais locais não se dá de maneira passiva. A ideia de ponte que tenho evocado fornece a imagem de uma via de mão dupla, de modo que ao acompanhar a cartografia dos deslocamentos de Pierson, vimos que ele “afetou” e foi “afetado”¹⁵³ pelos seus “campos” de investigação.

Assim como o esforço que empreendi nos capítulos anteriores ao tratar deste ator específico no ambiente intelectual e acadêmico de Chicago e de Fisk, neste último capítulo discuto o lugar de Pierson no meio intelectual e institucional de São Paulo. A diferença é que neste momento aqui em destaque – basicamente

¹⁵³ No sentido a que se refere Favret-Saada (2005) ao considerar a experiência de campo no sentido da “sensibilidade” e não apenas do “entendimento”.

entre 1939 e 1949, Pierson assume uma função de liderança institucional e intelectual na ELSP muito parecida com a que Park exerceu na Universidade de Chicago, nos anos de 1920 e início de 1930. E neste sentido, Pierson assume seus próprios projetos intelectuais, o que apontam para uma série de mudanças de ação nesta nova fase.

A partir das rupturas e descontinuidades deste percurso esta nova fase da atuação de Pierson nos permite também entender as diferenças entre os dois momentos de Pierson no Brasil, o que nos fornece uma perspectiva para analisar o que tenho tratado como um “projeto” em processo, no seu fazer. Assim, ao tratar de dois momentos e contextos distintos desta empreitada meu intuito é fazê-lo de maneira não estática, mas sim tentar captar as nuances, diferenças e alterações desta empreitada, cujas bases foram lançadas na virada do século XIX para o XX.

Mas, considerar estes dois momentos também nos permite falar das continuidades e dos elementos que ligam esta nova fase a etapas anteriores deste projeto, ainda em sua primeira passagem por São Paulo, antes de seguir para a Bahia no ano de 1935, Pierson havia visitado alguns intelectuais que atuavam na ELSP ou estiveram envolvidos na criação da instituição, entre eles o também americano Samuel Lowrie (1894-1975). E é o contato com Samuel Lowrie que renderia a Pierson, posteriormente, o convite para lecionar na Escola de Sociologia e Política.

Se não é possível recuperar totalmente as atividades de Pierson na capital paulista no ano de 1935, as correspondências mantidas com Samuel Lowrie entre 1939 e 1942¹⁵⁴ tratam das conexões estabelecidas entre Pierson e a ELSP. Samuel Lowrie havia sido contratado pela ELSP logo no início das atividades da Escola, ainda no segundo semestre de 1933 – juntamente com o também americano Horace Davis, ambos da Universidade de Columbia. Como lembra um dos diretores da ELSP que participou da criação da instituição, Cyro Berlinck, o plano pedagógico da ELSP fora concebido por um grupo de professores de outras instituições de ensino superior, profissionais liberais, políticos e empresários em São Paulo. Entre

¹⁵⁴ As correspondências no período citado encontram-se no FDP, pasta 74, rolo 006, documentos de 0723 a 0762.

eles, Roberto Simonsen (1889-1948), um dos principais nomes na criação da ELSP, defendia a ideia da contratação de professores americanos com o objetivo de construir na ELSP uma tradição de ensino com ênfase em uma “sociologia empírica” (Berlinck, 1964)¹⁵⁵.

Simonsen havia estudado na Escola Politécnica de São Paulo e se formou em engenharia civil em 1909 e a partir dos anos de 1910 foi o responsável pela criação de uma série de organizações como a Companhia Construtora de Santos e o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), criado em 1928, que mais tarde daria origem ao Sesi (Serviço Social da Indústria) e ao chamado sistema S.

Para concretizar os planos da instituição de formar um corpo docente com professores estrangeiros, ainda de acordo com Berlinck, Simonsen teria solicitado ajuda ao cônsul brasileiro na cidade de Nova Iorque, Sebastião Sampaio. Este por sua vez, como Cônsul Geral nos Estados Unidos, teria contratado os dois primeiros professores americanos da ELSP, Samuel Lowrie e Horace Davis. Assim, na busca de consolidar um centro acadêmico em São Paulo, Simonsen foi buscar professores formados na Universidade de Columbia.

Ao analisarmos a escolha de Simonsen a partir da perspectiva atual não é de se estranhar que a ELSP tenha contratado seus primeiros professores da Universidade de Columbia, um dos dois maiores centros das ciências sociais nos Estados Unidos. No entanto, se analisarmos esta preferência a partir da perspectiva educacional da virada dos anos de 1920 para os de 1930, esta parece ser uma estratégia pouco convencional para um recém-formado curso de humanidades ao não contratar professores europeus¹⁵⁶.

¹⁵⁵ O texto de Berlinck, *Liderança e liberdade*, foi publicado na revista *Sociologia* no volume XXVI, n.3, de 1964, época em que ele ocupava o cargo de diretor geral da Fundação Escola de Sociologia e Política.

¹⁵⁶ Como mostra o trabalho de Peixoto (1989), a França tinha neste momento um longo histórico de cooperação com o Brasil que remonta ao período dos liceus. O francês era ensinado nas escolas brasileiras como segunda língua e o domínio da literatura de autores europeus era considerado sinônimo de erudição nos círculos intelectuais brasileiros. Mesmo 15 anos depois da chegada dos primeiros professores norte-americanos, Pierson (que dava aulas em português) atesta a quase impossibilidade dos alunos brasileiros de lerem textos acadêmicos em inglês e alemão, diferentemente dos professores na USP que lecionavam em francês. Cf. a introdução do livro *Estudos de Ecologia Humana* na qual Pierson justifica a publicação da tradução em língua portuguesa dos textos publicados em inglês para a coleção Biblioteca de Ciências Sociais.

Mas apenas a tarefa da ELSP de formar dirigentes, intelectuais e técnicos por si só não explica a escolha do modelo acadêmico americano – supostamente mais afeito à empiria do que o modelo europeu. Dentre os trabalhos que tratam da Escola é lugar comum explicar a criação da instituição como uma resposta ao governo Vargas vendo a ELSP como uma reação direta ao fracasso de São Paulo na Revolução de 32 e sua decorrente necessidade de formar uma elite capacitada intelectual e tecnicamente para fazer frente ao governo de Vargas e outros desafios de sua época. Claro está que estes são elementos importantes para a criação do projeto da ELSP, como explicitado no manifesto da instituição. Mas além destes, há outros elementos chave para a compreensão da história da ELSP, como o movimento da Escola Nova e o investimento de instituições americanas no Brasil.

Para examinar a inclinação norte-americana da ELSP (e, posteriormente, alemã), é preciso considerar que o Movimento da Escola Nova, que forneceu as bases para a criação da ELSP, tinha o modelo educacional norte-americano como inspiração, particularmente as teorias de Dewey. E aqui entra em cena outro ator já mencionado antes: Arthur Ramos e, também uma série de outros intelectuais que estavam entre aqueles que Pierson havia encontrado em 1935. Dos signatários do Manifesto da Escola Nova publicado em 1932 como *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, como já mencionado no capítulo 2, Pierson havia se encontrado com ao menos três deles em sua passagem por São Paulo em 1935 – Bergström Lourenço Filho, Carlos Delgado de Carvalho e Anísio Teixeira¹⁵⁷, sendo que Anísio Teixeira havia estudado com Dewey em Columbia na década de 1920.

Além da inspiração de Dewey entre os fundadores da ELSP – ligados ao movimento da Escola Nova – as relações da ELSP com instituições americanas datam do período anterior aos anos de 1930. De acordo com os materiais que consultei nos arquivos da Rockefeller, a Fundação americana já financiava projetos e instituições de saúde pública no Brasil desde os anos de 1910, especialmente ligados ao combate da febre amarela e mais tarde teria apoiado a criação do

¹⁵⁷ Os signatários do Manifesto são: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. De Sampaio Dória, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergström Lourenço Filho, Roquette-Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casasanta C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attílio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme, Raul Gomes.

Instituto de Higiene em São Paulo. O nome por trás da criação do Instituto de Higiene, em 1918, era Roberto Simonsen, o mesmo responsável pela criação do IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho de São Paulo)¹⁵⁸, em 1931, e da ELSP, em 1933.

No que se refere à relação de Simonsen com a Fundação Rockefeller, suas bases já estavam presentes desde o período que antecede a Primeira Guerra e a Crise de 29. Assim, os elementos que justificam a escolha da contratação de professores americanos na ELSP estão relacionados com as ligações da Rockefeller com instituições que antecedem a criação do curso de Sociologia. Somase-se a isso, a importância do modelo americano de educação para o movimento da Escola Nova, base para a criação da ELSP.

Nesta busca por professores norte-americanos, Lowrie e Davis foram os primeiros estrangeiros a serem contratados pela Escola Livre de Sociologia e Política, que na época de sua criação, contava com um curso de bacharelado de três anos em Ciências Políticas e Sociais, sendo que eles eram os responsáveis pelas disciplinas fundamentais da graduação. No primeiro ano, enquanto Davis ensinava Economia Social, Lowrie lecionava Sociologia Geral, e mais tarde, seria o responsável pelo ensino de Sociologia Empírica e Ciências Políticas. Os outros professores do primeiro ano do curso foram Raul Briquet (Psicologia Social); Antonio Piccarolo (Introdução à Economia); Bruno Rudolfer (Estatística); Almeida Junior (Fisiologia do Trabalho); André Dreyfus (Biologia Social); Robert Mange (Psicotécnica) ¹⁵⁹.

De acordo com os documentos da instituição, neste momento, entre 1933 e 1954, a ELSP funcionava em salas cedidas pela Escola de Comércio Álvares Penteado, ao lado da faculdade de Direito do Largo de São Francisco, no centro de São Paulo. Sua característica de Escola Livre, que perdura até o ano de 1949,

¹⁵⁸ A finalidade do IDORT era de melhorar o padrão de vida dos que trabalham em São Paulo e no Brasil, por meio da difusão e introdução de processos de organização científica do trabalho e da produção.

¹⁵⁹ Sobre a estrutura curricular das primeiras turmas da ELSP, ver os anuários da Escola, em especial *Informações e Programas 1933-1934*, sob a guarda do CEDOC (Centro de Documentação e Memória) da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo) e o texto de BERLINCK (1964).

permitia certa flexibilidade de currículo de modo que os alunos poderiam optar por se matricular nas disciplinas de sua escolha. E também os critérios de admissão na instituição não eram rígidos com relação à formação dos alunos já que aceitavam candidatos que não haviam completado o equivalente ao ensino secundário¹⁶⁰.

O que se percebe com relação aos programas de disciplinas do ano de 1933 e 1934 é uma ênfase do estudo da organização racional do trabalho, caso especialmente das disciplinas de Almeida Junior e Robert Mange. Apesar do nome do curso, as disciplinas de Ciências Políticas eram ministradas apenas no segundo ano e as disciplinas principais eram Sociologia e Economia¹⁶¹. Isto se justifica a partir do projeto de criação da instituição que tinha como razão de ser a melhoria da administração pública e privada local em consonância com o objetivo inicial da ELSP de formar profissionais do setor público e privado que iriam desempenhar funções de dirigentes e técnicos¹⁶²

No interior deste projeto de formação de dirigentes e melhoria das condições de trabalho, Lowrie e Daves realizam trabalhos pioneiros na cidade de São Paulo como responsáveis pela primeira pesquisa sobre padrão de vida dos operários na capital paulista, fornecendo subsídios para, mais tarde, a realização

¹⁶⁰ Em 22 de dezembro de 1949, a instituição perde seu caráter de “Escola Livre”, e tem seu nome alterado para Escola de Sociologia e Política, conforme registro do 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, datado de 08 de março de 1950. Esta estrutura livre se refletia, por exemplo, no grande número de inscritos no curso em seu primeiro ano. De acordo com o anuário da ELSP de 1933, a primeira turma era composta por mais de 200 alunos e muitos deles eram os próprios signatários da instituição. Ver documentos sob a guarda do CEDOC (Centro de Documentação e Memória). É importante destacar ainda que este caráter “livre” em relação ao currículo e ao ingresso da ELSP, como menciona Miceli (1989), é uma das características que a diferencia da FFCL.

¹⁶¹ Ver Informações e Programas do Anuário 1933-1934 disponível em Kantor, Maciel & Simões (2001).

¹⁶² Este propósito é explicitado no manifesto de criação da Escola, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 27 de abril de 1933. No texto, a derrota de São Paulo na Revolução de 1932 é atribuída à inexistência de uma elite intelectual preparada e instruída que pudesse agir com conhecimento da realidade social. Daí a defesa da necessidade da formação de uma elite intelectual “numerosa e organizada, instruída sob métodos científicos, ao par das instituições e conquistas do mundo civilizado”. A versão fac-símile do manifesto seguido da assinatura de seus signatários se encontra disponível no *website* da instituição: <<http://www.fespsp.org.br/75anos/manifesto.pdf>>. Destaca-se ainda como leitura fundamental o trabalho de Fernando Limongi sobre a instituição, *A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo*, publicado em Miceli (1989). Sobre a Escola, é leitura obrigatória o conjunto de depoimentos publicados sobre os anos de formação (1933-1953), organizados por Íris Kantor, Débora Maciel & Júlio Simões (2001). Outro documento importante que explicita o projeto da Escola é depoimento de Roberto Simonsen publicado no livro “Rumo à Verdade” (SIMONSEN, 1933).

do cálculo do salário mínimo no país¹⁶³. Ao contrário de Horace Daves que permanece na ELSP por apenas um ano, Samuel Lowrie leciona na instituição por um período relativamente longo de cinco anos, regressando aos Estados Unidos no ano de 1938.

Com a saída de Lowrie do Brasil, a correspondência entre ele e Pierson se inicia enquanto ambos estão nos Estados Unidos, Pierson na Universidade de Fisk e Lowrie na Bowling Green State University, em Ohio¹⁶⁴. A primeira correspondência a que temos acesso entre Lowrie e Pierson data de 8 de abril de 1939. Nela, Pierson escreve para seu conterrâneo informando que já havia recebido uma carta de Ernest Burgess em que o professor de Chicago mencionava já tê-lo recomendado a Lowrie, para que esse o indicasse a uma vaga de professor na ELSP. Na carta, além de reforçar seu interesse em lecionar na ELSP, Pierson relembra o primeiro encontro que tivera com Lowrie em novembro de 1935 em São Paulo, em ocasião de sua expedição pelo sudeste antes da viagem à Bahia.

Em resposta, algumas semanas depois, Lowrie descreve em detalhe quais as atribuições do cargo de professor na Escola Livre de Sociologia e Política: ministrar aulas de Ciência Política no curso de bacharelado e realizar pesquisas no Departamento de Cultura do Município de São Paulo. O salário equivalente a três mil dólares por ano seria pago inteiramente pelo município através do órgão municipal em convênio ainda mantido entre a ELSP e a Prefeitura de São Paulo.

A troca de correspondência entre os americanos continua até que, em junho de 1939, Cyro Berlinck faz o convite formal a Pierson em nome da diretoria da ELSP. Na mesma carta, Berlinck reforça o que já havia sido dito por Lowrie, que entre as atividades de Pierson estariam a de professor da ELSP e a de pesquisador do Departamento de Cultura. Nas correspondências que se seguem depois do

¹⁶³ As pesquisas de Davis e Lowrie podem ser conferidas no volume “As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo”, organizado recentemente por Angelo Del Vecchio e Carla Diéguez (2009). Além da versão fac-símile dos relatórios das pesquisas, o livro traz ainda um artigo de análise crítica dos organizadores sobre os relatórios.

¹⁶⁴ Lowrie, que já havia estado em outros países fora dos Estados Unidos (caso da China entre 1923 e 1927), fixa residência em seu país de origem depois de seu período brasileiro. Para mais informações sobre sua trajetória, ver seu obituário em *Footnotes* publicado pela *American Sociological Association*, Nov. 1976, Vol. 4 n. 8, Page 7.

convite oficial, Berlinck esclarece algumas dúvidas de Pierson em relação à instituição, entre elas, a sua ligação com a USP, já que neste momento, a ELSP é uma instituição complementar da Universidade de São Paulo.

É interessante notar que as correspondências em torno da contratação de Pierson tratam ao mesmo tempo do projeto acadêmico e institucional da ELSP neste momento e também revelam informações sobre a condição de Pierson como professor e pesquisador. No caso da ELSP, a instituição é apresentada por Lowrie e por Cyro Berlinck de modo que estes tratam do projeto acadêmico da Escola e de suas relações institucionais. Entre estas informações estão: seu projeto acadêmico com a presença de professores estrangeiros, em especial os americanos que inspiram o modelo didático da ELSP; seu próprio caráter de Escola Livre; as relações com o Departamento de Cultura e a complementariedade com relação à USP em vigor naquele momento¹⁶⁵

Do mesmo modo, faz parte do intuito da troca de cartas a verificação se Pierson se adequaria à proposta da ELSP. Assim, as cartas revelam como ele se apresenta profissionalmente à Escola paulista. Entre seus esforços estão o de se mostrar um professor já em idade madura, apesar de seu recém doutoramento¹⁶⁶ e também de ressaltar sua experiência como pesquisador, conforme carta enviada à Lowrie¹⁶⁷. Nela, Pierson faz questão de ressaltar sua experiência de campo, realizada em sua maior parte no Brasil e as atividades relacionadas à sua pesquisa sobre relações raciais na Bahia.

¹⁶⁵ Os documentos apontam que a ELSP se torna instituição complementar da USP no ano de 1938. Ver documentos da FESP depositados no CEDOC, em especial certificado do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Cartório de José Soares de Arruda, em São Paulo. De acordo com os dados consultados até o momento, não é possível qualificar em termos precisos esta relação entre as instituições paulistas. O que é importante salientar é que durante o Estado Novo (1937-1945), a ELSP sofreu uma série de pressões do governo federal para adequar seu currículo aos padrões nacionais. Com isso, a Escola é obrigada a seguir um currículo comum a todas as instituições de ensino superior da área que, passariam mais tarde, a serem fiscalizadas pelos recém criados órgãos do governo federal em educação. Como resultado, a ELSP perde seu caráter “livre” em 1949.

¹⁶⁶ Como já mencionado, Pierson não escrevia sobre sua vida pessoal deliberadamente e quando o fazia em suas cartas era quando sua vida íntima se mostrava de algum modo relevante para suas atividades profissionais. Este é o caso do comentário de Pierson, que ao se apresentar para Lowrie, afirma ter 39 anos explicando que é mais velho do que habitualmente o são os recém-doutores porque tivera que abandonar os estudos para ajudar financeiramente a família quando moravam no estado do Kansas.

¹⁶⁷ Carta de 08 de abril de 1939. FDP, pasta 74, rolo 006, documentos 0724/0725/0726/0727.

Diante da necessidade de concentrar esforços para a nova função, Pierson revela em suas cartas ter passado por um intenso período de preparação e estudos nos meses que antecederam sua viagem para assumir os cursos de Lowrie na ELSP. Entre estes esforços, está o de se tornar fluente na língua portuguesa, já que apesar de se comunicar razoavelmente bem, ele escreve para Berlinck em inglês justificando que ainda não se sentia confortável com a escrita. Este período de preparação dura até outubro de 1939, quando Pierson finalmente chega a São Paulo juntamente com Helen Batchelor.

No item a seguir tratarei da chegada de Pierson ao Brasil e também de seus trabalhos iniciais como professor da instituição e como membro do Departamento de Cultura, pois suas atividades em ambas instituições estão conectadas e os desdobramentos desses dois trabalhos em conjunto se refletem na sua prática educacional, bem como na sua prática de pesquisa e o tipo de sociologia/antropologia que passa a praticar.

3.1.

Entre o Departamento de Cultura e a Escola Livre de Sociologia e Política: os projetos de cooperação com a Fundação Rockefeller

Depois de terminadas as negociações para a sua segunda vinda ao Brasil, Pierson chega a São Paulo no mês de outubro de 1939 para assumir os cursos na Escola Livre de Sociologia e Política e suas atividades de pesquisa no Departamento de Cultura. Pelo calendário de disciplinas, Pierson só iria assumir as aulas na ELSP no semestre seguinte a sua chegada, em março de 1940¹⁶⁸.

Já as atividades no Departamento de Cultura se iniciam ainda no decorrer do segundo semestre de 1939. Pouco mais de um mês depois de sua chegada à capital paulista, Pierson já publica seu primeiro trabalho como pesquisador do Departamento de Cultura. Trata-se do texto *Recenseamento por bairros*, publicado no número LXII de nov/dez de 1939¹⁶⁹. Embora este seja um texto produzido originalmente para o jornal O Estado de São Paulo, sua publicação inicia uma série de trabalhos de Pierson veiculados na *Revista do Arquivo Municipal*, entre os anos de 1939 e 1944.

É comum na historiografia¹⁷⁰ que trata do Departamento de Cultura atrelar

¹⁶⁸ Carta datada de novembro de 1939, em FDP, rolo 02, pasta 23, n. 1229 a 1233. Pierson sempre manteve contato com Park, até a morte deste em 1944. Em sua segunda estada no Brasil, ele relatava a seu ex-orientador seus planos de trabalho e impressões sobre o país, sobre São Paulo e suas pesquisas.

¹⁶⁹ Uma característica que merece atenção é o fato de todos os textos de Pierson publicados em periódicos brasileiros serem publicados em língua portuguesa. Na época, não era incomum os autores publicarem textos em língua estrangeira em periódicos como a *Sociologia*. Por exemplo, Paul Arbusse-Bastide e Roger Bastide publicavam alguns textos em francês e Herbert Baldus em alemão.

¹⁷⁰ Silvana Rubino (1995) comenta a vinculação de Departamento de Cultura ao seu “líder carismático”, nas palavras da autora. Para um aprofundamento do que é apontado como o “fim” do Departamento de Cultura decorrente do golpe de Vargas, em 1937, que culminaria na exoneração de Fábio Prado da prefeitura de São Paulo e o início da nova gestão de Prestes Maia, ver o trabalho de Roberto Barbato Júnior (2004). Para os rumos burocráticos e institucionais do DC na década de 1940, ver o verbete *Departamento de Patrimônio Histórico* no livro “Patrimônio” de Paulo de ssunção (2003).

a existência do órgão municipal à permanência de seu primeiro diretor, Mario de Andrade entre 1935 e 1938. Entretanto, o Departamento de Cultura, que é criado por Paulo Duarte (1899-1984), Mario de Andrade (1893-1945) e Sérgio Milliet (1898-1966), continua suas atividades mesmo depois da saída de seu primeiro diretor. É certo que com o Estado Novo e a saída de Mario de Andrade o direcionamento do departamento muda drasticamente, mas o órgão continua a existir; até que em 1945 é anexado à Secretaria de Cultura e Higiene e, alguns anos mais tarde, à Secretaria de Educação e Cultura. E é exatamente neste período tido como o “fim” do órgão municipal que Pierson atua como pesquisador¹⁷¹.

Do mesmo modo que Pierson assumiu a função de substituto de Lowrie na ELSP, ainda que tenha conseguido impor suas preferências em relação aos cursos lá ministrados, ele também o substituiu no Departamento de Cultura. E também no DC sua atuação se torna um pouco diferente de seu predecessor. Lowrie havia participado de um projeto muito específico do Departamento de Cultura integrando a Sociedade de Etnografia e Folclore, entre os anos de 1936 e 1938, realizando estudos sobre a cidade de São Paulo.

A Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF) reunia um grupo eclético de pesquisadores de diferentes vinculações institucionais, entre eles, professores e alunos das recém-criadas faculdades de Ciências Sociais, a ESP e a USP e funcionários do Departamento de Cultura. O grupo tinha entre seus participantes, além de Lowrie, o diretor do Departamento, Mario de Andrade (1893-1945), Dyna Dreyfus (1911-1999), esposa de Lévi-Strauss e as principais figuras do grupo; os professores Lévi-Strauss (1908-2009) e Plínio Ayrosa, ambos da USP, e Antonio Rubbo Müller, este último responsável pelo ensino de antropologia na ELSP; os funcionários do Departamento de Cultura Bruno Rudolfer, Oneyda Alvarenga, Nicanor Miranda e os alunos da ELSP Lavínia Costa Villela e Mário Wagner Vieira da Cunha. Entre as ambições deste grupo estava a constituição de um arquivo que

¹⁷¹ Apesar do desencontro entre Pierson e Mario de Andrade no Departamento de Cultura, eles haviam se encontrado em 1935 em São Paulo, momento em que o DC estava sendo criado. Pierson manteve correspondência com Mario no período em que estava em Salvador, principalmente porque Mario de Andrade também estava conectado com as discussões que ocorriam em Recife e na capital baiana tendo inclusive enviado trabalho para o I Congresso Afro-Brasileiro, em 1934 sem comparecer ao evento. Ver, especialmente, a carta de Pierson a Mario de Andrade de 2 de novembro de 1936 em que ele relembra o primeiros encontro de ambos no Teatro Municipal de São Paulo – FDP, pasta 59.

seria utilizado na área de conhecimento das ciências sociais, políticas públicas e arte¹⁷².

A SEF funcionou ativamente entre 1936 e 1939, portanto, quando Pierson chega a São Paulo a Sociedade de Etnografia e Folclore já está sendo extinta e não há indícios de que ele tenha integrado um projeto coletivo específico no Departamento de Cultura. Mesmo com o fim da Sociedade de Etnografia e Folclore, o foco da atuação da *Divisão de Documentação* Histórica e Social (DDHS)¹⁷³, que é dirigida por Sérgio Milliet (1898-1966) até 1943, ainda permanece voltado para a realização de pesquisas sobre a cidade de São Paulo e a cultura paulista, e é aí que Pierson se insere.

Um dos projetos, se não o único da Divisão dirigida por Milliet¹⁷⁴ será, a partir de 1939, a pesquisa de Pierson sobre a cidade de São Paulo. Desta pesquisa participam os alunos que haviam feito parte da SEF, entre eles, Lavínia Costa Villela e Mário Wagner Vieira da Cunha. Como aponta o trabalho de Luisa Valentini (2011), Mário Wagner Vieira da Cunha havia participado do Curso de Etnografia ministrado por Dina Dreyfus e realizado trabalho de campo juntamente com Lévi-Strauss e Mário de Andrade.

¹⁷² Sobre a Sociedade de Etnografia e Folclore, ver o volume organizado por Lélia Gontijo Soares (1983) “Mario de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore” e também o texto de Silvana Rubino (1995) sobre a SEF e a Sociedade de Sociologia. Entre os trabalhos que analisam o grupo a partir de suas pesquisas e não apenas no sentido institucional mais geral, ver o recente artigo de Luisa Valentini (2009).

¹⁷³ De acordo com Luisa Valentini, é possível tratar a Divisão de Documentação Histórica e Social (DDHS) e a Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF) como dois grupos de pesquisa atuando de forma muito próxima em relação aos temas de pesquisa, a saber, uma concepção geográfica da mudança cultural na cidade de São Paulo e seu entorno. DDHS e SEF operariam a partir da dicotomia entre o universo rural e o universo urbano e a diferença entre ambos seria uma espécie de divisão de tarefas. Enquanto a SEF atuaria no pólo “rural”, nos “arredores” de São Paulo, a DDHS atuaria no pólo “urbano” realizando estudos sobre a população paulistana para orientar políticas públicas.

¹⁷⁴ Sérgio Milliet é uma figura fundamental nesse processo de cooperação entre a ELSP e o Departamento de Cultura. Crítico de literatura e arte, poeta e tradutor, Milliet nasceu em São Paulo e estudou Ciências Econômicas e Sociais na Suíça. Após regressar ao país, em 1925 passa a integrar o grupo de Oswald de Andrade e Afonso Schmidt e, juntos, criam a revista *Cultura*. É um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política, e atua na instituição como secretário até 1935; a partir de 1937 passa a trabalhar como docente. Um dos idealizadores do Departamento de Cultura, como dito, Milliet permanece à frente do Departamento até 1943, como chefe da *Divisão de Documentação Histórica e Social*. Nas décadas seguintes, Milliet ocuparia o cargo de Diretor Artístico do MAM/SP e de curador da Bienal Internacional de São Paulo. Em sua tese, Silene Ferreira Claro (2008) apresenta o perfil profissional dos principais colaboradores da *Revista do Arquivo Municipal*, entre eles o de Milliet. Sobre o perfil crítico de Milliet especificamente, ver a tese de Francisco Alambert (1991).

Neste sentido, há uma série de discontinuidades em relação aos projetos do Departamento de Cultura nos dois períodos, o de atuação de Lowrie e o de atuação de Pierson. Apesar da incumbência de substituir Lowrie, as funções de Pierson acabam sendo outras em grande parte porque o próprio ambiente intelectual e institucional do DC estava em transformação¹⁷⁵. Mudanças à parte, em 1940, a Escola Livre de Sociologia e Política continuava mantendo uma estreita ligação com o órgão municipal, o que havia se iniciado desde a criação do Departamento em 1935¹⁷⁶.

Além de alguns convênios de pesquisa, o principal elo entre a ELSP e o DC na década de 1930 era o curso de Biblioteconomia, dirigido por Rubens Borba de Moraes (1899-1986). Borba de Moraes também era um dos fundadores da ELSP e, antes disso, havia sido um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, um dos criadores do Departamento de Cultura, atuou na criação da Klaxon e da Revista de Antropofagia.

Em 1935, por ocasião da incorporação da Biblioteca Municipal ao Departamento de Cultura, Rubens Borba de Moraes (1899-1986) (que dirigia a Biblioteca) havia criado o curso de Biblioteconomia que depois passou a ser ministrado na Escola Livre de Sociologia e Política. O curso de Biblioteconomia, assim como o de Sociologia e Política, funcionava no prédio da Escola de Comércio Álvares Penteado, ao lado da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. De acordo com Funaro e Castro Filho (2003), o curso inaugura uma turma no ano de 1936, que se forma em 1938. Depois desta primeira turma formada sob a responsabilidade da prefeitura, e da suspensão de suas atividades no ano de 1939 (período em que Borba de Moraes estava estudando biblioteconomia nos Estados Unidos como bolsista da Rockefeller), o curso de Biblioteconomia oficialmente foi incorporado à ELSP, no ano de 1940.

Portanto, Pierson inicia suas atividades na ELSP e no DC no momento em

¹⁷⁵ Com relação à atuação na ELSP, Pierson inicialmente ficaria encarregado dos cursos de Ciências Políticas de Lowrie. Mas depois de vários pedidos de Pierson à instituição, ele assume as aulas de Sociologia e Antropologia Social. Sobre as disciplinas ministradas por Pierson, ver também relatório enviado a Fundação Rockefeller no FDP, rolo 1, pasta 12, documentos 2012 e 2013.

¹⁷⁶ Se o projeto de criação da ELSP deve ser entendido no interior de um processo de resposta da elite paulista e, principalmente, paulistana ao governo de Getúlio Vargas, é compreensível que a Escola tenha mantido em seus primeiros anos ligações estreitas com o governo municipal encontrando ali respaldo para suas realizações e que tenha encontrado resistência ao seu projeto por parte do governo federal. Sobre esta relação de cooperação entre a ELSP e o Departamento de Cultura, ver Limongi (1989).

que se dá o processo de incorporação do curso de Biblioteconomia à ELSP e o fim das atividades da Sociedade de Etnografia e Folclore. Como parte destas mudanças, Sérgio Milliet iniciou uma série de contatos com os Estados Unidos para a aproximação cultural e acadêmica com os projetos brasileiros em curso em São Paulo no interior do Departamento de Cultura.

Estes contatos consolidados por Milliet resultariam em um convênio com a Fundação Rockefeller – como vimos, a mesma instituição estrangeira responsável pelo financiamento do projeto de criação da Universidade de Chicago¹⁷⁷. O convênio previa a doação de recursos financeiros para que a Escola aumentasse seu acervo bibliográfico para o curso de Biblioteconomia. Conforme consta nos anuários da Fundação Rockefeller, a doação continua nos anos seguintes até 1943¹⁷⁸. De acordo com Gonçalves (1992, p. 80), a intermediação entre a ELSP e a instituição americana foi realizada por Carleton Sprague Smith, que além de Adido Cultural do Consulado Americano, também era professor na ELSP¹⁷⁹. Outro nome importante neste processo é o de David Stevens (1903-1976), diretor da Divisão e Humanidades da Fundação Rockefeller que teria visitado São Paulo e a ELSP no início de 1940.

Não parece exagerado supor que a incorporação do curso de Biblioteconomia à ELSP tenha aproximado ainda mais a Escola do órgão municipal. Com o fim da Sociedade de Etnografia e Folclore, o Departamento de Cultura passa a concentrar sua atuação no curso de Biblioteconomia. E, esta aproximação entre DC e ELSP parece ter sido um fator decisivo para que a assinatura do convênio da ELSP com a Fundação Rockefeller. Com isso, a ELSP passa a contar com suporte financeiro da instituição norte-americana para a realização de pesquisas e investigações na capital paulista.

No que diz respeito à atuação de Donald Pierson no Departamento de

¹⁷⁷ Sobre a atuação da Rockefeller a partir de 1930, ver Marinho (2002).

¹⁷⁸ De acordo com o anuário da Fundação Rockefeller de 1943 foram realizadas doações à instituição paulista por um período de cinco anos ininterruptos que incluíam pagamento de salários, bolsas de estudo e preparação de materiais com a organização de biblioteca. Ver Annual Report, 1943.

¹⁷⁹ Ainda que não seja o foco deste trabalho, é possível pensar o papel da ELSP (em colaboração com o Departamento de Cultura) para o estreitamento de relações culturais com os Estados Unidos no final dos anos de 1930 e início de 1940. Neste sentido, não podemos esquecer que será o mesmo Carleton Sprague Smith o porta voz de Ciccilo Matarazo junto à Fundação Rockefeller para o projeto de criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo (fundado em 1948).

Cultura e na ELSP, a imbricação entre estas duas atividades se tornou ainda mais forte quando Pierson propõe a criação de um novo curso na Escola, o seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. O seminário se dividia em duas atividades, em sala de aula o curso era ministrado na ELSP explorando seu caráter teórico enquanto sua vertente empírica se dava com a orientação de alunos em pesquisas sobre a cidade de São Paulo no Departamento de Cultura. Nesta época, o assistente de Pierson na ELSP era o próprio Sérgio Milliet, que ofereceu a Pierson a infraestrutura para a realização das pesquisas na capital¹⁸⁰.

De acordo com as cartas de Pierson enviadas à Fundação Rockefeller¹⁸¹, os recursos disponibilizados para ele através da ELSP e do DC datam do período entre 1941 e 1944. Em uma destas cartas (abril de 1942), Pierson apresenta uma prestação de contas no valor de cinco mil dólares referente ao ano de 1941. Destes gastos, dois mil dólares teriam sido destinados para a aquisição de livros para a biblioteca da ELSP e três mil para custear os serviços dos alunos do seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, dirigido por ele. Do total disponibilizado, mil dólares teriam sido gastos com traduções de textos utilizados em sala de aula e os artigos de sua autoria publicados na *Revista do Arquivo Municipal* (a publicação oficial do DC) e na *Sociologia* (a revista da ELSP). Os responsáveis pela tradução eram Lavínia Villela e Mauro Lopes, alunos da ELSP.

Os dois mil dólares restantes foram gastos com projetos de pesquisa na capital paulista que incluem um estudo comparativo das moradias em São Paulo; um estudo comparativo sobre hábitos alimentares; e a preparação de mapas ecológicos sobre a cidade. Os valores custearam os honorários de três assistentes de pesquisa que trabalhavam em tempo integral nos projetos: Octávio da Costa Eduardo (que seria substituído por Carlos Borges Teixeira), Cecília Sanieto e Oracy Nogueira. Além do pagamento de outros alunos que tiveram uma participação mais esporádica realizando entrevistas, coletando dados e tabulando resultados: Cesário Hossri, Lilia Schimitt, Ruy Rodrigues, Vincent Unzer de Almeida, Guaracyaba de Carvalho, Nilza Alves de Almeida, Gioconda Mussolini, Maria Sales

¹⁸⁰ Se o Departamento de Cultura, através de Milliet, proporciona a Pierson os recursos para a realização de pesquisas na cidade de São Paulo, como o pagamento de seu salário e o empréstimo das instalações da prefeitura, este aporte passaria a ser complementado ainda com os recursos financeiros advindos da Fundação Rockefeller no convênio com a ELSP (do qual também participa o DC).

¹⁸¹ FDP, rolo 01, pasta 12, documentos 2051 e 2052.

de Oliveira, Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Maria de Lourdes Leite de Sá, Margarida Monteiro de Barros e Dulce Schreiner como tendo participado das pesquisas sobre a capital paulista.

Conforme indicações dos textos de Pierson do período – preparados, segundo consta, especialmente para a RAM – suas atividades no DC, iniciadas em 1939, se mantêm até 1944. É provável que Pierson tenha finalizado suas atividades no órgão municipal no mesmo ano em que Milliet deixa o Departamento de Cultura, em 1943. Mas, é também neste período que cessa o convênio da ELSP com a Fundação Rockefeller e o fim do apoio da instituição americana impossibilitaria a continuidade destas atividades na *DDHS*. Ainda de acordo com os dados disponíveis sobre o financiamento de suas atividades no DC pela Fundação Rockefeller, é em 1943 que ocorre a última doação de grande porte para os estudos da cidade de São Paulo dirigidos por Pierson sobre habitação e moradia.

Os resultados destas pesquisas financiadas pela Rockefeller foram publicados na RAM. Neste sentido, é importante destacar que há uma espécie de divisão entre as publicações de Pierson nas duas principais revistas paulistas neste momento. Enquanto na *Sociologia* são publicados os trabalhos de reflexão teórica, conceitual, na *Revista do Arquivo Municipal*¹⁸² são publicados os resultados de suas pesquisas de campo, principalmente seus artigos sobre relações raciais e os estudos realizados na cidade de São Paulo.

Dentre o conjunto de textos publicados na RAM em que a autoria é atribuída a Donald Pierson (18 ao todo), 16 são parte da produção do autor como pesquisador do Departamento de Cultura¹⁸³, destes:

¹⁸² A *Revista do Arquivo Municipal (RAM)* de São Paulo foi criada no ano de 1934 e teve sua circulação contínua até o ano de 1992. Deste período, totaliza 200 números que se somam à publicação de alguns números esparsos na década de 2000. Como uma revista de cultura, a RAM é uma das mais antigas e importantes revistas de artes e humanidades em circulação na primeira metade do século XX, em São Paulo. Inicialmente a RAM foi criada como uma publicação do Arquivo Municipal de São Paulo e esteve subordinada a diferentes departamentos da organização municipal. Nos anos de 1930 e 1940, a RAM se caracteriza como um espaço privilegiado de publicação de estudos de pesquisadores ligados a instituições de ensino e pesquisa em funcionamento na cidade, principalmente dos pesquisadores ligados ao DC e a ELSP. Sobre a RAM, ver a tese de Silene Ferreira Claro (2008) que faz uma análise aprofundada sobre a revista. Ver também outros autores que comentam a produção da revista, especialmente entre 1935 e 1938: Rubino (1995), Rita Alves Oliveira (1995), Raffaini (2001), Filizzola (2002).

¹⁸³ Para o levantamento dos textos utilizei o índice de autores publicados na RAM no ano de 2002, no volume comemorativo n. 201 (*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: Índice dos volumes de I ao CC*). Este índice traz a indicação dos textos e seus respectivos autores em cada um dos volumes da revista. A ordenação de acordo com o tipo de texto foi realizada com base em minha leitura e análise dos mesmos.

- 2 são entrevistas concedidas por Pierson: *Sobre o preconceito de raças no Brasil* (1941); *Um mestre da ciência social* (1941).
- 1 resenha do livro de Emillio Willems que leva o mesmo título: *Assimilação e populações marginais no Brasil* (1941).
- 2 são artigos originalmente publicados em jornais: *Recenseamento por bairros* (1939); *As ciências sociais no mundo de hoje* (1943).
- 3 são artigos apresentados em comunicações em eventos acadêmicos ou científicos: *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1940); *Habitações em São Paulo: estudo comparativo* (1942); *Um estudo comparativo da habitação em São Paulo* (1942).
- 8 artigos são redigidos especialmente para a RAM, conforme a indicação no próprio texto: *A sociologia, os costumes e o direito* (1940); *A distribuição das classes e das raças na Bahia* (1941); *A composição étnica das classes na sociedade baiana* (1941); *Os africanos da Bahia* (1941); *Diluição da linha de cor na Bahia* (1942); *O que torna humano o indivíduo?* (1942); *Ascensão social do mulato brasileiro* (1942); *Hábitos alimentares em São Paulo* (1944).

Além destes 16 textos que são publicados entre os anos de 1939 e 1944, dois artigos são publicados mais tarde e não apresentam qualquer indicação de vínculo de Pierson com a *Revista do Arquivo Municipal*. São eles: *Casamento interacial na Bahia* (1943) e *Festas religiosas em Cruz das Almas* (1950)¹⁸⁴.

Excluindo as entrevistas e a resenha e considerando os 13 artigos publicados na RAM no período em que Pierson atuou como pesquisador no Departamento de Cultura, sua produção pode ser dividida em dois tipos principais¹⁸⁵: um que se caracteriza como uma série de artigos em torno da questão urbana com base em pesquisas e reflexões anteriores a partir do enquadramento da cidade; e outro tipo em que as publicações são resultados originais advindos das pesquisas realizadas em São Paulo em conjunto com seus

¹⁸⁴ Tratarei da pesquisa sobre *Cruz das Almas* no item a seguir.

¹⁸⁵ Os artigos que não se enquadram nesta classificação são: *As ciências sociais no mundo de hoje* (1943) e *O que torna humano o indivíduo?* (1942), juntamente com *A sociologia, os costumes e o direito* (1940). Estes são os únicos textos “teóricos” publicados na RAM e são republicados no livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia* que reúne os textos desta natureza, em sua maioria publicada em outro periódico, a revista *Sociologia*.

alunos.

O texto inaugural de Pierson na *RAM*, “Recenseamento por quarteirões” reproduz um artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 18 de dezembro de 1939, revela a atuação de Pierson em um tipo de sociologia aplicada na resolução de questões enfrentadas pelo próprio município de São Paulo. Trata-se de um texto curto de três páginas no qual Pierson comenta a avaliação pela Comissão Censitária Nacional do trabalho “Levantamento demográfico por face de quarteirão” de Bruno Rudolfer, estatístico tcheco especialista do DDHS do Departamento de Cultura, membro da SEF e professor da ELSP. No texto, Pierson endossa a posição de Rudolfer que defende a modificação nos critérios metodológicos para a realização do Censo do ano de 1940. A posição de Rudolfer é a de que o levantamento e análise de dados demográficos fossem pautados pela unidade de quarteirão, ao invés de áreas geográficas maiores, como os distritos.

Tanto a posição de Rudolfer quanto a de Pierson em torno do tema do recenseamento evidenciam uma preocupação com o interesse aplicado das pesquisas realizadas no interior da ELSP e no Departamento de Cultura em suas divisões, subdivisões e órgãos, tais como a DDHS e a SEF. Neste sentido, não se pode perder de vista que as pesquisas demográficas se tornam parte importante da agenda política no governo local e nacional. De acordo com Ribeiro (2002), em 1934 o governo do estado de São Paulo, comandado por Armando Salles de Oliveira, forma a Comissão Central de Recenseamento para a realização do Censo no mesmo ano¹⁸⁶. Este Censo com abrangência no estado de São Paulo teria sido acompanhado justamente por Bruno Rudolfer e Samuel Lowrie (idem, p. 355).

Mas, ao se inserir nesta discussão da alçada do poder público, Pierson o faz de maneira a realizar um contraponto entre as cidades de Chicago e São Paulo. Embora o mote do artigo de Pierson seja a defesa da posição de Rudolfer, o texto

¹⁸⁶ No plano nacional, o Censo de 1940 inaugura uma nova etapa na realização do Censo Demográfico brasileiro. Embora tivessem sido realizados Censos durante o período imperial e na Primeira república no fim do século XIX e início do XX, é somente com a criação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1936, e da Comissão Nacional Censitária, em 1938, que passa a existir no país uma sistemática de dados estatísticos e geográficos. O Censo de 1940 marca o início de um novo modelo censitário pautado pelo planejamento de periodicidade e padrões metodológicos definidos na coleta e análise dos dados. Além disso, pela primeira vez, o Censo passa a considerar outras variáveis para além das características gerais da população, tais como educação, migração, nupcialidade, fecundidade, mortalidade, trabalho e características domiciliares. Sobre a inserção destas variáveis e as características do Censo de 1940, bem como os anteriores, ver o histórico do Censo Demográfico elaborado pelo IBGE na ocasião do Censo de 2000. Disponível no website < http://www.ibge.gov.br/censo/text_censodemog.shtm >.

não detalha os procedimentos de pesquisas censitárias no Brasil, já que seus exemplos são todos referidos aos Estados Unidos em um claro esforço de comparação entre as cidades americanas. Além desta comparação, Pierson introduz no artigo uma reflexão sobre os próprios referenciais teóricos da Escola de Chicago defendendo a necessidade de considerar os diferentes limites humanos e sociais nas áreas urbanas e não apenas os limites geográficos e políticos, ideia cara à Ecologia Humana¹⁸⁷.

Além disso, é importante sublinhar como a ideia de “comunidade” é introduzida no artigo para tratar de fenômenos específicos das áreas urbanas¹⁸⁸. Neste sentido, Pierson irá caracterizar suas primeiras pesquisas empíricas no Departamento de Cultura como estudos realizados na “comunidade” de São Paulo, ou como aparecem nos relatórios enviados à Fundação Rockefeller sobre as atividades de 1941, “research in the São Paulo community”¹⁸⁹. Tais atividades incluem um estudo comparativo das moradias em São Paulo (*Comparative study of housing and living facilities in São Paulo*), um estudo comparativo sobre hábitos alimentares (*Comparative study of diet and eating habits in São Paulo*) e a preparação de mapas ecológicos sobre a cidade (*The preparation of ecological maps of the city of São Paulo*).

Estas pesquisas na capital paulista, realizadas com apoio da Fundação Rockefeller, deram origem a trabalhos apresentados em congressos, a um artigo publicado na revista *Economia*, em 1941 (“Estudo comparativo da habitação em São Paulo”) e a três artigos publicados na *Revista do Arquivo Municipal*: dois em 1942 (“Habitações em São Paulo: estudo comparativo”; “Um estudo comparativo da habitação em São Paulo”), e outro em 1944 (“Hábitos alimentares em São Paulo”).

A publicação dos resultados destas pesquisas se concentra nos dois primeiros trabalhos sobre moradia e hábitos alimentares, já que os mapas

¹⁸⁷ No artigo não há a menção direta a cidade de São Paulo, mas sim ao caso brasileiro. No entanto, a discussão está inserida em um contexto que tem como referência a cidade de São Paulo a partir das pesquisas de Bruno Rudolfer.

¹⁸⁸ Embora não seja citado no artigo, uma importante referência para o conceito de comunidade em áreas urbanas é o livro *The Urban Community*, organizado por Ernest Burgess (1926) que reúne artigos de vários pesquisadores de Chicago sobre o tema.

¹⁸⁹ A documentação referente aos financiamentos da Fundação Rockefeller encontra-se incompleta no Fundo Donald Pierson. Mas é possível encontrar os relatórios enviados à instituição no FDP na pasta 12, ver em especial os documentos 001_2052.

ecológicos¹⁹⁰ não chegaram a ser publicados. De acordo com o mesmo relatório enviado à Fundação Rockefeller, esses mapas teriam sido elaborados considerando quatro diferentes zonas da cidade: áreas de aluguel de alto nível, zonas deterioradas, distritos industriais, e o último, ainda em elaboração no ano de 1942 sobre áreas de casas e apartamentos¹⁹¹.

As semelhanças entre os dois artigos sobre moradia publicados na RAM, em 1942, vão além do título. O número publicado em março/abril de 1942 é um especial que traz exclusivamente as palestras e conferências apresentadas na Jornada de Habitação Econômica do IDORT, realizada em 1941, em São Paulo. Dentre os autores aí presentes estão Bruno Rudolfer, Roberto Simonsen (um dos fundadores da ELSP e professor de História Econômica na mesma instituição), Pierre Monbeig (responsável pela cátedra de Geografia Humana na USP e um dos principais nomes da SEF), entre outros quase 40 palestrantes e conferencistas de várias áreas como engenharia, arquitetura, medicina, direito, sociologia, personalidades do meio político e empresarial.

Este período, entre a década de 1930 e 1940, é marcado por eventos, discussões, projetos e iniciativas para a construção de uma política habitacional específica em São Paulo (Cordeiro, 2005). O primeiro evento de grande importância neste sentido foi o I Congresso de Habitação, promovido pelo Instituto de Engenharia de São Paulo em maio de 1931, com vinte e uma teses e quatro conferências apresentadas, sendo seis trabalhos sobre habitação. A Jornada de Habitação Econômica, promovida pelo IDORT, seria o segundo evento deste período, de modo que é preciso considerar então a importância destes debates para a formulação de políticas públicas na cidade de São Paulo.

Não se pode perder de vista ainda que, concomitantemente aos processos sociais, políticos e culturais iniciados nos anos de 1920 que culminariam em uma série de instituições de ensino e cultura, a cidade de São Paulo inicia a década de

¹⁹⁰ De acordo com conceito de *ecologia humana* formulado por Robert Park, a cidade é vista em analogia com a vida vegetal, de forma que há interação entre a “estrutura espacial” da cidade e a “ordem moral” de seus habitantes. Neste sentido, a cidade passa a ser entendida como um “laboratório social”. Os mapas ecológicos formulados por Pierson seriam uma espécie de tradução visual da interação entre a estrutura espacial e a ordem moral. Ver texto de Park “The City: suggestions for the investigation for the human environment”, publicado no periódico *The American Journal of Sociology*, em 1915.

¹⁹¹ Até o presente momento, não foi possível encontrar os mapas ecológicos citados sobre a cidade de São Paulo.

1940 com sérios problemas advindos de seu acelerado processo de crescimento e modernização¹⁹². Os sinais de “progresso”, prosperidade e modernidade da capital paulista, que atraíam imigrantes e migrantes de outras regiões do país, eram contrastados com sérios problemas de moradia que se tornavam evidentes com os cortiços espalhados por toda cidade.

Como indica Mota (2003), na década de 1940, de 40% a 60% da população de São Paulo vivia em condições precárias de habitação. Já desde os anos de 1930, as condições de vida e trabalho da população envolvendo moradia, alimentação, transporte, ensino profissional e salários eram questões que estavam na ordem do dia nas preocupações do Estado e, conseqüentemente, das recém-criadas instituições de ensino e pesquisa na capital paulista, especialmente na ELSP¹⁹³.

Além disso, o objetivo primeiro desta pesquisa sobre habitação seria pedagógico ao oferecer a alguns alunos da ELSP o “treinamento prático dos métodos e técnicas das ciências sociais, especialmente de organizar formulários e questionários e de entrevistar”¹⁹⁴. O esforço de Pierson revela o papel destas pesquisas como “treino” para os futuros profissionais em formação na área de ciências sociais de modo que estas pesquisas de campo eram uma atividade prática que serviriam de complementação às aulas de Pierson ministradas no curso de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social na ELSP.

O mesmo ocorre com a pesquisa “Hábitos alimentares em São Paulo”, publicado em 1944 na RAM, cujo objetivo primeiro seria o treinamento dos alunos da ELSP nas técnicas de entrevista, questionário e formulário, conforme nota

¹⁹² Sobre as características destes processos de urbanização e modernização da capital, ver ainda os trabalhos de Regina Meyer (1991) e Raquel Rolnik (1988).

¹⁹³ Este processo não se restringe a São Paulo, como demonstra Licia do Prado Valladares em *A invenção da favela* (VALLADARES, 2008) sobre o crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro. Mas é importante destacar que, mesmo os primeiros estudos sobre as favelas cariocas dirigidos pelo francês Padre Lebreton no final dos anos de 1950, foram realizados em cooperação com instituições paulistas como o jornal *O Estado de S. Paulo* e a Escola Livre de Sociologia e Política. No caso de Lebreton, ele lecionou na ELSP no ano de 1947 e realizou pesquisas que seriam publicadas na Revista do Arquivo Municipal, como “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo São Paulo”, no ano de 1951.

¹⁹⁴ O primeiro trabalho desta série publicado na RAM em janeiro/fevereiro de 1942, *Habitações em São Paulo: um estudo comparativo* traz o resultado completo da pesquisa sobre moradia que contou com a participação de Octávio da Costa Eduardo, Oracy Nogueira, Carlos Borges Teixeira, Cecília Maria Sanioto, Cesário Hossri, Lilia Schmitt, Gioconda Mussolini, Maria Kerbeg, Maria de Lourdes Leite de Sá e Margarida Monteiro de Barros, de acordo com nota explicativa no início do texto (p. 199). Segundo a nota, os resultados parciais da pesquisa haviam sido apresentados em setembro de 1941 na reunião Anual do IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), em São Paulo.

explicativa do referido artigo. Deste modo, são indicados como participantes da pesquisa os mesmos alunos que participaram da pesquisa sobre moradia, mas em número menor. São eles: Cecília Maria Sanioto, Oracy Nogueira, Carlos Borges Teixeira, Nilza Alves de Almeida, Cesário Hossri e Dulce Schereiner¹⁹⁵.

Utilizando procedimentos muito parecidos com o empreendido na pesquisa sobre moradia com a aplicação de questionários, Pierson trata neste trabalho da dieta e hábitos alimentares na cidade de São Paulo a partir da “variação pelas áreas residenciais e, ao menos até certo ponto, pelas classes” (PIERSON, 1944, p. 45). Deste modo, considera os hábitos alimentares a partir da variação de “áreas residenciais inferiores e superiores”, ou seja, considerando a diferenciação de classes entre os bairros mais pobres e bairros mais ricos da cidade. Para a classificação das áreas chamadas “superiores” e “inferiores”, Pierson toma por base a pesquisa anterior de comparação das moradias na capital¹⁹⁶. Mas a busca por esta divisão em muito assemelha com a sua estratégia adotada alguns anos antes, quando Pierson analisa a cidade de Salvador em duas classes distintas com a “cidade alta” e a “cidade baixa”.

Assim, ao analisarmos os resultados destas duas pesquisas é possível afirmar que a investigação sobre hábitos alimentares é uma espécie de continuação da primeira, mas que também dialoga com sua monografia sobre a capital baiana. As conclusões apresentadas na segunda investigação são impensáveis sem os resultados do primeiro esforço de pesquisa, pois a variação entre as áreas residenciais são apresentadas no texto de 1944 como dados já comprovados pela observação. É graças os resultados da pesquisa sobre as moradias nas chamadas áreas “inferior” e “superior” da cidade de São Paulo que Pierson passa a utilizar a diferenciação de classe como categoria analítica¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Os agradecimentos são prestados ainda à Divisão das Ciências Sociais da Fundação Rockefeller pelo apoio financeiro da pesquisa.

¹⁹⁶ Pierson e sua equipe de alunos brasileiros pesquisaram duzentas famílias dos mesmos bairros tratados na pesquisa sobre moradia. Da área inferior: Mooca, Bexiga e Canindé. E da área superior: Higienópolis, Jardim América e Pacaembu. Os dados averiguados são relativos não ao consumo médio de alimentos de uma dada família, mas sim ao cardápio do dia anterior da visita do entrevistador, excluindo-se os finais de semana e feriados. O artigo indica que a pesquisa foi realizada entre os dias 4 de fevereiro e 3 de março de 1942.

¹⁹⁷ É preciso considerar que o conceito de classe tal qual é utilizado por Pierson não é o equivalente ao conceito marxista de classe como, por exemplo, o fará mais tarde Florestan Fernandes no debate sobre o tema publicado na revista *Sociologia* no *Symposium sobre classes sociais*, no número 2-3 do volume X de 1948. O artigo de Pierson *Como descobrir o que é "classe"* é o primeiro do *Symposium* ao abrir o número da revista. Nele, Pierson defende que *classe social* é um conceito e, como tal, não

Se o primeiro trabalho se caracteriza como uma análise primeira dos dados sobre a cidade de São Paulo, o mesmo não ocorre com o artigo publicado posteriormente. Em “Hábitos alimentares em São Paulo” o cruzamento de dados e as conclusões se apresentam de modo mais aprofundado. Novas categorias analíticas são introduzidas na reflexão. Além de classe, Pierson analisa a composição étnica das famílias, considerando tanto a presença estrangeira de acordo com o registro de nascimento, quanto a cor de pele dos entrevistados, além da estrutura familiar de cada moradia.

Desta segunda pesquisa é possível perceber um esforço de se obter conclusões mais abrangentes sobre o universo investigado no sentido da busca por parâmetros comparativos entre diferentes universos estudados, seja em diferentes bairros da cidade, seja na comparação com outro país. Por exemplo, o texto apresenta algumas considerações que vão além da localidade estudada e tratam de especificidades da alimentação no Brasil em relação aos Estados Unidos.

Diante deste quadro, é possível situar os artigos publicados na *RAM* como parte da formulação de um modelo que orienta como deve ser um cientista social profissional de formação universitária. Neste caso especificamente, este modelo é construído a partir de arranjos originais que mesclam perspectivas diversas da chamada Escola de Chicago e que se modificam de acordo com questões que são específicas da “realidade empírica” observada no Brasil e também do ambiente intelectual e institucional da época, tais como as demandas de pesquisas do DC como órgão do poder público municipal e às fontes de financiamentos advindas do exterior.

Por outro lado, suas últimas pesquisas financiadas pela Rockefeller indicam a formação de uma pauta de pesquisa mais ampla sobre o Brasil. Em *Hábitos alimentares em São Paulo* Pierson ao comentar sobre a metodologia da pesquisa afirma

corresponde a referente empírico, pois não passa de uma abstração do analista. Neste texto o autor alerta para os riscos de conceitos científicos serem tomados de maneira “doutrinária”, para “fins políticos”. Enquanto outros pesquisadores brasileiros, entre eles um de seus alunos, Florestan Fernandes, já defendem uma postura de orientação marxista que define classe social como uma manifestação concreta e não abstrata da realidade.

Vale mencionar que o conceito para Pierson estaria mais próximo da noção de status no interior de uma dada sociedade. Os rendimentos da noção de classe como status podem ser verificadas de maneira mais detalhada em seu livro *Branços e Pretos na Bahia*, já citado.

o estudo foi organizado de maneira a permitir que se tomem mais tarde, se possível, amostras de outras partes da cidade e também – para ainda maior comparação – amostras de cidades, povoações e zonas rurais do interior do Estado de São Paulo, bem como de outras áreas do Brasil (Pierson, idem, p. 47).

De maneira semelhante ao que é estabelecido neste texto de 1944, Pierson ao apresentar *Habitações em São Paulo: um estudo comparativo* dois anos antes afirma que o trabalho

foi organizado de maneira a permitir que se tomem mais tarde, para fins de comparação, amostras das cidades e de povoações do interior de São Paulo e também cidades grandes e pequenas, de outras áreas do Brasil” (Pierson, idem, p. 200).

Sobre as áreas de interesse para estudos futuros, é possível notar como o esforço comparativo almejado por Pierson incluía desde essa época a comparação de dados na própria cidade de São Paulo, como apresentado no artigo, mas também ambicionava a comparação com cidades e povoações do interior, em um segundo momento, e, ainda mais tarde, de cidades de outras áreas do país. Neste sentido, a atuação de Pierson, como ele mesmo propõe anos mais tarde (1987), se dividiria em três fases distintas de acordo com diferentes escalas geográficas. A primeira fase compreenderia a realização de pequenos estudos na própria cidade de São Paulo. Esta etapa seria a base para a realização das fases dois e três, respectivamente as pesquisas realizadas por Pierson no interior do estado e as de maior extensão realizadas em diversas regiões do país¹⁹⁸.

Esta constatação nos leva a relativizar a ideia de que estes estudos sobre a cidade estejam desvinculados dos chamados “estudos de comunidade” realizados por Pierson posteriormente. Primeiro, porque a própria noção de comunidade é aplicada para tratar do meio urbano neste contexto, assim como os trabalhos de Chicago, ainda que no Brasil os chamados estudos de comunidades tenham se tornado quase que sinônimo de estudos em comunidades rurais, como discutirei adiante. E segundo, porque estas três escalas geográficas de observação parecem

¹⁹⁸ Na segunda fase estariam as pesquisas no interior do estado, a exemplo de *Cruz das Almas* (1966 [1951]), realizada na cidade de Araçatiguama. Na terceira fase estaria a pesquisa sobre o Vale do São Francisco, realizada em Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas - publicada em 1972, com o título *O homem no Vale do Rio São Francisco*.

de fato estar ligadas em um projeto comparativo ambicioso de estudar o Brasil de maneira ampla em termos culturais, geográficos, raciais, sociais, considerando seu processo de modernização e diferenças de status e classe. Esforço este que só se completaria, décadas mais tarde, com a última pesquisa de Pierson no Projeto do Vale do São Francisco, realizado em Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas.

Desta perspectiva, embora Pierson seja usualmente referido como uma espécie de representante da Escola de Chicago no Brasil, estes diálogos com os EUA são em geral apontados quanto à formulação de uma pauta específica de pesquisa, que aqui ficou conhecida com os chamados “estudos de comunidade”. É fato que estes estudos, em geral realizados em pequenas localidades rurais, são parte importante do trabalho de Pierson desenvolvido no Brasil. Entretanto, ao lado de questões desenvolvidas por Robert Redfield (do estudo de “comunidades de folk”), também são exploradas formulações de Robert Park e Ernest Burgess (a cidade como amplo campo de investigações da vida social). Assim, os estudos propriamente urbanos, ao lado dos estudos de comunidades, não só têm lugar na sociologia e antropologia praticada por Pierson, como são fundamentais para a formação de seus alunos e o modelo profissional defendido por Pierson.

Ao considerarmos a atuação profissional e a produção intelectual de Pierson na ELSP e no Departamento de Cultura considerando seus trabalhos de menor destaque – como os estudos urbanos empreendidos na primeira fase de sua metodologia de pesquisa e seus escritos que tratam exclusivamente de questões de método da disciplina –, é possível perceber que a cidade tem papel relevante na pauta de investigação aqui formulada a são estudos percussores na investigação do urbano entre nós, ajudando a consolidar uma série de saberes sobre a cidade de São Paulo nas décadas de 1940 e 1950.

Este momento se mostra decisivo na constituição de diferentes pautas de investigação com rupturas, continuidades, divergências, e pontos de contato entre si em um ambiente intelectual e institucional em pleno processo de constituição e transformação. Neste cenário estão envolvidos professores, pesquisadores e alunos; brasileiros e estrangeiros de diferentes nacionalidades advindos das ciências sociais e áreas correlatas; e que estabelecem uma interlocução próxima com as preocupações de médicos, sanitaristas, administradores, juristas, geógrafos, planejadores urbanos, educadores, jornalistas, e outros profissionais atuando na

área pública ou na esfera privada na cidade de São Paulo.

Sobre o ambiente institucional mais restrito, nestas pesquisas não é possível separar a atuação da Escola Livre de Sociologia e Política do governo municipal através da atuação do Departamento de Cultura nos seus primeiros anos de funcionamento. E do mesmo modo, estas pesquisas são parte da presença decisiva de instituições estrangeiras como a Fundação Rockefeller na formulação da agenda de pesquisas no Brasil nas ciências sociais logo após a instalação do ensino profissionalizante na área. Estes projetos teriam continuidade com a criação da seção de pós-graduação e outras pesquisas de maior fôlego que tratarei a seguir.

3.2.

Ensino e pesquisa na ELSP: a criação da pós-graduação e a revista Sociologia

Da perspectiva brasileira, os anos de 1941 e 1942 são de fato um dos períodos de maior prestígio de Pierson entre nós. Neste momento, Pierson estava à frente da criação do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais do Brasil. Seus esforços resultaram, em 1942, na criação da *seção de pós-graduados*, como era chamada na época. Esta seção atraiu não somente os alunos da ELSP, mas também formados na USP e de outras regiões do país.

De acordo com os documentos da instituição¹⁹⁹, a primeira turma de pós-graduação concluiu o curso três anos depois, em 1945, com o título de mestrado. A turma era composta por apenas três alunos, duas mulheres e um homem: Oracy Nogueira, Gioconda Mussolini e Virginia Leone Bicudo. No ano seguinte, em 1946, formam-se apenas duas mestres: Noêmia Hipólito e Lucila Hermann. Florestan Fernandes é o único da turma a se formar em 1947. Entre 1949 e 1958, o número de mestres cai consideravelmente com a titulação apenas de Fernando Altenfelder Silva (1949), Lévy Cruz (1951), David Maybury Lewis (1956) e Sérgio Buarque de Holanda (1958)²⁰⁰.

¹⁹⁹ Cf. *Relação nominal de Pós-Graduados formados na instituição Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais*. CEDOC/FESP, pasta “Pós-Graduação”.

²⁰⁰ Entre os formandos da graduação, estavam na turma 1937: Albino Meng, Americo Furlanetto, Benedito de Assis, Carméla Juliani, Herbert Vitor Levy, Maria de Lourdes de Campos Viegas, Samuel Marino Politi. Em, 1948: Antonio Rubbo Muller, Henrique Guerrini, Joao Lellis Cardoso, Jose Siqueira Cunha, Mario Geraldo Pereira, Maximo Guerrini, Olavo Baptista Filho, Silvio Baes Leme Pinto Nazario e Virginia Leone Bicudo. Os formandos de 1939 são: Adriano Pire de Andrade, Carlos Escobar Filho, Raymod Naufal, Rodolfo dos Santos Mascarenhas. Em 1940: Brasilino Antunes Proença, Fernando Pereira Sodero, Jose Ribamar Pires Castello Branco, Lamartine Cardoso, Otavio da Costa Eduardo, Ruy Barbosa Cardoso. Os bacharéis de 1941 são: Carlos Borges Teixeira, Fatima Faria, Flavio Marcello Nobre de Campos, Maria Aparecida Madeira Kerberg, Maria Aparecida Paiva, Nilza Paranhos Braga Alves e Terbio de Mattos. Já a turma de 1942 era composta por Cecilia Maria Domenica Sanioto, Dulce de Godoy Alves, Dulce Schreiner, Helena Rocha Achoa, Maria de Lourdes Macuco Montesanti, Oracy Nogueira, Ruy Rodrigues, Vicente Unzer de Almeida. E a turma de 1943 contava com Cesario Hossri, Elisa Pinto de Maura, Helene Londhal, Lilia Correa Schmidt, Maria Benedita Albuquerque Passarela, Rubens de Azevedo, Werner J. Loewenberg. Darcy Ribeiro se formou em 1946 e não cursou a pós-graduação da ELSP.

No primeiro ano de funcionamento da seção de pós-graduados os cursos eram ministrados pelos professores Emilio Willems, Herbert Baldus, Bruno Rudolfer e Pierson. As aulas eram distribuídas em Pesquisas Sociais na Comunidade Paulista (Pierson); Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional (Willems); Etnologia Brasileira (Baldus); Métodos nas Ciências Sociais (Pierson e Rudolfer); Índios no Brasil (Baldus); Raça e Cultura (Pierson).

No ano seguinte, em 1942, a estrutura permanece basicamente a mesma com pequenas alterações, mas a seção recebe como professor visitante o antropólogo britânico Radcliffe-Brown que permaneceu até 1945 e ministrou os cursos de Princípios de Antropologia Social; Desenvolvimento do Direito; Organização Social. Outro professor estrangeiro a lecionar na seção foi o sociólogo norte-americano Lynn Smith ministrando Pesquisas nas Comunidades Rurais do Brasil²⁰¹.

Para Pierson, o ano de 1942 (o mesmo em que seu livro sobre a Bahia é publicado e premiado nos Estados Unidos) representa um período de transição do término das pesquisas em São Paulo financiadas pela Rockefeller (que cessam em 1943) para novos projetos com o apoio da Smithsonian Institution. É a partir deste período que Pierson começa a realizar uma série de atividades empreendedoras que contribuem de maneira decisiva para a formação e profissionalização das primeiras gerações de pesquisadores brasileiros. Além da criação da pós-graduação, Pierson atuou na ELSP durante a década de 1940 como docente, orientador, editor da revista Sociologia, tradutor, pesquisador, dirigente da seção de estudos pós-graduados, representante de instituições estrangeiras de fomento e financiamento à pesquisa em uma série de esforços para divulgar as ciências sociais, tanto para um público leigo interessado na disciplina, quanto para os seus alunos.

Frente a estas várias atividades institucionais e acadêmicas de Pierson em múltiplas frentes, ao lado da pós-graduação, poucas expressam tão bem o objetivo de orientar a formação de parâmetros acadêmicos para as ciências sociais no país

²⁰¹ Cf. os documentos da criação e do funcionamento da seção de estudos pós-graduados, AEL, pasta 24.

quanto sua participação na revista *Sociologia*. Uma das mais importantes publicações da área naquele momento, a revista *Sociologia* é criada em 1939 e se constitui como um importante espaço de debates e intercâmbios entre os jovens pesquisadores brasileiros durante o período em que a revista foi publicada, até a década de 1960. Inicialmente uma empreitada pessoal dos primeiros editores, a *Sociologia* que iniciou suas atividades sem vínculos institucionais vai aos poucos sendo incorporada como um projeto da Escola de Sociologia e Política, até que em 1946 passa a ser oficialmente uma publicação da instituição.

A atuação de Pierson na *Sociologia* ocorre de duas formas distintas. Primeiro, ele atua como um de seus mais importantes colaboradores com a publicação assídua de textos de sua autoria e com a apresentação de algumas traduções de textos selecionados de outros autores, sobretudo de pesquisadores que atuam nos EUA e publicam originalmente em língua inglesa. E, depois de certo tempo, além de continuar publicando textos seus, assume a função de editor da revista e toma a frente da direção da publicação juntamente com um de seus ex-alunos brasileiros, Oracy Nogueira (1917-1996), que após se formar na graduação em 1942, começou a lecionar na ELSP em 1943.

A revista *Sociologia* contabiliza ao todo 28 volumes com edições entre os anos de 1939 e 1966. Sua periodicidade é a de quatro números por volume com publicação trimestral, sendo publicado um volume por ano. Em seus dez primeiros volumes, entre 1939 e 1948, a *Sociologia* foi dirigida por seus criadores, Romano Barreto e o professor alemão Emilio Willems. Mas a partir do volume XI, de 1949, depois de algumas alterações, é que a direção da revista fica a cargo de Pierson e Oracy Nogueira, que atuam como editores até 1957.

Sobre a revista é preciso comentar que apesar de sua importância, a publicação não é alvo de análises. Se não o único, um dos únicos trabalhos a apresentar um exame mais consistente sobre o periódico é Fernando Limongi (1987) que faz um levantamento crítico dos temas dos artigos e dos colaboradores da *Sociologia*. Infelizmente, a circulação deste trabalho é restrita, já que não chegou a ser publicado em livro ou periódico. Outro trabalho é o de Andréa Moraes Alves, no entanto, este trabalho apesar de minucioso analisa apenas os primeiros anos da

publicação entre 1939 e 1941²⁰².

Outra referência importante é o levantamento dos principais temas tratados na revista em artigo escrito pelo próprio Pierson para *Sociologia*. O texto foi publicado em 1954 (v. XVI, n.1) na edição de comemoração dos quinze anos do periódico e faz um balanço das principais publicações deste período. Entretanto, o artigo não apresenta uma leitura crítica sobre a revista e seus temas, mas apenas indica os assuntos, seus autores e os títulos dos trabalhos. Este número comemorativo é composto ainda por textos de balanço sobre os temas da revista escritos por Willems (dimensões do tempo e espaço na sociologia), Mario Wagner Vieira da Cunha (publicações na área de administração pública), Hélio Schlittler (publicações sobre economia) e Baldus (publicações sobre os índios no Brasil).

Com base nas diferentes direções da revista, Limongi divide a história do periódico em diferentes fases. A primeira, sob a direção de Willems e Barreto (1939-1948); a segunda com Pierson e Oracy (1949-1957); e a terceira fase (1958-1966) com Alfonso Trujillo Ferrari. Esta divisão se mostra muito produtiva e será aqui também adotada, pois a partir dela é possível dividir a revista em sua distribuição temática e colaboradores já que a mudança na direção implica mudanças nestes quesitos.

Além de sua participação como editor, a contribuição de Pierson como autor é fundamental para a revista. Mesmo com seu regresso aos Estados Unidos na década de 1950, Pierson é o autor com o maior número de artigos publicados durante todo o período de publicação da revista. Tendo por base o levantamento citado de Limongi, Pierson publicou ao todo 47 artigos na revista. Na primeira fase do periódico (1939-1948), Pierson contabiliza 29 artigos, seguido de Willems com 9 artigos e Baldus com 7.

Aprofundando as conclusões de Limongi é possível tratar a atuação de Pierson de maneira ainda mais detalhada. Tomando como referência exclusivamente a sua participação como autor, é possível dividir sua contribuição em dois períodos, que correspondem exatamente aos anos da década de 1940 e

²⁰² Sobre a revista há ainda um curto depoimento de um de seus criadores, Romano Barreto, publicado no volume *Leituras Sociológicas*, organizado por Nanci Valadares de Carvalho (1987). O volume traz uma compilação de textos selecionados da revista *Sociologia* de diferentes autores em torno de temas em comum. São republicados trabalhos de Emílio Willems, Samuel Lowrie, Romano Barreto, entre outros.

1950, respectivamente: a década de 1940, em que Pierson dirige uma seção fixa no periódico chamada *Notas Sociológicas* e a década de 1950 quando publica sem uma seção fixa na revista. A partir do número 2 do volume XII, no ano de 1950, Pierson deixa de dirigir a seção *Notas Sociológicas* e passa a publicar somente textos que apresentam os resultados de uma única pesquisa empreendida por ele em *Cruz das Almas*.

É importante mencionar que a publicação dos textos da década de 1950 se distingue de *Notas Sociológicas* tanto pelo conteúdo dos artigos, quanto pelo enfoque e direcionamento atribuído aos textos publicados. Longe de apresentar uma reflexão mais teórica sobre a constituição da disciplina sociológica, 16 entre os 18 artigos publicados entre 1950 e 1954 tratam dos resultados do estudo empírico dessa comunidade paulista, localizada em Araçariguama.

Deste primeiro período de participação de Pierson como autor na revista, a seção *Notas Sociológicas* foi publicada do volume III ao volume XII, entre os anos de 1941 e 1950. O objetivo desta seção, nas palavras de Pierson é “contribuir ao conhecimento, ponto de vista, método ou técnica em sociologia” (v. III, n. 1, p. 1). Assim, tanto na apresentação de artigos de sua autoria, quanto na seleção de textos de outros autores, a seção se propõe a tratar de questões metodológicas da disciplina.

Mais tarde, alguns destes artigos publicados na *Sociologia* e na *Revista do Arquivo Municipal* foram selecionados e editados em forma de livro que leva o título de *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicado na coleção Biblioteca de Educação em 1945, pela editora Melhoramentos. A maior parte dos textos do livro foi publicada na *Sociologia* e da *Revista do Arquivo Municipal* foram publicados apenas alguns trabalhos.

A revista *Sociologia* lança seu primeiro número no mesmo ano que Pierson chega à instituição e no volume de estréia do periódico ainda não há participação de Pierson. Já no volume II, Pierson publica um artigo intitulado *Disciplinas com as quais se confunde a sociologia*. Este artigo não faz parte ainda da seção *Notas Sociológicas*, que só é criada no ano seguinte. Assim, em 1941, Pierson inicia sua participação regular como autor na revista *Sociologia* com a nova seção no volume

III²⁰³. Para se ter idéia do destaque atribuído à nova seção, basta observarmos que em sua estréia esta abre a revista e é apresentada na primeira página do exemplar.

Ao analisarmos os números anteriores, dos volumes I e II, é possível notar que os editores publicam os textos de maior destaque, as partes mais importantes da revista em suas primeiras páginas. No caso destes dois primeiros anos, *Sociologia* é dividida em duas partes (que ainda não se apresentavam como seções fixas dirigidas por determinados autores): a primeira é reservada a textos sem autoria indicada, ou seja, são textos de responsabilidade dos editores e a segunda parte é dedicada a artigos com autoria indicada. Os textos da primeira parte cumprem o caráter didático da revista neste momento ao apresentar as matérias dos cursos das escolas normais e dos cursos das faculdades²⁰⁴.

A seção será publicada, com raras exceções, em todos os quatro números de cada volume. Ao todo são publicados 34 artigos, sendo 30 de autoria de Pierson (destes, 4 são escritos em co-autoria) e 4 são textos de outros autores. Mesmo entre os artigos que não são de sua autoria, Pierson seleciona aqueles que tratam de questões de método. É este o caso dos quatro artigos traduzidos na seção. No número 3 do volume III apresenta na mesma seção textos de Robert Park e Bronislaw Malinowski. Já o terceiro texto é de H. D. Will Cook sobre o “método etnográfico de observação em massa” (n. III, v. 6,) e o de Florence Kluckhohn que trata do método de observação participante no estudo de pequenas comunidades (v. VIII, n. 2).

A estréia da nova seção ocorre no mesmo ano da criação da pós-graduação, dirigida por Pierson. No nº 1 do volume III há uma extensa apresentação da criação da pós, que é anunciada como órgão do departamento de sociologia e antropologia voltada para preparar os alunos para atingir o grau de mestre em ciência (M. Sc). Há descrição minuciosa dos cursos a serem oferecidos e pré-requisitos dos alunos. Esta coincidência de datas não é irrelevante, pois Pierson faz de *Notas Sociológicas* a apresentação de uma espécie de programa de ensino de ciências sociais. Neste sentido, é possível perceber que há uma coincidência dos temas tratados na revista com um de seus cursos de “Introdução à Ciência da Sociologia”, programa

²⁰³ Entre os volumes III a X, a revista possui as seguintes seções: *Notas Sociológicas*, *Seção Etnológica*, *Seção Didática*, *Casuística Social*, *Fatos e Livros*.

²⁰⁴ Para mais detalhes, ver apresentação da revista no vol. I, n.1.

apresentado nos artigos *Estudo e ensino de sociologia I* (v.IV, n.1) e *Estudo e ensino de sociologia II* (v.IV, n. 2).

Tomando exclusivamente como objeto de análise os artigos de autoria de Pierson publicados em *Notas Sociológicas*, a seção apresenta, sobretudo entre os volumes III e VIII, textos que tratam da constituição da sociologia como disciplina científica. Neste sentido, é possível observar que o título de um dos seus artigos *Esboço de método científico para a Sociologia* sintetiza com muita precisão o intuito da seção *Notas Sociológicas*. Entre os temas tratados nos artigos de sua autoria nestes volumes (III a VIII), podemos destacar os seguintes:

1) a legitimação da sociologia como ciência e sua diferenciação com relação às demais disciplinas e áreas do conhecimento. É este o caso de artigos como: *Disciplinas com as quais se confunde a Sociologia; É Ciência a Sociologia?; Ciência e ambiente intelectual: I; Ciência e ambiente intelectual: II*.

2) a sociologia e seus objetos, a definição de seus objetos de investigação: *Comportamento coletivo; Expectativas de comportamento; Competição e conflito; Acomodação e assimilação; O estudo da cidade; A natureza humana*.

3) a definição de um léxico próprio da disciplina, que podemos chamar de a sociologia e seus conceitos: *O processo de interação: conceito básico nas Ciências Sociais; Um "sistema de referência" para o estudo dos contatos raciais e culturais; Comunidade e Sociedade; Herança social; Interação simbólica e não simbólica; Raça e organização social*.

4) questões de método: *O estudo de contato racial; Esboço de método científico para a Sociologia*.

5) a formação do sociólogo e seu mercado de trabalho: *Estudo e ensino da Sociologia I, Estudo e ensino da Sociologia II*.

Mesmo nos poucos artigos que não se propõem a tratar diretamente da constituição da sociologia enquanto disciplina científica, o assunto principal tratado em *Notas Sociológicas* se faz presente. É este o caso do artigo *Robert E. Park: sociólogo pesquisador* (1944)²⁰⁵, que traz o obituário de Park tratado no

²⁰⁵ Uma outra exceção é *O negro na Baía* [1941], único artigo em *Notas Sociológicas* que apresenta resultados de uma pesquisa empreendida por Pierson. Além dos artigos listados acima por assunto,

primeiro capítulo. Além de prestar uma homenagem a seu mestre, Pierson explicita importantes pontos de vista em relação à sociologia, elaboração esta que é devedora do aprendizado com Park, como ele mesmo aponta. Dirá Pierson, que não há sentido em falar em “escola francesa” ou “sociologia americana”, do mesmo modo que não há sentido em denominar “química italiana” ou “matemática russa”, já que o conhecimento científico deve ser o mesmo em qualquer lugar do mundo (PIERSON, 1944, p. 286).

Deste modo, a sociologia para Pierson se constitui como uma ciência, de modo análogo aos demais campos do conhecimento científico em outras áreas. Ou seja, as ciências sociais se constituem igualmente como ciência como as chamadas exatas por duas razões: em primeiro, porque seu conhecimento é passível de generalizações já que suas leis são universais; e em segundo, porque se institui a partir de objeto e métodos próprios. Com relação ao seu objeto, em outro texto, *Estudo e Ensino de Sociologia I* (1942), Pierson dirá que a sociologia trata da natureza humana. Como a natureza humana é a mesma sempre e em todos os povos, é possível que a sociologia adquira este status científico. Neste mesmo artigo, Pierson afirma que tanto a sociologia quanto a antropologia tratam dos processos universais da natureza humana²⁰⁶.

Deste e de outros artigos de Pierson é possível extrair a seguinte síntese de seu pensamento: a sociologia trata do que é regular, e seu objeto é a mudança social dentro de uma regularidade que é conhecida (ou reconhecível). Diante de tal síntese nos cabe questionar que regularidade é esta que define processos universais; qual a importância da cidade, do contexto urbano nestes processos e o que pode a sociologia e a antropologia diante de tais processos? E a partir destas questões, refletir sobre o modelo de cientista social que está implícito neste fazer acadêmico e disciplinar.

Começamos pela questão da regularidade que definiria os processos universais. Em seu artigo de estreia em *Notas Sociológicas, Um sistema de referencia para o estudo dos contatos sociais e culturais*, (v. III, n.1, 1941) é

os únicos que lá não constam é este que trata de sua pesquisa na Bahia, além do artigo sobre Robert Park.

²⁰⁶ É preciso ressaltar, no entanto, que quando Pierson fala da “universalidade da natureza humana”, não pretende com isso afirmar que não existam diferenças historicamente e espacialmente construídas. Sobre as limitações de tais generalizações, ver em especial o artigo já citado, *A Natureza Humana*.

apresentada uma discussão conceitual e metodológica que será retomada em outros textos publicados na seção posteriormente. Não é fortuito que apresente esta questão em seu primeiro artigo, pois esta é, digamos, a base de sua sociologia. O argumento central do texto é o de que, para o cientista social em seu ofício é imprescindível se localizar no interior de um sistema de referência. Ou seja, um grupo de conceitos criticamente definidos e com relação lógica e precisa entre si. Pierson reforça esta ideia apresentando a seguinte metáfora: “um sistema de referência é tão essencial para um cientista social como o andaime para o pedreiro” (p.1).

Mas, se como Pierson mesmo afirma, os conceitos não têm valor em si mesmos e constituem-se apenas como instrumentos de pesquisa podendo ser substituídos por outros, é preciso sabermos que sistema (ou sistemas) é defendido por Pierson para a observação “dos fatos concretos da vida social”. Neste mesmo artigo Pierson é categórico ao advogar por um sistema de referência único e específico: a análise esquemática de um “gradient” [gradiente] que permitiria situar todas as culturas e povos em uma única linha conceitual que tem por extremos, de um lado, a “cultura folk” e, de outro, a “civilização”.

Não é demais destacar que este conceito de gradiente, formulado pelo antropólogo de Chicago, Robert Redfield, seria uma elaboração abstrata do pesquisador, que permitiria situar no mesmo plano conceitual de um lado a “cultura folk”, “primitiva”, e de outro, os modos de vida urbano da “civilização” dita “moderna”. Como vimos, Redfield foi responsável pela formulação de um modelo com grande capacidade de síntese ao realizar suas pesquisas etnográficas no México, entre as décadas de 1920 e 1940, em localidades como Tepoztlán e Yucatán. A partir destes trabalhos, ele havia formulado seu conceito de *contínuo folk-urbano*²⁰⁷. Este conceito permitiria a análise esquemática de um gradiente que poderia situar todas as culturas e povos em uma única linha conceitual que tem por extremos, de um lado, a “cultura folk” e, de outro, a “civilização”. De um lado, a “cultura folk”, “primitiva”, e de outro, os modos de vida urbano da sociedade moderna.

²⁰⁷ Os trabalhos de Robert Redfield (1897-1958) são apontados como inaugurais dos “estudos de comunidade” na América Latina. A formulação do “contínuo folk-urbano” pode ser encontrada em seu artigo *The folk society* (1947).

Na visão de Pierson, esta estratégia de utilizar uma elaboração conceitual, abstrata, para se pensar exemplos concretos da vida social seria a mais adequada para se estudar as situações de isolamento e contato social e cultural (daí o título do mesmo artigo). Para o autor, os fenômenos da vida em coletividade podem ser vistos do ponto da “mudança social”, em que a “vida moderna” tenderia a substituir os valores tradicionais, de “folk”. Assim, para se estudar aquilo que é apontado como o processo fundamental da vida social, ou seja, a interação social (mais especificamente as situações de isolamento e contato) o método a ser aplicado seria o da confrontação dos diferentes modos de vida que são tipificados nos dois extremos desse “gradiente folk-urbano”.

Neste ponto Pierson não distingue o objeto da sociologia com relação à antropologia. Muito pelo contrário, seu argumento é o de que o estudo da cultura “folk”, antes campo exclusivo dos antropólogos, deve ser também objeto dos sociólogos. Deste modo, as pesquisas realizadas pela sociologia e pela antropologia deveriam se sobrepor diante de objetos comuns de investigação. Lembremos que o entendimento dos processos de mudança social para Pierson só é possível na confrontação dos modos de vida dos dois extremos. Daí a antropologia e a sociologia trabalharem quase que de maneira colaborativa diante de um objeto comum, objeto este que se define pela “natureza humana” em seus processos “universais”.

Claro está que a formulação de Pierson é devedora do esquema conceitual de Redfield elaborado a partir daquilo que este define como o “contínuo folk-urbano”. No entanto, o que é preciso notar é que ao apresentar o esquema de Redfield, Pierson nos apresenta interessantes distinções de seu ponto de vista com relação ao trabalho do antropólogo de Chicago. Embora o gradiente conceitual seja o mesmo para ambos os autores, Pierson defende a seguinte posição: enquanto Redfield se interessou por estudar de maneira mais detalhada o extremo “folk”, “primitivo”, já que as localidades estudadas por ele no México aproximar-se-iam mais deste extremo, ele defende o estudo detalhado do outro extremo, o moderno, no qual a cidade, o meio urbano, seria sua máxima expressão.

Assim, é possível afirmar que, embora se valha do mesmo esquema conceitual do “gradiente” (do “contínuo folk-urbano”), enquanto Redfield parece mais interessado na questão da permanência, em como as culturas mantêm seus

elementos tradicionais em meio àquela que seria uma inevitável mudança pelo contato com a civilização, Pierson no conjunto citado de seus artigos parece mais preocupado com a questão da mudança, o que quer dizer que ele se interessa mais pelas pesquisas realizadas no meio urbano em transformação.

Há, neste sentido, uma passagem interessante neste mesmo artigo inaugural de Pierson sobre as cidades. Embora aponte os problemas sociais no meio urbano como índices da mudança social, Pierson afirma que a cidade é o local em que as possibilidades de emancipação intelectual do indivíduo podem ser plenamente desenvolvidas. Ou seja, se o que lhe interessa é a mudança e não a permanência, o meio urbano é o local privilegiado para se observar a mudança, pois é lá que esta ocorre com mais intensidade, tanto no plano coletivo visível com a “desorganização social”, quanto no plano individual frente às maiores possibilidades de emancipação de cada indivíduo em particular.

A importância do estudo da cidade para Pierson é apontado não apenas nos textos conceituais e metodológicos, a este tema ele dedica todo um artigo chamado *O estudo da cidade*. Nele, são nítidas as referências ao programa formulado por Robert Park e Ernest Burgess em Chicago para o estudo do meio urbano²⁰⁸. Entre as formulações mais importantes, está aquela de que a cidade, apesar de sua aparente desorganização, precede de uma lógica, um ordenamento passível de ser apreendido pela observação empírica conjuntamente com o aporte conceitual e metodológico adequado.

Assim, a cidade como “coisa”²⁰⁹, como um “fenômeno natural” pode ser investigada pelo cientista social já que está sujeita à mudança e esta mudança, por possuir um ordenamento, pode ser “estudada, cartografada, e compreendida”. Assim, apesar da cidade à primeira vista parecer um “emaranhado confuso de elementos desconexos”, o cientista social tornaria a cidade cada vez mais inteligível ao aferir a lógica que ordena sua mudança.

²⁰⁸ Na década de 1920, Robert Park (1864-1944) e Ernest Burgess (1886-1966) passam a coordenar a pauta de investigação de estudos urbanos. Além de realizarem suas pesquisas sobre o tema, são responsáveis por orientar inúmeros trabalhos dos alunos da universidade. Entre seus escritos principais, ver Park (1915) e Burgess (1923).

²⁰⁹ É difícil não relacionar esta postura com as formulações de Durkheim de tratar os fatos sociais como “coisa”. De fato, o mestre francês é uma inspiração para as questões metodológicas de Pierson. Basta vermos que ele dedica seu livro *Teoria e Pesquisa em Ciências Sociais* a “os três pioneiros da sociologia científica”: Simmel, Durkheim e Summer.

Como o cientista social torna a cidade inteligível ao investigar seu ordenamento? Segundo Pierson, a primeira coisa a se fazer seria verificar a aplicabilidade do padrão de “círculos concêntricos”, formulado por Burgess. Ou seja, para se estudar a São Paulo da época, parte-se da hipótese de que a cidade cresce do centro em direção à periferia, processo tido como típico de expansão das cidades modernas – pauta de investigação de vários alunos de Burgess e Park em cidades dos EUA. Ao tomar esta formulação como ponto de partida, o passo seguinte é o de colocar à prova esta hipótese a fim de verificar até que ponto o padrão dos círculos concêntricos encontrado nas cidades americanas é característico também das cidades brasileiras.

O que é interessante notar na formulação desta espécie de programa para estudo das cidades brasileiras, principalmente São Paulo, é que sua base está em uma primeira etapa para a construção de um conhecimento das cidades brasileiras, etapa esta que consiste na verificação de um padrão formulado para as cidades americanas. Esta proposta tem como guia a orientação de um tipo de análise do meio urbano em que a descrição tem um papel central.

Do mesmo modo, que para Pierson, seria possível apreender a universalidade de certos processos da “natureza humana”, seria igualmente possível verificar a universalidade das formulações sobre o crescimento das cidades elaboradas por Park e Burgess na Universidade de Chicago. Daí o caráter descritivo destes primeiros trabalhos que tem o propósito de verificar a universalidade de uma formulação conceitual que advém de outro contexto histórico e espacial.

Ainda é preciso ressaltar com relação a estes trabalhos de “pesquisa de campo” realizados na cidade que, mais do que apenas um treino, uma parte da formação dos alunos brasileiros, a pesquisa etnográfica é elemento fundamental no processo de formação destes alunos. Processo este que pode ser definido como o aprendizado do ofício do sociólogo e antropólogo profissional por parte das primeiras gerações de estudantes formados nas instituições de ensino superior em ciências sociais em São Paulo. Lembremos que para Pierson, é exatamente a “pesquisa empírica” o atributo definidor do cientista social profissional.

Para Pierson, é justamente o trabalho de campo, a “pesquisa empírica” que distingue a sociologia, por exemplo, da filosofia social e do pensamento social.

Neste sentido vale a pena verificar que seu artigo *Sociologia: o que é, e o que não é*²¹⁰ – trata justamente da defesa da pesquisa empírica como um método científico rigoroso com o qual a sociologia poderia se constituir de fato como ciência, diante de outras formas de conhecimento do social, igualmente válidas, mas não científicas.

Outro elemento que a análise de conjunto das seções *Notas Sociológicas* nos permite observar é a formulação deste modelo de cientista social se altera ao longo de tempo. Inicialmente voltada para uma sociologia no singular e universal, a seção vai aos poucos se tornando um importante espaço para se refletir sobre as especificidades da sociologia praticada no Brasil. Para isso basta verificarmos como há uma mudança de direcionamento de Pierson nos textos dos últimos volumes da seção na revista, especialmente os volumes IX, X e XI.

Nesses volumes, o Brasil passa a ser tema de seus escritos na seção em detrimento de reflexões mais gerais sobre a disciplina. Entre os novos elementos que passam a fazer parte de *Notas Sociológicas*, pela primeira vez Pierson redige artigos em co-autoria. São apresentados quatro artigos desta natureza, um escrito com Carlos Borges Teixeira (*"Survey" de Icapara*), e três com Mario Wagner Vieira da Cunha (os três artigos formam na verdade uma única reflexão, que leva o título de *Pesquisa e possibilidades de pesquisa no Brasil I, II e III*). Neles, Pierson trata das especificidades da pesquisa sociológica no Brasil (leia-se também antropológica) e, principalmente nestes três últimos, discute criticamente com os principais autores, pesquisadores e intelectuais brasileiros da época e suas respectivas produções.

Carlos Borges Teixeira também foi aluno de Pierson no Departamento de Cultura e participou ativamente das etnografias de Pierson sobre habitações e hábitos alimentares em São Paulo. Pode-se dizer que, ao lado de Oracy Nogueira, ele foi um dos alunos mais destacados de Pierson. Pois, Teixeira participaria ainda da pesquisa de *Cruz das Almas* sendo apontado como autor secundário do trabalho ao lado de outros pesquisadores brasileiros e Helen Batchelor.

O trabalho escrito por Pierson e Teixeira é o resultado de uma pesquisa realizada em 1946 no interior do estado de São Paulo. Ao todo foram visitados 48 “povoamentos” do sudeste do estado. Os povoamentos foram analisados de acordo

²¹⁰ Texto publicado no livro *Teoria e pesquisa em Sociologia* [1945].

com critérios agrupados em torno de localização, população, raça e configuração espacial do povoado; economia, sociedade e cultura. Com 18 páginas, este “survey”, teria como objetivo realizar uma espécie de mapeamento desta região do estado para um futuro estudo pormenorizado a ser realizado pelo Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution*, que conforme será abordado no item seguinte passaria a ser dirigido por Pierson, em 1945.

Já Mario Wagner Vieira da Cunha, como mencionado anteriormente, era um dos alunos do Departamento de Cultura e membro da Sociedade de Etnografia e Folclore. Mario Wagner havia se formado em Ciências Sociais em uma das primeiras turmas da FFCL da USP e atuou nas pesquisas do Departamento de Cultura coordenadas por Pierson. Nesta mesma época, por intermédio de Pierson, ele consegue uma bolsa da Fundação Rockefeller para estudar em Chicago. Na volta dos Estados Unidos, Mario Wagner assumiria a função de professor assistente de Lévi-Strauss e depois de Roger Bastide na USP. Mais tarde, se tornaria professor da Escola de Sociologia e Política²¹¹.

A série *Pesquisa e possibilidades de pesquisa no Brasil I, II e III*, publicado entre 1947 e 1948 se apresenta como um trabalho de maior fôlego e escopo conceitual. Também concebido como um “survey”, o trabalho escrito em parceria com Mario Wagner Vieira da Cunha é mais ambicioso ao elaborar um levantamento das possibilidades de pesquisa em todo território nacional considerado em seus diferentes estados e regiões a partir de dois conceitos fundamentais: “cultura” e “mudança cultural”. A primeira parte do trabalho (artigo I) traz um levantamento histórico da população brasileira a partir do século XVI caracterizando os habitantes índios, brancos e negros. Na sequência, apresenta um detalhado levantamento de 17 páginas sobre os estudos sistemáticos realizados ou em andamento sobre raça e cultura no Brasil, com trabalhos que vão de Euclides da Cunha a Samuel Lowrie.

A segunda parte e terceira parte (artigo II e III) são dedicadas a apresentar as diferentes regiões do país agrupadas de acordo com os grupos culturais existentes. Partindo desta referência são identificadas cinco “áreas naturais” (de acordo com a geografia do país) e cinco “áreas culturais” (ocupadas por diferentes

²¹¹ Ver entrevista de Mario Wagner Vieira da Cunha a Sérgio Miceli e Fernando Pinheiro publicada na revista *Tempo Social*, em 2008 (PINHEIRO e MICELI, 2008).

“grupos de cultura”: caiçaras, índios, caboclos, sertanejos e vaqueiros). Cada um desses grupos é minuciosamente apresentado com base na literatura disponível na época. Este é o caso das tribos indígenas que são classificadas linguisticamente de acordo com os trabalhos de Curt Nimuendaju e Charles Wagley.

Se há na seção *Notas Sociológicas* um modelo de cientista social, este modelo em construção não é isento de tensões no meio acadêmico mais amplo e na relação intelectual com os próprios alunos de Pierson. Ao acompanharmos a produção da revista *Sociologia* na década de 1940 é possível recompor parte do ambiente intelectual da ELSP e as estratégias de Pierson na instituição – ou o que em parte ele chama de construção de “andaimes” conceituais. Não podemos nos esquecer que, como nos ensina Peixoto e Simões (2003), é nas revistas especializadas da época que se instauram os principais debates das ciências sociais neste momento. Como apontam os autores, a partir destas revistas (tais como a *Sociologia* e a RAM), é possível traçar um “mapa das questões em voga no momento” (p. 388) em que a formação teórico-metodológica e produção intelectual se davam a partir de um “repertório partilhado” entre a antropologia e a sociologia, em um ambiente intelectual de dimensões reduzidas, se comparado aos dias de hoje.

E neste sentido, para além do caso específico de Pierson, as revistas *Sociologia* e *Revista do Arquivo Municipal* concentravam de fato a publicação em ciências sociais em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940, pois estes periódicos eram os únicos de maior alcance existentes neste período. Como aponta Luiz Jackson (2004) em seu trabalho sobre as revistas especializadas em São Paulo, a *Revista do Museu Paulista* só passaria a ser editada por Herbert Baldus em 1947 e a *Revista de Antropologia* só seria editada por Egon Schaden a partir de 1953. Já a *Anhembi*, dirigida por Paulo Duarte, inicia suas atividades em 1950, e a *Revista Brasileira* é editada por Caio Prado Júnior, a partir de 1955.

Vou verificar o item seguinte, mas aqui se você não apresenta contrastes e problemas, ou como as teorias de Pierson passam a ser consideradas falhas, um paradigma ultrapassado você está dizendo que concorda com as suas teorias e sabemos que isso é um problema imenso. Ainda vale dizer que terminando esse item não sei como ele se relaciona com a Smithsonian, principalmente porque você

vinha em um ritmo de análise que se espera que haja conclusões e você não as fez. Essas conclusões só podem ser feitas por quem entende de sociologia, ou seja, é com você.

Ou também vale dizer que antes de continuar a análise e os desdobramentos dessa atuação de Pierson revelada através dos artigos escrutinados você vai fazer uma digressão para tratar da atuação burocrática de Pierson que se coaduna com o que vinha sendo tratado e as conclusões de ambas atuações se complementam.

3.3.

A Smithsonian no Brasil: a criação do Instituto de Antropologia Social e os “estudos de comunidades”

Entre os projetos de Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política que acompanham a criação da pós-graduação em 1941, destaca-se a criação da divisão brasileira do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution*. No início da década de 1940, Pierson ainda mantinha sua aproximação com o meio acadêmico nos Estados Unidos com a publicação de artigos em língua inglesa em periódicos especializados e também pela correspondência assídua com seus antigos professores e colegas, já que ele era tido pelo grupo de pesquisadores de Chicago como uma espécie de correspondente na América Latina para assuntos de cooperação acadêmica e científica.

Entre seus contatos estava Julian Steward, então representante do *Bureau of American Ethnology of Smithsonian* [Escritório de Etnologia Americana da Smithsonian], que havia recebido de Redfield a indicação do nome de Pierson para que este o auxiliasse em sua viagem de trabalho pela América Latina. A viagem tinha o objetivo de realizar uma sondagem sobre atuação dos antropólogos, sobretudo da América do Sul, e Steward visita Pierson na ELSP, entre o final do ano de 1939 e início de 1940. Revelam os documentos que a intenção de Steward já neste primeiro momento era formar escritórios locais da *Smithsonian* fora dos Estados Unidos. Em sua sede, a *Smithsonian* já mantinha seu *Institute of Social Anthropology* [Instituto de Antropologia Social], em Washington e, conforme correspondência mantida entre Pierson e Steward, um dos objetivos da instituição no início dos anos de 1940 era a criação de divisões nacionais do *Institute of Social Anthropology* em diferentes países da América Latina²¹².

Para isso, em 1941, Pierson e Steward começaram a trabalhar juntos no

²¹² Ver documentos do FDP, pasta 34, em especial, microfilmes n. 0593 e 0594, pasta 34, rolo 3, carta de Steward a Pierson de 1942.

projeto de criação da divisão brasileira do Instituto de Antropologia Social (IAS). Em 1942, Julian Steward escreve para Pierson apontando a falta de estudos etnológicos na América Latina, bem como o desenvolvimento da pesquisa de campo nestes países. Steward apresenta ainda o projeto de criação de quatro divisões nacionais no México, Peru, Bolívia e Brasil. Nomeando os pesquisadores/professores representantes nos dois primeiros países, Steward, em carta²¹³, pede o aconselhamento de Pierson para indicar entre duas instituições para a sede do IAS no Brasil: o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e a Escola Livre de Sociologia e Política²¹⁴.

Ao que indicam os documentos internos da *Smithsonian* consultados nos Estados Unidos, o Museu Nacional era a primeira opção da instituição, mas, após negociações frustradas com Heloisa Alberto Torres²¹⁵, Steward convidou oficialmente Pierson para chefiar a divisão brasileira na Escola Livre de Sociologia e Política, no ano de 1945²¹⁶. O Instituto foi criado já no segundo semestre do mesmo ano e sua principal atividade neste momento era a sondagem e levantamento de áreas rurais estado de São Paulo e áreas limítrofes com Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso visando a realização de “um estudo único e mais aprofundado”, esse levantamento foi realizado em 1946.

Estes estudos financiados diretamente pela *Smithsonian* resultaram basicamente na pesquisa que ficou conhecida como *Cruz das Almas*, nome fictício usado na época para se referir à cidade paulista de Araçariguama. O trabalho de campo foi realizado entre 1947 e 1948. Participaram da pesquisa: a esposa de Pierson, Helen Batchelor, Levi Cruz, Maria Mirtes Brandão Lopes, Carlos Borges Teixeira, Francisco Leme, Cecilia Maria Sanioto, Lizette Toledo Ribeiro, Fernando

²¹³ Ver FDP microfilmes n. 0593 e 0594, pasta 17, rolo 2.

²¹⁴ Na visão de Steward, o Museu Nacional seria uma escolha viável pela atuação de Charles Wagley e Arthur Ramos, apontados como os possíveis coordenadores do Instituto caso ele se estabelecesse no Rio de Janeiro.

²¹⁵ Heloisa Alberto Torres foi diretora do Museu Nacional entre 1937 e 1955. Sobre sua atuação no Museu, ver o documento *Os diretores do museu Nacional* organizado pela seção de museologia da instituição em 2007/2008. E também o trabalho de Mariza Corrêa sobre a participação das mulheres na antropologia brasileira em que analisa as trajetórias de Emília Snethlage, Leolinda Daltro e Heloísa Alberto Torres. As cartas entre ela e os representantes da Smithsonian estão sob a guarda da instituição em Washington D.C., arquivo do Institute of Social Anthropology, box 12, folder Brazil (1942-1951).

²¹⁶ Para o convite, ver FDP microfilmes n. 0598, pasta 17, rolo 2. É importante notar que as primeiras sondagens de Steward para seu projeto no Brasil acontecem em 1939/1940, no entanto, o projeto se concretiza em 1945, ou seja, após o fim da Segunda Guerra.

Altenfelder Silva, Mauricio Segall, Paulo Eduardo da Costa e Harald Schultz.

Diferentemente dos procedimentos de pesquisa adotados nos estudos sobre a cidade de São Paulo, em que se destacam os pequenos trabalhos de autoria individual, em *Cruz das Almas* o trabalho é organizado na forma de um esforço conjunto de investigação em que diferentes pesquisadores tratam do mesmo tema e produzem resultados conjuntamente. Cada um dos pesquisadores era responsável por tratar um entre os diversos aspectos da sociabilidade em Araçariguama, tais como: família, etiqueta, agricultura, religião, etc. E com a criação da pós-graduação, Pierson tinha à sua disposição um grupo de pesquisadores já graduados, ex-alunos e mestrandos que atuaram em regime de dedicação exclusiva à pesquisa.

Os primeiros resultados da pesquisa de *Cruz das Almas* foram divulgados em forma de artigos. O primeiro deles, publicado na revista *Sociologia* em 1950²¹⁷ apresenta os objetivos da investigação, comenta sobre o processo de pesquisa detalhando a realização do trabalho de campo, nomeia todos os participantes do trabalho e suas diferentes tarefas e atribuições, indica suas fontes de informações históricas, e, por fim, apresenta o sumário com todos os capítulos e subitens que compõem a publicação em inglês.

Este artigo é uma fonte valiosa sobre todo o processo de realização do trabalho de campo que daria origem a *Cruz das Almas*. Nele, Pierson defende a escolha de *Cruz das Almas* como local de investigação destacando como o Brasil se tornava tema cada vez mais conhecido no exterior despertando atenção de pesquisadores estrangeiros interessados em investigar como o caso brasileiro diferia do restante da América Latina. Entre as características que tornavam o Brasil singular como local de pesquisas, Pierson destaca o fato de o país ser predominantemente agrícola, a despeito do processo de industrialização em centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

Entretanto, no caso de *Cruz das Almas* o tema de investigação do meio rural deve ser entendido em relação ao tema do meio urbano. Ou seja, conforme é discutido no artigo em questão *O estudo de Cruz das Almas*, a comunidade de Araçariguama é escolhida entre outras no interior do estado exatamente por sua

²¹⁷ O texto em questão é *O estudo de Cruz das Almas*, publicado na *Sociologia* (vol. XII, n. 1, 1950) e é assinado apenas por Pierson.

proximidade com a cidade de São Paulo. Na visão de Pierson, tratava-se de uma situação singular em que uma localidade mantinha seus padrões de vida tradicionais a despeito das mudanças sociais advindas do impacto da industrialização da capital paulista.

Assim, a pesquisa de *Cruz das Almas* pode ser analisada como um esforço em que o modo de vida rural, tradicional, é pensado em relação ao modo de vida moderno, urbano. Se nos estudos da cidade de São Paulo a questão da mudança é tema recorrente, no estudo de *Cruz das Almas* o que se busca investigar é a questão da permanência. Em outras palavras, a questão neste caso parece ser como uma localidade rural mantém seu modo de vida quase que inalterado durante um longo período histórico mesmo diante de seu contato tão próximo com um grande centro industrial e urbano como a cidade de São Paulo.

Esta proximidade geográfica²¹⁸, aliás, é também apontada para justificar a escolha de Araçariguama como local de investigação. Pierson destaca ainda neste artigo a vantagem prática oferecida por Araçariguama que permitia que os alunos da Escola de Sociologia e Política desenvolvessem suas atividades de pesquisa sem necessariamente precisarem se afastar da capital por longos períodos de tempo. Esta razão de ordem “prática” não é menos importante para se compreender como o estudo de *Cruz das Almas* como parte do projeto intelectual de Pierson, para quem

O principal objetivo deste programa é o treinamento de jovens pesquisadores nas técnicas e métodos de ciências sociais, parcialmente em aulas e mais especificamente em “trabalhos de campo”, enquanto se realizam pesquisas referentes a sociedades e culturas brasileiras. (Pierson, no artigo *O estudo de Cruz das Almas*, 1950, p. 33).

Além deste caráter de “formação” dos alunos brasileiros, também presente nas pesquisas sobre a cidade de São Paulo, a pesquisa de *Cruz das Almas* manteve a ênfase da publicação dos resultados nas revistas especializadas. Nos Estados

²¹⁸ O município de Araçariguama está localizado a pouco menos de 50 quilômetros da cidade de São Paulo. Segundo os dados disponibilizados pela prefeitura, sua colonização data do final do século XVI tendo como marco histórico a descoberta de ouro na região. Reduto de bandeirantes, a vila se torna município em 1874, se emancipando de Santana do Parnaíba e São Roque. Em 1934, por força de um decreto de Getúlio Vargas, Araçariguama perde sua autonomia administrativa e volta a pertencer a São Roque. Apenas recentemente, no ano de 1991, Araçariguama é novamente reconhecida como município e recupera sua autonomia político-administrativa.

Unidos, a pesquisa deu origem ao livro *Cruz das Almas: a Brazilian village* publicado em 1951. Mas, diferentemente dos artigos da década anterior que apresentavam resultados das investigações durante o curso das próprias pesquisas, no caso de Cruz das Almas os resultados de pesquisa só começaram a ser publicados no Brasil depois que o livro já se encontrava no prelo nos Estados Unidos, já que o primeiro artigo em língua portuguesa foi publicado apenas em 1950, como já mencionado.

Desde o início da realização das primeiras pesquisas de campo, em 1946, até a publicação do livro em português vinte anos depois, o único meio de divulgação no Brasil da pesquisa de *Cruz das Almas* foi a publicação de partes do estudo em periódicos especializados ao longo da década de 1950²¹⁹. Outra característica da publicação dos resultados deste estudo é, que antes de 1966, os fragmentos de *Cruz das Almas* são publicados quase que exclusivamente na revista *Sociologia*²²⁰.

Sobre o conjunto destes artigos que tratam de *Cruz das Almas* há ainda um detalhe interessante que merece ser destacado: o artigo já citado *O estudo de Cruz das Almas*, de 1950, é o último artigo publicado na seção *Notas Sociológicas*, que a partir de então é extinta. Nos volumes que se seguem da *Sociologia* os textos de Pierson passam a ser publicados como os demais artigos da revista, fora de uma seção fixa²²¹.

Uma possível explicação para a seção ter deixado de existir pode estar no fato de que é exatamente durante este período (1949–1957) que Pierson se torna editor da *Sociologia*, ao lado de seu ex-aluno Oracy Nogueira. Ou seja, nesta linha de raciocínio, Pierson deixaria de dirigir uma única seção do periódico para passar a dirigir a revista como um todo. Assim, a direção da revista e de uma seção fixa poderia ser uma espécie de sobreposição de funções no periódico.

²¹⁹ No Brasil, apenas no ano de 1966 foi editada a versão brasileira de *Cruz das Almas* publicada no Rio de Janeiro pela José Olympio Editora, como o volume 124 da Coleção Documentos Brasileiros. Sobre a Coleção Documentos Brasileiros, ver trabalho de Heloísa Pontes “Retratos do Brasil: editores, editoras e Coleção Brasileira nas décadas de 30, 40 e 50” In: Miceli, 2001. Ver também tese de Fábio Fanzini, defendida no Departamento de História da USP em 2006 sobre a Coleção entre os anos de 1936 a 1959.

²²⁰ Entre os outros periódicos em que são publicados artigos sobre a pesquisa estão: a *Revista da Faculdade de Direito de Belo Horizonte*, *Revista de Agricultura*, *Observador Econômico e Financeiro*, e nos anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas.

²²¹ A exceção é a seção *Etnológica* dirigida por Baldus que passa a compor, a partir de então, a única seção fixa da revista *Sociologia*.

Além disso, para compreendermos o processo em que a seção *Notas Sociológicas* é extinta é preciso considerar o surgimento da *Biblioteca de Ciências Sociais*. Financiada pela Fundação Rockefeller e o Departamento de Estado americano, trata-se de uma coleção de livros com a tradução e publicação de textos considerados fundamentais para as ciências sociais. Entre 1943 e 1949, Pierson sistematizou um conjunto de leituras que ele considerava como primordiais para os alunos brasileiros em formação. Esta coleção dirigida por Pierson pode ser entendida como uma espécie de substituta da seção. Mas, se nas *Notas Sociológicas* Pierson faz um esforço para tornar as leituras mais acessíveis ao público brasileiro que estava começando a se familiarizar com o tema das ciências sociais, nos 12 livros editados por ele a discussão se torna mais especializada, mais complexa.

Se as pesquisas e incursões às localidades estudadas dão conta da fase “prática” da formação dos alunos de Pierson na ELSP com o treinamento do trabalho de campo, a formação teórica, conceitual, metodológica foi suprida pelos textos selecionados por Pierson com a *Biblioteca de Ciências Sociais*. Entre os títulos da coleção estão os livros organizados por Pierson: *Estudos de ecologia humana* e *Estudos de organização social*. A coleção é composta ainda por outros títulos como publicados entre 1943 e 1949 como: *O homem: uma introdução à antropologia* (Ralph Linton); *Introdução à história econômica* (Norman Scott Brien Gras); *Noções básicas de estatística* (Louis Leon Thurstone), *O Estado* (R M MacIver), *O homem marginal: estudo de personalidade e conflito cultural* (Everett V Stonequist); *Princípios de criminologia* (Edwin Hardin Sutherland); *Civilização e cultura de folk: estudo de variações culturais em Yucatan* (Robert Redfield).

Com a criação da pós-graduação, tendo como resultado uma mudança de perfil dos alunos brasileiros os textos publicados na *Sociologia* ao longo da década de 1950 diferem em muito dos textos publicados por Pierson na década anterior. Como mencionado no item anterior, os artigos de autoria de Pierson publicados na década de 1940 se caracterizam ora por serem textos teóricos voltados para os alunos dos cursos de graduação, ora pela apresentação de resultados de diferentes pesquisas de autoria individual do próprio Pierson²²².

No caso dos artigos publicados em periódicos durante a década de 1950,

²²² Na seção *Notas Sociológicas* mesmo os textos que não são de autoria de Pierson tratam de questões metodológicas da disciplina, como tratado no cap. 2

salvo exceções de algumas publicações no exterior, a totalidade de seus textos trata exclusivamente da pesquisa de Cruz das Almas²²³. A partir do mapeamento dos artigos e livros de autoria de Pierson é possível perceber que a revista *Sociologia* se torna o foco de sua produção como autor. Para isso, basta lembrarmos que Pierson publica sete livros de sua autoria ou organização durante a década de 1940²²⁴ e apenas um na década de 1950 – a versão americana de *Cruz das Almas*.

Dada a escolha de Pierson por publicar na década de 1950 apenas os artigos sobre a pesquisa em Araçariguama, seus textos não caberiam na seção *Notas Sociológicas* que fora criada com outros propósitos, a saber, a discussão conceitual da metodologia e referências teóricas da disciplina. Entretanto, a seção *Notas Sociológicas*, com o tempo, vai perdendo sua razão de ser de apresentar a sociologia de forma mais introdutória ao público brasileiro. Na década de 1950, alunos brasileiros antes em formação (público da revista *Sociologia*) estão terminando os estudos de pós-graduação e começando a ocupar um lugar profissional que antes era exclusivo dos professores estrangeiros, a exemplo do próprio Oracy Nogueira ou de Florestan Fernandes. Além de atuarem profissionalmente em suas pesquisas, os alunos das primeiras turmas da pós-graduação da ELSP iniciam suas carreiras docentes seja na própria ELSP, seja na USP.

Mas não apenas o ambiente intelectual brasileiro estava mudando neste momento, como pode ser percebido pelas políticas editoriais arquitetadas por Pierson, com relação aos Estados Unidos, o Brasil começa a ocupar outro lugar na pauta de pesquisas da cooperação entre os dois países. Ao considerarmos as circunstâncias de realização da pesquisa de *Cruz das Almas* é preciso atentar para o fato de que não é possível dissociar esta pesquisa da criação da divisão brasileira do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian*, já que esta atividade se torna a razão de ser do próprio IAS.

Diante destes arranjos institucionais de convênios firmados entre a ELSP e

²²³ Para o mapeamento de toda a produção bibliográfica de Donald Pierson, conferir levantamento anexo.

²²⁴ Se considerarmos os livros publicados em inglês e português são eles: *O candomblé na Bahia* (1942); *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia* (1942); *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1945); *Survey of the literature on Brazil of sociological significance published up to 1940* (1945); *Branços e Pretos na Bahia* (1945); *Estudos de Ecologia Humana* (1948); *Estudos de Organização Social* (1949).

instituições estrangeiras e governo federal americano é possível levantar a seguinte questão: em que medida estas demandas de financiamento advindos dos EUA condicionam as pautas de pesquisas de Pierson no Brasil neste momento?

No Brasil, o Instituto de Antropologia Social mantém suas atividades de 1945 a 1952 sustentando neste íterim seu convênio com Escola Livre de Sociologia e Política. Um dado que nos interessa sobre a relação *Smithsonian*-ELSP é que o livro em inglês *Cruz das Almas: a Brazilian Village* é editado em Washington D.C., em 1951, como parte de uma publicação conjunta entre o governo americano (*United States Government Printing Office*) e a *Smithsonian (Institute of Social Anthropology/Smithsonian Institution Publication)*, sendo que o livro é o volume 12 de uma coleção mais abrangente de estudos. Em sua edição americana, o livro traz em suas notas que fora realizado em cooperação com o departamento de estado dos Estados Unidos como um projeto do comitê interdepartamental de cooperação científica e cultural (*prepared in cooperation with the United States Department of State as a project of the Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation*).

É importante destacar a participação do Departamento de Estado dos EUA através do *Committee on Scientific and Cultural Cooperation*. Na edição em inglês, o *Committee on Scientific and Cultural Cooperation* aparece como autor secundário do livro de Pierson e como parte de uma coleção específica de pesquisas realizadas em diferentes unidades do Instituto de Antropologia Social no continente americano²²⁵. A partir das pesquisas realizadas na biblioteca e arquivos da *Smithsonian Institution*, foi possível identificar os seguintes títulos da coleção do *Institute of Social Anthropology*²²⁶:

²²⁵ Os materiais sobre o convênio do Instituto de Antropologia Social e o *Committee on Scientific and Cultural Cooperation* estão disponibilizados para consulta presencial em dois acervos principais. No National Archives, na seção Guide to Federal Records em que é possível encontrar os documentos com todas as atividades do State Department entre os anos de 1917 e 1981. Ver especialmente a sub-seção 353.5.7 Records of economic committees and conferences. Outra fonte de dados é a própria Smithsonian Institution onde a guarda dos documentos sobre o IAS está no National Anthropological Archives and Human Studies Film Archives do National Museum of Natural History Smithsonian Institution. Ver especialmente Records of the Institute of Social Anthropology Smithsonian Institution (1942-1952). Ambos os arquivos estão localizados em Washington D.C..

²²⁶ Este levantamento ainda está incompleto e necessita ser revisado, pois o acesso foi apenas à base bibliográfica e não às obras.

Catálogos disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos da Universidade de Chicago:
<<http://www.lib.uchicago.edu/e/index.html>> e

1944

- Volume 1 *Houses and house use of the Sierra Tarascans* / Ralph L. Beals, Pedro Carrasco e Thomas McCorkle

1946

- Volume 2 *Cheran: a Sierra Tarascan village* / Ralph L. Beals

1947

- Volume 3 *Moche: a Peruvian coastal community* / John Gillin
 Volume 4 *Cultural and historical geography of southwest Guatemala* / Felix Webster
 Volume 5 *Highland communities of central Peru: a regional survey* / Harry Tschopik

1948

- Volume 6 *Empire's children: the people of Tzintzuntzan* / George M. Foster
 Volume 7 *Cultural geography of the modern Tarascan area* / Robert Cooper West
 Volume 8 *Sierra Popoluca speech* / Mary LeCron Foster e George M. Foster

1949

- Volume 9 *The Terena and the Caduveo of southern Mato Grosso, Brazil* / Kalervo Oberg

1950

- Volume 10 *Nomads of the long bow: the Siriono of eastern Bolivia* / Holmberg, Allan R.

1951

- Volume 11 *Quiroga, a Mexican municipio* / Donald D. Brand
 Volume 12 *Cruz das Almas, a Brazilian village* / Donald Pierson

1952

- Volume 13 *The Tajin Totonac* / Isabel Kelly e Angel Palerm
 Volume 14 *The Indian caste of Peru, 1795-1940: a population study based upon tax records and census reports* / George Kubler

1953

- Volume 15 *Indian tribes of northern Mato Grosso, Brazil* / Kalervo Oberg
 Volume 16 *Penny capitalism: a Guatemalan Indian economy* / Sol Tax

A coleção indica uma estratégia de pesquisa ao apresentar monografias que tratam do México (v. 1, 2, 6, 7, 8, 11 e 13), Brasil (v. 9, 12, 15), Peru (v. 3, 5, 14), seguida de Guatemala (v. 4, 16) e Bolívia (10). Ou seja, trata-se de uma coleção voltada para a publicação de monografias sobre a América Latina, na qual se

<<http://www.lib.uchicago.edu/e/su/latam/labibl2.html>> para consulta ao *A guide to representative sources for Latin American Studies* compilado por Frank Conaway, Social Sciences Bibliographer, University of Chicago Library. Para os catálogos disponíveis da Smithsonian, ver <<http://www.scholarlypress.si.edu/content.cfm?page=about>> especialmente sobre Serial Publications of the Bureau of American Ethnology.

destaca a quantidade de trabalhos sobre o México, Brasil e Peru, países em que havia escritórios locais do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian.

Entre as obras consultadas da coleção, são notáveis as semelhanças entre o segundo volume de Ralph Leon Beals (v. 2) e o livro de Pierson (v. 12), respectivamente *Cherán: a Sierra Tarascan village* e *Cruz das Almas: a Brazilian village*. A estruturação das monografias é idêntica com a separação entre diferentes aspectos da vida local, como geografia, história, economia, costumes, etc, e revela a existência de um modelo a ser seguido na construção das monografias pelos pesquisadores do Instituto de Antropologia Social.

A partir destas semelhanças entre *Cruz das Almas: a Brazilian village* e *Cherán: a Sierra Tarascan village* é possível situar a pesquisa de Cruz das Almas não apenas como parte de um esforço de investigações realizadas, sobretudo, na América Latina no interior de uma política orientada pelo governo dos EUA no contexto de pós Segunda Guerra, mas também como parte de um projeto mais específico que não apenas toma países como Brasil e México como local de investigação, mas que informam uma maneira muito específica de se fazer pesquisa de campo que têm como inspiração as investigações de Redfield no México na década de 1920.

A análise deste projeto financiado pela Smithsonian e o Departamento de Estado americano nos auxiliam a investigar como se forma uma orientação de estudos na América Latina no âmbito da sociologia e antropologia em que o trabalho de campo realizado em localidades rurais passa a ser o foco de diferentes pesquisadores dos Estados Unidos ao redor do mundo no pós-guerra.

Analisar estas questões nos permite tratar não apenas da sociologia/antropologia produzida nesta cooperação acadêmica Estados Unidos-Brasil, mas também revela aspectos importantes da formação das ciências sociais entre nós, haja vista a importância da atuação de Pierson na formação dos alunos brasileiros e por ter sido um dos responsáveis pela introdução de uma tradição de estudos rurais na década de 1940/1950 na sociologia/antropologia brasileira. Ao lado de outros professores estrangeiros, como o alemão Emílio Willems em seu trabalho *Cunha: tradição e transição em uma comunidade rural do Brasil*, publicado

em 1947²²⁷, Pierson com *Cruz das Almas* fomentou uma tradição de estudos que definiria um momento muito particular das ciências sociais em São Paulo marcado pelos estudos realizados em pequenas localidades rurais²²⁸.

A relevância desta tradição de estudos rurais reside no fato de que toda uma geração de alunos brasileiros foram “treinados” em campo tendo Pierson, Baldus e Willems como seus mestres, já que esta tradição extrapola a própria ELSP e se faz presente na USP. Como lembra Jackson (2009) com a atuação institucional de Willems (que lecionava na USP desde 1936 e na ELSP desde 1941), vários alunos da primeira instituição como Florestan Fernandes e Gioconda Mussolini passaram e desenvolver suas pesquisas de mestrado com os três professores na ELSP, Pierson, Baldus e Willems, sob a coordenação maior do primeiro.

Ainda de acordo com Jackson, apesar desta primeira geração de alunos brasileiros ter sido formada por esta tradição de estudos de comunidades, alguns deles, ao se tornarem professores na passagem da década de 1940 para 1950 seriam os responsáveis pelas críticas mais duras a esta tradição, tida como excessivamente empírica e descritiva com pouco lastro teórico e analítico. Entre os nomes que compõem a crítica estavam Florestan Fernandes, o próprio Antônio Cândido e Caio Prado Júnior.

Entretanto, ao situar estas pesquisas de Pierson, seja sobre a cidade, seja sobre a questão do rural com os estudos de comunidade, não se pode perder de vista como estes trabalhos também são parte de uma tendência mais ampla de trabalhos sobre o Brasil e a América Latina. Assim, esta segunda fase do trabalho de Pierson deve ser analisada no interior de outros projetos e processos que têm lugar na Escola de Sociologia e Política e que nos falam a um só tempo: das relações de pesquisa entre os Estados Unidos e o Brasil; da atuação de Pierson propriamente dita em uma pauta de pesquisa em que os temas de investigação se alteram e o trabalho de campo ganha novos contornos; e de um momento das ciências sociais em que novos debates ganham a cena com novos temas de

²²⁷ Sobre Willems e sua relação com Pierson como uma espécie de representantes dos estudos de comunidade no Brasil, ver especialmente o artigo de Luiz Jackson (2009), *Uma defesa da comunidade*.

²²⁸ Neste sentido, a obra de Antônio Cândido *Os parceiros do Rio Bonito* é emblemática para pensarmos como a recepção a estes trabalhos se altera neste momento. Ver Jackson, 2002.

pesquisa do qual participam os jovens pesquisadores e professores brasileiros.

Neste sentido, o artigo de Pierson *Como descobrir o que é "classe"* é sintomático da transição em curso no ambiente intelectual brasileiro. O texto é o conhecido debate do *Symposium sobre classes sociais*, quando o número 2-3 do volume X de 1948 da revista *Sociologia* é inteiramente dedicado ao debate em torno deste tema. A polêmica que se tornou célebre se deu entre Pierson e Florestan Fernandes.

No artigo que abre o número da revista, Pierson defende que *classe social* seria um conceito e, como tal, não corresponde a um referente empírico, pois não passa de uma abstração do analista²²⁹. Neste texto o autor alerta para os riscos de conceitos científicos serem tomados de maneira “doutrinária”, para “fins políticos”. Enquanto outros pesquisadores brasileiros, entre eles um de seus alunos, Florestan Fernandes, já defendem uma postura de orientação marxista que define classe social como uma manifestação concreta e não abstrata da realidade.

Ainda participam do simpósio Emílio Willems; Lourival Gomes Machado (professor de Ciência Política da FFCL), Celeste Souza Andrade²³⁰, Antônio Cândido (que neste momento era assistente de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II da USP e ainda não havia realizado sua pesquisa *Parceiros do Rio Bonito*), Luiz Aguiar da Costa Pinto (que lecionava na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro) e Egon Schaden (então assistente de Willems na cadeira de Antropologia na USP e mais tarde o catedrático da mesma).

A vinculação institucional destes autores é importante, pois revela que, embora uma revista vinculada à Escola de Sociologia e Política, a *Sociologia* não se caracterizava como um periódico de publicação exclusiva dos professores e alunos da ELSP. Ao contrário disso, era também um importante espaço para a divulgação dos textos acadêmicos dos pesquisadores ligados à USP. Como indicado acima, um dos fundadores da revista, Emílio Willems, lecionava nas duas instituições paulistas. E a veiculação da revista à Escola de Sociologia ainda era recente no

²²⁹ Embora Pierson não nomeie este autor, a referência a Weber e a noção de tipo ideal é evidente.

²³⁰ Não foi possível identificar a filiação institucional de Celeste Souza Andrade e no artigo não há nenhuma indicação sobre sua atuação profissional. A identificação das obras e perfil institucional das mulheres neste contexto apresenta uma dificuldade adicional que é a mudança de sobrenome pelo casamento. Como tratamos do período de formação destas pesquisadoras, que em sua maioria são jovens recém formadas na USP e ELSP, muitas delas quando se casam passam a assinar o nome do marido.

momento da realização do simpósio sobre classes. Em 1948, a *Sociologia* havia sido formalmente vinculada à ELSP há pouco mais de um ano.

Ainda de acordo com Luiz Jackson (2009), este debate polarizado por Pierson e Willems, de um lado, e Florestan Fernandes, de outro, marca a disputa entre a ELSP e a USP com suas diferentes concepções de ensino e pesquisa. No entanto, é preciso destacar que este momento marca apenas o início desta ruptura, pois estas posições institucionais por parte de seus atores ainda estavam em construção. E, em alguns casos, como o de Willems e do próprio Florestan Fernandes, trata-se de posições ambíguas em relação às duas instituições. Florestan, que também era assistente de Fernando de Azevedo na USP, havia acabado de defender sua dissertação de mestrado *Organização social dos tupinambá*, sob a orientação de Baldus, responsável pelo ensino de Etnologia Brasileira na ELSP.

Além da cisão entre USP e ELSP, podemos analisar este debate em torno do conceito de classes sociais também como uma cisão entre antropologia e sociologia, ou mesmo entre os pesquisadores de orientação marxista e os não marxistas. Este é o ponto de vista defendido por Mariza Corrêa (1995) que, sem desconsiderar as vinculações institucionais, destaca ainda a possibilidade de leitura deste debate em termos de “cultura” versus “classe social”.

Ainda que com o passar do tempo tenha prevalecido na sociologia da USP o tema da classe social, e o pólo da cultura tenha encontrado espaço com os estudos de comunidade que se concentraram na ELSP, neste momento específico estas diferentes posições (antropologia/sociologia; marxistas/não marxistas; classe/cultura) estavam presentes nas duas instituições. Pois como confidencia Darcy Ribeiro, “Pierson só *tinha* uma tristeza na vida. *Seus melhores alunos, Oracy, Florestan e eu, tinham, para seu paladar*, um detestável sabor comunista” (Ribeiro, 1997, p. 125).

Podemos afirmar que, a exemplo deste debate e os artigos em co-autoria de Pierson, a seção *Notas Sociológicas* neste segundo momento parece se afastar cada vez mais do ideal de Pierson de uma sociologia para além de fronteiras ou tradições nacionais. Se, como ele defende em seus primeiros artigos, não há sentido em falar de sociologia americana assim como não há sentido em falar de matemática russa, Pierson cada vez se aproxima de questões que podem ser

definidas como a de uma sociologia ou de uma antropologia brasileira.

Nos últimos três volumes da seção *Notas Sociológicas*, que antedecem o início da publicação da pesquisa de *Cruz das Almas*, o trabalho de Pierson passa a se posicionar no interior de um debate mais amplo da disciplina a respeito das especificidades de se fazer pesquisa no Brasil, a escolha dos temas e locais de estudo, a diferença entre o ponto de vista do pesquisador estrangeiro e do brasileiro²³¹, e também do aparato teórico e metodológico para se estudar o Brasil.

Mas, acima de tudo, esta produção do final da década de 1940 por parte de Pierson passa a fazer parte de um embate até certo ponto geracional entre os mestres estrangeiros e os recém-formados alunos brasileiros que passam a ocupar o lugar de docentes nas universidades, lugar antes reservado, sobretudo, aos norte-americanos, franceses e alemães pesquisando e ensinando no Brasil.

É imprescindível considerar que as pautas e orientações de pesquisa estão em definição neste processo de institucionalização das ciências sociais e estão igualmente em formação os intelectuais envolvidos nesta cena. Se de modo mais evidente os alunos brasileiros estão em processo de aprendizagem, os professores estrangeiros, tendo Pierson como caso específico, também encontra no Brasil o local propício para desenvolver sua carreira em formação.

Não é verdadeiro afirmar que Pierson chega a São Paulo gozando de boas condições financeiras e trazendo consigo uma série de recursos do governo americano e de instituições de seu país. Como vimos, as relações mantidas entre a ELSP, o DC e a Rockefeller datam de um período anterior à chegada de Pierson ao Brasil. Do mesmo modo, Pierson como um recém-doutor não era considerado pelos professores que passaram a substituir Park em Chicago como um pesquisador de futuro promissor nos Estados Unidos. Neste sentido, mesmo os recursos do exterior que servem de financiamento das pesquisas de Pierson se tornam mais acessíveis graças à sua posição no Brasil e o contato com os

²³¹ Em seu último artigo na seção *Notas Sociológicas*, (v. XII, n. 1, 1950) *O estudo de Cruz das Almas* Pierson ao comentar a importância da participação de pesquisadores brasileiros em sua equipe de trabalho afirma que a experiência “fortaleceu uma convicção de há muito alimentada, quanto ao valor, e talvez mesmo absoluta necessidade, de serem uma ou mais das pessoas que empreendam qualquer pesquisa, familiares, desde o nascimento, com a sociedade e a cultura a serem estudadas. Desta maneira, os significados sutis de formas culturais que de outro modo poderiam passar despercebidos a estranhos, e que possivelmente são os elementos mais importantes da cultura em apreço, terão maior probabilidade de serem descobertos e devidamente descritos e analisados” (p. 37/38).

intelectuais daqui.

Não seria exagero afirmar que, para Pierson, o Brasil representa neste momento uma fonte maior de status acadêmico e intelectual do que seu próprio país. O Brasil neste momento, por conta de uma série de conjunturas relacionadas ao interesse do tema das relações raciais e também de um processo geopolítico que se inicia com a Guerra e tem seu ápice com a Guerra Fria passa a despertar um enorme interesse dos Estados Unidos através de seus intelectuais, instituições e do próprio governo. Este interesse se materializa em uma série de políticas governamentais, em linhas de pesquisa e na formulação de perspectivas para se pensar o país como um paradigma relacional com o próprio EUA.

É certo que a chegada de Pierson representa uma série de grandes mudanças na ELSP, tais como a criação da Seção de Estudos Pós-Graduados. Mas é importante salientar que estas modificações nos rumos da ESP que se devem ao empenho de Pierson ocorrem de modo gradual nos primeiros quatro anos de sua atuação na instituição. E, se nestes quatro primeiros anos se forma um novo projeto acadêmico da ESP encabeçado pela atuação do professor norte-americano, não só a instituição muda, mas o próprio Pierson também se modifica neste processo, seja como pesquisador, professor ou à frente de funções institucionais.

Desta perspectiva, de professor pouco experiente recém-doutorado preocupado em ministrar as aulas de Lowrie, Pierson vai aos poucos se firmando como o principal docente da instituição. Neste período, passa a propor seus próprios cursos mudando assim a grade do curso de bacharelado e cria a pós-graduação que passa a funcionar a partir de 1941 com base nos modelos e conteúdos por ele formulados e em contato com direcionamentos políticos locais e internacionais materializadas pelas demandas de pesquisa do governo municipal de São Paulo e o governo dos Estados Unidos através de instituições como a Rockefeller e a Smithsonian.

A avaliação deste processo mostra que Pierson é muito mais do que um “representante” no Brasil da Escola de Chicago ou da sociologia americana em termos de modelos institucionais. Neste sentido, para além da noção de “influência”, é possível pensar como Pierson constrói seus modelos no Brasil em um arranjo que é devedor de sua experiência anterior nos Estados Unidos em diferentes momentos e instituições como em Fisk e Chicago e também no Brasil a

partir de sua experiência na Bahia e em São Paulo. A construção deste processo ocorre no interior de uma rede da qual fazem parte instituições nacionais, instituições estrangeiras; brasileiros e estrangeiros em diferentes áreas de atuação.

Considerações Finais

Ao tomar Donald Pierson como informante, procurei recuperar algumas cenas específicas deste ator nos Estados Unidos e no Brasil com foco nas décadas de 1930 e 1940. Neste tempo, o que se vê é a rápida transformação do ambiente intelectual e acadêmico no Brasil. No mesmo ano em que se inicia a parceria intelectual entre Pierson e Park é criado o primeiro curso de universitário de sociologia no Brasil. Quando da chegada de Pierson à Bahia, o Departamento de Cultura está sendo criado e este é o intervalo entre o primeiro e o segundo Congresso Afro-brasileiro atraindo a atenção de intelectuais brasileiros e estrangeiros para o tema das diferenças culturais entre brancos e negros.

Ainda que acompanhe os percursos de um ator específico, o que pretendi não foi a elaboração de uma biografia e sim a reconstrução de certas cenas nas quais Pierson é na maioria das vezes protagonista e, nas quais, por vezes, ele assume um papel mais secundário. A “performance” de Pierson – que inclui a consideração de seus cursos, publicações, pesquisas, formação de alunos, grupos de referência, entre outros – permitiu lançar luz para as especificidades do período de formação das ciências sociais analisando como o país se tornou seu local de observação. Mas também como seu trabalho foi fortemente marcado por pautas de pesquisas e demandas específicas no contexto brasileiro e o contato com os intelectuais locais e estrangeiros atuando no país.

Neste sentido, este trabalho é devedor das análises realizadas por outros pesquisadores sobre os intelectuais estrangeiros no Brasil. O que estes trabalhos revelam é que o Brasil não apenas fornece o “campo” (no sentido da construção do trabalho de campo etnográfico), mas é também o lugar privilegiado de formação e trocas, pois, é aqui que estes intelectuais, alguns jovens em formação, travam debates acadêmicos que talvez não tivessem oportunidade de fazer em seus países de origem, já que o Brasil com a presença de estrangeiros de várias nacionalidades permite debates entre diferentes tradições nacionais, muitas vezes inacessíveis em seus contextos de origem.

Neste sentido, Donald Pierson construiu aqui novas perspectivas em sua análise sobre o mundo social, mas o fez se beneficiando do contato com brasileiros – artistas, intelectuais, militantes, portadores de saberes tradicionais, políticos,

religiosos, etc, – e também com outros estrangeiros ligados ao Brasil por laços profissionais ou pessoais produzindo conhecimento *no* Brasil ou *sobre* o Brasil.

As cenas que tematizam o período de Pierson nos Estados Unidos nos mostram como a própria noção de Escola de Chicago não poderiam ser interpretadas da perspectiva brasileira como uma tradição uníssona, monolítica. O que se precebe é que, ainda que seja possível identificar traços comuns, as pautas e orientações ali desenvolvidas são diversas. Da perspectiva brasileira, a produção mais conhecida deste grupo de intelectuais está ligada ao desenvolvimento do que viria a se tornar uma sociologia ou antropologia urbana. Esta produção sobre a cidade é de fato um dos traços da Escola de Chicago, mas conectada a ela temos os estudos de relações raciais, e como vimos no primeiro capítulo, estes estudos tampouco se restringem a investigar as relações entre brancos e negros, já que em certos projetos Havaí e Brasil são parte de uma investigação em que estão presentes a “questão” dos “negros”, e também dos “asiáticos”.

Através da análise de parte do ambiente intelectual da Universidade de Chicago, já que também seria um erro reduzir o conjunto dos trabalhos desta tradição de estudos entre 1920 e 1940 somente aos trabalhos de Park e Burgess, foi possível perceber que o movimento que ocorre na ciência social brasileira com a presença de estrangeiros também ocorre nos Estados Unidos. Ainda que em diferentes proporções, a construção da trajetória de Park e outros intelectuais de Chicago seriam impensáveis sem o contato com a Alemanha, especialmente nas áreas de filosofia e psicologia.

Esta parece ter sido inclusive uma das razões pelas quais na Escola Livre de Sociologia e Política a colaboração entre norte-americanos e alemães foi bem sucedida do ponto de vista da elaboração de projetos comuns, como os primeiros anos de funcionamento da pós-graduação ou a direção das revistas especializadas. Baldus, Willems e Pierson compartilhavam uma base intelectual comum e esta nos remete ao trabalho de Park e outros de sua geração no intercâmbio entre as humanidades na Alemanha e a antropologia e sociologia nos Estados Unidos.

Do mesmo modo, ao pensarmos a experiência norte-americana e a experiência brasileira lado a lado, vimos que o tema das relações raciais é responsável por formar uma rede internacional da qual participam pesquisadores

brasileiros, norte-americanos e alemães. Estes pesquisadores estavam conectados por uma preocupação comum, mas as cartas, as viagens e outros elementos revelam como faz parte desta rede não apenas questões estritamente acadêmicas, mas, sobretudo, políticas e também religiosas. Tendo o ambiente intelectual de Fisk e os intelectuais ligados a esta instituição (que conformam o “lado” estrangeiro destas conexões), parece impensável separar religião, política e conhecimento científico.

No caso brasileiro, a movimentação de Pierson no terreno de estudos sobre raças nos mostra que este ambiente também apresenta tensões, inclusive a respeito da definição da cidade de Salvador e a Bahia como campo privilegiado de estudos para os intelectuais locais e os estrangeiros. No entanto, é possível perceber como o próprio posicionamento de Pierson neste campo de forças se altera com o tempo e sua maior proximidade ora com o Brasil, ora com os Estados Unidos. No capítulo 2 destaquei as alterações das conclusões da tese de Pierson que de mais oscilantes colocando em dúvida a existência de preconceito racial no Brasil, suas conclusões se tornam cada vez mais enfáticas e categóricas atestando a ausência de conflito racial.

Tanto as experiências de Pierson em Fisk quanto em Salvador são parte de sua formação em um processo em que ele deixa de ser aluno e se torna professor. De aprendiz a mestre, Pierson se vale de sua própria experiência para formular um novo projeto no Brasil, desta vez não tendo o país somente como campo, mas como local de formação de novos profissionais. Com isso não significa afirmar que a ELSP tenha se tornado uma espécie de sucursal da Universidade de Chicago, mas o modelo adotado por Pierson para formar seus alunos tem como inspiração seu trabalho desenvolvido neste trânsito entre Brasil e Estados Unidos.

Ao construir essa cartografia sobre Donald Pierson, é possível acompanhar um processo em que a presença estrangeira é marcante, sendo que a década de 1930 pode ser apontada como o período de institucionalização das ciências sociais e áreas correlatas das ciências humanas, mas que rapidamente, as décadas de 1940 e, sobretudo, de 1950, se definem como o período em que começa a ganhar espaço no cenário intelectual brasileiro uma nova figura: a do cientista social profissional. Profissional que se define pela sua formação universitária específica na área de

ciências sociais, recém-saído das novas escolas de ensino superior no país. Ao poucos estes novos profissionais nascidos no Brasil começam a realizar suas pesquisas, ocupar cargos públicos, publicar seus trabalhos em livros e periódicos da época e a se prepararem para lecionar as disciplinas antes ensinadas pelos professores estrangeiros. Mais do que um espectador desta cena, Pierson foi um dos protagonistas deste processo.

Referências

ALMEIDA M. H. T. **Dilemas da institucionalização das ciências sociais no Rio de Janeiro**. In: Miceli, S. (org) História das Ciências Sociais no Brasil 1. São Paulo: Editora Sumaré, [1989] 2001.

ALVES, A. M. **Alguns temas e problemas da sociologia no Brasil**: uma análise de conteúdo da Revista Sociologia (1939-1941). Paper (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ARAÚJO, O. E. Enquistamentos étnicos. **Revista do Arquivo Municipal**, vol. LXV, p. 227-246, 1940.

ARRUDA, M. A. N. **Meio Metrópole e Cultura**: São Paulo no meio século XX. Bauru: Edusc, 2001.

_____. **A sociologia no Brasil**: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: Miceli, S. (org.). História das ciências sociais no Brasil 2. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.

ASSUNÇÃO, P. **O patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

AZEVEDO, F. **A antropologia e a sociologia no Brasil**. In: As Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

BACELAR, J. A. Donald Pierson e os Brancos e Pretos na Bahia. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, p. 129-143, 1997.

_____. **A hierarquia das raças**: negros e brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BARBATO JR, R. **Missionários de uma utopia nacional-popular**: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2004.

BASTOS, E. R.; et al. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2006.

BECKER, H. S. A Escola de Chicago. **Revista Mana**, vol. 2(2), p. 177-188, 1996.

BERLINCK, Cyro. **A Escola de Sociologia e Política no XXV aniversário (1933-1958)**. In: A Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933-1958). São Paulo: Escola de Sociologia e Política, 1958.

_____. Liderança e liberdade. **Sociologia**, São Paulo, v.26, n.3, p.281-305, 1964.

BOMFIM, E. M. O Homem no Vale do São Francisco: um legado de Donald Pierson às Ciências Humanas e Sociais no Brasil. **Psicologia e Sociedade**, v. 1, p. 81-85, 2006.

BOURDIEU, P. **O campo científico**. In: Ortiz, R. (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983a.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. In: Ortiz, R. (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983b.

_____. **Por uma ciência das obras**. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2006.

_____. **As regras da arte**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BULMER, M. **The Chicago School of Sociology**: institutionalization, diversity and the rise of sociological theory. Chicago: University Chicago Press, 1984.

_____. The Chicago School of Sociology: what made it a School? **History of Sociology: An International Review**. V. 5(2), 1985.

BURGESS, E. W. **O crescimento da cidade**: introdução a um projeto de pesquisa. In: Pierson, D. (org). Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social. Tomo I. São Paulo: Martins Editora, [1948] 1970.

_____. **The Urban Community**. Chicago: University of Chicago Press, 1926

CANDIDO, A. **A revolução de 30 e a cultura**. In: Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A Sociologia no Brasil. [Republicado em] **Tempo Social**, v. 18(1) p. 271-301, 2006.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Editora 34, [1964] 2001.

CANN, F. M. **The Brazilian American Alliance, 1937-1945**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1973.

CARVALHO, N. V. (org) **Leituras sociológicas**: seleção de textos da revista Sociologia. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

CAVALCANTI, M. L. Preconceito de marca, etnografia, relações raciais. **Tempo Social**, v. 11(1), p. 97-110, 1999.

CIACCHI, A. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. **Revista de Antropologia**, v. 50(1), p. 181-223, 2007.

CHAPOULIE J.M., **La tradition sociologique de Chicago**: 1892-1961, Paris: Le Seuil, 2001.

CLARO, S. F. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**: um espaço de construção da nova identidade paulista após 1932. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP. UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

_____. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934-1950). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

CLIFFORD, J. **Notes on Field(notes)**. In: Sanjek, R. (org.), *Fieldnotes: the making of anthropology*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

_____. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

CONSORTE, J. G. **Os estudos de comunidade no Brasil**: uma viagem. In: Faleiros, M.; Crespo, R. A. (org.). *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

CORDEIRO, S. L. Moradia popular na cidade de São Paulo: (1930-1940). **Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**, vol. 1, abril de 2005. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>>.

_____. Projetos e iniciativas sobre a habitação popular em São Paulo. **Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**, vol. 29, janeiro de 2008. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>>.

CORRÊA, M. **A Antropologia no Brasil (1960-1980)**. In: Miceli, S. (org.). *História das ciências sociais no Brasil 2*. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.

_____. (org.). **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)**: testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson. Campinas: Editora da UNICAMP/Edições Vértice, 1987.

_____. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 3, n. 6, 79-98. 1988.

COSER, L. **Tendências americanas**. In: Bottomore, T e Nisbet, R. (org.). *História da análise sociológica*. Trad. W. Dutra. RJ: Zahar Editores. 1980.

COSTA, E. B. **Cerrado e retiro**: cidade e fazenda no alto de São Francisco. Rio de Janeiro: Comissão do Vale de São Francisco, 1960.

COSTA, S. **Dois Atlânticos**, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

_____. **Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960.** In: MAIO, M. C. e SANTOS, R. V. (org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

CUIN C. H; GRESLE F. **História da sociologia**. São Paulo: Ensaio, 1994.

CUNHA, O. M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Revista Mana**, v. 10(2), p. 287-321, 2004.

DEL VECCHIO, A.; DIÉGUEZ, C. **As pesquisas sobre padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie, pioneiros da sociologia aplicada no Brasil**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2009.

EUFRÁSIO, M. **Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)**. SP: Editora 34, 1999.

FARIS, R. E. **Chicago Sociology 1920-1932**. Chicago: University Chicago Press, 1970.

FALEIROS, M.; CRESPO, R. A. (org.). **Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

FAUSTO, B. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERNANDES, F. A análise sociológica das classes sociais. **Sociologia** [Symposium sobre classes sociais], v. 10, n.2, 1948.

FERRARI, A. T. **Pesquisas e publicações nas Ciências Sociais sob a influência da Escola de Sociologia e Política (1933-1958)**. São Paulo: Escola de Sociologia e Política, 1958.

FILIZZOLA, A. C. B. **Na rua, a “troça”, no parque, a troca: os parques infantis da cidade de São na década de 1930**. Tese de Doutorado (Faculdade de Educação), USP, São Paulo, 2002.

FONTENELLE, L. F. R. A comunidade no Brasil: um estudo tentativo para sua configuração. **Revista de Ciências Sociais**, v. II, n. 2, p. 5-14, 1971.

FRANCO, M. S. C. O estudo sociológico de comunidades. **Revista de Antropologia**, v 11, n. 2, p. 31, 1963.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, [1933] 1998.

FRÚGOLI JR, H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, vol. 48(1), p. 133-165, 2005.

_____. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FUNARO, V. M. O.; CASTRO FILHO, C. M. Comparação entre duas escolas de Biblioteconomia no Brasil e na Espanha: aspectos curriculares. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 5. (2003: Belo Horizonte). Anais. Belo Horizonte: ANCIB; ECI-UFG, 2003. 1 cd-rom.

Women anthropologists: selected biographies. Westport: Greenwood Press, 1988.

GEERTZ, C. **Obras e vidas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

_____. **Saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2000.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIUMBELLI, E. Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17(48), 2002.

GOLDWASSER, M. J. Estudos de comunidade: teoria e/ou método. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 5(1), p. 60-81, 1974.

GONÇALVES, L. R. **Sérgio Milliet**, crítico de arte. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1992.

GORELIK, A. **Historia de la ciudad e historia intelectual**. **Primas** - Revista de historia intelectual, n. 3, 1999.

_____. A produção da 'cidade latino-americana'. **Tempo Social**, v. 17(1), 2005.

GUIDI, M. L. Elementos de análise dos estudos de comunidade realizados e publicados de 1946-1960. **Revista de Educação e Ciências sociais**, vol. 10(19), p. 4-87, 1962.

GUIMARÃES, A. S. Baianos e paulistas 'duas escolas' de relações raciais?. **Tempo Social**, vol. 11, n. 1, p. 75-95, 1999.

_____. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v.29(1), p. 93-107, 2003.

_____. **Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960**. In: MAIO, M. C. e SANTOS, R. V. (org). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

_____. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos Cebrap**, n. 54, p. 147-156. 1999b

HANNERZ, U. **Exploring the city**. New York. Columbia University Press, 1980.

HARVEY, L. **Myths of the Chicago School of Sociology**. Avebury, 1987.

HELLER, F. História natural de uma rua suburbana. **Sociologia**, vol V(3), p. 199-216, 1943.

HERMANN, L. Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). **Revista do Arquivo Municipal**, vol. XCIX, p. 7-44, 1944.

_____. Grupos sociais de Guaratinguetá. **Revista do Arquivo Municipal**, vol. XLIX, p.71-92, 1938.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, [1936] 1987.

IANNI, Octavio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. **Revista de Antropologia**, v. 9, n.1-2, p. 109-119, 1961.

JACKSON, L. C. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). **Tempo Social**, São Paulo, USP, jun. 2004, p.263-283, 2004.

_____. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). **Tempo Social**, v. 19(1), p. 115-130, 2007.

_____. **A tradição esquecida**: os parceiros do rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. Uma defesa da comunidade. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 21, p. 183-185, 2009.

_____. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades”. **Revista Cadernos de Campo**, n. 18, p. 273-280.

JORGE, C. M. C. **Sobre a sociologia e a ELSP**. In: Carvalho, N. V. Leituras Sociológicas. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1987.

KANTOR, I.; MACIEL, D.; SIMÕES, J. (org.) **A Escola Livre de Sociologia e Política**: anos de formação 1933-1953. São Paulo: Escuta, 2001.

KOFES, S. **As pedras e o arco**: os estudos de comunidade e a atualidade de antigas questões. In: Faleiros, M.; Crespo, R. A. (org.). Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

KURTZ, L. R. **Evaluating Chicago Sociology**: A Guide to the Literature, with an Annotated Bibliography. 1984.

LAL, B. B. **The Romance of Culture in an Urban Civilization**: Robert E. Park on Race and Ethnic Relations in Cities. 1990.

LIMONGI, F. **A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo**. In: MICELI, S. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil 1*, São Paulo: IDESP/Editora Vértice, [1989] 2001.

_____. **Mentores e clientela da Universidade de São Paulo**. In: MICELI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil 1*, São Paulo: IDESP/Editora Vértice, [1989] 2001.

_____. **Revista Sociologia: a E.L.S.P. e o desenvolvimento da Sociologia em São Paulo (2 estudos)**, Série História das Ciências Sociais, n.1, São Paulo, mimeo, p. 1-28, 1987.

LIRA, J. T. O urbanismo e o seu outro: raça, cultura e cidade no Brasil (1920-1945). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. N. 1, p. 47-78, mai. 1999.

MAIO, M. C. **A História do Projeto Unesco**. Estudos Raciais e Ciências Sociais no Brasil, Rio de Janeiro, IUPERJ, tese doutorado, 1997.

MAGNANI, J. G. O campo da antropologia. **Cadernos de História de São Paulo**, n. 1, 1992.

MARSAL, J. **Cambio social em América Latina**. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1967.

MELATTI, J. C. **Antropologia no Brasil: Um Roteiro**. In: O que se deve ler nas Ciências Sociais no Brasil, vol. 3 (edição englobando BIB de nº 15 a nº 19). São Paulo: Cortez e ANPOCS, 1990.

MARTINS, J. S. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil**. Edusp, 1986.

MEYER, R. **Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 50**. Tese de doutorado (Arquitetura e Urbanismo), São Paulo: FAU/USP, 1991.

MENDONZA, E. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, v. 14, 2005.

_____. **Sociologia da Antropologia Urbana no Brasil: a década de 1970**. Campinas, IFCH, UNICAMP, tese de doutorado, 2000.

MICELI, S. **Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais**. In: *História das Ciências Sociais no Brasil 1*. São Paulo: Editora Sumaré, [1989] 2001.

_____. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil 1**. São Paulo: IDESP/Editora Vértice, [1989] 2001.

_____. **História das ciências sociais no Brasil 2**. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.

_____. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

_____. **O que ler na ciência social brasileira**. (v. 1 e 2). São Paulo: ANPOCS, 1999.

MOREIRA, M. Estudo sociodemográfico de comunidades. **Revista de Antropologia**, vol. II, n. 1-2, p. 29-39. 1963.

MORSE, R. **A volta de McLuhanaíma**: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Editora 34, [1977] 2008.

_____. São Paulo: exercício de memória. **Revista Estudos Avançados**. V. 17 (48), p. 241-263, 2003.

MUSSOLINI, G. Persistência e mudança em sociedades de 'folk' no Brasil. **Anais do XXXI Congresso Internacional dos Americanistas**, 1955.

_____. Resenha de "Cunha". **Revista do Museu Paulista**, vol. III, p. 477-80, 1949.

NOGUEIRA, O. Distribuição residencial de operários de um estabelecimento industrial de São Paulo. **Sociologia**, vol. XI (1), p. 32-53, 1949.

_____. Donald Pierson e o desenvolvimento da Sociologia no Brasil. **Universitas**. n. 6/7, p. 331-342, 1987.

_____. Os estudos de comunidade no Brasil. **Revista de Antropologia**, vol. 3, p. 95-103, 1955.

_____. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. [Republicado em] **Tempo Social**, vol. 19(1), p. 287-308, 2007.

_____. Donald Pierson e o desenvolvimento da Sociologia no Brasil. **Universitas**. n. 6/7, p. 331-342, 1987.

OLIVEIRA, I. Os estudos urbanos de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política. Trabalho apresentado no XIV **Congresso Brasileiro de Sociologia** realizado de 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ).

OLIVEIRA, I.; DAMASCENO, J. "Constituindo um campo": estudos de comunidade e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1940-1960). **Revista Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 18, n. 18, p. 253-256, 2009.

OLIVEIRA, I.; DAMASCENO, J. FIGUEIREDO, E. Entrevista com Josildeth Gomes Consorte: os 60 anos do Programa de Pesquisas Sociais do estado da Bahia e

Universidade de Columbia. **Revista Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 18, n. 18, p. 201-215, 2009.

OLIVEIRA, L. L. Donald Pierson e a Sociologia no Brasil. **Boletim Informativo e Bibliográfico (BIB)**, n. 23, p. 35-48, 1987.

OLIVEIRA, R. C. A. Bienal de São Paulo: impacto na cultura brasileira. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001.

_____. **Colonizadores do futuro**: cultura, Estado e o Departamento de Cultura do Município de São Paulo. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 1995.

PARK, R. **A cidade**: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. **American Journal of Sociology**, n. 5, v. XX, p. 577-612, 1915.

_____. Human Migration and the Marginal Man. **American Journal of Sociology**. v. 33, p. 881-893, 1928.

PEIRANO, M. **The anthropology of anthropology**: the brazilian case. Cambridge: Harvard University, (tese doutorado), 1981. Republicada na Serie Antropologia. (110), Brasília: UnB-IH-DAN, 1991.

_____. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIXOTO [MASSI], F. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. **Franceses e norte americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)**. In: MICELI, S. (org.). História das Ciências Sociais no Brasil 1. São Paulo: IDESP/Editora Vértice, 1989.

PEIXOTO [Massi], Fernanda; PONTES, H. **Guia bibliográfico dos brasilianistas**: obras e autores editados no Brasil entre 1930 e 1988. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1992.

PEIXOTO, Fernanda; SIMÕES, Júlio. A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. **Revista de Antropologia**, v.46, n.2, p.383-409, 2003.

PIERSON, D. **Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras ciências sociais** [Depoimento de Donald Pierson] In: Corrêa, M. (org.). História da Antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson. Campinas: Editora da UNICAMP/Edições Vértice, 1987.

_____. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo: Editora Nacional, [1945] (1971).

_____. **Candomblé da baia**. Curitiba: Editora Guaira, 1942.

_____. **Cruz das Almas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966 [1951].

_____. (org). **Estudos de ecologia humana**: leituras de Sociologia e Antropologia Social. 2ª edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editora, [1948] 1970.

_____. **O homem no Vale do São Francisco**. Suvale/Ministério do Interior, 1972.

_____. **Negroes in Brazil**: A Study of Race Contact at Bahia Chicago: University of Chicago Press, 1942.

_____. **Teoria e pesquisa em Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1971 [1945].

_____. O estudo da cidade. **Sociologia**, vol. V, n. 4, p. 305-315, 1943.

_____. Habitações de São Paulo: estudo comparativo. **Revista do Arquivo Municipal**, vol. LXXXI, p. 199-238. 1942.

_____. Recenseamento por quarteirões. **Revista do Arquivo Municipal**, vol. LXII, p. 173-175. 1939.

_____. Pesquisa na revista Sociologia. **Sociologia**, São Paulo, Sociologia e Política, v.16, n.1, p.63-76, mar. 1954.

PINHEIRO, F.; MICELI, S. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha. **Tempo social**, São Paulo, v. 20, n. 2, nov. 2008.

PLOKTIN, M. Modernity, Development and the Transnationalization of the Social Sciences in Argentina and Brazil (1930-1970). **Rockefeller Archive Center Research Reports Online**. [online], 2008. Disponível em <<http://www.rockarch.org/publications/resrep/pdf/plotkin.pdf>>. Acessado em 16 de maio de 2010.

PLUMER, K. (org) **The chicago school**: critical assessments. London/New York: Routledge, 1997.

PONTES, H. Brasil com Z. **Revista da Fundação Getúlio Vargas** [dossiê: História e Ciências Sociais], nº: 5, ano: 1990[1].

_____. **Destinos mistos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____. **Retratos do Brasil**: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40, 50. In: História das Ciências Sociais no Brasil 1. São Paulo: Editora Sumaré, [1989] 2001.

QUEIROZ, M. I. Desenvolvimento nas ciências sociais no Brasil: nascimento e expansão. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 20, p. 387-412, 1992.

RAFFAINI, P. T. **Esculpindo a cultura na forma Brasil**: o Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

RAUSHENBUSH, W. **Robert E. Park**: biography of a sociologist. Chapel Hill: Univesity of North Carolina Press, 1979.

REDFIELD, R. **The folk culture of Yucatan**. Chicago: University Chicago Press, 1940.

_____. The folk society. **American Journal of Sociology**, LII, 1947.

REVISTA do Arquivo Municipal. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**: Índice dos volumes dos volumes I ao CC. v.201, p. 1-192, 2002.

RIBEIRO, D. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROLNIK, R. **São Paulo, início da industrialização**: o espaço e a política. In: Kowarick, L. As lutas sociais e a cidade. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

RUBINO, Silvana. **Clubes de pesquisadores – A Sociedade de Etnografia e a Sociedade de Sociologia**. in: MICELI, S. (org.) História das Ciências Sociais no Brasil (vol. 2). São Paulo: Editora Sumaré, 1995.

SANDRONI, C. **Mário contra Macunaíma: cultura e política em Mário de Andrade**. São Paulo : Edições Vértice; Rio de Janeiro : IUPERJ, 1988. (fala do DC ligado aos primórdios das ciências sociais no Brasil)

SCHWARCZ, L. **História e Antropologia: debates em região de fronteiras**. In: Antropologia e História: debate em região de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCHWARCZ, L. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEBE, José Carlos. **Introdução ao Nacionalismo Acadêmico**: os Brazilianistas. São Paulo, Brasiliense, 1984.

SILVA, F. A. **Xique-Xique e Marrecas**. Rio de Janeiro: CVSF, 1961.

SIMONSEN, R. **Rumo à Verdade**, São Paulo: Editora Limitada, 1933.

SIMMEL, G. **O estrangeiro**. In: Moraes, E. (org). Sociologia: Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, L. G. **Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo**, 1936-1939.

Rio de Janeiro/São Paulo: Funarte/Instituto Nacional do Folclore/Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

STOCKING JR, G. **A antropologia em Chicago**: a fundação de um departamento independente – 1923-1929. In:

Peixoto, F; Pontes, H.; SCHWARCZ, L. Antropologias, histórias e experiências. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____. **Observers observed**: essays on ethnographic fieldwork. London: University of Wisconsin, 1983.

SUMMER, W. G. **Folkways**: a study of the sociological importance of usages, manners, customs, mores, and morals. Boston: Ginn and Co., 1906.

TAX, S. (org) **Panorama da Antropologia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, s.d.

TOMASI, L. **The tradition of the Chicago school of sociology**. Aldershot, Hants, England: Ashgate, Brookfield, 1999.

TOTA, A. P. **O Imperialismo Sedutor**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

VALLADARES, L. P. A visita do Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, abr, 2010.

VALENTINI, L. Nos “arredores” e na “capital”: as pesquisas da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1939). **Revista Ponto Urbe** [online], ano 3, n. dez. 2009. Disponível em
<http://www.pontourbe.net/index.php?option=com_content&view=article&id=22:nos-arredores-e-na-capital-as-pesquisas-da-sociedade-de-etnografia-e-folclore-1937-1939-&catid=6:cat-artigos&Itemid=7>. Acessado em 24 de abril de 2010.

VALLADARES, L. P. (org.). **A Escola de Chicago**: impactos de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UFMG / IUPERJ, 2005.

_____. **1001 teses sobre o Brasil urbano**. IUPERJ, ANPUR.

_____. **A Invenção da favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VILA NOVA, S. **Donald Pierson e a Escola de Chicago na sociologia brasileira**: entre humanistas e messiânicos. Portugal: Ed. Vega, 1998.

WAGLEY, C. Estudos de comunidade no Brasil sob perspectiva nacional. **Sociologia**, vol. 16 n. 2, p. 3-22, 1954.

WAGLEY, C. e AZEVEDO, T. Sobre métodos de campo no estudo de comunidades. **Revista do Museu Paulista**, vol. V, p. 227-237. 1951.

WARDE, M. J. Americanismo e Educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14(2), 2000.

WILLEMS, E. Contribuição para uma Sociologia da vizinhança. **Sociologia**, vol. 3, n. 1, p. 29-43, 1941.

_____. **Cunha**: Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil. São Paulo, Secretaria de Agricultura, 1947.

WOOD, B. **The Making of the Good Neighbor Policy**, New York: Columbia University Press, 1961.

WOORTMANN, K. A antropologia brasileira e os estudos de comunidade. **Universitas**, n. 11, p. 103-140, 1972.

XIDIEH, O. E. Subúrbio. **Revista do Arquivo Municipal**, vol. CXIV, p. 173-184, 1947.

I. PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE DONALD PIERSON

A. Livros de autoria de Donald Pierson

1942

O Candomblé na Bahia. Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro; Editora Guaíra, Coleção "Caderno Azul" (publicação prévia do capítulo X de *Branços e Pretos na Bahia*).

1942

Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia. Chicago: University of Chicago Press (University of Chicago Sociological Series; 2.^a edição, com nova Introdução: Carbondale e Edwardsville, Illinois: University of Southern Illinois Press, e London e Amsterdam: Feffer e Simons, Inc., 1967.)

1945

Teoria e Pesquisa em Sociologia. São Paulo: Cia. Melhoramentos, vol. 30 da "Biblioteca de Educação", 18a. edição revista: 1981; outras edições: 1945, 1953, 1955, 1957, 1959, 1962, 1964, 1965, 1967, 1968, 1970, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977.

1945

Survey of the Literature on Brazil of Sociological Significance Published Up to 1940. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

1945

Branços e Pretos na Bahia. São Paulo: Cia Editora Nacional, Coleção "Brasileira", vol. 241; 2.^a edição: 1971.

1948

(org.) *Estudos de Ecologia Humana* (Leituras de Sociologia e Antropologia Social, Tomo I). São Paulo: Livraria Martins Editora, vol. VI da "Biblioteca de Ciências Sociais"; 2.^a edição, revista por Maria Aparecida Madeira Kerbeg: 1970.

1949

(org.) *Estudos de Organização Social* (Leituras de Sociologia e Antropologia Social, Tomo II). São Paulo: Livraria Editora Martins, vol. IX da "Biblioteca de Ciências Sociais"; 2.^a edição, revista por Maria Aparecida Kerbeg: 1971.

1951

Cruz das Almas: A Brazilian Village. Washington, D.C.: Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution, vol. 12.

1966

Cruz das Almas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, Coleção "Documentos Brasileiros", vol. 124.

1972

O Homem no Vale do São Francisco. Tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg e Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Superintendência do Vale do São Francisco.

B. Capítulos em livros de outros autores

1940

A Raça e a classe na Bahia, In: *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 163-5.

1940

"Sistema de referência" para o estudo de contactos raciais e culturais, in Vários Autores. *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 77-95.

1941

Racial and Cultural Contacts in Brasil: Present State of our Research in this field, in Burgin, Miron W. (Org.) *Handbook of Latin American Studies*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, vol. VI, pp. 463-70.

1949

Sociologia, in Moraes, Rubens Borba de e William Berrien (Org.). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica editora Souza (Tradução brasileira de Survey of the Literature on Brazil of Sociological Significance Published up to 1940).

1955

Race relations in Portuguese America, in Lind, Andrew W. (Org.). *Race Relations in World Perspective*. Honolulu: University of Hawaii Press, pp. 433-62.

1972

Brazilians of Mixed racial Descent, in Gist, Noel P. e Anthony Gary Dworkin (Org.). *The Blending of Races: Marginality and Identity in World Perspective*. New York: John Wiley & Sons, pp. 237-63.

1974

National images in Portugal and Spain: A Preliminary View, in Vários Autores. *In Memoriam: António Jorge Dias*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, vol. II, pp. 357-73.

1987

Depoimento, in Corrêa, Mariza (Org.). *História da Antropologia no Brasil, 1930-1960*. Campinas: Editora da Universidade estadual de Campinas; São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.

C. Artigos publicados em periódicos

1936

Porque eu vim à Bahia, *Revista da Faculdade de Direito*, Salvador, XI: 89-93.

1938

The Negro in Bahia, Brazil, *American Sociological Review*, IV (4): 524-33, Ago.

1939

Recenseamento por bairros, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXII: 173-5, Nov./Dez.

1940

A sociologia, os costumes e o Direito, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXVI: 107-17, Abr./Mai.

1940

Disciplinas com as quais se confunde a sociologia, *Sociologia*, São Paulo, II (2): 151-8, Mai.

1940

Teoria e pesquisa em sociologia, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXIX: 117-28.

1941

A distribuição espacial das classes e das raças na Bahia, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXXIII: 39-50, Jan.

1941

Um 'sistema de referência' para o estudo dos contactos raciais e culturais, *Sociologia*, São Paulo, III (i): 1-17, Mar.

1941

A composição ética das classes na sociedade bahiana, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXXVI: 143-164, Mai.

1941

Processo de interação: conceito básico nas ciências sociais, *Sociologia*, São Paulo III (2): 106-20, Mai.

1941

Os 'africanos' da Bahia, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXXVIII: 39-64, Ago./Set.

1941

O negro na Bahia, *Sociologia*, São Paulo, III (4): 282-94, Out.

1941

Estudo comparativo da habitação em São Paulo, *Economia*, III (29): 7-13, Out.

1942

A situação racial brasileira, *Planalto*, São Paulo, (8): 1-4.

1942

Habitação de São Paulo: estudo comparativo, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXXXI: 199-238, Jan./Fev.

1942

Estudo e ensino da sociologia, *Sociologia*, São Paulo, IV

(I): 1-21, Mar,

1942

Estudo e ensino da sociologia, Sociologia, São Paulo, IV (2): 131-50, Mai.

1942

O que torna "humano" o indivíduo, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, LXXXIII: 39-57, Mai./Jun,

1942

Comportamento colectivo, Sociologia, São Paulo, IV (3): 251-67, Ago,

1942

Expectativas de comportamento, Sociologia, São Paulo, IV (4): 369-84, Out.

1942

Educação, ciências sociais e mundo actual, Estudos Educacionais, Florianópolis, II (3): 24-35, Nov.

1942

Ascensão social do mulato brasileiro, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, LXXXVII: 107-79, Dez.

1942

A teoria dos "quatro tipos fundamentais de desejos ", Boletim do Serviço Social dos Menores, São Paulo, II (3): 15-20, Dez.

1943

As ciências sociais do mundo de hoje, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 de Janeiro.

1943

Diluição da linha de cor na Bahia, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, LXXXIX: 105-27, Mar./Abr.

1943

Comunicação e sociedade, Sociologia, São Paulo, V (1): 29-34, Mar.

1943

The Educational Process and the Brazilian Negro, The American Journal of Sociology, XLVIII (6): 692-700, Mai.

1943

Casamento inter-racial na Bahia, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, XCI: 39-50, Ju!.

1943

Competição e conflito, Sociologia, São Paulo, V (2): 155-70, Mai,

1943

Acomodação e assimilação, Sociologia, São Paulo, V (3): 217-31, Ago,

1943

O estudo da cidade, Sociologia, São Paulo, V (4): 305-15, Out.

1944

Hábitos alimentares em São Paulo, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, XCIII: 45-79.

1944

The Brazilian Racial Situation, Scientific Monthly, LVIII (3): 227-32, Mar.

1944

Herança social, Sociologia, São Paulo, VI (1): 23-30, Mar.

1944

Interação simbólica e não simbólica, Sociologia, São Paulo, VI (2): 123-33.

1944

Contactos raciais e culturais no Brasil: estado actual da nossa pesquisa neste campo, Boletim Bibliográfico, São Paulo, III: 21-31, Jun.

1944

A natureza humana, Sociologia, São Paulo, VI (3): 218-29, Ago.

1944

A situação racial bahiana, Observador Económico e Financeiro, Rio de Janeiro, (105): 53-67, Out.

1944

Robert E. Park: sociólogo pesquisador, Sociologia, São Paulo, VI (4): 282-94, Out.

1945

O processo educacional e o negro brasileiro, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, III (7): 7-21, Jan,

1945

Race Relations in Brazil, International House Quarterly, Chicago: 66-70, Spring.

1945

O estudo de contacto racial, Sociologia, São Paulo, VII (1-2): 38-53, Mar./Mai.

1945

Raça e organização social, Sociologia, São Paulo, VII (3): 3-11, Ago.

1946

Esboço de método científico para a sociologia, Sociologia, São Paulo, VIII (1): 24-5.

1946

É ciência a sociologia? Sociologia, São Paulo, VIII (2): 88-102, Mai.

1946

Ciência e ambiente intelectual, I: a ciência grega, Sociologia, São Paulo, VIII (3): 184-91, Ago.

1946

Ciência e ambiente intelectual, II: a ciência física, Sociologia, São Paulo, VIII (4): 259-69, Out.

1947

Ecologia Humana, Sociologia, São Paulo, IX (2): 153-63, Mai.

1948

Como descobrir o que é "classe", Sociologia, São Paulo, X (2-3): 71-5, Mai./ Ago.

1948

Exame Crítico da Ecologia Humana, Sociologia, São Paulo, X (4): 227-41, Out.

1949

Difusão da ciência sociológica nas classes, Sociologia, São Paulo, XI (3): 317-26, Ago.

1949

Artur Ramos: in memoriam, Sociologia, São Paulo, XI (4): 421-2, Out.

1950

O estudo de Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XII (1): 33-43, Mar.

1950

Status e Prestígio em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XII (2): 113-29, Mai.

1950

Isolamento e Contacto em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XII (3): 185-203, Ago.

1950

"Caipira" versus "Cidadão" em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XII (4): 312-22, Out.

1950

Festas Religiosas em Cruz das Almas, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, CXXXVII: 23-38, Out./Dez.

1950

Race Prejudice as Revealed in the Study of Racial Situations, International Social Science Bulletin, UNESCO, II (4): 467- 78, Winter.

1951

Divisão do Trabalho numa Comunidade Rural, O Observador Económico e Financeiro (181): 78-81, Fev.

1951

Mudança e Desorganização Social em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XIII (1): 44-57, Mar.

1951

Status e Papel da Mulher em Cruz das Almas, Sociologia,

São Paulo, XIII (2): 148-62, Mai.

1951

Ritual, Cerimônia e Crença em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XIII (3): 209-29, Ago.

1951

O preconceito Racial Segundo o Estudo de Situações Raciais, Sociologia, São Paulo, XIII (4): 305-24, Out.

1951

Comportamento Político em Cruz das Almas, Revista da Faculdade de Direito, Belo Horizonte, 72-81, Out.

1952

Relações Raciais em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XIV (1): 64-75, Mar.

1952

Declínio da Agricultura em Cruz das Almas, Revista de Agricultura, XXVII (3-4): 97-108, Mar. Abr.

1952

Etiqueta em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XIV (2): 131-45, Mai.

1952

Almas e a Santa Cruz numa Comunidade Paulista, Sociologia, São Paulo, XIV (3): 244-55, Ago.

1952

Gente e Costumes do Interior: Cruz das Almas, Vila do Planalto Paulista - Estudo da comunidade no tocante a seus hábitos, O Jornal (revista), Rio de Janeiro, 3 de Agosto, pp. 1,4.

1952

Brim, algodão e chita estampada: vida tranquila em Cruz das Almas - gravata só para certas cerimônias, O Jornal (revista), Rio de Janeiro, 10 de Agosto, pp. 1, 11.

1952

Processo de fabricação em Cruz das Almas, O Observador Econômico e Financeiro, São Paulo (201): 55-59, Out.

1952

Trabalhador rudimentar, O Observador Econômico e Financeiro, São Paulo (202): 59-64, Nov.

1952

O dialecto caipira empregado em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XIV (4): 310-26, Out.

1953

Agricultura em Cruz das Almas: Retrato de uma Comunidade Rural - 1, O Observador Econômico e Financeiro, São Paulo (204): 52-7, Jan.

1953

Sítios e Fazendas: Retrato de uma Comunidade Rural II O Observador Econômico e Financeiro (205): 32-7, Fev.

1953

Santos em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, IV (1): 31-43, Mar.

1953

A População de Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XV (2): 131-52, Mai.

1953

O passado em Cruz das Almas, Sociologia, São Paulo, XV (3): 260-276, Ago.

1953

Africans and their Descendents at Bahia, Brazil, Memoires de l'Institut Français d'Afrique Noire, Dakar (27): 153-6.

1954

Pesquisa na Revista Sociologia, Sociologia, São Paulo, XVI (1): 63-76, Mar.

1954

Família e Compadrio numa Comunidade Rural Paulista, Sociologia, São Paulo, XVI (4): 368 E segs., Out.

1954

The Family in Brazil, Marriage and Family Living (National Council on Family Relations), XVI (4): 308-14, Nov.

1954

A Família em Cruz das Almas, Cultura, Rio de Janeiro, IV (6): 27-44, Dez.

1955

Sickness and Cure in a Brazilian Rural Community, Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, pp. 281-91.

1962

Algumas Sugestões Metodológicas para o estudo de uma localidade, Relações Humanas (13-14): 7-22, Abr./Ago.

1964

Life in a Brazilian Village, Volkerkundliche Abhandlungen Band I Abteilung fiLr Landesmuseum, Hannover, Alemanha, pp. 249-59.

1970

Obstáculos no caminho de uma verdadeira ciência social, Universitas, Salvador (6-7): 407-16, Mai./ Dez.

1980

O curso de pós-graduação em Ciências Sociais que foi iniciado em 1941, Revista Brasileira de Sociologia, Rio de Janeiro, VI (1-2): 67-8, Jan./Dez.

D. Artigos publicados em periódicos com outros autores

1947

(com Carlos Borges Teixeira) *"Survey" de Pecinguaba*, *Revista do Museu Paulista* (Nova Série), I: 173-80.

1947

(com Carlos Borges Teixeira) *"Survey" de Pecinguaba*, *Sociologia*, São Paulo, IX (1): 3-21, Mar.

1947

(com Mário Wagner Vieira da Cunha) *Pesquisa e possibilidades de pesquisa no Brasil* (com especial referência a "cultura" e "mudança"), Parte I, *Sociologia*, São Paulo, IX (3): 234-256, Ago.

1947

(com Mário Wagner Vieira da Cunha) *Pesquisa e possibilidades de pesquisa no Brasil* (com especial referência a "cultura" e "mudança cultural"), Parte II, *Sociologia*, São Paulo, IX (4): 350-378, Out.

1947

(com Mário Wagner Vieira da Cunha) *Research and Research Possibilities in Brazil (With Particular Reference to Cultura and Cultura Change)*, *Acta Americana*, V (1-2): 18-82, Jan./Jun.

1948

(com Mário Wagner Vieira da Cunha) *Pesquisa e possibilidades de pesquisa no Brasil* (com especial referência a "cultura" e "mudança cultural"), Parte III, *Sociologia*, São Paulo, X (1): 40-57, Mar.

1952

(com Octávio da Costa Eduardo e Levy Cruz), *Hipóteses e sugestões sobre o ensino no Vale do São Francisco*, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, XVII (46): 22-37, Abr./Jun.

E. Resenhas de autoria de Donald Pierson

1937

J. F. Normano, *Brazil: A Study of Economic Types*, *American Journal of Sociology*, XLII (5): 763, Mar.

1940

Artur Ramos, *The Negro in Brazil*, *American Journal of Sociology*, XLVI (2): 267, Set.

1940

Buell G. Gallagher, *American Caste and the Negro College*, *American Journal of Sociology*, XLVI (2): 260-262, Set.

1941

Emílio Willems, *Assimilação e população marginais no Brasil*, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, LXXVII: 163-170, Jun./Jul.

1942

Emílio Willems, *Assimilação e população marginais no Brasil*, *American Journal of Sociology*, XLVII (5): 114-177, Mar.

1947

T. Lynn Smith, *Brazil: People and Institutions*, *Hispanic-American Historical Review*, 27 (2): 321-324, Mai.

1947

Gilberto Freyre, *The Master and the Slaves: A Study in the*

Development of Brazilian Civilization (tradução da 5ª. edição de *Casa-Grande & Senzala*, por Samuel Putnam), *American Sociological Review*, 12 (5): 607-609, Out.

1970

Raymond S. Sayers (Org.), *Portugal and Brazil in Transition*, *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*, XII (3): 455-65, Jul.

1970

Leslie Bethell, *The Abolition of the Brazilian Slave Trade: Britain, Brazil, and the Slave Trade Question 1807-1869*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 392: 207-208, Nov.

1972

Joseph L. Love, *Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalism, 1882-1930*, e Allen W. Johnson, *Sharecroppers of Sertão: Economics and Dependence on a Brazilian Plantation*, *The Annals of the American of Political and Social Science*, 400: 201-2, Mar.

1972

Robert W. Shirley, *The End of a Tradition: Culture Change and Development in the Município of Cunha, São Paulo, Brazil*, *The Americas*, XXIX (2): 261-265, Out.

1973

Robert Conrad, *The Destruction of Brazilian Slavery, 1850-1888*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 410: 174-6, Novembro

1974

Stuart B. Swartz, *Sovereignty and Society in Colonial Brazil: The High Court of Bahia and its Judges, 1609-1751*,

e Kenneth R. Maxwell, *Conflicts and Conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1808*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 413: 188-90, Mai.

1975

Richard Graham e Peter H. Smith (Orgs.) *New Approaches to Latin American History*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 418: 175-7, Mar.

1976

Robert E. Hinshaw, *Panajachel: A Guatemala Town in Thirty- Year Perspective*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 425: 162-3, Mai.

1977

G. Pope Atkins, *Latin American in the International Political System*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 434: 206-7, Nov .

1978

G. Pope Atkins, *Latin América in the International Political System*, *Revista Brasileira de Sociologia*, Rio de Janeiro, IV (1-2): 57-59, Jan./Dez.

1979

Alfred Stepan, *The State and Society: Peru in Comparative Perspectives*, *Revista Brasileira de Sociologia*, V (1-2): 38-41, Jan./Dez.

1979

Alfred Stepan, *The State and Society: Peru in Comparative Perspective*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 443: 161-163, Mai.

1979

Carl E. Solberg, *Oil and Nationalism in Argentina*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 445: 181-3, Set.

1980

Stephen Webre, *José Napoleon and the Christian Democratic Party in Salvadoran Politics, 1960-1972*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 449-180-1, Mai.

1982

Peter S. Cleaves e Martin J. Scurrah, *Agriculture, Bureaucracy, and Military Government in Peru*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 459: 166-7.

1983

Thomas W. Walker, *Nicaragua: The Land of the Sandino*, e Henri Weber, *Nicaragua: The Sandinist Revolution* (tradução *Nicaragua: La Revolution Sandiniste*, por Patrick Camiller), *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 465: 162-3, Jan.

1985

Willam C. Gilmore, *The Granada Intervention: Analysis and Documentation*, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 482: 179-80, Nov.

F. Introduções e prefácios de livros de outros autores

1943

Prefácio, in Ralph Linton, *O Homem: Uma introdução à antropologia* (Tradução de Lavínia Vilela), São Paulo: Livraria Martins Editora ("Biblioteca de Ciências Sociais", vol. I), pp. 7-8.

1943

Prefácio, in N.S.B. Bras, *Introdução à história econômica* (Tradução de Lavínia Vilela), São Paulo: Livraria Martins Editora ("Biblioteca de Ciências Sociais", Vol. II), pp. XIX-XXII.

1945

Prefácio, in L. L. Trurstone, *Noções básicas de estatística* (Tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg), São Paulo; Livraria Martins Editora ("Biblioteca de Ciências Sociais", Vol. IV), pp. 15-7.

1956

Introdução, in Hiroshi Sai to, *O cooperativismo na região de Coita: Estudo de Transplantação cultural*, São Paulo, Escola de Sociologia e Política, pp. 9-12.

1960

Prefácio, in Esdras Borges Costa, *Cerrado e Retiro: Cidade e fazenda no Alto São Francisco*; Rio de Janeiro, comissão do Vale do São Francisco, pp. 3-4.

1961

Prefácio, in Femando Altenfelder Silva, *Xique-Xique e Marrecas: Duas comunidades no Médio São Francisco*. Rio de Janeiro, Comissão do Vale do São Francisco, pp. 7-8.